

ROMANCE
MEDIÚNICO

Corá
do meu coração

MÔNICA AGUIEIRAS CORTAT
pelo espírito CORA

EDITORA
EME

© 2016 Mônica Aguiéiras Cortat

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pela autora para a Comunidade Psicossomática Nova Consciência.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição eletrônica: dezembro de 2016

Capa: André Stenico

Projeto eletrônico: Marco Melo

Revisão: Editora EME

ISBN 978-85-66805-97-0

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autoras.

Copyright © Editora EME Ltda-ME

Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1080

Capivari-SP

CEP: 13360-000

(19) 3491-7000

www.editoraeme.com.br

A close-up, black and white photograph of a woman's eye, looking slightly to the right. The eye is the central focus, with long, dark eyelashes and a soft, natural-looking eye makeup. The skin around the eye is smooth and has a subtle texture. The lighting is soft, creating a gentle glow around the eye.

MÔNICA
AGUIEIRAS
CORTAT

pelo espírito
CORA

Cora

do meu coração

ROMANCE MEDIÚNICO

EDITORA
EVE

Introdução

EXISTE AQUI ENTRE NÓS um espírito encantador e muito amado, que responde pelo nome de Olívia. Olhando para ela uma primeira vez, tem-se uma forte impressão de encantamento, pois parece uma menina de seus doze anos, ainda sem as curvas que caracterizam as mulheres, os cabelos longos, de um castanho alourado, com algumas mechas mais claras, como que tingidas pelo sol. Nos cabelos ela usa pequenas margaridas, diáfanas, como só existem por aqui... usa sempre flores nos cabelos, confundindo-se com os cachos largos.

O rosto é ainda redondo, como se trouxesse em si ainda a infância. Olhos grandes de um castanho esverdeado, nariz pequeno e bem feito, delicada boquinha rosa. É uma das entidades mais etéreas daqui, e de forma surpreendente tramita com facilidade entre os nossos níveis mais elevados (coisa que aqui está longe de ser comum, pois é necessário muito desenvolvimento espiritual para que tal coisa aconteça).

Descrever a forma como se movimenta seria ainda mais difícil, pois enquanto aqui ainda parecemos caminhar, a doce Olívia “volita”, ou seja, flutua. Olhando para ela ainda um pouco encantado, lembro-me de gravuras que vi na infância, como as fadas inglesas de Lewis Carroll.

A primeira vez que a vi foi há tanto tempo que sequer me lembro direito. Estava eu aqui, regresso do mundo carnal ainda envolto em pequenas dúvidas e cismas, como é comum acontecer com todos nós. Caminhava, então, por um de nossos campos, numa temperatura agradável, perdido em meus pensamentos, quando avistei ao longe sua suave figura, sentada à beira de um regato de águas muito claras, a contemplar seu curso calmo.

Sentada em grama muito verde e macia, com os braços sobre os joelhos e

uma expressão pensativa, os longos cabelos a voar em torno dela suavemente, com a brisa que a envolvia, a tomei logo por adorável criança, que talvez estivesse perdida por ali. Caminhei para ela na intenção clara de ajudar, e fui notando, à medida que me aproximava, uma aura clara, de um dourado etéreo a emanar-se dela.

Ainda desacostumado com o mundo espiritual, visto que desencarnara há pouco, parei de chofre, franzindo a testa, tentando entender que entidade seria aquela. Parecia à primeira vista uma criança perdida, mas a luz em volta denotava pureza espiritual. Curioso, acerquei-me dela mesmo assim:

– Está perdida, pequena? Quer ajuda?

Ela me olhou num olhar maroto, que me varreu a alma por completo.

– Perdida, eu? De quem?

O olhar que me desnudava e parecia brincar comigo continuava ali.

– Não precisa, então, de uma preceptora? É muito jovem para andar só... pode se perder nestes campos vastos.

Ela me sorriu com um ar brincalhão. E me respondeu prontamente:

– Não estou perdida, meu bom senhor... aliás, entendo sua preocupação: o que não falta aqui é gente perdida, não é mesmo?

Observando meu espanto com a resposta, ela continuou:

– Mas não se preocupe, meu bom Ariel. Mesmo os mais perdidos uma hora acham o caminho... Deus não se esquece de ninguém!

Ao vê-la chamar-me de Ariel, espantei-me ainda mais. Em minha última vida na Terra, tive por nome Álvaro, e respondia por ele. A curiosa mocinha me chamava de Ariel como se me conhecesse há muito tempo. Temi que estivesse me confundindo com outra pessoa. Ao notar os meus pensamentos, ela sorriu:

– Não se lembra nem de você mesmo e sou eu que estou perdida?

Com uma pequena risada ela se foi, e eu fiquei a cismar longo tempo, tentando desesperadamente me lembrar quem seria Ariel. Minha dúvida foi com o tempo sendo dirimida, e depois de alguns dias, com a ajuda de amigos, finalmente identifiquei o meu nome de alma. Quando contei da curiosa menina-moça eles deram algumas risadas, para depois me explicar

que ela estava longe de ser uma “criança perdida”, e que, com o tempo, eu a conheceria melhor e gostaria muito dela.

O fato é que ela nos visita com frequência, realiza trabalhos incríveis com as crianças daqui, assim como com os mais velhos. Não é naturalmente falante, mas por muitas vezes, quando fala, nos põe a pensar. Possui um dom de cura acentuado, suave cheirinho de jasmim e riso fácil. Como todos aqui, encantei-me com ela, que geralmente é alegre e possui uma espécie de “passe livre” em várias esferas. É de natureza muito amável, embora algumas vezes eu a veja pensativa, perdida em suas contemplações interiores... por vezes diz umas frases que de início parecem simples (algumas até um tanto espantosas), mas que depois provam ser de inegável sabedoria.

Sua aparência a ajuda em diversos trabalhos por aqui: os mais velhos abrem-lhe as portas e as crianças confiam nela quase imediatamente. O maior dom de Olívia é o de espalhar a fé e transmitir paciência e esperança aos casos mais tristes, que por aqui não são raros. A beleza e a suavidade dos traços, aliada a um corpo que não traduz sensualidade, mas grande harmonia, muitas vezes a fizeram ser tomada por anjo.

Tenho, por aqui, muitos amigos. Unidos por uma comunhão de sentimentos e valores, é raro que me sinta só. Unimo-nos para contar nossas histórias, refletirmos sobre nossos erros e acertos e, principalmente, agradecer ao Criador tão generoso, que nos permite sempre aprender cada vez mais. Participante de algumas dessas reuniões posso notar nossa doce Olívia sempre silenciosa, a um canto, ouvindo nossas aventuras e desventuras, geralmente com um sorriso calmo no rosto, como se recordasse de um passado por vezes longínquo demais.

Ela tem natureza sensível e por vezes se emociona com os relatos, chegando às lágrimas em alguns deles. Sabendo-a já com um desenvolvimento avançado para nós, aproximei-me dela, tentando “puxar assunto”.

– Gosta das histórias, não? Sempre que nos reunimos com essa finalidade, parece que adivinha e comparece aqui...

Ela me deu um sorriso leve, e comentou:

– É verdade. Essas histórias sempre me são gratas, e acompanhar aqui

seus desenlaces tem sido para mim de muita valia. Trazem-me recordações que há muito eu julgava perdidas.

Enchendo-me de coragem, perguntei a ela:

– Pois não gostaria de contar a sua história, Olívia? Quem sabe que lições não aprenderíamos com ela!

O rosto quase infantil se tornou, num átimo, sério, como se recordasse sua real idade. Notei então, pela primeira vez com segurança, que a imagem de menina-moça não correspondia à sabedoria do espírito.

– E quem de nós é de fato somente o que aparenta, meu bom Ariel? – respondeu ela, lendo-me o pensamento como os mais evoluídos costumam fazer.

No entanto, tornei a insistir:

– Não gostaria de compartilhar suas experiências, Olívia? Quando compartilhamos com os amigos, daqui e terrenos, fazemos o bem e nos sentimos melhor.

– Sábio é o ser que aprende pela observação, e não pelas dores. Se observássemos mais, ao invés de ficarmos sempre presos às nossas ideias e preconceitos, sofreríamos bem menos, e muito tempo seria poupado – disse-me ela.

Tomando enfim um fôlego para se comunicar melhor, ela me ergueu os olhos castanhos-claros, quase verdes, pontilhados por cílios escuros:

– Mas, tudo tem seu tempo, e o Senhor sabe ser paciente. Nos impacientamos muito com os erros alheios, e muitas vezes com os nossos. A culpa é péssima conselheira, mas a vaidade pode ser ainda pior.

Tomando seu caminho, quase que como uma pluma, ela por fim se virou para mim:

– Não creio que minha última encarnação na Terra fosse de interesse de alguém, bom Ariel. Mas, sem dúvida conheço alguém que possui uma história de vida que muito encantaria as pessoas de seu meio. Conversarei com ela para que entre em contato com vocês.

– É pessoa da Colônia?

Ela sorriu, misteriosa, mas explicou logo:

– Pode-se dizer que sim. Gostará muito dela!

– E como ela se chama? – indaguei, curioso.

Como se declamasse um poema, ela me disse em alto e bom som:

– *Pois olhe, veja, que é chegada a hora... De enfim conhecer a doce Cora...*

E assim dizendo foi-se, com um leve sorriso. Respirei fundo, curioso por demais.

Eis que um dia estávamos reunidos em ampla sala, a comentar sobre os romances a serem escritos, quando entrando pela larga porta surgiu uma mulher ainda moça, de seus presumíveis trinta anos. Tinha o cabelo basto e negro, liso, sem sequer um cacho, como os de nossos amigos silvícolas. Porém, a aparência de origem indígena ficava apenas ali, pois a pele tinha um tom muito claro para ser de índio, e os olhos eram de um “verde mata em dias de sol”, brilhantes e cheios de bondade. A boca, pequena e bem desenhada, tinha dentes muito brancos, os maxilares eram suaves, como os de europeias. O nariz pequeno era fino, e depois notei um leve dilatar das narinas, quando ela se emocionava.

O talhe do corpo era bem feito: o busto pequeno, quase infantil, a cintura estreita e os quadris largos, como os de muitas brasileiras natas. De altura devia ter um pouco mais de um metro e sessenta, mas o porte chamava a atenção. As roupas, lembrando o século dezenove, era uma saia comprida muito bem cortada, e leve blusa de algodão branco, com mimosos bordados em crivo. Sapatos pequenos, quase sem saltos, lhe adornavam os pés. Olhamos todos para ela, desconhecida de nós, com curiosidade, mas imediata simpatia... por fim, ela falou:

– Quem de vocês responde pelo nome de Ariel?

Levantei-me instintivamente, e curvei-me em cumprimento.

Ela sorriu e se encaminhou para mim, só então notei que ela mancava levemente da perna esquerda. Disse-me em bom som, e sorrindo também para os outros:

– Sou Cora. Olívia me pediu que viesse conhecê-los. Não pôde ela vir, mas disse que eu seria bem-vinda. Estou feliz de estar aqui.

Imediatamente nos apresentamos, um por um, e Clara lhe trouxe

confortável cadeira para que ela se recostasse. Olívia sempre nos preparava algumas surpresas, e Cora foi logo aceita pelo grupo. Senti por ela de imediato irresistível simpatia, pois era alegre, as maçãs do rosto coradas. Parecia tímida, assim como Clara, mas não era. Perguntou-nos sobre todos nós, nossas vidas, quem éramos. Explicou que Olívia tinha lhe dito o objetivo das reuniões, e que ficava encantada sempre que ouvia histórias.

– Gostaria, então, de nos contar a sua? – perguntei-lhe.

Ela ficou pela primeira vez um tanto constrangida:

– Olívia é mesmo incorrigível. Minha história é comum, como a de tantos mestiços, em nosso país – disse-me ela.

– Pois tenho certeza que ela nos interessará bastante, Cora. E depois, através de nossas histórias nos conhecemos melhor, sanamos nossos próprios erros, e aprendemos uns com os outros. O objetivo de as partilharmos é o aprendizado, principalmente das leis divinas, e o da caridade, visto que podem ajudar aos outros.

Ela sorriu, de forma triste e suave:

– Pois não há objetivo mais lindo que o da caridade, meus bons irmãos. Pois bem, lhes contarei minha última passagem sobre a Terra, se julgarem que possa ser útil a alguém, ficarei muito feliz.

E assim começou Cora, numa voz suave de contralto, a nos contar suas experiências. Contou-nos aos poucos, em vários dias, os fatos que são os capítulos deste livro e, ao final de sua narrativa, já era grande o número de ouvintes a querer escutá-la, ouvir suas palavras e pensamentos. A voz dela nunca nos cansou, e esperamos, aqui, transmitir o mais fidedignamente possível o tom de seus ensinamentos, e a história de sua última encarnação.

Rio Grande do Sul – 1890

NASCI EM PEQUENO POVOADO Indígena, hoje conhecido como “reserva” ou “aldeia”. Na realidade moravam ali pouco mais de duzentas almas, irmanadas pela raça e dialeto próprio. Da aldeia lembro-me muito pouco: o chão de terra batida, as paredes do casebre feitas de palha e galhos, e o cheiro de fumaça, sempre presente, pois o frio era intenso em boa parte do ano, e minha avó fazia pequena fogueira, dentro da cabana, na tentativa de aquecer-nos um pouco mais.

Meu povo usava pesadas mantas e muito couro de animal. Logo, os primeiros cheiros de que me lembro é o da madeira queimando, e do couro sendo curtido – um cheiro acre, mas para mim, até hoje, bastante familiar. De minha mãe nada me lembro: minha avó reclamava de sua fuga, assim que nasci. Era filha de imigrante italiano e de uma índia, de razoável beleza, e traços delicados, porém meu nascimento foi para ela vergonha e espanto, pois apesar do cabelo negro, estava longe de ter na pele o bonito tom de cobre, das pessoas da aldeia.

Diz minha avó que ela foi me ter na beira do rio, costume local das mulheres que entravam em trabalho de parto: tinham os filhos e logo os banhavam na água limpa e corrente. Minha mãe tinha sido duramente repreendida pelo padre que atendia a aldeia, pois não tinha se casado, e embora entre os índios fosse natural ter filhos, para a igreja, sem a bênção do casamento, constituía grave pecado.

Os padres tentaram de todas as formas catequizar as pessoas da aldeia, levando para elas os “ensinamentos cristãos” da época, todos forjados em forte moralismo, que meu povo tentava entender e assimilar, pois temiam, como muitos brancos, o “fogo do inferno” tão bem descrito por eles. Eram rígidos os padres, mas nos ensinaram os rudimentos da língua portuguesa, o

amor pela terra onde estávamos (antes, minha tribo era nômade e errante) e a dissolução de alguns costumes que eles achavam errados, como a poligamia e o incesto.

Quando nasci, esses padres já estavam por lá há algumas décadas, assim sendo, muito do povo da aldeia já falava a língua portuguesa, e auxiliava os padres na construção de igrejas feitas de pedra, das quais eles se orgulhavam bastante. Apesar da aldeia já ter aceitado alguns costumes católicos como o batismo, este me foi negado, pois eu não tinha pai conhecido por eles.

Nasci, e minha mãe (só muito depois entendi os seus motivos) ganhou a estrada, deixando-me limpa e nua no colo de minha avó. Conta ela que eu gritava de fome e que uma bondosa índia, que amamentava seu filho, amamentou-me também e assim eu sobrevivi. Minha avó era bondosa comigo, lembro-me do calor de seu corpo junto ao meu, e de cantigas que ela entoava enquanto fazia seu serviço doméstico. Chamou-me de “Airequerê”, ou “lua” na língua indígena, por conta do tom da minha pele bem mais clara que as deles. Não bastasse isso, me olhavam com grande desconfiança por conta da cor de meus olhos, verdes, que alguns diziam ser “da cor dos olhos da cobra”.

Era boa comigo, a minha avó, e não me chamava de “olhos de cobra”. Achava belo o tom esverdeado e claro de meus olhos, e sempre que podia, dizia isso às suas companheiras de labuta na aldeia. Raspava a farinha de mandioca em grande tacho de madeira, assim como a maior parte das índias e trabalhava duramente na lavoura durante o dia. Nessas horas, carregava-me às costas numa bolsa própria, e assim ela fez até que eu completei meus dois anos.

Engana-se muito quem acha que preconceito é coisa de branco, o povo indígena também estranha o que é novo e notando no povo em volta a “desaprovação” em relação a mim, ela pouco me deixava sair da cabana para brincar com os outros indiozinhos, que amavam sair ao sol e fazer suas pequenas travessuras. Notando esse comportamento eu me esquivava também, e tornei-me bastante calada. Aos cinco anos, muito embora eu entendesse a língua, eu proferia tão poucas palavras, que minha avó por muito tempo achou-me com algum problema, e assim isolou-me ainda mais dos demais.

Os homens da aldeia pescavam sempre, e a dieta de frutos e peixes me fez crescer saudável, embora tremendamente calada. Estava eu sentada no meio da “oca” quando chegou na aldeia um homem, ricamente vestido para nós, em formoso cavalo. Os índios desconfiavam muito dos brancos, mas tinham aprendido com os padres a viver em harmonia com eles. Ele perguntou a um deles sobre a minha mãe, e foi informado de que há muito tinha ido embora. Perguntou então pela criança que ela esperava, o que surpreendeu o índio pois tratava-se de um assunto “tabu” na época, e ele apontou para nossa cabana, onde minha avó estava sentada em frente, como de costume, ralando suas raízes. Descendo do cavalo ele veio até nós com passos largos e decididos, o que fez minha avó levantar-se e franzir o cenho, desconfiada e com um aperto no peito. O estranho dirigiu-se a ela num português carregado de sotaque, e pude observar com medo que ele se aproximava de mim. Chegando mais perto, ergueu-me a cabeça com uma mão áspera como que para examinar-me de perto. Notei finalmente algo que muito me assustou, pois o homem, assim como eu, tinha os famosos “olhos de cobra”, e era branco, como as nuvens do céu. Os cabelos louros espalhavam-se por baixo do chapéu e ao ver meu rosto, ele sorriu.

Minha avó achava-se em pé à porta da cabana, e já o olhava com contido ódio. Esbravejou bastante quando ele tocou meu rosto e já ia se preparando para desferir nele formidável golpe com o bastão do pilão com que ela amassava a farinha, quando finalmente chegou o padre local e pôs-se com ela em acalorada discussão. Minha avó temia o padre, assim como muitos da aldeia, por isso aquietou-se um pouco.

O homem continuava à minha frente e gesticulava com o padre em língua que eu ora entendia, ora não... confusa, fui-me afastando para o fim da cabana, olhando muito assustada a minha avó em lágrimas, a discutir com o padre. Por fim, este disse a ela algo que não ouvi, e ela abaixou a cabeça, finalmente assentindo... se encaminhou rapidamente para mim, num abraço apertado, e disse que eu devia ir com o homem, que era meu pai e cuidaria de mim.

Acredito ser difícil descrever o pânico que senti então. Mal saía da “oca”, mas gostava de estar com minha avó, e tinha grande medo do mundo lá fora. Não fazia a menor ideia de como seria a vida longe dela, e se na aldeia eram ríspidos comigo por ser diferente, pelo menos ali era protegida por

ela. Notando meus olhos cheios de medo e lágrimas, ela finalmente se fez de forte, colocou em mim pesada manta, tecida em algodão para me proteger do frio, e arrumou uns poucos pertences meus em pequena trouxa, que meu pai não quis levar, dizendo:

– Chega dessa coisa de índios, não vamos precisar de nada daqui.

Minha avó então levou meus pertences ao peito, e segurando minha mão, encaminhou-me para ele dizendo:

– Deixa esta velha sem seu bem mais precioso, mas não posso negar que a menina é tua também. Trata dela com cuidado, o mesmo cuidado que tive. O nome dela é “Airequerê” (Lua, em tupi-guarani), por conta da pele clara.

Meu pai deu grande risada, respondendo:

– Ora já se viu, que vou chamar a criança por nome de bugre! Comigo terá um nome cristão e batismo... se chamará como a minha mãe: Cora.

Vendo o descontentamento no rosto da velha índia, ele apiedou-se e disse:

– Nada tema, velha, que irei tratá-la com o cuidado que merece. Não venho tirá-la daqui para fazer-lhe mal. Em minha casa nada lhe faltará e não passará por frio ou fome. Confia em Deus que levo esta menina dessa fria cabana para boa casa de pedras e lá a educarei como se deve.

Assim dizendo, segurou-me no colo, observando o meu rosto coberto pelas lágrimas de medo.

– Pois se adiante, piá, que a viagem vai ser longa.

Assim dizendo, colocou-me no chão e ordenou que me despedisse de minha avó. Olhei para ela como a pedir socorro, mas ela manteve os olhos baixos no chão, e me disse:

– Aprende desde já, “Airequerê”, que esse mundo pertence aos homens. Terá que ir com seu pai, mas não tenha medo.

Segurou então um crucifixo de madeira polido que tinha em seu velho pescoço, amarrado por fino cordão de couro, desatando-o e colocando no meu.

– Toma isso, que Deus lhe protegerá. Não esqueça de sua avó que lhe estima, e nunca se envergonhou de você.

Segurei o crucifixo fortemente, e pude ouvir então meu pai, já cheio de

pressa:

– Te adianta Cora, que o caminho é longo.

Ainda encolhida, mas obediente, caminhei para ele com meus pés descalços, e ele colocou-me sentada em seu cavalo belo e bem cuidado, sentando atrás de mim, como a me segurar. Senti forte cheiro de fumo de rolo vindo de sua camisa e, não sei bem por quê, aquilo me acalmou. Rapidamente cruzamos a aldeia, e pude ainda olhar ao longe a grande igreja de pedras ficando cada vez menor. Meu pai ia calado comandando o animal, em seu trote costumeiro. Há coisas que não se explicam: tirando o susto inicial, senti-me imediatamente amparada por aquele homem, de voz grossa como um trovão. O vento frio me batia no rosto e eu me encolhi buscando abrigo em seu colo. Então ouvi suave voz a me confortar:

– Se acalme Cora, nada de mal lhe acontecerá. Confie nele, pois o Senhor sabe os caminhos, e seu lugar não era na aldeia.

Então, adormeci calmamente, entre os braços de meu pai.

“Cora de mio cuore”

AO CAIR DA NOITE, meu pai ainda cavalgou um pouco, orientado pela luz da lua cheia, imensa, solta no céu. Por fim paramos e ele colocou-me no chão, fez uma fogueira e colocou grossa manta no chão. Vendo-me tão calada, de olhos baixos e encolhida, ele apiedou-se de mim, afagou minha cabeça e me disse:

– Vamos, Cora! Pegue aqui este “naco” de pão, que faz horas que não come nada.

Estendeu-me um pão muito branco, que eu aceitei cheia de curiosidade, pois não tinha ideia do que fosse aquilo. Fiquei com o grande pedaço nas mãos, a olhá-lo cheio de dúvidas, como se tentasse adivinhar o que era aquilo. Por fim ele mesmo se serviu de um grande pedaço, cortou-o com a faca, e o mordeu. Entendendo então que se tratava de comida, pus-me a cheirar o alimento, e deslumbrei-me com o cheiro apetitoso da linguiça que recheava a massa. Ao me olhar cheirando o pão, ele riu muito e disse:

– Parece mesmo um bichinho! Ande Cora, coma...

Experimentei a iguaria, sentindo, enfim, a fome de horas sem refeição, dei conta do pão rapidamente, pois nunca havia comido coisa tão boa. Não usávamos o sal na aldeia e eu achei o gosto maravilhoso. Terminei a refeição e fiquei a olhá-lo com expectativa. Será que me daria outro pedaço?

Notando a rapidez com a qual o pedaço foi devorado, ele riu-se bastante, e cortou outro pedaço pra minha alegria. Destampou então uma garrafa, que tinha água bem fresca, e com isso senti-me satisfeita. Começava ali a minha paixão sem limites pela cozinha e seus temperos. Finalmente, ele se colocou na manta estendida, puxou-me pra perto dele e me envolveu em pesada

manta de algodão, dizendo:

– Agora dorme, pequena, que amanhã ainda temos um bom caminho.

Deitei-me ao lado dele, que estava sem manta, mas que com um pesado casaco protegeu-se do frio. Bem quentinha e saciada, dormi assim que fechei os olhos. Para onde iríamos? Eu imaginava. De que tribo seria aquele homem grande e muito louro que era meu pai?

Acordamos ao nascer do sol, ele muito apressado, recolhendo as mantas e apagando o fogo. Pensei logo em outro pedaço do pão, mas não sabia como pedir. Assim sendo, aponte para a sacola de onde ele tirara o alimento, e ele demorou um pouco pra entender. Por fim, ele sorriu-me dizendo:

– Não temos mais pão, indiazinha. Mas sei de algo que você gostará com certeza. Foi tua “nona” quem mandou.

Puxou então da sacola, embrulhado em uma panela de ferro muito grossa, o que parecia ser um “bolo de milho” adoçado com uma calda grossa, de cheiro indescritível: soube depois ser melado de cana. Já mais sem cerimônia, agarrei um formidável pedaço, e ele tornou a rir muito, pois como nunca tinha experimentado o melado, meu rosto ficou quase que inteiramente sujo. Desatei a lambar minhas mãos e dedos, quando meu pai finalmente me levou para a beira de uma nascente de água, e lá me limpou como podia. É preciso que se diga que em minha aldeia gostávamos bastante dos banhos de rio no verão, mas no inverno olhávamos a água fria sem tanto interesse. O frio cortava a pele e parecia entrar pelos ossos.

Por fim, colocou-me de novo em cima do cavalo, e continuamos o caminho. Ao final da tarde, estando eu já dolorida da cavalgada, avistei ao longe pequena vila, com casas caiadas de branco e grandes janelas: na aldeia não havia construções como aquelas, umas menores, outras maiores. Na aldeia apenas os padres moravam em vivendas dessa forma. Imaginei, com muito susto, que iria morar numa “aldeia de padres”.

– Estamos quase em casa, Cora! Se acalme que logo vai conhecer a “nona”.

Entendi pouco da mensagem, ainda assustada com a possibilidade de ter que conviver com os padres durante todo o tempo. Com saudade me lembrei de minha avó, sempre protetora. Tinha medo de padres pois eles falavam alto, e sempre me olhavam de lado, me negando inclusive o

batismo por ser filha de mãe solteira. Não tinha a menor ideia do que fosse “a nona”, mas sabia que ela mandava os bolos e os pães. Remexi-me no cavalo, muito inquieta, e meu pai falou-me:

– Pronto, pequena Cora, cá estamos. Esta vai ser a sua casa agora!

Pressentindo o final da viagem, deixei que ele saltasse do cavalo, e me pegasse no colo. Paramos diante de ampla casa de alvenaria, de janelas imensas, azuis e uma varanda ladeando a casa. Ainda tirando os pertences do lombo do animal, pude ouvir claramente um grito:

– Adamo! Enfim retorna “a casa tua”! E trouxe a “bambina”! A indiazinha!!!

Virei-me para olhar de quem era a voz, e me deparei com uma senhora de cabelos entre o louro e o prateado. Era de pequena estatura, e parecia chegar apenas aos cotovelos de meu pai, porém, era cheia de energia: mal me viu abriu os braços, ao que eu, muito assustada com toda aquela novidade, agarrei-me como pude ao pescoço de meu pai.

– Pronto, Mama – disse ele –, queria tanto ter netos e eles não vinham, agora aqui está sua neta.

Nisso tentou soltar-me de seu pescoço e colocar-me no chão, para que a senhora me visse melhor. Ela achou muita graça no meu agarramento com ele, e por fim soltou-me, com as mãos em meus ombros, olhando fixamente para o meu rosto.

– Mas olhe que bela... parece uma napolitana com esse cabelo negro. Achava que era mais escura, mas é clara, não? Tem mesmo certeza que é sua?

Ele sorriu para ela:

– Tenho sim, Mama... repare nos olhos e no traçado do queixo. É sua neta, sem dúvida! E depois, a mãe era “moça” quando conheci. Não casei com ela porque era arisca demais, e fugiu. Mas agora ela está aqui, conosco, e vai ser criada como branca.

Ergueu-me então o rosto pegando-me pelo queixo. Olhou meus olhos demoradamente, e, ao contrário dos índios da tribo, vi que gostou deles.

– Verdade... são os olhos da família de seu pai. Como ela se chama?

Notei que ele sorriu, satisfeito com a pergunta:

– Ela tinha um nome indígena, mas no seu batismo será chamada de Cora.

A senhora enrubesceu de prazer:

– Mas colocar nome de “una vecchia” numa menina tão bela. Tem certeza?

Ele respondeu, abraçando a mãe:

– Pois não há no mundo, minha mãe, nada mais bonito que o seu nome: Cora... “Cora de mio cuore” (em italiano: “Cora de meu coração”).

Gostei da senhora que tinha me acolhido com tanta festa. Na aldeia eu tentava o mais possível ficar longe de todos, pois meus irmãos indígenas olhavam-me sempre com desconfiança, por ser diferente deles. Mas, aquela pequena e loura senhora tinha me recebido como se eu fosse muito querida, mesmo antes de me conhecer.

Observei, sentada em toco de árvore, uma bela mocinha, de cabelos longos, alourados e cacheados. Foi a primeira vez que vi Olívia, que me olhava curiosa e sorria pra mim com afeto. Sorri para ela também, de forma tímida, e em nenhum momento imaginei que ela não pertencesse ao plano físico.

Minha nona era falante e alegre, e foi me “arrastando” pra dentro da casa sem muita cerimônia. Tonta de tantos novos acontecimentos, me deixei levar por ela. A casa tinha um teto alto, forrado de madeira firme, e no chão largas tábuas de madeira maciça: criada em uma pequena oca de chão de terra, intimidei-me ainda mais. Aos meus olhos a bela casa mais parecia um palácio. Sentada em uma cadeira de espaldar alto, vi uma senhora jovem, a me olhar com desconfiança e nenhuma simpatia. A nona dirigiu-se a ela:

– Regina, esta é a pequena. Vê como é bonita minha neta! Adamo a chamou de Cora. Repara nos olhos, na cor dos de seu marido! Finalmente teremos uma criança nessa casa!

Ela me empurrava para a frente da senhora, como a exhibir-me, o que me deixou bastante desconfortável. A senhora me olhou com olhos críticos, e fitou meus pés descalços, fazendo com que eu me encolhesse.

– É... pode ser mesmo filha de Adamo. Mas, é uma bugre! Nem sapatos essa menina tem...

Ao ouvi-la falar assim, minha nona respondeu:

– Mas isso logo se arranja! Não se preocupe, pequena, que logo arranjarei para você sapatinhos dos mais belos. E roupas apresentáveis também, que não lhe quero vestida nesse algodão barato, nem nesse couro fedorento!

Preciso é que se diga, que em minha cabeça fiquei um tanto confusa: algumas palavras eu entendia, outras não. Com a facilidade que as crianças costumam ter para aprender diferentes línguas, eu com cinco anos estava já convivendo com três: o guarani, o português e ainda algumas expressões em italiano. Olívia me olhava do canto da sala, e tentava me transmitir confiança, parece mesmo que me dizia: Calma Cora! Eles são falantes, mas não mordem!

Nós, indígenas, somos um povo mais reservado. Toda aquela “falação” me deixava um pouco tonta e amedrontada. Acostumada ao silêncio da vida com minha avó índia, reparei logo que a casa onde moraria era bem mais agitada. Minha nona italiana, porém, não se fez de rogada: assim que pôde me deu logo um longo banho com água morna, e providenciou para mim uma camisa branca de cambraia de linho, que pertencia a ela mesma. Admirava-se muito comigo, e penteou meus negros e longos cabelos com um largo pente, o que me causou alguma dor, e finalmente, depois de tantos sustos e novidades, deixei cair um pranto sentido e assustado.

Minha nona olhou-me, admirada, e depois percebeu, enfim, que tudo aquilo para mim devia ser um tanto amedrontador. Olhando-me firme dentro dos olhos, segurou-me pelos ombros e disse-me:

– Mas por que chora? Sua nona não quer lhe machucar...

Como resultado, eu chorei ainda mais forte, grossas lágrimas caindo na cambraia. Ela me abraçou, pequenina e firme:

– Não se assuste, pequena Cora. Aqui terá uma família e muito carinho! Saiba que sempre poderá contar comigo, sou sua nona, e sempre lhe defenderei!

Aquilo me acalmou um pouco, e do choro sentido ficou apenas um soluçar. Aprendi que avós são coisas abençoadas, índias ou não.

Sapatos e a história da família

PASSARAM-SE OS DIAS E eu fui me acostumando aos poucos a uma nova rotina. Logo fui conhecendo as pessoas da casa, seus hábitos e palavras. Algumas eu francamente não entendia, mas logo eu aprendi o significado: “piccola” (pequena), “guarda” (olha), “aspetta” (espera), “bambina” (menina), “pudore” (vergonha), “giorno” (dia), e por aí vai. Era tudo extremamente diferente da aldeia, onde as palavras pareciam ser “economizadas” – ali na casa de meu pai, era tudo falado, comentado, exibido. Na aldeia raramente ouvíamos gritos, mas aqui, gritavam sem o menor problema a qualquer motivo: se estavam alegres, se estavam zangados, ou apenas admirados com qualquer coisa, lá vinham os gritos! Impossível dizer como aquilo me assustou no início, e de como deu origem a diversas cenas engraçadas.

Eu era muito tímida, por isso minha nona ao final do segundo dia puxou meu pai pela manga da camisa e perguntou-lhe firmemente se eu não tinha algum problema, pois eu não falava. Até então desatento a esse pequeno detalhe, meu pai olhou-me desconfiado, e disse para a nona:

– Será que é muda, mãe? Escutar eu sei que ela escuta, pois ao menor barulho ela se manifesta, mas será que não fala?

Coçando o queixo, minha nona veio para o meu lado a me observar melhor e me perguntou:

– Cora, você me entende?

Balancei a cabeça a dizer que sim, ao que ela sorriu para meu pai:

– Está vendo? Escuta e muito bem!

Depois dirigiu-se a mim novamente:

– Sabe quem é aquele que lhe trouxe? Sabe o nome dele?

Novamente o sinal positivo, ao que ela então me perguntou, em bom português:

– E como ele se chama? Diz pra sua nona, pois já estou a achar que você é muda.

– Adamo! – disse eu, ao que ela sorriu com alívio, e me respondeu em seguida:

– Sim, se chama Adamo, mas para você, ele é “pai”. Entendeu?

Eu finalmente dei meu primeiro sorriso:

– Adamo pai! Adamo pai!

E assim chamei meu pai, até o fim de meus dias na Terra. Naquela mesma noite conheci o meu nono. Alto como meu pai, brincalhão, com uma risada que mais parecia um trovão de tão alta. Muito sem cerimônias, pegou-me logo no colo, com suas mãos grossas a alisar meus cabelos. Gostei de meu nono, que adorava crianças e fez logo comigo um pacto, de sempre me dar um doce escondido quando chegava em casa. Minha avó era uma pessoa boa, mas não gostava nada de açúcar na hora das refeições. Dizia que “estragava a fome”, logo, ele chegava e eu ia para o lado dele bem quieta, e pegava de suas mãos nas costas o petisco esperado. Eram pirulitos grudentos, em forma de cone, que eu apreciava muitíssimo pelo gosto doce do caramelo.

Mandaram vir um senhor para medir meus pés para a confecção de sapatos. Eu já contava com três belos vestidos feitos pela nona, e um laço de fita rosa, de que eu gostava muito. Não achei muita graça naquele senhor riscando o papel em torno de meus pés, mas como a nona dizia que era preciso, deixei. Ao final de outra semana, me chega o mesmo senhor com um embrulho debaixo do braço, muito falante. Curiosa, espiei de longe sem saber o que me esperava. Minha nona o recebeu muito contente, e desembalhou meus primeiros sapatos com admiração. Muito falante, gabou o serviço do homem, e veio para mim com um sorriso nos lábios:

– Veja, Cora! Agora ninguém mais vai te chamar de “bugre”! Venha colocar os seus sapatos.

Bonitos sapatinhos de couro marrom me esperavam. Olhei curiosa para

minha nona, feliz com os sapatos nas mãos. Ela disse-me logo “sente-se”, ao que obedeci prontamente, enquanto ela envolvia meus pés no bonito calçado. O couro estava duramente encerado, e eu senti como se me apertassem os pés, que nunca antes tinham experimentado nenhum calçado. Ela colocou-me de pé, apertou as pontas dos dedos como a ver se tinham algum espaço, e finalmente fechou as correias em torno deles, e sorriu ao homem com aprovação:

– Ficaram um tanto largos, mas é bom, porque ela crescerá. E então, pequena Cora, gostou?

Olhei para ela um tanto confusa... gostar de quê? Embora largos nos dedos, o calçado mordida-me o calcanhar, e eu mal conseguia ficar em pé direito. Olhei para o sapateiro bastante zangada, a me perguntar o quanto ia durar aquele suplício. Comecei a andar como se tivesse medo que o chão me engolissem, ou que os sapatos se desfizessem, ao que dona Regina, mulher de meu pai, exclamou, caçoando de minha reação:

– Mas qual! Uma vez “bugre”, sempre “bugre”!

Minha nona ficou vermelha de raiva, e disse tal quantidade de impropérios que ela se retirou rapidamente. Ainda confusa e com um pouco de dor nos pés, encaminhei-me para o quarto de dormir e tirei com algum esforço os belos calçados que tanto me torturavam, mas não tive sossego: minha nona fazia do uso deles ponto de honra, e sempre que me via descalça, corria ela a me colocar os sapatos de volta, ralhando que eu devia me acostumar com eles, que todo mundo usava e que agora eu era branca, e não “bugre”.

Não entendia o que havia de mal em ser “bugre”, e nem o motivo de eu ter que andar sempre calçada. Mas, minha nona, que era meiga comigo, podia ser bastante austera quando queria, e, não querendo ser motivo de discórdia, tentava colocá-los sempre que ela estava por perto. Aos poucos o couro finalmente amoleceu, e eles ficaram um pouco mais confortáveis, mas na primeira chance, ei-los fora dos pés novamente. A coisa só foi resolvida quando depois de algum tempo, ela finalmente me conseguiu uns bonitos chinelos para que eu andasse em casa. Dos chinelos eu gostei: fáceis de tirar e colocar, perfeitos. Só usaria os temidos sapatos agora na rua, quando fosse à igreja ou às compras com ela.

Aos poucos minha nona foi me contando a história da família: ela e meu nono tinham vindo do norte da Itália, da região que eles chamavam de Vêneto, quando estavam com seus trinta e poucos anos. Terras na Itália eram difíceis de se conseguir, pois eram extremamente caras e já pertenciam à nobreza local. A família numerosa era trabalhadora, mas o dinheiro era curto e as necessidades eram muitas. Entre eles, ter a própria terra era apenas um sonho, até que alguns italianos vindos do Brasil contaram a eles que aqui teriam terras gratuitamente, pois no Brasil as terras eram imensas, e muitas ainda estavam sem dono.

Perguntaram a eles do país tão distante, e eles teceram longos elogios à terra. Que era tudo muito verde, que havia muito ouro, e que o governo brasileiro ajudaria a quem lá se estabelecesse, pois como o país era muito grande, o imperador se via querendo ocupar logo seu território com brasileiros natos e naturalizados.

Minha nona me disse que meu nono perguntou o tamanho do país, se era grande como a sua Itália, ao que o homem riu muito, e disse que “caberiam” tranquilamente umas vinte “Itálias” dentro do Brasil. Exagero ou não, meu nono olhou para minha nona, que já tinha três filhos pequenos: Carlo, o mais velho; Benito, o do meio, e meu pai, o pequeno Adamo, que contava apenas dois anos e meio. Depois de ouvir falar sobre a terra maravilhosa que se chamava “Brasile”, meu nono deixou de dormir direito, pois era grande a vontade de conhecer tal terra, onde era verão quase sempre (ele detestava o frio do inverno europeu), e tudo era verde e basto. Informou-se do próximo navio, e junto com a jovem mulher e os três filhos, inscreveu-se para ir nele.

Meu nono, Giancarlo, era um dos poucos da numerosa família que sabia ler, escrever e fazer contas. Amava arte, e era um sonhador natural. Sua família, entre a qual morava com a esposa e os três filhos, não achou nenhuma graça de perdê-lo, pois além de inteligente, era alegre e trabalhador. Conta minha nona que apenas de seu pai ele teve apoio, pois virou-se pra ele e disse:

– Pois deve ir. Se ficar aqui, nesta terra, não terá futuro algum nem para você, nem para seus filhos. Esqueça o choro de sua mãe e de seus irmãos e vá buscar a sua vida, filho amado. Tenho fé em você: prosperará. Terá sua própria terra, plantará a sua uva, fará o seu vinho! Lá será um “senhor de

terras”, o meu filho!

Ouvindo o velho pai, por quem sempre teve respeito e admiração, decidiu-se ainda mais. Minha nona estava mais que assustada, ir para um país distante, de língua diferente, no meio do mato, não a atraía, pois temia por sua vida e de seus filhos. E depois, onde há mato, há animais – dizia ela –, apavorada com as histórias que chegavam sobre as cobras imensas que habitavam o Brasil. Meu nono então sugeriu ir sozinho, na frente, depois ela iria com os filhos. Ao ouvir tal proposta, ciumenta como ela só, corou bastante, e disse que: “se ele iria, não iria sozinho. Afinal, sabe-se lá que tipo de mulheres havia naquela terra...”

Assim, ao final de um mês, ei-los embarcando em grande navio, junto com dezenas de outros participantes do mesmo sonho. Levavam apenas dois baús, algumas poucas joias que a mãe de Giancarlo lhe deu, escondida de todos, na esperança de ajudar o filho na fase difícil de início de vida: uma corrente fina de ouro, e a aliança de seus pais – nisso consistia a fortuna da família.

Minha nona conta que chorou muito nos primeiros dias: o navio era grande, mas a quantidade de imigrantes era ainda maior, e ela logo buscou colocar ordem nos meninos, principalmente em meu pai, que adorava distanciar-se deles. Sabia que não teria mais filhos, pois no último parto a perda de sangue fora grande demais, e não queria saber de perder nenhum deles. Junto com as outras mulheres logo fez amizade, e aos poucos começou a nutrir em seu peito a mesma esperança que todas levavam consigo.

Giancarlo, por seu lado, parecia mais que contente, e animava a pequena família o quanto podia. Aquele navio teria duas paradas: uma no Rio de Janeiro, a capital do país, onde os colonos seriam levados para o interior, e outra no Sul do país, onde as terras eram ainda mais vastas. Estava escalado para o Sul, pois não queria mais trabalhar para ninguém, como ocorria aos que ficavam no Sudeste, já com emprego certo. Queria as suas terras, por isso, rumaria para o Sul, onde o clima para a uva seria melhor.

Impossível dizer dos primeiros dias de desembarque: a maior parte tinha ficado na capital, e o navio tornou-se mais confortável com a ida deles. Tinham tido sorte, e não tiveram mortes na travessia do Atlântico (coisa que

minha nona soube depois ser bastante raro). Desembarcados no porto, depois de semanas no mar, reuniram-se os imigrantes em galpão grande, e começaram a ter contato com a outra língua (que no navio só se ouvia o italiano). Ao final de alguns dias foram encaminhados por agentes do imperador, e realmente receberam o certificado de suas terras, comida para algum tempo (estranha, pois eles não conheciam a comida local) e foram sendo encaminhados para o interior do estado.

Minha nona assustou-se bastante. Depois de tanto tempo no mar, enfrentou mais alguns dias de carroça até chegar a um descampado que não lhe parecia nada civilizado. Os italianos armaram logo barracas com lonas, e as mulheres olharam sem saber o que fazer com a farinha de mandioca, o charque e o feijão. Onde estava o precioso trigo, para a “pasta” e o pão? Olhou para Giancarlo muito irritada: deviam ter ido para o Sudeste, onde a mata não era fechada. Mas, já que estavam ali, tentou conformar-se.

“Não há sonho que não tenha preço...” repetia-me ela. E o dela foi bem caro. Ao final de algumas semanas chegou até ela o frio do Sul do Brasil. A cabana de lona não barrava o vento frio, e seu filho mais velho adoeceu seriamente. A falta de recursos, até então apenas lamentada, tornou-se para ela o pior dos pesadelos: a custo mantinha o menino em febre alta abrigado junto ao peito. Banha de caça foi esfregada em seu peito para que ele não esmorecesse, mas a febre foi cruel, e ao final de alguns dias perdia a minha nona o seu amado Carlo: os pulmões cheios de líquido tornaram sua morte lenta e dolorosa.

Sempre que me contava do menino, morto aos dez anos de pneumonia, uma lágrima corria dos seus olhos castanhos claros. Conta ela que de início abateu-se sobre ela grande tristeza, mas que durou pouco, pois o medo de perder os outros dois foi bem maior. Instou com meu nono dia e noite, até que sólida cabana de madeira da mata foi construída. Não queria mais saber de perder filhos por conta daquele “clima maledetto” (clima maldito).

Criada em meio rural, na Itália, minha nona, apesar disso, fazia questão de certo conforto. Era trabalhadeira como ela só, e não esmorecia com facilidade: colocou o filho mais novo bem ajustado à barra de sua saia, já que Benito seguia com o pai a desbravar as terras. Fez logo amizade com as outras italianas, trocavam receitas com as mulheres da terra, e finalmente descobriu como conseguir o seu precioso trigo. O governo brasileiro ainda

ajudaria com mantimentos por determinado tempo, masurgia que se fizessem independentes. Pequena colônia começou a surgir então, e as vilas começaram a aparecer.

A terra ganha por meu nono não era fácil de trabalhar. Ao final de dois anos de estabelecido, a uva tão preciosa não vingava como deveria, para seu desespero. Ainda pouco familiarizado com o clima da região, ele e Benito labutavam de sol a sol, mas a dificuldade de arranjar mão de obra era grande. Chegavam cada vez mais patrícios, com os mesmos sonhos que os dele, e as famílias numerosas prosperavam muito mais. Por fim, cansado e desanimado de instar sozinho na lavoura com minha nona e o seu Benito, Giancarlo confidenciou à esposa que talvez devessem abrir um pequeno comércio, ao invés de lutar com o clima e as dificuldades da terra.

Para grande surpresa dele, minha nona concordou imediatamente. Assim, por meio de muita conversa com os outros patrícios, vendeu sua terra e instalou-se no meio de pequena vila que já começava a formar-se. Junto com a venda que tinha adquirido, havia, também, uma boa casa de alvenaria, o que deixou minha nona louca de felicidade, pois os tijolos e pedras protegeriam muito mais a eles e aos filhos do clima de inverno. Sobrou ainda parte do capital e eles assim compraram mantimentos, que depois seriam vendidos aos patrícios.

Preciso é que se diga que se minha nona era mais reservada, meu nono já era bastante simpático e querido por todos. O pequeno comércio logo prosperou, com a família trabalhando junto, e logo ele comprou uma tropa de burros para assim poder trazer os mantimentos de mais longe, mas a preço bem mais baixo, e assim poder ter lucro. A nona ficou incumbida de tomar conta do comércio enquanto o marido viajava, e, como tinha aprendido com ele as letras e as contas, deu-se muito bem. O Armazém de Secos e Molhados era a venda mais conhecida na região.

Lembranças

AOS POUCOS, FUI TOMANDO conhecimento de todos da casa: meu tio Benito, bonitão, alourado como a família, era reservado e não me fazia festa. Ainda não tinha se casado, e vivia, junto com meu pai e meu nono, a andar pelo país e buscar mercadoria. Dona Regina, bonita e robusta com seus cabelos castanhos sempre presos, não gostava de minha presença pela casa. Também não se dava bem com minha nona, que a achava “muito cheia de vontades”. Tinha um grande quarto na casa, e era muito chegada a bordados e a igreja local. Todos os dias levantava-se cedo e ia à missa das seis horas. Religiosa, mas austera, aos poucos fui percebendo nela uma amargura mal disfarçada: não tinha filhos, mesmo depois de quatro anos de casamento.

Um dia tomei coragem e perguntei a minha nona se ela havia conhecido a minha mãe. Ela sorriu diante de minha curiosidade e me veio com essa explicação:

– Não conheci sua mãe, pequena... Seu pai, com as andanças dele, a conheceu perto de sua aldeia, e como era uma nativa belíssima, encantou-se com ela. Seu nono sabia do “namorico”, mas nada contou em casa. Fui saber de sua existência apenas duas semanas antes de você chegar aqui, ou já a teria buscado.

Notando que, apesar de calada, eu ainda estava cheia de dúvidas, ela continuou, trabalhando a massa de pão sobre uma mesa de madeira muito polida, e agora cheia da branca farinha de trigo:

– Sempre tive vontade de ter uma menina! Depois que chegou o meu Carlo, quando engravidei, achei que teria uma “companheirinha”, para ensinar a cozinhar e a conversar comigo. Mas, veio Benito, forte como um

touro, e depois teu pai Adamo. Soube pela parteira que não teria mais filhos, e chorei muito, pois a minha menina não viria mais. Teu nono Giancarlo, ao saber de minha tristeza, consolou-me dizendo : “Guarda” Cora! O que o bom Deus não lhe mandou como filhos, pode lhe mandar nos netos.

Ela respirou fundo, enxugou uma lágrima que teimava em sair dos olhos castanhos claros, e sorrindo falou-me:

– E não é que estava certo? Mas como demorou! Primeiro perdi meu amado Carlo, tão belo! Era o mais bonito dos três, e foi o primeiro a ir-se. Amaldiçoei esta terra de tantas dificuldades, e que ainda me levava um filho! Mas depois, o trabalho sem fim me ocupou, e eu tive medo de perder os outros dois. Benito é um bom rapaz, sempre ligado ao pai. Gosta de uma festa e sempre está cercado de moças, mas casar... Está chegando aos trinta, e nada de esposa...

Ao me ver fascinada com a narrativa, ela se animou:

– Vendo que com Benito tão cedo não teria a neta, passei a vigiar Adamo, dizendo-lhe das vantagens que tinha um homem casado, de como era bom ter filhos. Ele sim me escutou. Teu nono me conta que a índia, tua mãe, era arisca como o quê, mas que Adamo foi-se chegando devagar, levando presentes e agradando a moça. Como você, detestava os sapatos, era um espírito livre, apegada às matas.

Tentei imaginar como teria sido minha mãe. Minha avó índia não era bela, mas era doce e boa. Não falava mal da filha nem por um momento, apenas lamentava o preconceito da aldeia e dos padres, que a fizeram fugir assim que me teve.

– Seu pai ainda esteve com ela mais duas vezes. Ele e seu nono me faziam segredo, pois podia ser que eu não aprovasse uma nora “bugre”. Mas sinceramente, pequena Cora, eu não me importaria. Depois ela simplesmente “sumiu” e seu pai não teve mais notícias dela. Seu nono consolou-o dizendo que não se prende passarinho e nem “bugre”, mas eu o notei cabisbaixo por um bom tempo, a suspirar pelos cantos da casa.

– E como conheceu dona Regina?

Minha nona franziu o cenho, e disse, a sovar com mais violência a massa do pão:

– Dizem que coração de mãe não se engana, mas se engana sim! A conheci numa quermesse que fazíamos por aqui para angariar fundos para a igreja. Era uma festa bem italiana, com bandeirinhas e barracas. A música fica solta nesses dias, e o vinho rola farto. É filha de uma patricia nossa, viúva, que perdeu aqui o marido e ficou apenas com um filho, que já se perdeu no mundo, e com essa filha. Chama-se dona Augusta, e ela era “uma bela persona” (uma bela pessoa), muito trabalhadeira, faladeira e alegre, apesar das peças que a vida tinha lhe pregado. Nunca vi dona Augusta reclamando do que fosse. Era boa, aquela lá...

Ela começou a untar os tabuleiros com manteiga, para dispor os pães para o crescimento.

– Já morreu, a dona Augusta, nona?

Ela suspirou fundo:

– Já... éramos muito chegadas, e ela tinha grande preocupação com a menina Regina. Era bela a Regina, mas quieta, calada a não mais poder. Agradava-me sempre que a mãe vinha me visitar, e me pareceu polida. Trazia toalhinhas bordadas por ela mesma, um mimo! De repente, a mãe que era robusta, começou a emagrecer muito, os olhos que eram brilhantes e azuis ficaram encovados, como a sumir no rosto, e notei que ela deixou de trabalhar. Muito estranhei, pois Augusta era um dínamo: só parava na hora de dormir.

Ela encaminhou-se para a porta da cozinha, e me chamou até lá, mostrando-me pequena casinha do outro lado da praça:

– Era lá que ela morava, Cora. A casinha é pequena, vê, e hoje é habitada por uma família nova. Regina vendeu a casa logo que se casou com Adamo e, o dinheiro, usou como “dote” e na feitura do enxoval. Regina é “azedada”, mas tem “mãos de fada”. As coisas mais belas que temos aqui em casa, as que usamos nas festas, foram feitas por ela. Augusta durou apenas três meses, na cama como estava... a se ver sozinha no mundo, Regina desesperou-se, e a mãe dela, antes de morrer, veio me recomendar a filha.

Seu semblante fechou-se um pouco, ao recordar a cena:

– Augusta era um anjo de pessoa, mas era mãe e mentiu para mim dizendo que a menina tinha se “enrabichado” por Adamo, o meu mais novo. Queria que se casasse antes dela “ir ter com o Senhor”, não queria deixar

pra trás filha solteira!

Perdida em suas recordações, minha nona olhava a pequena casa a se recordar da amiga:

– Pois me fez prometer, em seu leito de morte, que não desampararia a moça e que a casaria com Adamo. Não pude prometer-lhe isso, pois não tinha consultado meu filho, mas disse-lhe que tudo faria pela moça, que ela não se preocupasse, pois ela moraria comigo e eu a encaminharia. Pobre Augusta! Que morte sofrida! A menina Regina, então com vinte anos, já era considerada “moça velha”, pois aqui as meninas se casam cedo. Mas era de aspecto limpo e “bonitinha”. Chorou muito com a morte da mãe, e pôs-se a agradar-me sempre, já de olho em seu pai...

Ela descansou as laboriosas mãos no colo:

– Seu pai andava meio casmurro, pelo “sumiço” de sua mãe. Então, parece que se consolaram, e assim, depois de eu gabar-lhe muito as qualidades da moça, ele a pediu em casamento. Fiquei aliviada, pois enfim podia atender ao pedido de minha amiga Augusta.

Fiquei tentando imaginar dona Regina, sempre tão orgulhosa, em situação de desamparo, mas não consegui. Me parecia sempre tão dona de si, a dar ordens a todos que encontrava: meu pai passava alguns reveses com ela, de gênio difícil, e não raras vezes o vi comentar com meu nono Giancarlo que a sorte era que ele viajava sempre, pois viver com ela não era fácil. Minha nona continuou na narrativa:

– Pois olhe, pequena Cora, e aprende isso com a sua nona: nem sempre as coisas são o que parecem. Depois do casamento, a “mocinha” tímida logo mostrou a que veio: inventou de querer “dar ordens na casa”, e mesmo teu pai, não teve mais muito sossego. Na espera que me viesse uma neta, fui aguardando, me consolando que teria, enfim, uma menina para criar. Mas qual! Teu nono é quem tem razão: aquilo é tão ruim que é como uma “videira seca”.

Ela suspirou fundo, me olhou e sorriu:

– Um dia, estava eu já cansada do gênio de Regina, e da espera por netos, quando seu pai, ao me ver triste por não ter ainda minha menina, segredou-me que tinham lhe dito que ele havia tido uma filha, numa das missões, um tanto longe daqui. Ah, Cora! Que alegre fiquei! Então estava eu ali a

esperar por uma neta que nunca viria, e já tinha uma pronta! Não sosseguei enquanto seu pai não foi lhe buscar. Regina ficou uma fera, criou mil empecilhos e disse que não criaria filha de “bugre”.

Ao notar que eu tinha me espantado com a informação, ela deu longa risada:

– Pois então, seu nono virou-se pra ela e disse que era melhor uma “filha de bugre” do que neto nenhum. Em poucos dias seu pai estava na sua busca, e agora, olhando-te, entendo bem por que ele teve vontade de casar com a índia. Mil vezes mais bela que aquela “videira seca” que arranjei por aqui.

Estava eu com meus sete anos quando minha adorada nona me contou essa história. Finalmente descobria como tinha vindo parar ali... dona Regina tentava ficar o mais longe possível de mim o tempo todo. Enquanto eu amava ficar na venda, olhando minha nona a conversar com os fregueses e a saber as novidades da região, dona Regina fechava-se no quarto a maior parte do tempo. Os outros habitantes da casa eram uma negra bem nova, chamada Joana, e seu irmão, chamado Pedro. Meu nono os tinha adicionado à família, e não eram escravos, mas companheiros prestimosos, unidos pela necessidade e amizade.

Joana tinha chegado bem pequena, e já era livre quando nasceu. Sua mãe, negra alforriada, depois de saída da fazenda onde trabalhava, ficou a vagar pelas estradas, e minha nona, que já tinha sua casa grande de tijolos, recolheu a mãe e os dois filhos. De coração generoso, com “paúra” (medo) da fome e da necessidade, ela primeiro os colocou dentro de casa, mas depois eles construíram dois cômodos pequenos, no quintal da casa. Joana era faladeira, e tinha por minha nona uma admiração sem fim. Terminou sua criação com ela, depois que a mãe faleceu de enfermidade súbita. Pedro já era mais calado, mas simpático, e sempre a ajudar a nona a empilhar mercadorias e a atender os fregueses.

A pequena vila já ganhava ares de cidade, habitada em sua maioria pelos italianos. Acostumada aos indígenas, sempre muito reservados, encantei-me com aquela gente faladeira, que trabalhava muito. As mulheres colocavam suas panelas de alumínio nas janelas da frente das casas, e pareciam ter uma “competição” sem palavras para ver quais as panelas brilhavam mais à luz do sol. Nos terreiros, podia-se ver as roupas secando ao vento, coloridas,

enquanto elas as tiravam das bacias e sacudiam pelo ar.

Outra coisa que admirou-me muito foi a quantidade de “palavrões”. Eles não tinham mesmo “papas na língua”, e para tudo achavam adjetivos no mínimo curiosos, os quais alguns eu entendia, outros não. Pareciam não gostar nada dos porcos, pois era com raiva que falavam: “Porco Dio!” (Deus porco???), “porca miséria”... eu ficava admiradíssima a escutar tais impropérios, porque amava muito os bichos de criação, entre eles, os suínos.

A cozinha de minha nona era grande, o chão de cimento vermelho escuro, sempre muito asseado. Pendurados nas varas do telhado forte estavam a curtir, sempre, em cima do fogão a lenha, presuntos e mortadelas variados, além das linguiças. Não tinha ela se acostumado ao “charque”, que chamava de “sola de sapato”, mas fazia pratos deliciosos e doces dos quais eu era a maior admiradora. Na aldeia não tínhamos o açúcar mascavo, nem o sal a dar sabor nas coisas. Logo, a cozinha da casa dela me parecia mais um sem fim de encantamentos, cheiros e sabores.

Pequena horta atrás da casa provia minha nona dos temperos: manjeriço, louro, cebolinhas, ervas de todos os tipos, das quais ela ia me ensinando os nomes e as utilidades. O capim cidreira corria solto, e o chá, adoçado com o açúcar mascavo, era minha companhia à noite. A criação ficava um pouco mais atrás da casa, separada por um pátio. O sangue indígena também falava alto, e eu era apaixonada pelos bichos.

Galinhas “poedeiras”, galos orgulhosos e pintinhos conviviam com os marrecos em razoável harmonia. Mais longe, o chiqueiro, com pequenos porquinhos cor-de-rosa e alguns já bem pesados. Minha nona, como boa italiana, não tinha medo do trabalho, mas detestava matar os bichos. Aliás, minha primeira “rusga” na família veio justamente nessas ocasiões.

Minha nona pedia-me para todas as manhãs ir ao galinheiro pegar os ovos, com cuidado para prevenir possíveis “bicadas” das galinhas, ciumentas das crias. Lá ia eu, para uma empreitada que nem sempre me era fácil. Ela tinha me ensinado a deixar sempre um ovo ou mais, marcava esse ovo, para que eu não levasse. Obediente, embora temerosa, entrava eu no galinheiro com elas (as galinhas) me olhando de forma meio ameaçadora. Estava eu nesse pequeno dilema, quando ouvi, mais ao longe, lamento

sentido de um porquinho ainda bem novo, rosa com uma mancha nas costas.

Pedro lutava com ele, que pressentindo um destino triste, tentava de todas as formas escapar. Corri do galinheiro para perto de Pedro, facão afiado já na cintura, e o leitãozinho a ganir como se fosse gente. Tinha pegado amor pelos bichinhos, e sabendo das intenções dele, pus-me na sua frente, olhar ameaçador, pedra na mão.

– Solta porquinho! Porquinho não quer ir! – disse-lhe eu, já bem zangada.

Ele era uma pessoa doce, mas já agastado com os ganidos do animal, me olhou bem zangado:

– Não posso, Cora! Sua nona pediu, tenho que levar!

Acostumado à doce indiazinha que pouco falava, assustou-se quando me viu (pedaço de gente ainda, lá pelos seis anos), sobrancelhas cerradas, mãozinha apertando a pedra, a repetir incessantemente:

– Solta porquinho! Porquinho triste! Solta porquinho!

Sem saber o que fazer, ele parou no meio do terreiro, me olhando em séria dúvida. Depois de pensar, um pouco, lembrou que minha nona quando brava não era fácil. O porco apertado contra o quadril estava quase a se soltar, quando Pedro finalmente decidiu-se a levar o animal de qualquer forma. Achou que a indiazinha mimosa choraria um pouco, mas depois a nona me consolaria. Sério engano. Ao vê-lo levar o leitão para a cozinha da casa sem deixá-lo, minha mão que apertava a pedra ajustou-se em formidável “mira”, que acertou o alto da cabeça de Pedro, pelas costas, fazendo com que ele assustado soltasse finalmente o animal.

Ao vê-lo correndo livre, eu fui atrás dele a gritar:

– Foge porquinho! Foge! Porquinho solto! Porquinho solto!

Aturdido pela dor, Pedro apalpava a cabeça onde começava a aparecer um “galo” razoável. Atraída pela minha gritaria, a nona chegou à porta da cozinha, a colher de pau numa das mãos. Apenas quando a vi tive medo, e sabendo que levaria uma boa reprimenda, escapuli-me rapidamente para trás do galinheiro. Ela acudiu Pedro, tão pasma como ele, com minha atitude “guerreira”, e colocou-o dentro da cozinha, tratando a ferida com sal e vinagre. No final o pobre Pedro ria-se:

– Mas que pontaria tem a menina, hein, sinhá? Brigue com ela não... ficou com pena do bicho!

Mais ao final da tarde, depois de muito me chamar, minha nona veio atrás de mim. Com medo, por ter machucado o Pedro de quem eu tanto gostava, escondia-me como podia. Ao me ver encolhida, por trás de um barril vazio, ela fez uma voz bem doce:

– Vem cá, pequena! Sua nona nunca lhe bateria. Mas “guarda” (olha), que arisca! Deve de ser o sangue de índio... ande Cora! Já vai anoitecer, e você ainda não comeu nada. Não deixe sua nona triste!

Ao ouvir sua voz doce, finalmente decidi-me por sair do esconderijo. Nunca queria ver a nona triste! De cabeça baixa, descalça (chinelos perdidos em algum lugar), saí devagar, ainda temerosa de uns cascudos.

Ela ergueu meu queixo e olhou-me bem nos olhos:

– Mas que coisa feia! Que pedrada você deu no pobre Pedro! Não lhe disse, Cora, que eu tinha pedido o porquinho? Venha cá...

Levou-me para a despensa, onde algumas linguiças estavam em cima do fogão, presas num caibro de madeira, assim como alguns presuntos.

– Você não gosta tanto da “pasta” (macarrão) com molho de linguiça? E dos pães recheados? Pois elas vêm de porquinhos como o que você soltou! Sem eles, não as teríamos.

Na aldeia, a única carne que eu conhecia era a de peixe, nem de longe tão saborosa como as linguiças de minha nona, já que lá não tínhamos o sal. Adorava as tais linguiças, mas nunca tinha me perguntado de onde elas vinham. Só consegui responder a ela:

– Mas, porquinho com medo!

Ela riu-se.

– Claro que estava com medo, “bambina” (menina). Sei eu lá como, mas eles sabem da hora deles. Deus os criou para servirem de alimento, Cora!

Desatei num choro sentido, pensando em quantos “porquinhos” eu já tinha comido! Aos poucos minha nona foi me explicando as coisas da vida, e fui me desculpar com Pedro (que cheirava a vinagre e sal por minha culpa) logo que cheguei a casa. Pedro riu-se muito, e me piscou o olho, não tinha ficado zangado comigo. Fiquei sem comer carne durante alguns dias,

para preocupação de minha nona, mas depois, atraída pelo cheiro irresistível, voltei ao normal.

O certo é que ninguém mais na casa atreveu-se a matar um frango que fosse, sem me colocar longe.

Olívia

TINHA EU LÁ PELOS **sete** ou oito anos terrenos, quando, ao me distrair em frente da nossa casa, dei com a moça que tinha aparecido quando cheguei, e que me sorrisse com tanta doçura. Sentada no mesmo “toco” de árvore, os cabelos castanhos-claros, quase louros à luz do sol, cacheados em largas ondas e salpicados de pequenas margaridas. Tinha ela na mão pequena flor, que não consegui identificar. Fui aproximando-me cautelosamente, à moda indígena, para observá-la mais de perto. De repente, ela soltou a delicada flor, e dirigiu-se a mim:

– Como vai, Airequerê? Gostando daqui?

Ao me ver sendo chamada pelo nome indígena, que há muito não ouvia, respondi:

– Não sou mais Airequerê. Tenho nome de branco, agora: Cora.

Ela sorriu, descendo do toco:

– Bem sei... noto já algumas mudanças... – e apontou para os meus pés calçados com os sapatos, agora já mais largos no calcanhar. Ela, ao contrário, não tinha sapatos, o que muito me espantou, pois todo mundo ali andava bem calçado. Ao ver a exceção, fiquei encantada.

– Não usa os sapatos, então? Achei que todos tinham que usar. Por que não usa?

Ela sorriu de forma suave, e veio caminhando em minha direção: os pés não pareciam tocar o chão, o que me deixou um tanto assustada.

– Não preciso deles, como vê. Mas, não tenha medo de mim! Sou sua amiga e vim apenas lhe dar um recado.

Ao notá-la ainda mais de perto, a pureza dos olhos quase verdes me

convenceu. Algo em mim dizia para não ter medo dela, que devia ser um dos “espíritos da floresta” de que tanto falavam meus ancestrais.

– Como se chama você?

– Olívia – disse ela como um sopro de vento – e só desejo o seu bem.

Cativada por ela, sentei no chão, as pernas cruzadas e a postura muito reta, como minha avó índia me ensinara. Ela continuou a falar:

– Tenho estado com você desde o seu nascimento, e até bem antes disso. Preocupa-me o seu bem-estar, e saiba que, aconteça o que acontecer, nunca estará só. É só me chamar, Cora que, estarei pronta a lhe ajudar. Gosta da sua nona?

Abri longo sorriso:

– Minha nona é a melhor do mundo! Tirando dona Regina, que não gosta de mim, gosto de todos aqui.

Ela me olhou nos olhos:

– Não fique triste com dona Regina, porque ela sofre muito. Pessoas que sofrem muito, às vezes ficam assim: arredias ou agressivas. Fique sempre perto de sua nona que estará bem.

Aproveitando estar ela ali, resolvi perguntar o que tanto ouvia pelos cantos da casa:

– Por que a nona chama ela de “videira seca”? Ela não é seca, é até bem rechonchuda...

Ela riu-se um pouco:

– Eles chamam assim as mulheres que não podem ter filhos. Mas ela não é uma “videira seca”! Nunca a chame assim. Na realidade ela pode ter filhos, só que ela e seu pai não se dão muito bem. Tudo tem seu tempo sobre a Terra, pequena Cora, e o bom Deus decide quando ela terá filhos, se os tiver. Nada é por acaso, lembra sempre disso. Muitas vezes, o que nós chamamos de “dura provação” nada mais é que uma etapa importante de aprendizado.

Ao me ver um tanto confusa com a explicação, ela tornou a sorrir:

– Mas você é muito pequena para tanta filosofia! O problema de dona Regina não é o “ventre seco”, mas o espírito “ressecado”. Fosse ela mais

doce e generosa, as coisas seriam diferentes. Mas, deixa! Deus ensina e ama mesmo assim.

Estando eu à frente da casa, sentada ereta como nunca, acabei chamando a atenção de alguns passantes da vila, que olhavam admirados a indiazinha falando com o nada. Olívia notou isso, e se encaminhou para trás da casa, chamando-me com um gesto.

– É preciso que eu lhe diga que ninguém aqui me vê. As pessoas podem estranhar você agindo assim.

Segui-a sem pestanejar. Os antigos respeitavam muito os “espíritos da floresta”, e diziam ser bom nunca contrariá-los. Ao ler o meu pensamento, Olívia riu-se muito:

– Pare com isso, que não sou um “espírito da floresta”, Cora!

Aquela revelação me amedrontou um pouco, ela ler o meu pensamento, ainda mais...

– Sou um espírito de Deus, que tem a chance de andar por toda parte. Você também é um espírito de Deus, só que ainda tem corpo físico. Com o tempo você entenderá.

Caminhando de seu jeito peculiar pelo terreiro de minha nona, ela sentou-se perto de frondosa árvore. Sentei-me ao lado dela, a olhá-la cada vez mais de perto.

– E por que os outros não lhe veem? É mágica?

Ela deu de ombros:

– Para uma menininha que quase nunca fala, você está me saindo bem tagarela. Isso é parte do que tenho a lhe dizer, Cora. Todo mundo que nasce, nasce com algum propósito. Seu propósito é um tanto diferente das demais pessoas. Você verá muitos “espíritos”, e algumas vezes conversará com eles. Por isso estou aqui, para que não sofra desnecessariamente. Terá que ter cuidado, pois muitos podem acreditar que você tem delírios.

A palavra me era totalmente desconhecida:

– Que são delírios? Alguma doença?

Ela olhou ao longe:

– Alguns acham que sim. Delírio é quando uma pessoa vê algo que não

existe. Você não terá isso, pois eu existo e sou tão real como qualquer um, só que os outros não lhe enxergarão assim: para eles, você estará falando com o “nada”, e isso pode trazer aborrecimentos.

– Minha nona não vai lhe enxergar? Que pena! Ela gostaria muito de você.

– Sua nona não possui o mesmo “dom” que você. Um “dom” é um presente de Deus. Alguns têm o dom do canto, outros o dom de cozinhar. Você terá alguns dons, entre eles, o de nos enxergar. Mas é um presente que deve ser sabiamente usado.

Ouvindo-a, me senti entre “abençoada” e com medo.

– Mas até hoje eu só vi você. Nenhum outro “espírito” falou comigo!

Ela sorriu tristemente:

– Mas falarão. Terá que tomar bastante cuidado, pois nem todos são bons, mas isso também lhe permitirá ajudar as pessoas. Com sua nona você pode ser mais sincera: qualquer coisa, diga-lhe que, quando conversa comigo, está falando com o seu “anjo da guarda”. Ela entenderá melhor.

Não sabia eu então o que me esperava. Com um sorriso, Olívia despediu-se de mim, mas não sem antes me recomendar:

–Tenha paciência com dona Regina, e tente não ter medo. Lembre sempre que está protegida, e que Deus só dá uma carga a quem a suporta carregar. Estarei por perto sempre que puder.

– Não vá ainda, Olívia! Quero perguntar mais.

Minha nona surgiu então da porta da cozinha, dando comigo a conversar com o “vazio”.

– Que faz aí sozinha, menina! Chega de brinquedos! Venha ficar comigo na venda, que quero começar a lhe ensinar umas coisas.

Obedeci, ainda com as palavras de Olívia na minha mente. Pediu-me que tivesse paciência com dona Regina, mas isso não era fácil. Ao me ver por perto, ela sempre tinha uma expressão de desagrado que mais parecia uma careta, e o que fazia era me chamar de “Bugre”. Não me metia com ela, e corria para as saias de minha nona, que a olhava ameaçadoramente. Olívia me disse que ela sofria muito, então tive pena. Era tão feliz ali, com a minha nona, Adamo pai e o nono. Mesmo meu tio Benito, antes reservado,

agora me fazia sempre festas, e quando chegava das viagens me trazia alguns brinquedos ou alguns doces.

Por fim minha Nona perguntou-me:

– Cora, Joana me disse que você passou grande tempo no terreiro, e que parecia falar sozinha. Nunca falou sozinha! Conversava com alguém?

Pouco afeita à mentira, lembrei-me da recomendação de Olívia:

– Era só o meu “anjo da guarda”, nona...

Ela parou de chofre, me olhando fixamente:

– Seu anjo da guarda? Fala com anjos agora? E como é ele?

Minha nona era católica fervorosa, e sabendo que eu não mentia, talvez por medo de algum homem maldoso falando comigo escondido no terreiro, perguntava-me isso. Respondi:

– É uma mocinha muito linda, de cabelos cacheados e claros. Não pisa no chão, parece que voa...

Ela me olhou ainda mais pasma, e abaixou-se para falar comigo olhando bem no meu rosto:

– Uma mocinha que voa? – percebi os pelos do braço dela, todos eles bem eriçados. – E o que ela disse?

– Que eu tivesse paciência com dona Regina, porque ela sofre muito.

Minha nona levantou-se, cenho cerrado:

– Tinha que ser anjo mesmo! Paciência com “aquela”? Só sendo anjo.

E carregou-me para a venda, para começar a me ensinar a fazer contas. Disse ela que eu era muito esperta e que precisaria de mim lá, a ajudá-la com os fregueses. De vez em quando olhava-me de soslaio, como a pensar nessa novidade de ver “anjos”. Depois de muito tempo, me disse:

– Pois diga a sua anja da guarda que tentaremos ter mais paciência com a “ogra”. E quando ela vier de novo, me conte.

E assim foi. Apesar da fé católica, minha nona acreditou em mim, como Olívia bem profetizou. Avisou-me que não comentasse com mais ninguém essa história de anjo da guarda, pois as pessoas não entenderiam, e eu concordei. Depois minha nona me contou que na nossa família, na Itália, tinha tido uma tia com essas mesmas visões. Foi internada como louca,

mas, conforme me disse, ela nunca errava nas coisas que dizia.

Acreditando ser um “dom” de família, ela, que gostava muito da tia, a qual se chamava Valéria, a visitava sempre que podia. Interná-la num manicômio da região foi solução dolorosa para a família, para protegê-la do clero, que tratava esses acontecimentos como heresia. Valéria tinha as visões com frequência, o que não a impediu de ajudar a todos que se encontravam como ela, lá internados.

Contava minha nona que ela, ao invés de revoltar-se com a sorte, resolveu trabalhar lá mesmo, e quando faleceu, perto dos sessenta anos, foi pranteada por todos, médicos, enfermeiros e pacientes. Era conhecida pela doçura, pela abnegação e pela caridade, e para sanar as lágrimas da família, dizia sempre: “Deus nos coloca no lugar certo. Há tantos a ajudar por aqui. Não se preocupem, que sou útil e tenho fé no mestre Jesus”.

Emotiva, ela chorou quando me contou essa história, e me disse:

– Tinha ela esses mesmos olhos seus... verdes como a grama! Por isso, não me comente com ninguém essas visitas que recebe. Não quero que lhe tirem de nós.

Não sabia o que era manicômio, mas entendi dessa conversa algumas coisas. Primeira: cuidado com os padres, que eles não gostam disso; segunda: mais gente era como eu, e via essas pessoas; e terceira: nada de comentar com ninguém, além da nona, essas visitas. Assim pensando, ainda confusa com tantas informações, lembrei-me da proteção de que Olívia tinha me falado, e finalmente adormeci.

Patrícia e anjos de procissão

AS “VISÕES” COMEÇARAM A me chegar pouco antes do sono, num estado que chamam de vigília, mas também aconteciam quando eu estava prestes a acordar. Agradei a Deus a visita de Olívia, pois numa noite, dias depois, dei com uma menininha muito pálida, branca de cabelos castanhos, a chorar nos pés de minha cama.

Minha nona tinha me colocado a dormir num quarto só meu, e isso nunca tinha me assustado. Despertei sentindo um frio incomum para a época (era janeiro), e dei com a garotinha, mais ou menos da minha idade, a soluçar copiosamente. Notei logo que se tratava de um espírito, e sentada na cama, esfregando os olhos, acalmei meu medo e pus-me a conversar com ela:

– Olá – disse eu meio timidamente – está perdida?

Ela assustou-se comigo, e por eu poder vê-la:

– Então, me vê? Que bom que me vê! Achei que estava ficando maluca. Faz horas que caminho pelas pessoas e ninguém fala comigo!

– De onde você é? Como veio parar aqui, no meu quarto?

Ela olhou em volta, aos suspiros, trazia no peito pequena boneca de pano que apertava junto a si.

– Estava muito doente, daí dormi. Acordei com o choro de minha mãe, que estava em desespero. Ouvi então a voz amiga da minha avó me chamando, mas como sei que ela está morta, fugi. Tenho medo dos mortos, você não?

Um tanto sem jeito, assenti com a cabeça.

– Pois então – continuou ela – fui caminhando pela rua com a minha Leonora (a boneca), e dei com uma luz suave vinda daqui. A cidade está tão

escura. Posso ficar por aqui?

Não tivesse Olívia me preparado, eu teria saído do quarto aos pulos quando a vi. Não sabia que tinha morrido, então? Notei sua palidez e os olhos um tanto encovados, e tive muita pena dela.

– Como se chama? Eu sou Cora. Pode ficar por aqui, que ninguém lhe fará mal. Estava doente?

Ela sentou-se na cama, já mais à vontade:

– E como! Não aguentava mais aquela tosse! Pobre mamãe, há noites que não dormia, cuidando de minha febre. Meu nome é Patrícia, muito prazer!

Orei a Deus silenciosamente para que pudesse ajudar àquela menina. Aos poucos, depois de muita conversa, incentivei-a a falar com sua avó, senhora muito simpática, com os cabelos grisalhos presos na nuca, que tinha vindo resgatá-la. Falei que podia ficar com ela, pois avós são como anjos, nunca morrem de verdade. A boa senhora me sorriu agradecida e saiu com ela. Disse-lhe de lugares lindos onde ela brincaria, e que o avô também já a esperava há muito tempo. Fiquei a pensar se alguém me esperaria do lado de lá. A verdade é que fiquei boa parte da madrugada a conversar com Patrícia, e quando minha nona veio me acordar de manhã estranhou que eu não conseguia sequer abrir os olhos direito.

– Ande Cora! Que preguiçosa! Parece que nem dormiu a noite inteira! – disse-me ela aos risos.

Preferi não contar a ela, mas fiquei na venda a espiar a rua. Não demorou muito, vi a cena que procurava: um cortejo triste, com um pequeno caixão à frente, branco. Dentro dele estava Patrícia, ali realmente muito debilitada, e sua mãe ao lado, desfigurada de tanto chorar. Ah... – pensei eu – soubesse ela como a menina estava bem com a avó, dona Leocádia!

Minha nona chegou-se comigo à porta, olhando o triste espetáculo:

– Vê, Cora, que triste! Uma “bambina” (menina) tão pequena. Foi a tal da água no pulmão.

Olhei para a nona pensativa:

– Não fique triste, que Patrícia já está bem melhor! Está com a nona dela, dona Leocádia. E vai para um lugar muito bom.

Minha nona olhou-me espantadíssima:

– Como conheceu Patrícia? Ela nunca veio aqui. E que história é essa de dona Leocádia? Essa já morreu há uns cinco anos!

Como confiava muito na nona contei-lhe da noite anterior, ao que ela me ouviu, assustada e benzendo-se de vez em quando. Por fim, chorou de alegria quando falei de dona Leocádia e de como ela estava bem. Tinham sido bem amigas em vida. Ao final, observando a mãe de Patrícia, não pude deixar de dizer:

– Não pode dizer a ela, nona, que a filha está bem? Ela não sofreria tanto!

Minha nona quedou-se pensativa:

– Não sei Cora, “nella nostra terra” (na nossa terra), quando isso ocorria, as pessoas escondiam, pois a chance da “fogueira” era grande. Mas, deixe estar que quando for visitá-la vou consolá-la. Torno a lhe dizer, não comente com os outros essa sua “novidade”.

Mas vi em seu rosto uma paz e tranquilidade raras. Lembrava-se ela do seu mais velho, e pude ver a esperança nela de que ele também estivesse amparado.

– E Carlo? Estará bem?

– Claro que está, nona. Era um bom menino, não era? Não diz o padre daqui que “Deus não abandona”?

Enxugando uma lágrima no avental muito branco, ela encaminhou-se comigo para dentro da venda. O pensamento longe, mas de quando em quando me olhava e sorria. Depois abraçou-me forte e me disse:

– Abençoada Cora! Você é ainda um presente maior do que eu tinha esperado!

Com o passar dos anos, fui perdendo um pouco da minha timidez indígena, mas nunca consegui acompanhar o ritmo das conversações do meu lado italiano. Minha nona me ensinou ela mesma as letras que tinha aprendido e as contas da venda. Trataram logo de meu batismo, e nele consta o nome de dona Regina como minha mãe, e o de Adamo como o de meu pai. Gostei de algumas coisas do batismo, mas de outras, nem tanto: minha nona me fez um vestido branco muito belo, bordado de pequenas margaridas. O pequeno problema dele era a goma, pois não podia encostar em nada, que o vestido “amarrotava”. Dona Regina vigiava-me duramente,

a dizer-me “quieta bugre” ao meu menor movimento.

Do batismo as boas lembranças que tenho são de minha nona, que também ficou minha madrinha, e do padre Elvídio, já bem avançado nos anos, que tratava sua paróquia “com mão firme”, mas era muito bom com as crianças. Gostei dele de imediato, pois ao contrário dos outros padres que tinha conhecido, esse não era “emproado”. Sempre alegre, a falar alto como seus patrícios, gostava de um bom vinho e de conversar com o meu nono Giancarlo. O engraçado é que meu nono era “ateu”, mas isso não o impedia de ser um dos melhores amigos do padre. Minha nona levava-lhe presuntos bem curtidos, que ele abençoava e gabava o gosto.

Lembro as noites passadas na varanda da casa, o padre e meu nono a comentarem histórias antigas, enquanto minha nona os ouvia pacientemente, a cerzir roupas em um cesto de vime. Nunca um ateu e um crente se deram tão bem, o que era fácil de entender depois de ouvi-los: tinham os mesmos valores.

Ambos defendiam os pobres, tinham horror à escravatura, achavam os impostos altos demais, apreciavam anedotas e boa comida. Muito aprendi sobre a vida enquanto estava sentada ali, perto dos pés de minha nona. De vez em quando o padre, embalado pelo bom e caseiro vinho, bradava em voz alta:

– “Sei un anarchico” (Você é um anarquista), Giancarlo! Tudo nessa vida precisa de ordem!

Era a deixa para meu nono virar a noite, discutindo desde política ao “inferno de Dante”. Lá pelas dez da noite, minha nona bocejava e me carregava pra dentro, pois o dia seguinte era de trabalho duro. Lembro-me bem de ainda ouvi-los a conversar do meu quarto, as risadas e os confortáveis silêncios.

Padre Elvídio amava as crianças. Sempre que chegava à casa de meu nono vinha com um grande sorriso, a chamar-me:

– Vem aqui, menina! Mas que bela!!! Vai sair de anjo na próxima procissão. Dona Cora, prepare o vestido e as asas, que ela vai ficar uma bela “anjinha”.

Minha nona gostou muito da ideia de exhibir-me, e pôs-se a confeccionar para mim lindo vestidinho azul, com as barras bordadas e douradas.

Chamava-me sempre para a prova, pois não queria fazer feio de jeito nenhum. Achei bonito o vestido azul de mangas longas, mas depois, quando ela me veio com umas asas feitas de arame, sabão e penas de galinha, não gostei nada. Menos ainda gostei da presilha das asas, bem escondida sob o vestido. Era por demais quente e me “espetava”. Perguntei à minha nona se aquela coisa toda era necessária, e que asas eram aquelas.

– Pois olhe! Já se viu anjo sem asas? Todo anjo tem asa, menina.

Ia já responder que não via asa nenhuma em Olívia, mas não deixei de ficar curiosa: se todos os anjos tinham asas, onde estavam as de Olívia? Perguntei a ela assim que a vi novamente, e ela me explicou, depois de rir um pouco:

– Acha que preciso de asas, Cora? Mas, se quiser, posso “providenciar” algumas...

Perguntei a ela o que afinal eram os anjos, tão falados pelos brancos. Respirando fundo, ela me relatou:

– Anjos são mensageiros de Deus, pequena. Quando você crescer irá ler um livro, chamado também de Livro Sagrado, a Bíblia. Nele eles contam dos anjos. Aqui no plano espiritual eles são entidades de muita luz, de extrema evolução. Eu não me chamaria de “anjo”, mas eles existem de todas as raças e feitios, e na medida em que vamos evoluindo e praticando a caridade e a bondade, ficamos mais perto deles. Alguns se apresentam com asas, outros não. Depende do grau evolutivo e da crença de quem os recebe. Alguns colocam as asas para serem identificados como tais, e poderem assim passar as suas mensagens de forma mais clara, sem provocar medo.

Dizendo isso, ela flutuou levemente na minha frente:

– Acredita que preciso de asas para me locomover?

–Não. Mas, por que surgiram com elas?

Ela riu, e me explicou:

– No início, eles nos viam vindo do céu. Como quem vem do céu são os pássaros e os pássaros possuem asas, veio daí a interpretação. E eram seres de muita luz, os profetas não conseguiam vê-los com clareza absoluta. Outra coisa foi a velocidade com que se moviam. Uma coisa leva a outra, e eles, assim, entenderam a luz em volta como “asas”. Anjos estão em

diversas crenças, pois Deus não abandona e nem esquece ninguém.

Realmente, se ela “voa” por si só, pra que asas? Apesar disso, me recomendou que agradasse a minha nona, que estava mais do que feliz em me colocar na procissão logo à frente da imagem de Nossa Senhora. No dia, ela acordou-me cedo, banhou-me com fúria (ai de mim se aparecesse alguma sujeira), e colocou nos meus longos cabelos “papelotes”, para que eles ficassem cacheados na hora do desfile.

Passei algumas horas difíceis tentando não esbarrar em nada até a hora da procissão, mas valeu a pena: ao me ver com aquelas asas, cabelos cacheados e cheios, ela verteu pequena lágrima, emocionada:

– Mas que linda está a minha neta!!! Adamo, chegue aqui e veja se não parece mesmo um anjo!

Meu pai aproximou-se, a me olhar sorrindo:

– Cora de meu coração! Vai ser o anjo mais bonito da vila!

Muito tímida, procurei não decepcioná-los, andando todo o trajeto com bonita vela nas mãos, protegidas por um lenço de linho, mas a verdade é que os italianinhos estavam todos bem lindos, cada um a sua maneira.

Acabada a procissão, liberei-me das asas para tristeza de minha nona, que queria exhibir-me um pouco mais. Meu pai logo providenciou o vinho para o almoço, ao qual o padre também viria. Foi um dos dias mais felizes de minha vida, e muitas vezes, no futuro que viria, lembrei-me dele com carinho e saudade.

O menino Miguel

MINHA NONA ERA UMA mulher que adorava o trabalho e a vida, e seu afazer preferido era tomar conta da venda. Com a vinda de Joana para sua vida, ela se dedicou quase que exclusivamente ao comércio. Meu nono tinha ensinado a ela as letras e as contas, e ela era extremamente organizada com tudo que entrava e saía do estabelecimento.

O comércio funcionava de forma simples: meu pai, tio Benito e o nono saíam duas vezes por mês para comprar mercadorias em um centro maior: a viagem de ida e volta costumava durar pelo menos dez dias, em “lombo de burro”. As mercadorias eram amarradas nas costas dos animais com cordas resistentes, e a tropa vinha, já pelo caminho conhecido, sem muita dificuldade. Os problemas só apareciam em estações de chuva, quando atolavam na lama, podendo algum animal inclusive quebrar a perna, perdendo assim a vida.

Os homens da família amavam o comércio e as viagens. Não passavam cinco dias em casa e já se arrumavam para sair de novo, com a relação de pedidos de minha nona bem guardada. Eram tempos seguros aqueles, em que os ladrões de estrada eram raros e só atacavam viajantes solitários.

Na venda, sob o balcão de madeira, via minha nona negociar com os patrícios: como eles gostavam de uma pechincha! Não raro o preço despencava até a metade do pedido inicial. Minha nona era especialista em negociar e nunca a vi tomar nenhum prejuízo: numa cadernetinha de capa dura ela anotava o custo dos produtos e daí em diante começava a negociação. Os fregueses adoravam isso, e saíam perguntando o preço de quase tudo na venda, que vendia desde arroz e trigo (em grandes sacas) a tecidos e miudezas, muito apreciados pelas italianas e índias.

Ela não deixava a venda por nada, e não queria saber de dona Regina por perto. Dizia que “se deixasse, aquela lá, tomava conta”, por isso mantinha-me sempre por perto, e quando ela não estava a postos, eu deveria estar.

E como dona Regina não apreciava o serviço doméstico, ele sobrava para Joana, que além de cuidar da casa e da roupa, cozinhava maravilhosamente. Eu gostava da venda e do “entra e sai” de clientes, mas apreciava muito mais ficar na cozinha, presa às saias de Joana, curiosa para ver o que ela andava fazendo.

Para minha sorte, a boa negra logo gostou de mim, e vendo meu interesse, ensinava-me o que sabia sobre temperos e ervas especiais. Meu nono amava o pernil e ela o temperava como ninguém, assim como aprendeu desde cedo a fazer o queijo, a manteiga, o café torrado e moído. Naqueles tempos, dona de casa que se prezasse tinha que saber todas essas coisas, além de costurar para a família.

Joana “pitava” um fumo de rolo escuro nos raros momentos que dispunha de paz, e era uma boa contadora de histórias. Quantos anos teria? Não sei. Acredito que, quando cheguei à casa, Joana já teria seus vinte anos, mas na época, papel com datas era “luxo de branco”. A cantoria era uma de suas manias preferidas, e ela estava quase sempre cantarolando cantigas antigas, vindas Deus sabe de onde, ou de que lugar da “mãe África”. Quedava-se a mexer com colher de pau as imensas panelas de alumínio fundido, no fogão a lenha que era um conforto no inverno frio, mas um desafio no verão.

Nem Joana, nem Pedro tinham salário. Engraçado me lembrar disso agora. E nem por isso ficavam tristes ou amuados: tinham vindo do Norte do país, onde a escravidão era ainda uma nódoa que manchava a história da humanidade. Teriam vindo fugidos? Talvez. Joana não falava nunca no assunto, e eu não perguntava. Minha avó sempre os enchia de mimos, e não faltava a Joana e a Pedro peças de roupas novas, que ela mesma fazia, em festas e épocas especiais. Meu nono sempre dava a Pedro algum “dinheirinho” para que ele se divertisse quando queria, e nunca faltou fumo ou o que fosse para eles.

Eram queridos como se da família sempre tivessem sido, e apenas dona Regina os tratava como criados. Meu nono de “pensamento livre” nunca admitiria qualquer tipo de discriminação dentro da própria casa, e dizia

sempre que “o preconceito é filho da ignorância”.

Minha nona sentia que eu preferia muitas vezes a cozinha de Joana à venda. De início ressentiu-se um pouco disso, mas depois entendeu o porquê: na cozinha de Joana eu raramente via “entidades”, mas na venda, muitos dos clientes entravam “acompanhados”.

Não os via sempre, mas estavam ficando cada vez mais frequentes as visões. De início assustei-me muito, pois alguns não estavam “apresentáveis”, e outros realmente tinham uma “energia” tão pesada que eu me encolhia por trás das prateleiras, para que não me vissem também. Minha nona logo notou que algo estranho se passava, mas depois, com muito jeito e tato, veio sondar-me:

– Que se passa, Cora? Por que toda vez que o velho Emerenciano chega na venda você se esconde? Tem medo dele?

O que minha nona não sabia (e não teria mesmo como saber), é que o “simpático” freguês de então trazia sempre atrás de si pequeno menininho, de seus cinco anos de idade, a olhá-lo com ódio e fúria. Naquele dia ele parecia sentado ao pescoço do senhor de forma obsessiva, fazendo com que ele se curvasse todo para andar.

Ao me ver calada, mas de olhos bem abertos, minha nona perguntou:

– Está vendo algum anjo? É isso?

Respondi que não apressadamente, com a cabeça. Ela continuou, falando sobre o senhor:

– Pobre do Emerenciano! Está aqui a me pedir novamente por cânfora, já que as dores nas costas continuam. Notou, Cora, como ele anda encurvado? Pobre coitado! Me dizia que há noites não dorme!

Saí de trás das prateleiras assim que ele finalmente deixou a loja. Estava então com meus dez anos, e perguntei à minha avó:

– Ele teve filhos, nona?

Ela franziu as sobrancelhas, tentando se lembrar da história dele, mas por fim disse:

– Não que eu saiba. Se casou com uma viúva e ela tinha um menininho. Mas parece que ele fugiu de casa ainda cedo. A mãe custou a se conformar. Continuam casados até hoje.

Lembrei-me logo do menininho, de seu olhar de ódio e ressentimento. Suas feições pareciam machucadas, como se tivesse morrido de uma surra ou algo parecido. Estremeci, mas logo disse para a nona:

– Não acho que cânfora vá melhorar a dor dele, nona.

– Não? E por quê?

Contei a ela a visão que tive da criança e ela pôs-se a benzer-se. Depois ficou penalizada com o pequeno, e foi até o padre Elvídio mandar rezar uma missa (em segredo) pela alma do pobre menino, que se chamava Miguel. O padre estranhou um pouco, e disse que não podia rezar missa por alguém que não tivesse morrido, mas ante a teima de minha nona, consentiu finalmente. Rezaria a missa em sigilo, já que minha nona tinha “sonhado” com o menino.

Ela passou também a olhar o Sr. Emerenciano de outra forma, se antes o achava “simpático” e sofredor, agora já tinha consigo sérias desconfianças.

Esse meu “dom” muito impressionava a minha amada nona, que me mantinha perto sempre que possível, e às vezes, quando saía um cliente, me perguntava:

– E esse aí, Cora? Viu algo?

Notando que ela ficava muito impressionada, às vezes eu dizia que via (quando achava que podia ser útil) e, às vezes, não. Também é preciso dizer que não eram todos que vinham acompanhados, a maior parte deles estava realmente apenas com os vivos.

Entristecida pelo pequeno Miguel, resolvi caminhar pelo quintal de casa, e dei com Olívia sentada no mesmo tronco de sempre.

– Ave! – disse ela sorrindo –, achei que não viria mais. Estou lhe chamando faz tempo!

Realmente eu estava querendo ir ao jardim há algum tempo, mas minha nona não me dava chance. Sentei-me do lado dela com uma pergunta nos lábios:

– Por que vejo essas pessoas, Olívia? Não é que me incomode, mas às vezes, eu levo um susto danado! Alguns são tão reais que converso com eles como se fossem vivos. Mas na maioria há tanto sofrimento! Olhe o Miguel, tão pequeno e com tanto ódio!

Ela me sorriu compreensivamente:

– Ajudar aos outros é sempre uma dádiva, Cora. Você nasceu abençoada, pois pode ajudar a essas pessoas porque as vê e ouve. Tantos ficam por aqui perdidos nesse plano, quando poderiam estar bem melhor. E o sofrimento deles é real: Miguel sofreu muito.

Curiosa, perguntei a ela:

– Que foi que houve com o menino? Parece tão cheio de ódio!

Ela teve um olhar triste:

– Quando a mãe de Miguel se casou com Emerenciano, tinha enviuvado de pouco tempo, e o menino era pouco mais que um bebê. Era uma mulher bonita e alegre, e tem pelo filho um amor mais que verdadeiro. Na realidade casou-se com ele para proporcionar ao pequeno, além da figura paterna, o apoio material. Não sabe como a vida pode ser dura com as jovens viúvas, Cora. Ela temia antes de tudo pelo futuro do menino, e o marido, apesar de bem mais velho, é uma pessoa de posses.

Pensei que provavelmente ela não tinha tido muita sorte na escolha.

Olívia respondeu:

– Realmente. Não devemos julgá-la, pois Emerenciano de tudo fez para cativá-la. Demonstrava na frente dela gostar do menino, mas ali começava um calvário para o pequeno Miguel. Ele apanhou muito na cabeça, para que não ficasse marca, e também na sola dos pés. Por isso ele senta-se a maior parte do tempo em que está com o padrasto. Sentia dores terríveis causadas pelas pauladas que Emerenciano lhe dava.

Ela parou e olhou em volta com um suspiro:

– A hipocrisia é o pior dos pecados! Na frente da mulher enchia o menino de mimos, e lhe ameaçava sempre quando a mãe não estava por perto. Por muitos dias o menino teve dificuldade de andar, acordava de noite aos gritos. Outra coisa que muito o humilhou foi a incontinência urinária noturna.

– Mas por que todo esse sofrimento, Olívia? Por que tanta maldade?

Ela me olhou com aquele olhar penetrante, sombreado pelos longos cílios castanhos:

– Ele não teve filhos, Cora, e contava com uma mulher jovem para lhe

providenciar um. Mas aquele sim é uma “videira seca”. Como a mulher já tinha Miguel, não podia dizer que a culpa era dela, como muitos homens fazem. O feroz ciúme que sentia da criança, muito parecida com o pai conforme todos lhe diziam, contribuiu para que assim agisse. Existem também outros motivos, mas nada que justifique. Nenhuma maldade é justificável, Cora.

– Foi por isso que ele fugiu? – perguntei.

Ela me deu um leve e triste sorriso:

– Nem que ele quisesse conseguiria fugir, Cora. Os tendões do menino já tinham ficado bem machucados com tamanha violência, e ele, quando conseguia andar, era com muita dor. A verdade é que um dia Emerenciano chegou em casa, e deu com a criança sozinha. O pequeno, ao vê-lo, encolheu-se o mais que podia para os seus oito anos. Tinha-lhe além do ódio, pavor. Assim fazendo derrubou no chão, perto de uma mesa de madeira, um tinteiro que o padraсто usava para escrever suas cartas e anotar suas contas. Cheio de fúria, ele deu com a bengala na cabeça do pobrezinho. Ele morreu no mesmo instante. Tinha conseguido disfarçar as surras, mas dessa vez tinha aberto uma feia brecha na cabeça do menino. Por isso escondeu o corpo, e depois o enterrou, na parte mais alta do quintal de sua casa. A mãe chorou durante dias, enquanto o padraсто lhe dizia que o menino com certeza tinha fugido, que não estava na casa quando chegou.

– Mas ninguém desconfiou?

Olhando ao longe, como se relembresse alguma cena, ela me disse:

– Sim. Foram muitas as buscas, a polícia foi alertada. Uma empregada na casa desconfiou, mas teve medo de contar sem ter nenhuma prova. A mãe hoje tem o hábito de se sentar todo final de tarde, bordado nas mãos, em frente à porta. Diz que não perde a fé de um dia ter o filho e volta, e não o acredita morto. É grande a angústia por parte da criança de ver a mãe em todo esse sofrimento, por isso, ele continua preso aqui, alheio, pela própria vontade, do auxílio do plano superior. Finalmente extravasa a fúria contida durante anos, fazendo com que o padraсто se curve de dor. É uma história triste, não acha?

Ainda chocada com tudo que ela me contava, na inocência dos meus dez anos, restou-me apenas uma pergunta:

– E como posso ajudá-lo, Olívia? A nona já mandou rezar uma missa por ele. Acredita que isso o ajudará?

– Sem dúvida, pequena! Orações são sempre muito bem-vindas, e possuem sua força especial. Mas com seu dom, você pode ajudá-lo ainda mais. Não quer conversar com ele? Posso guiá-lo até aqui.

Estremeci um pouco, pois a lembrança que tinha dele não era nada boa. Mas ouvindo a história contada, concordei.

– E como fará para trazê-lo?

– Lembra que a menininha lhe contou de uma luz que emanava dessa casa?

– Sim. E estranhei muito, pois as luzes estavam apagadas.

Ela riu:

– Guarda um segredo? O efeito de luz sou eu guiando-as até aqui. Na realidade temos grande dificuldade de nos aproximar de espíritos tão sofredores por conta de seus sentimentos de ódio, inveja ou mágoa. A comunicação com eles fica muito difícil, e muitas vezes, eles nem nos percebem. O que não era o caso de Patrícia. Porém, nesse caso, você pode ajudar bem mais. Eu sou o efeito de luz, mas é do seu coração, Cora, que virá a luz que o ajudará. Conte-lhe que são muitos os que lamentam a sua situação e que existe um lugar muito melhor para ele: conte-lhe dos anjos, das luzes, do pai que o espera desde muito. De um lugar que acolhe todos os dias crianças como ele. O pobre não sabe de nada disso, mas se a esperança entrar em seu coração, eu poderei ajudá-lo encaminhando-o.

– E por que acredita que ele falará comigo? Nem o conheci.

– Está viva e o percebe. A curiosidade o fará falar, pois pessoas como você são raras. Não se preocupe com o que dirá a ele, pois a inspirarei.

Calei-me e assenti. Se o bom Deus queria que eu fizesse essas coisas, também me daria coragem. Minha parte indígena era muito tímida, mas a parte italiana me compensaria. No dia seguinte seu Emerenciano veio a ter com minha nona na venda. Minha nona era muito educada, mas estava longe de ser falsa. Assim que o avistou do outro lado da rua, resmungou bastante, em voz baixa:

– “Disgraziato” (desgraçado)! “Maledetto” (maldito)! – e uns tantos

outros impropérios. Ele entrou na loja lhe sorrindo simpaticamente como sempre, ao que minha nona respondeu com um resmungo – Humpf!!!

Ela o atendeu quase que grosseiramente, para meu espanto, pois raríssimas vezes ela era mal educada. Notei que o menino não estava mais às suas costas, mas ele estava encurvado como sempre. Não tinha dito nada a minha nona sobre o que Olívia tinha me contado dos maus-tratos impingidos a Miguel, mas minha nona não era tola. Assim que ele saiu, bastante intrigado com o comportamento dela, antes tão afável, ela me confidenciou:

– É certo que não se pode escolher fregueses, mas desse aí eu quero distância.

Calei-me pensativa. Eu que não ia dizer o que sabia, ou a coisa poderia ficar muito feia. Minha nona quando brava não era fácil. Senti realmente, também eu, grande asco por aquele senhor, e uma antipatia que me seguiria a vida toda. Ouvi Olívia a me dizer:

– Nada de julgamentos, Cora! Quem acha que nada será cobrado de quem tanto mal fez, acredita que Deus tem pressa, quando Ele tem todo o tempo do mundo. Todos nós já erramos muito, não temos o direito de julgar um irmão na carne. Também ele passará por um aprendizado, como todos nós.

Gostaria muito que minha nona tivesse ouvido isso, mas não foi o caso. Ainda “bufando” de raiva do homem, ela se lembrou de me perguntar:

– E então? O menino Miguel ainda estava com ele?

Fiz que não com a cabeça, ao que ela deu uma boa risada:

– Viu só! Foi a missa rezada por padre Elvídio!

Concordei imediatamente com ela, que acreditava que agora Miguel estava entre os anjos do céu. Infelizmente, não era o que aconteceu: logo depois que me deitei, dei com o pequeno menino entrando pela porta de meu quarto, a olhar tudo com curiosidade. Ao me ver, ele espantou-se um pouco, pois percebia nitidamente que eu o via também.

– Quem é você? Que luz é aquela que surgiu lá fora? Está viva? Pode me ver mesmo?

Mentalmente, implorei a Olívia que eu pudesse realmente ajudá-lo. Logo, dei meu sorriso um tanto tímido, mas respondi:

– Sim, Miguel. Posso vê-lo. Que bom que está aqui. Um anjo me pediu que conversasse com você.

Ele ainda tinha uma aparência extremamente machucada, principalmente na cabeça. Seu olhar traduzia ao mesmo tempo dor e espanto:

– Anjo? Então eles existem?

– Existem, e estão preocupados com você. Notei que deixou as costas de Emerenciano. O que aconteceu? Perdoou-o?

Ele cruzou os braços em frente ao corpinho magro:

– Nem em mil anos. Mas, de repente cansei-me dele. Se esses anjos existem, por que não me acudiram durante os anos que ele me torturou?

Notei que a missa, de qualquer forma, tinha realmente surtido efeito. Não sabia que resposta dar ao menino quando subitamente me vieram as palavras:

– Deus tudo vê, não ache nunca que foi esquecido. O que ele lhe fez realmente foi de uma crueldade sem limites, e de uma covardia extrema. Causou imenso sofrimento a você e a sua boa mãe, mas não o acredite feliz. O remorso um dia chega, e o que você passou não será um átimo do que ele passará. Por enquanto, alegre-se, pois apesar de muito ofendido, você em vida nunca ofendeu a ninguém. Sempre preocupou-se com sua mãe, e a amou muito. Pena que não tivesse confiado mais nela, e lhe contado tudo que acontecia. As coisas poderiam ter sido muito diferentes.

Ele soluçou, triste, limpando o nariz com a manga da camisa:

– Não podia contar-lhe nada! Ele me disse que a mataria, e eu tinha muito medo dele. Por amor a minha mãe, calei-me.

A imagem dele me cortou o coração. Uma criança tão nova não devia ter sido tão maltratada. Ele continuou:

– Nunca soube por que me odiava tanto! Na frente de minha mãe, era sempre muito carinhoso, me dava presentes. Incentivava minha mãe nas visitas às amigas, às aulas de culinária. Dizia que isso a deixava mais feliz. Assim que se via sozinho comigo em casa, começavam os castigos. A Selma (a empregada) viu algumas vezes, mas eu mesmo pedia que ela não contasse nada. Tinha horror a perder minha mãe.

Ele sentou-se com dificuldade na beira de minha cama.

– Na realidade, morrer não foi tão ruim. Aqui ao menos, escapo das pancadas, e as dores são menores. É verdade que o atormentei durante esses anos, causando-lhe muitas dores. Minha intenção era matá-lo, pois não o queria mais perto de minha mãe. Mas não consegui.

Tentei imaginar-me no lugar de Miguel, mas não tive sucesso. Não podia entender ainda tanta dor, eu tinha apenas dez anos.

– Sabe que não precisa ficar aqui, Miguel? Essas dores que sente também podem ser curadas.

Ele me olhou, bastante interessado, mas ainda duvidando:

– Sair daqui pra ir aonde? Não tenho ninguém. Aqui ao menos, no final da tarde, fico perto de minha mãe. Não quero ficar sozinho! Tenho medo!

Lembrei-me dos conselhos de Olívia:

– Mas é aqui que você está sozinho! Não tem curiosidade de conhecer seu pai? Ele lhe espera há tantos anos! Existe um lugar para crianças como você. Lá eles tratarão de suas dores, e você ficará forte e feliz como nunca!

Senti que ele me olhava com imensa vontade de acreditar no que eu dizia. Em seu peito pude ver nascer a esperança, e com isso, atrás de mim surgiu um senhor de seus trinta anos, moreno claro, de cabelos cacheados, bastante parecido com ele. Intuí imediatamente quem seria. Sorrindo para o menino e estendendo as mãos, ele lhe disse:

– Não me conhece, mas sabe que sou seu pai, não é? Há tanto que te espero! Finalmente poderei protegê-lo, filho!

Miguel dirigiu-se para ele, pela primeira vez um pouco mais feliz. Mas antes de dar as mãos para ele, olhou-me, ainda assustado:

– E minha mãe? Quem a protegerá daquele homem? Não posso deixá-la!

Vendo-o tão perto, o pai o segurou no colo, sorrindo:

– Sua mãe iria ficar muito contente se lhe visse comigo! E depois, logo aquele “senhor” não poderá mais fazer mal a ninguém.

Sorrindo muito pra mim, ele despediu-se colocando a cabeça do menino sobre o ombro. De relance, pude ver Olívia olhando pra mim com aprovação. Grande felicidade invadiu-me e eu dei graças ao Senhor por poder ajudar aquele pequeno menino! Começava a entender o porquê do

meu “dom”.

Adormeci feliz e sozinha, com grande paz no coração. No dia seguinte, muito antes da hora eu acordei a nona, para lhe dar a boa notícia:

– Nona! Nona! O pequeno Miguel está feliz! O pai dele o levou pro céu!

Ela me olhou esfregando muito os olhos, estava dormindo sozinha, pois meu nono estava na estrada.

– Como sabe? Sonhou?

– Não nona, o anjo veio me contar.

Ela levantou-se, ajeitando a longa camisola de algodão. Lavou o rosto e gritou para Joana que pusesse logo aquela mesa do café. Mesmo não entendendo a pressa, cerrando as sobrancelhas com curiosidade, a boa negra esmerou-se. Depois de alguns minutos vi minha nona vestida com “vestido de domingo”, o rosto empoado.

– Vai sair, nona?

– Claro! Imagine se eu vou deixar de contar a padre Elvídio desse meu “último sonho”! Agora sim “peguei” fé nessas missas. Quer vir junto?

Como adorava andar pela vila, não me fiz de rogada, suportando até mesmo os infelizes sapatos. Olívia tinha mesmo razão: fazer o bem é a maior das dádivas.

Novidades em casa

ÀS VEZES ME PERGUNTO o que teria acontecido se meu pai não tivesse me buscado na tribo. O problema de nós, mestiços, é que pertencemos a todo lugar, e ao mesmo tempo, a lugar nenhum. Entre os italianos da colônia me senti, de início, intimidada. Mas depois, como era uma gente alegre e festeira, identifiquei-me com eles. Começava então a entender esse país maravilhoso, que acolhe a todas as raças e credos.

Minha relação com meus avós era calorosa e franca, meu pai amava-me muito, mas estava sempre longe, em viagens, que era o seu verdadeiro trabalho. Pedro e Joana tornaram-se logo dois bons amigos, mas dona Regina olhava-me como se eu a incomodasse bastante.

Logo de início, minha nona notou e afastava-me dela o quanto podia. Como eu estava sempre na venda, ou na cozinha com Joana, não nos esbarrávamos muito. Tinha-lhe um medo natural, que as crianças têm quando notam a animosidade alheia, mas escapulia quase sempre para os lados de alguém que me protegesse.

Um dia, estava eu com meus onze anos, quando olhei sua imagem de costas, na sala, olhando a rua. No geral não a olhava muito, mas naquele dia, vi realmente uma coisa especial: uma luz pousava na altura de seus rins. Quando ela se virou de frente, a me encarar, observei encantada a luz em cima do ventre. Ao me ver olhando-a fixamente, ela logo me disse, mal-humorada:

– Que foi bugre? Que é que tanto me olha? Perdeu alguma coisa?

Intimidada, calei-me e saí da sala, indo para a venda ter com a minha nona. Ao me ver entrar às pressas, ela estranhou um pouco:

– Que foi, Cora? Está assustada!

Sentei-me a tentar imaginar o que seria aquilo que eu tinha visto. Súbito, me veio a verdade, e então falei para minha nona:

– Dona Regina vai ter um bebê.

Ela, que estava empacotando o arroz em sacos menores de um quilo cada, deixou cair a caneca no chão, espalhando assim os grãos pelo assoalho. Corri ajudá-la a recolhê-los, mas ela não se deu conta: segurando firme no meu braço, e olhando fixamente nos meus olhos, ela me perguntou:

– Como é que você sabe? Mas depois de todo esse tempo...

Como explicar o que tinha visto? Em meu coração fiquei logo bem alegre, pois apesar de ser de dona Regina, a casa teria um bebê. E eu adorava bebês. Na colônia italiana o que não faltavam eram pequenas crianças, que eu observava encantada: como eram lindas! Delicadas, a pele fina, os cabelos macios. Ficaria feliz de ter uma em casa. Disse para a minha nona que continuava tonta com a novidade:

– Será que ela me deixa olhar ele, quando nascer, nona?

Mais recuperada do susto, ela levantou-se, alisando a saia, admiradíssima:

– Mas quem diria! E eu chamando a “ogra” de “videira seca”.

Minha nona ficou-se pensativa por um bom tempo; em seus olhos, eu não via muita alegria, mas apenas uma dúvida qualquer. Não pude deixar de perguntar-lhe:

– Que foi, nona? Não gostou da notícia?

Tirada assim de seu devaneio, ela finalmente percebeu que eu a estava fitando, como se quisesse ler suas ideias. Ela sorriu logo:

– Não é nada disso, Cora! Claro que vou gostar de ter mais um neto. Apenas acho estranho. Depois de tanto tempo! Ela já sabe?

– Não sei... – respondi –, convém contar a ela? Acho que se alegraria!

Minha nona franziu o cenho:

– Pois trate de ficar bem quieta, mocinha! Mesmo porque, vai que esse “seu anjo” se enganou? De qualquer forma, convém esperar.

Eu achava os adultos cada vez mais estranhos: acreditava que minha nona pularia de alegria com a notícia, mas ela ficou preocupada grande parte do tempo.

Meu pai e dona Regina não se davam muito bem. Ela tinha um temperamento difícil, e enquanto para comigo ele era carinhoso e alegre, bastava vê-la para o seu semblante se fechar. Embora não fosse mexeriqueira, eu acabava notando o que se passava dentro de casa. Pelo que pude notar, o casamento deles não tinha sido feliz até então. Muito diferente de minha nona, ela não gostava de se socializar com o povo da colônia, e os tratava com indiferença e frieza. Tentou algumas vezes tomar conta da venda, mas minha nona logo correu com ela dali: “espanta os fregueses todos”, dizia ela, comerciante nata.

Na verdade, dona Regina era até bem apessoada, cabelos castanhos sempre presos à nuca, um tanto “roliça” de corpo, mas “bem-feita”. Tinha uns olhos castanhos imensos, e quando ficava a bordar à beira da janela, parecia, às vezes, uma “madonna”. Seus traços bonitos ficariam belíssimos se ela sorrisse: coisa rara.

A vida dela dentro de casa era ficar a maior parte do tempo em seu quarto, em bordados e crivos. Saía apenas para as refeições, dando ordens à Joana, que muito achava graça, pois acabava sempre fazendo apenas o que minha nona pedia. Suas únicas saídas eram para a missa, duas vezes por dia, acompanhada por uma amiga ou outra, sempre com o xale muito fechado à altura do pescoço.

Se em casa se sentia deslocada, na casa paroquial ela se soltava: organizava quermesses, donativos, cuidava da limpeza do altar, dos mantos das santas. Tinha bordado um rico manto para Nossa Senhora, e agora estava bordando já outro, igualmente bonito, para Nossa Senhora das Dores. Curiosa, eu espiava de longe, sonhando em um dia usar aquelas lindas linhas coloridas.

Padre Elvídio, bonachão por natureza, esquivava-se dela o quanto podia, mas não deixava de elogiar-lhe o trabalho. É certo que por vezes ralhava com ela, pois seu temperamento forte, e as palavras duras que dizia aos outros fiéis, lhe feriam os ouvidos:

– Cuida de sua vida, dona Regina! O bom Jesus não pregou: “não julgai”? Um pouco de humildade lhe faria bem.

Ela resmungava alguma coisa inaudível, mas não deixava de ficar comentando sobre os fiéis que entravam na igreja: uma moça qualquer que

entrasse, com um decote um pouco mais aberto, era logo chamada de “desavergonhada”, “sem pudor”. Meninos pobres que entrassem descalços eram chamados à atenção, pois em sua opinião, a igreja não era lugar para “mendigos”. Como padre Elvídio não gostava desse tipo de comportamento, e tinha com ela sérias rugas, na frente dele ela se controlava. Mas, era só estar sozinha que quem entrasse na igreja era logo repreendido: pela vestimenta, pelo comportamento, ou por qualquer outra coisa que ela julgasse importante.

Sabendo disso, não me importei mais que me chamasse de “bugre”. Não tinha mesmo nenhum problema com minha origem indígena, e amava minha avó índia da mesma forma que a nona italiana. Minha nona, por mais que tentasse, não conseguia se dar bem com a nora, a quem chamava de “beata”, “implicante”, entre outras coisas. Na realidade lhe doía lembrar-se do comportamento dela de antes do casamento: servil e educada, para depois sofrer transformação tão violenta. Sentia-se enganada, e era isso que não esquecia. Por isso talvez não tivesse ficado entusiasmada com a ideia do neto. Mas eu não via assim, e tentava consolá-la:

– Espera, nona! Com um filho ela há de ficar mais doce!

– Não sei não – resmungava ela –, melhor não discutir essas coisas contigo, Cora! Vamos dar tempo ao tempo. E depois, como já disse, pode ser que você dessa vez tenha se enganado.

Pensativa com tudo isso, no final da tarde encaminhei-me para o quintal de nossa casa. O vento batia nas folhas das árvores, anunciando que logo teríamos um longo inverno. Abrigando-me no pequeno puxado que dava para a porta da cozinha, aconcheguei-me em meu xale de lã, pensativa com a novidade. Não demorou muito senti um suave aroma que lembrava jasmim, e virando deparei-me com Olívia, nas vestes diáfanas de sempre, o vento a balançar-lhe os cabelos levemente alourados cheios de cachos.

– Não sente frio, Olívia? Estou aqui que quase congelo!

Ela se riu:

– Frio nenhum, Cora. Não se preocupe comigo! E então, parece feliz com a novidade. Você vai ter mesmo um irmãozinho, não demora muito.

– Ela já está esperando?

– Ainda não. Mas logo, logo estará. A luz que você viu indica que aquele lugar está sendo preparado para a chegada de mais uma alma nesse vale terreno.

Sorri com a expectativa. Adorava crianças, e estava feliz com a vinda de mais uma, a enfeitar e alegrar a casa. Olívia me olhou do jeito doce de sempre:

– Está certa em ter júbilo com isso, Cora. Cada alma que chega é mais uma chance que nosso Criador nos dá, de aprendizado e de amor. Mas, não são todas as almas que aprendem com facilidade. Esse menino que virá tem forte ligação com ela e com seu pai. É um resgate do passado. Você terá que ter paciência, pois as coisas não vão ficar mais fáceis. Sua nona tem razão em se preocupar.

Olhei-a um tanto surpresa:

– Que quer dizer com resgate do passado?

– O menino que vem tem um trato com os dois que servirão como pais dele. Um trato feito na espiritualidade. Tratos assim são mais comuns do que se pensa, e devem ser respeitados, pois trazem sempre um grande aprendizado.

Com a curiosidade infantil enchendo-me a mente de perguntas, não pude deixar de querer saber:

– Eu também vim por um trato?

Olívia me sorriu:

– Não. Seu caso é diferente: você veio com uma missão. Eles vieram para aprendizado e você também aprenderá muito, mas você está aqui para mais que isso: deve sempre ajudar àqueles que se encontram perdidos, encarnados ou não. Sua missão é a de caridade, da forma mais pura.

Sem saber se me sentia envaidecida, ou amedrontada, olhei-a com certo espanto. Ela continuou:

– Não fique preocupada com isso, pequena Cora. Deus não dá mais do que podemos suportar. E depois, contará sempre com ajuda espiritual. Você será para eles como uma luz num corredor escuro. Nunca estará sozinha!

Ouvindo isso, enorme onda de amor encheu-me o coração de esperança e de fé. Virei-me para falar com ela, para agradecer as palavras de conforto e

sabedoria, mas ela já tinha ido, rápida como sempre. Joana, de dentro da cozinha, cantava uma cantiga de escravos bonita, mas triste, enquanto mexia nas panelas sobre o fogão a lenha. Atraída pelo cheiro maravilhoso que vinha do toucinho frito, entrei na cozinha mais animada, embora ainda curiosa. Não tinha importância: a vida era bela, e eu teria sempre fé, mesmo nos tempos mais difíceis.

Nasce Enrico

MEU IRMÃO ENRICO NASCEU num frio e chuvoso maio, enquanto a natureza se preparava para o rigoroso inverno. Nasceu forte, e seu choro foi ouvido por toda casa, enquanto a nona terminava o parto de dona Regina. Esta sofreu muito no parto, pois o bebê era grande, moreno claro e com os cabelos ainda mais escuros que os da mãe. Tinha eu na época os meus treze anos, e fechei a venda a mando de minha nona para começar uma infinidade de afazeres: ferver a água, ferver a tesoura, trocar os lençóis... era tanto sangue espalhado neles que eu jurei para mim mesma jamais ter filhos! Quando disse isso à nona ela riu-se muito:

– “Guarda” (espera), Cora! É um pouco de dor para um mundo de encantamento. E depois, não é tão medonho assim. Regina é que fez muito escândalo! Meus meninos nunca deram todo esse trabalho.

Tudo que sei é que eu e Joana ficamos olhando bem assustadas todo aquele alvoroço. Meu pai, assim como meu avô, chegariam apenas em dois ou três dias, mas a nona parecia perfeitamente à vontade com toda aquela confusão. Depois de horas e mais horas de gritaria pela casa, ouviu-se o choro de Enrico, forte e zangado.

– *Oh mio Dio, che bel ragazzo!* (Meu Deus, que menino bonito) – exclamou a nona.

Observando pelo vão da porta, pude ver dona Regina muito pálida, recostada no travesseiro. Sabendo da minha vontade de ver a criança, minha nona me chamou:

– Entra, Cora! Vem conhecer seu irmãozinho!

Adiantei-me um pouco, com minha timidez natural, e espiei pelo meio das dobras da manta de algodão. Estava ele ainda muito sujo, com um

pouco de sangue nos cabelos negros... enrugado como ele só! Temi de imediato que o bebê tivesse vindo com algum defeito, pois o rostinho, além de enrugado, estava bem inchado e vermelho.

– Olhe nona! Parece até um indiozinho!

Pois foi a conta. Zangada como só ela, dona Regina expulsou-me logo do quarto:

– Ora já se viu! – rosnou ela. – Essa menina querendo dizer agora que meu filho é bugre também. Já pra fora que não lhe quero perto dele!

E assim foi que por um bom tempo não pude chegar perto de Enrico. Mas isso não mudou meus sentimentos por ele, que depois de alguns dias já estava realmente bonito e esperto. Não dava trabalho nenhum, mamava e dormia o tempo todo. Dona Regina ficou na cama, a dar ordens à Joana. Minha nona resmungava pelo resguardo estar durando tempo demais, mas mesmo assim, ela não se mexia muito.

Meu pai chegou realmente dias depois e ao dar com o filho ficou feliz. Tirou-o do cesto de palha e veio com ele para me mostrar melhor.

– Quero que me ajude sempre a olhar ele. É seu irmão mais novo, e se Regina ainda está toda ciumenta, isso passa com o tempo. Logo ele estará pronto para brincar contigo pelo quintal, e vocês hão de ser bons amigos.

Assim falando, pegou minha mão e passou pela cabeça do menino. O cabelo, de tão fino, parecia uma penugem negra. Podendo olhá-lo finalmente com mais atenção, ele fixou os olhos também escuros em mim, e sorriu, para o deleite de meu pai.

Meu nono, bonachão como sempre, elogiou o tamanho da criança de seu próprio jeito:

– Tinha que nascer grande assim mesmo! Ora já se viu, estão tentando há mais de dez anos. Demorou, mas veio “graúdo”! Mas que moreno, hein? Deve ter puxado a família da mãe.

A esses comentários dona Regina ficava muito vermelha, e voltava para o quarto com a criança. A família de meu pai era toda muito loura, e estava agora o meu pai Adamo com dois filhos morenos.

Quem de nós pode dizer como será o futuro? O que nos aguarda? Olívia me diz que certos acertos são feitos no mundo espiritual, mas na maior

parte das vezes, o livre-arbítrio é quem manda. Somos mais donos do próprio destino do que muitos podem aceitar, e as decisões tomadas hoje, mesmo pequenas, terão seus frutos mais tarde.

Enrico ia crescendo forte, meu pai muito apegado a ele. Dona Regina tinha receio que eu tivesse algum ciúme do pequeno, mas era totalmente injustificado: gostei do menino desde o primeiro choro dele. Não me faltou nenhum afeto por parte de meu pai e de meus avós: me amavam e sempre demonstravam isso. Meu nono Giancarlo continuava me trazendo prendas da rua, e um dia, vendo que eu guardava algumas, ele me perguntou curioso:

– Guarda pra comer mais tarde, pequena? Não precisa. Mais tarde eu te trago mais.

– Não, nono – respondi – guardo para quando Enrico puder comê-las também. Vai demorar muito até ele poder comer os doces?

Meu nono riu muito. Pediu-me pra ver quantas eu já tinha guardado, e eu o levei até uma gaveta de minha cômoda, cheia já pela metade dos doces embalados.

– Pois trate de comê-los, menina, ou eles se perderão. Ainda falta um tempo para ele poder compartilhar contigo. Não se preocupe: quando Enrico puder desfrutá-los, eu trago pra ele também.

Afagando minha cabeça com carinho, ele saiu de meu quarto ainda rindo, indo contar pra minha nona de meu “tesouro guardado”. Olhando aquele mundo de balas e doces, fiquei pensativa: que fazer com elas? De repente me ocorreu: na frente da venda vinham meninos e meninas pobres, eles gostariam. Assim pensando, coloquei-os em uma sacola e fiquei à espera que alguns aparecessem.

O sol já ia pelo meio da tarde, quando Justino apareceu: era um italianinho de cabelos cacheados, castanhos, levando pesada trouxa de roupa por lavar. Estava com as calças já um tanto curtas, e descalço. Minha nona não se importava com os pequenos descalços, e tinha uns hábitos que me faziam rir e me ensinavam muito: quando ela notava que uma família mais pobre vinha comprar o trigo, ou o arroz, qualquer mercadoria que precisasse ser pesada, suas medidas eram sempre mais generosas. Ao invés de um quilo, iam sempre um quilo e um quarto a mais. Não fazia isso com

todos os fregueses, apenas com os que ela sabia necessitados. Da mesma forma com os ovos (dúzia de quatorze era comum para minha nona), e com tudo o mais. Na época, quase tudo vinha em grandes sacos, e era embalado na venda mesmo, em sacos de papel menores e amarrados com barbante, que as senhoras costumavam guardar para fazer tapetes. Já com os fregueses de vida mais farta, a conta era sempre exata. Assim era a matemática de minha nona.

Justino fazia compras conosco pelo sistema de “caderneta”, e nem sempre sua mãe podia pagar corretamente. Viviam de “expedientes” a pobre senhora, muito honesta, mãe de três crianças, viúva já há dois anos. Fazia faxinas, doces de figo para venda, reparos de costura, lavagem de roupa. Enfim, qualquer coisa que lhe rendesse o sustento, pois o marido tinha lhe deixado apenas pequena casa, já muito necessitada de reforma. Tinha apenas uns anos a mais, o Justino, de compleição magra, mas forte. Notava-se nele as roupas pobres e a falta de calçado (muito caro na época), mas tinha um ar tão educado como muitos filhos de famílias abastadas gostariam de ter, sem sucesso.

Simpatizei-me com ele desde cedo, que geralmente vinha carregando os doces. Um dia, puxando assunto, perguntei:

– Que bom deve ser ter uma mãe doceira, não? Sou doida por doces.

Ele sorriu meio constrangido, e eu estranhei, pois era de conversa fácil o meu amiguinho:

– Que foi, Justino? Não gosta dos doces de sua “mama”?

– É claro que gosto, Cora. Mas se nós os comermos, não teremos dinheiro pra mais nada. Os doces são para os fregueses. No máximo, raspamos o tacho. E mesmo isso eu deixo para os pequenos, que têm muito mais precisão.

Sua resposta entristeceu-me, pois eu jamais imaginaria que na casa de alguém pudesse faltar comida. Entendi finalmente o “misterioso” sistema de pesos e medidas de minha nona, e ali aprendi a minha primeira lição sobre caridade: de preferência ela deve ser silenciosa, para não humilhar os mais necessitados.

Meu nono brincava que a venda de minha nona raramente tinha grandes lucros, mas conhecedor que era da mulher, a aprovava sempre, mesmo

porque nada nunca nos faltou. Nossa mesa era farta, nos vestíamos decentemente, não passávamos frio. Assim sendo, quando vi Justino descendo a rua, dessa vez sem os doces, mas carregando trouxa de roupa suja, eu gritei pra ele que aparecesse depois de levar a trouxa para a mãe, que teria uma boa surpresa. E assim foi: pelo menos naquele dia, o sabor do açúcar dos confeitos alegrou meus amiguinhos daquela casa. Meu “tesouro escondido” finalmente achou seus donos.

Os “sonhos” de Cora

ALGUMAS VEZES NA VIDA ouvi pessoas dizerem que gostariam muito de se comunicar com seus falecidos. Fico imaginando o que a maior parte dessas pessoas faria se vissem o que eu quase sempre via.

Na vila éramos todos muito unidos, e ficávamos sempre junto às outras famílias em casamentos, enterros ou batizados. Assim sendo, mais de uma vez acompanhei minha nona a funerais de amigos. Sabedora do meu “dom”, e vendo que eu não tinha muito medo (um pouco de medo sempre aparecia, querendo eu ou não), sempre que um amigo da família morria lá íamos as duas, ela com seu xale preto, muito contida, e eu pensando com meus “sapatos” de ocasiões especiais.

Meu primeiro funeral eu tinha pouco mais de dez anos e, sinceramente, confundia ainda os mortos e os vivos, pois para mim, pelo menos de início, eram bem parecidos. Mais de uma vez os vi contemplando seus corpos no esquife, alguns com franco pavor, outros pensativamente. Claro que não foram raras as vezes em que me escondi atrás de minha nona e fiquei bem quieta. Um ou outro notava que eu os percebia, e uma moça bonita uma vez acenou pra mim, com um sorriso. Dessa não tive medo, estava ali como que para se despedir e vi que estava mais que bem encaminhada, pelas entidades bonitas que a rodeavam. A mãe chorava copiosamente, pois a moça tinha morrido de uma doença dos pulmões, e sofrido muito. Com pena da senhora, e vendo a filha tão linda e tão bem no plano espiritual, achei-me a ela para consolá-la:

– Não fique triste, dona Petúnia! Eu vi sua filha e ela está cercada de anjos. Inclusive uma senhora muito bonita, de vestido azul e cabelos negros.

Ao me ouvir falar assim a pobre senhora arregalou muito os olhos, dizendo:

– Vestida de azul? Cabelos negros? Guarda-me, senhor, que ela está com a minha mãe – e assim dizendo, desmaiou, para minha consternação.

Claro que todos vieram acudir a pobre, enquanto a nona me disse que ficasse quieta e não dissesse mais nada. O que os outros iriam pensar? Depois de alguém esfregar álcool nos pulsos da pobre senhora, ela me fitou no meio de lágrimas, segurando-me pelos braços.

– Ande, Cora! Me diga: o que mais você viu?

Com todos os olhos em cima de mim, alguns cheios de espanto, outros desconfiados, calei-me por timidez. Foi quando minha nona veio em meu socorro:

– Não é isso, Petúnia! Soubemos do acontecido ontem à noite e a Cora sonhou com sua filha! Ela não vê nada, apenas sonha!

Notando que aquela resposta parecia tranquilizar a todos, finalmente disse:

– Sim, dona Petúnia! No sonho ela estava muito bela e disse que a senhora não se preocupasse. E então a senhora de quem eu lhe falei a amparou. Não fique triste, ela está feliz e sem as dores!

Padre Elvídio me deu um olhar meio desconfiado, afinal, não era a primeira vez que ele ouvia falar dos meus “sonhos”. Tinha muita vontade de contar a ele, mas a lembrança da minha parenta trancada num asilo de loucos me continha, e depois, não ia querer desobedecer minha nona.

A verdade é que, numa vila onde os italianos eram a maioria como a nossa, a história dos sonhos pareceu funcionar bem. Devotos da “Madonna” (Nossa Senhora), não tinham dificuldade de entender que uma mocinha tivesse sonhos um tanto “premonitórios”. A verdade é que se desconfiassem que eu via essas entidades de forma clara, como na luz do dia, eu viraria logo motivo de chacota, ou de espanto, e não desejava isso.

Até os meus quinze anos vi diversas entidades: algumas me notavam, pediam que eu mandasse recados (lá ia eu dizendo que tinha sonhado de novo), outras reclamavam da sorte, e quando alguma tinha em si ainda pensamentos ruins, ou desejos funestos, minha proteção logo aparecia, e

elas me deixavam quieta.

Olívia me protegeu e me ensinou muito nessas horas. Não imagino como teria sido sem a proteção dela, pois muitas almas que ainda circundam esse plano estão muito longe da evolução. Ela me explicou que com o tempo eu ficaria mais forte e saberia me defender melhor, mas que, por enquanto, essa proteção era mais que necessária. Assim sendo, fui perdendo meu medo.

Coisa engraçada acontecia comigo e com Olívia: enquanto eu tomava “corpo de moça”, as curvas em abundância, e crescendo na altura a olhos vistos, Olívia continuava a mesma menina moça, linda com seus cachos castanhos alourados. À medida que eu crescia, minha nona parecia ir encolhendo. Estava muito feliz com a “bella nipotina” (neta bonita) que eu estava me tornando. Dizia-se orgulhosa dos meus olhos, da minha pele morena clara, dos meus cabelos muito negros. Enfeitava-me, e meu nono me trazia perfumes quando viajava. Um belo dia estava eu à porta da venda quando tio Benito comentou:

– Mas que “bella”! Está “encorpando” a pequena Cora. Vou falar com seu pai que precisamos logo lhe arrumar um pretendente.

Minha nona, que vinha vindo do interior da venda e ouviu a conversa de meu tio, ficou logo irritada:

– Que é isso, Benito? Está “pazzo” (louco)? Não passa de uma menina. Cora ainda vai ficar com sua nona um bom tempo.

E correu com ele da venda. Por minha nona eu não me casaria nunca, e ficaria sempre com ela. Mas para mim os mistérios do amor eram apenas coisa de livros, que eu lia antes de dormir. Na vila era comum moças ficarem noivas aos quatorze ou quinze anos. Alguns rapazes realmente já me colocavam um “olho comprido”, como dizia meu pai, mas a vigilância da família era feroz, e manter-me pura parecia ser muito importante.

O pequeno Enrico fez dois anos, e era uma criança alegre apesar das suas pequenas deficiências: ainda não andava e não falava quase nada. A nona culpava dona Regina pelo excesso de mimos, mas eu já estava achando estranho, pois nem de reclamar ele era. Via os outros pequenos “bambinos” andando pela venda, a mexer em tudo e derrubar coisas, enquanto o pequeno Enrico ficava lá, recostado em sua cadeirinha, sempre quieto.

Era alegre, e ao me ver sempre me brindava com um daqueles sorrisos estonteantes. Dona Regina falava sempre que o seu menino era “um santo”, que não lhe dava trabalho nenhum, e isso realmente era verdade.

A passagem dos anos não fez bem a dona Regina, que depois do parto continuou a engordar. Dedicava-se cada vez mais ao menino, mas notava nela um sentimento de “despeito” pelo meu talhe esbelto e pude perceber nela sentimentos maliciosos direcionados a mim. Continuava a me chamar de “bugre”, coisa que não me importava, mas que deixava a nona bastante irritada. Joana, da sua cozinha, ia se tornando uma mulher de trinta anos bem bonitona, as ancas largas, a cintura muito fina. Fazia de tudo pela minha nona, e um dia, enquanto eu “revistava” o seu tacho de doces, ela me perguntou:

– Cora, não acha que sua nona está magrinha demais?

Pela primeira vez olhei minha nona com atenção, no corredor que dava para a venda. Ela nunca tinha sido gorda, mas agora realmente parecia mais magra. Mesmo a postura, sempre ereta, parecia um tanto encurvada. Suave aperto me passou pelo coração:

– Acha que ela está doente, Joana? Mas nunca a vi queixar-se de nada.

Joana deu uma risada baixa:

– E você já viu sua nona se queixar de algo? Nem se queixa e nem fica parada. Mas tenho notado que ela não está comendo como antes. Já quase não se alimentava, mas agora, come como um passarinho!

Calei-me, pensativa. Enquanto isso dona Regina entrou na cozinha, indo direto para a lata de biscoitos, que carregou com prazer. Joana não pôde deixar de comentar:

– Enquanto sua nona nada come, essa aí se empanturra. Vai ver dona Cora parou de comer por isso: medo que falte comida pra todos, já que Regina consome tudo que vê pela frente!

Lembrando do feroz apetite de minha madrasta, não pude deixar de rir. Encaminhei-me para a venda onde a nona me esperava, já ensacando em pacotes menores a farinha e o feijão. Olhei-a de soslaio, como a reparar nela. Parecia tão disposta sempre, não podia ser doença.

– Nona, está comendo direito? Parece tão magra. Não quer que lhe traga

algo?

Tirando do rosto a longa mecha de cabelo grisalho que teimava em escapar dos grampos, ela me sorriu:

– Velhos têm menos apetite, menina Cora. E depois, não quero engordar demais. Já chega Regina, que teve de reformar o guarda-roupa inteiro.

Não pude deixar de concordar com ela. Mesmo assim, fiquei “vigiando” para que ela comesse melhor, afinal, ela era a pessoa de quem eu mais gostava na vida.

Os homens da casa continuavam em suas viagens, com seu comércio e travando novos conhecimentos. Tio Benito havia conhecido bela mocinha, descendente de portugueses, numa dessas cidades em que fazia sua rota. Não foi sem surpresa que, voltando de uma das viagens, comunicou à família em meio a um dos ruidosos almoços de domingo que pensava em se casar. Minha nona logo se preocupou: quem era a moça? Era católica? Quantos anos tinha? De que família era?

Meu tio, que já esperava semelhante interrogatório, ia sorrindo e respondendo: Era uma moça bonita, descendente de família de portugueses, que tinha um comércio de “Secos e Molhados” numa cidadezinha a dois dias de viagem. Era católica e muito devota de Nossa Senhora, e já contava com os seus vinte e dois anos.

Por fim, virando-se para o meu nono, ela disse:

– Giancarlo, vamos ter que construir um quarto a mais na casa. Não quero que a moça se sinta mal aqui, e um casal novo deve ter privacidade!

Notei que meu nono baixou a cabeça e depois olhou sério para tio Benito:

– Ande, Benito! Conta pra sua “mama” onde pretende morar.

A esse comentário, minha nona levou a mão esquerda ao peito:

– Vai morar conosco, não é mesmo?

Muito vermelho, meu tio abaixou a cabeça:

– Mas, mama, a menina tem os pais bem de vida, mas é a caçula de cinco irmãos, todos já casados e fora de casa. Por isso se casa aos vinte e dois, e não aos dezesseis como fazem as moças daqui. A única condição que meu sogro me pediu, foi que a filha continuasse a morar com eles. Já estão em

idade avançada, e não querem ficar sós.

Ao saber que o filho caçula iria morar longe, foi a vez de minha nona avermelhar-se; seguiu-se então uma discussão acalorada da parte dela, que exclamou:

– “Figlio ingrato! E io non sono vecchia?”(Filho ingrato, e eu não sou velha?)

Daí por diante foi uma série de impropérios, todos em italiano, e mesmo com meu conhecimento da língua, alguns eu entendi, outros nem tanto. Meu nono apressou-se em colocar “panos quentes”, e tio Benito argumentava que não era assim tão longe, que ele viria sempre. Porém, deixando o guardanapo sobre a mesa ela retirou-se, a lamentar-se em sua língua nativa.

Fui atrás dela tentando consolá-la. Minha origem indígena me fazia uma pessoa bastante discreta, e até quieta. Logo, quando via tamanhas discussões terminando em gritos e choro, assustava-me também. Abraçada a mim na cama, minha nona enxugava as lágrimas que escorriam pelo rosto. Às poucas vezes que tentei argumentar, seguiam-se novas lágrimas, e por fim, eu me calei e deixei que ela desabafasse. Passou dias emburrada com tio Benito, que abaixava a cabeça sempre que a via. Porém, uma semana depois, ela permitiu que ele se achegasse de novo, e perguntou-lhe:

– Quando é “il matrimonio”? (Quando é o casamento?)

Um tanto medroso, ele respondeu:

– Coisa de dois meses, mama...

Resmungando algo inaudível, ela finalmente respondeu:

– Arre! Vamos ter que fazer roupa pra família inteira!

Gostei da novidade de roupas novas. Dona Cândida, costureira de “mão cheia”, se incumbiria das roupas da família. Para facilitar seu trabalho “hospedou-se” em nossa casa por mais de cinco dias, a tirar medidas e fazer cortes. Apesar dos protestos (dizia que não precisava dessas coisas) meu nono ganhou bela casaca, meu pai e tio Benito ternos novos, dona Regina um grande vestido verde (acredito que foi quem mais consumiu tecido), minha nona um vestido negro muito bonito, com golas de renda branca.

Quanto a mim, um tanto atarantada com todo aquele movimento, ganhei

minha primeira roupa de moça, e (imagine só) um corpete cheio de ilhoses de ferro. Olhava-me vaidosa no espelho enquanto o acessório parecia querer quebrar-me ao meio. Resmunguei, argumentei, mas não teve jeito: minha nona achou-me “molto bella” (muito bela) e não abriu mão dele. Ah! Já não me bastavam os sapatos. Aborrecida, encaminhei-me para o quintal onde pude ouvir as risadas de Olívia:

– E então, Cora? Queria tanto ficar moça. O que está achando de crescer?

Era verdade que na infância muitas vezes tentei me imaginar moça, fantasias de menina depois alimentada pelos romances. Mas não me lembrava de romance nenhum que citasse a armadilha que eram os corpetes.

– Ainda bem que não vou ter que usar “aquilo” o tempo todo! Não sei como as outras moças aguentam.

Suspirando de desânimo, sentei-me ao lado dela. Olívia era alegre, e vê-la era sempre um contentamento.

– E Enrico, como está?

– Belo como um príncipezinho! – disse-lhe. – E é tão quieto que nem parece que temos um bebê em casa.

Olhando ao longe, ela me perguntou:

– Sua nona não estranha a “quietude” do menino?

– Às vezes. Diz que nenhum bebê na nossa família foi tão quieto. Mas também, com dona Regina cercando-o durante todo o tempo, ele acabou ficando um pouco “preguiçoso”.

Parecendo aceitar a explicação, ela mudou de assunto:

– E seu tio? Animado com o casamento?

Foi minha vez de sorrir:

– Pois olhe, foi tanto “espalhafato” com a notícia que acho que ele está é meio tonto. Pobre tio Benito, sempre tão tranquilo. A nona não gostou da novidade de início, mas agora a casa vive cheia de gente a fazer doces e roupas para o casamento. Conhece a noiva dele, Olívia? É boa pessoa?

– Albertina é uma moça de gênio fácil, muito diferente de dona Regina. Sem falar que é uma beleza de moça! Gostará muito dela, Cora. Ela e seu

tio se conhecem de longa data.

Curiosa como sempre, não pude deixar de perguntar:

– Tio Benito então a conhece há muito tempo? Mas só viemos a saber dela agora?

– Estão juntos há muitas existências. Albertina já tem um grau de evolução elevado, e foi dela o pedido de reencarnar com ele, que ainda tem algumas “arestas” a aparar. Sua nona, apesar de ciumenta, gostará muito dela.

Fiquei feliz ao saber que, apesar de longe, meu tio seria feliz. Tinha grande simpatia pelo meu tio bonachão, que sempre me trazia lembranças. Perdida em meus pensamentos, não reparei que Olívia me pareceu um tanto séria:

– Cora – disse-me ela –, sabe que as pessoas não duram na Terra para sempre, não?

Um tanto ressabiada, respondi:

– Claro, Olívia. Afinal, converso com muitos dos que já se foram, não é?

Ela assentiu:

– Esse seu dom é ao mesmo tempo um presente e uma responsabilidade. Como a maior parte dos dons, aliás. Uma pessoa de sua família está chegando ao fim de sua jornada terrena, e você não deve se entristecer com isso. É uma boa pessoa, que na realidade volta ao seu lar verdadeiro.

Apesar de saber da vida após a morte, grave aperto se instalou em meu peito. Alguém de minha família? Quem? E como Olívia sabia o que estava por vir, se ela mesma me dizia que “o futuro a Deus pertence”? Com a agilidade dos espíritos, ela leu meus pensamentos e respondeu-me:

– Não há previsão de futuro, Cora, mas alguns espíritos, antes de reencarnarem, fixam sua data de volta ao nosso plano, na medida em que alcançam seus objetivos. Cada caso é um caso. A pessoa que volta para nós fará mais progresso em seu crescimento aqui do que na Terra, e sua ausência causará uma grande mudança, trazendo assim novos aprendizados. Quer saber quem virá?

– Não – respondi rápido. – Será antes ou depois do enlace de tio Benito?

Ela pareceu pensar um pouco:

– Depois. Peço-lhe que não diga a ninguém o que lhe disse agora. Não há como evitar esse acontecimento. E fique tranquila, será rápido e a pessoa quase não sofrerá.

Lágrimas me vieram ao olhos. De forma nenhuma queria saber de quem ela falava. “Confie em Deus e reze”, foram suas últimas palavras. Não é preciso dizer que não dormi por vários dias, mas mantive-me no meu propósito de não perguntar mais nada. Teria confiança em Deus como ela me pediu, mas algo me dizia que as coisas não seriam fáceis.

A família de Albertina

ENTREI DE VOLTA NA casa de minha nona pensativa e triste. Por mais que Olívia quisesse me convencer de que o plano espiritual era nosso verdadeiro lar, e que estávamos aqui só de passagem, não me conformava. No jantar sentei-me quieta, a me perguntar quem deles iria embora. Meu nono parecia forte como sempre, com a sua gargalhada de trovão ecoando pela casa. Tio Benito, nem se fala: ansioso pelo casamento, era pura alegria. Olhei de soslaio para dona Regina, por mais implicante que fosse, não gostaria que ela morresse, afinal, o pequeno Enrico sofreria muito sem a mãe.

Dessa forma fui olhando cada um deles, até que meu olhar se fixou em minha nona. Lembrei-me dos comentários de Joana sobre como ela estava emagrecendo, e forte pesar invadiu o meu peito: minha nona não! Qualquer um, menos ela! Segurei as lágrimas o quanto pude, torcendo as mãos por debaixo da mesa; num silêncio contido, encaminhei minha prece para Deus: minha nona, não! Eu não deixaria. Faria com que ela se alimentasse melhor, cuidaria para que não se cansasse.

Ao me ver ainda mais quieta do que de costume, ela começou a me olhar desconfiada:

– O que você tem, Cora? Que carinha é essa? Alguma dor?

Como eu não respondesse de pronto, ela virou-se para meu nono, que estava a seu lado:

– Andou dando doces de novo pra ela antes da janta? Já não lhe disse que assim você “estraga” essa menina?

Meu nono olhava pra ela meio tonto, afinal, não tinha me dado doce nenhum. Já ia protestando quando eu soltei um soluço e corri para meu

quarto, deixando todos boquiabertos. Fechei a porta atrás de mim e, finalmente, soltei as lágrimas. Pediria a Olívia que nunca mais me alertasse para tais notícias, preferia mil vezes não saber!

Deitada em meu leito, lembrei-me de toda a minha vida depois que a tinha conhecido: seu amor e sua dedicação tinham sido o meu alicerce mais seguro. Ela mesma tinha me ensinado as letras, e os números para as contas da venda. Tinha me vestido, protegido e amado, com um amor que eu só tinha visto antes em minha avó índia. Dentro de mim a tristeza e o desespero finalmente iam se transformando em esperança e fé: Olívia dizia sempre que o futuro a Deus pertence, e eu faria tudo para salvar minha nona.

Nesse estado de emoção eu estava quando ela entrou em meu quarto, com a testa franzida de preocupação. Eu jamais tinha tido uma atitude como aquela antes, e não era de choro fácil. Olhando-me da porta, ela se aproximou vagorosamente, enquanto eu escondia as lágrimas. Finalmente ela me disse:

– Que houve, Cora? Esses seus “anjos” andaram lhe dizendo algo de mal? Você nunca teve esses “ataques”. Ande, conte pra sua nona.

Tentei pensar rapidamente numa desculpa sem muito sucesso: não poderia dizer a verdade a ela, pois aí seríamos duas a chorar. E depois, eu não sabia na realidade quem partiria: qualquer comentário seria desastroso. De repente, uma ideia ocorreu-me:

– Estou triste porque tio Benito não vai mais morar conosco, nona. Gosto tanto dele! É tão brincalhão, e agora vai pra longe!

Sem imaginar que eu fosse tão emotiva, minha nona lembrou-se logo de seus sentimentos quando soube do casamento dele, e assim assentiu tristemente:

– É verdade! Meu Benito vai pra longe. Mas são só dois dias de carroça até lá. Tenho certeza que sempre que puder, ele virá nos visitar.

Querendo que ela se distraísse, completei:

– Meu “anjo” esteve aqui e me disse que a moça é muito boa, e que a senhora vai gostar muito dela.

Ela me olhou desconfiada:

– Ora vejam só. Disseram isso, foi? Tomara! Meu Benito bem merece uma boa moça. Seu pai é que não deu essa sorte. Além do gênio ruim, a beleza que ela tinha agora está escondida naquela gordura toda!

Querendo contemporizar, eu a lembrei:

– Mas veja, nona, como Deus é generoso: mesmo assim ela nos deu Enrico, que é a nossa alegria!

Ela me olhou com o mesmo olhar maroto de sempre:

– Não tem mesmo jeito, Cora! Sempre a ver o lado bom das coisas. Mas está certa: Enrico realmente é um mimo. Mas, quieto demais, não acha? Meus meninos na idade dele já davam bastante trabalho.

Assim, dando-me por consolada, ela se foi. Ela tinha cuidado de mim a vida toda, agora era minha vez de cuidar dela. A ideia fixa que tinha de que minha nona iria embora com Deus motivou-me a olhar por ela com afinco, o que acabou por render algumas cenas engraçadas: cismada com a magreza dela, fiquei a levar-lhe doces e comida sempre que podia, assim perturbando também a querida Joana, cúmplice fiel, que agora todas as tardes fazia algo de mais apetitoso para que eu levasse para a nona.

Era um festival de “bolinhos” fritos na banha, doces dos mais variados tipos (goiabada, marmelada, de mamão), biscoitos feitos com manteiga... Inventamos até um “arroz doce” que mais parecia um manjar dos deuses, regado a mel, leite gordo e geleias. Minha nona, sempre ocupada na venda com seus fregueses, de início aceitou as minhas “gentilezas”, mas depois de um tempo começou a estranhar:

– Pra que tanta comida, Cora? Quer me engordar?

Ao que eu tentava disfarçar, dizendo:

– Come, nona! Joana fez com tanto carinho pra senhora. E depois, está mesmo muito magrinha: precisa se fortalecer, ou no casamento de Benito vão achar que passa fome em casa. Já pensou?

Esse último argumento valeu um pouco. Ela não ia querer que pensassem mal dela, ou que na sua casa não houvesse fartura. Assim, meio a contragosto, ela comeu dos quitutes e assim ganhou um pouco mais de peso.

Quem estranhou aquela fartura nos lanches e nas jantas foi dona Regina.

Deus, que apetite ela tinha! É verdade que Joana era uma fada na cozinha, mas a voracidade de minha madrasta me deixou pensativa: e se fosse ela que iria embora? Entrava na cozinha atraída pelo cheiro, e logo em seguida comentava:

– Que está fazendo agora, Joana? Pra que tanta comida? Que desperdício. Tem sorte de ser dona Cora quem toma conta da casa, se fosse comigo não haveria tanto luxo.

Joana às vezes respondia, às vezes não. Sabia que, apesar das reclamações, era ela quem consumia boa parte dos “acepipes”. Como gostava muito de cozinhar, não se cansava com facilidade, e depois, eu ajudava na limpeza.

Logo chegaria a data do casamento de Benito, um tanto perdida no meio do alvoroço que a festa trazia, e pensando já estar resolvendo “o problema” da nona, finalmente deixei me levar para os preparativos. A família da noiva havia pedido que levássemos os doces da festa, que o resto seria com eles. Nunca passei tanto tempo na cozinha, pois os afazeres eram diversos: descascar frutas para as geleias e os doces em calda, fios de ovos para enfeitar a mesa (esses sim, bem trabalhosos, e exigiam uma certa maestria na hora de manipulá-los), bolos recheados de frutas, biscoitos... Enfim, um Deus nos acuda. Não posso dizer que fiquei triste com aquele acúmulo de serviço, muito pelo contrário, agradei aos céus, pois assim pensaria menos em coisas fúnebres.

O bolo da noiva seria feito lá mesmo, pois dois dias de viagem em carroças não seriam fáceis. Mesmo assim, cinco dias antes do casamento, lá fomos nós, devidamente “enfatiotados”. Tio Benito com um ar bastante feliz, e minha nona a dar ordens sem fim no embarque das guloseimas. Meu nono nervoso com tanto espalhafato, cansado de esperar, ao lado da carroça principal, e meu pai envolvido com dona Regina e Enrico, este sorridente como sempre, ao contrário da mãe, que implicava com tudo.

Espertamente refugiei-me na carroça do meu nono. De jeito nenhum queria enfrentar uma viagem daquela duração com dona Regina a ralar comigo o tempo inteiro. Joana foi com eles (seu irmão ficou tomando conta da casa), e eu postei-me entre a nona, o nono e tio Benito. Minha primeira viagem foi da aldeia para a casa de meu pai, agora eu estava um tanto

ansiosa pela experiência da segunda. Éramos uma família alegre e barulhenta, unida, feliz. O vento minuano balançava as folhas das árvores em um murmúrio, às vezes bonito, às vezes amedrontador nas madrugadas geladas de então.

Guardei fundo no meu coração o balançar da carroça, numa estrada plana, montanhas muito distantes, bastante tranquila. Vez por outra grupos de tropeiros passavam por nós e eu podia ver os senhores e os rapazes com o rosto corado pelo frio, mas na maior parte sorridentes. Sorridentes demais para o gosto de minha nona, que me fez entrar na carroça assim que alguns deles a passar nos saudaram tirando o chapéu.

– Mas que “prenda” mais linda! – falou um deles.

Foi a deixa para que meu nono, de cenho fechado, respondesse:

– É bela sim, mas de família! Cora, coloque essa menina dentro da carroça enquanto passamos por esses atrevidos!

Ouvi a risada deles enquanto a nona me empurrava pra debaixo das lonas, a me recomendar que ficasse quieta. Pela primeira vez eu notava que era atraente para os rapazes. Na vila todos me conheciam, e me tratavam por “Corinha”. Às vezes eu notava algum rapaz me olhando fixamente, coisa que muito me desconcertava, pois a timidez da origem indígena e a falta de traquejo social me faziam pensar que podiam estar a notar “qualquer coisa errada”, como uma blusa suja, ou algo assim.

Coisa estranha acontecia comigo: por mais que eu me escondesse, acabava chamando a atenção. Numa terra de gente clara, eu me destacava pelos cabelos negros, compridos e lisos, na altura da cintura. Na aldeia a pele clara e os olhos verdes causavam também estranheza ao povo. Minha casa tinha dois espelhos: um de “meio corpo”, na sala, com moldura de madeira forte, e outro no quarto de minha nona, que ela chamava de “espelho de alfaiate”, pois esse sim mostrava o corpo inteiro. Eu era mais alta que as moças da colônia, que agora se chamava “vila”, mas nada que destoasse demais. Os rapazes do lugar ainda eram bem mais altos do que eu, sendo raro um da minha altura.

Nos romances que lia, trazidos pelo nono e por meu pai, as mocinhas eram quase sempre louras, frágeis e bem magras. Eu estava longe de ser gorda, mas também, magra não era. Tinha ficado moça um ano antes, e

agora, o que antes era um “corpo reto”, já denunciava algumas curvas. Olhando-me nos espelhos, achava-me saudável e forte, como as moças índias costumam ser.

Ingenuamente pensei que os rapazes preferissem as louras e frágeis moças dos romances. Louras assim tinham muitas na vila, algumas lindas, outras nem tanto. Agora, com aqueles moços me dirigindo tais cumprimentos envaideci-me um pouco.

Chegamos à vila de Albertina ao cair da tarde. Era uma vila maior que a nossa, parte do chão da rua calçada com pedras regulares. No centro, uma pequena praça, com um coreto bonito e alguns senhores sentados nos bancos de madeira. Notei a iluminação a gás, muito bonita, dos postes de então. Paramos em frente a bela casa branca, de jardins muito bem cuidados, e uma senhora negra já com os cabelos brancos, mas de olhar muito ativo, nos olhou com curiosidade. De repente, algo se acendeu em seu olhar e ela partiu pra dentro da casa, a chamar:

– Dona Assunta! Dona Assunta! Acho que os italianos chegaram!

Tio Benito desceu logo da carroça, ajudando a nona a descer. Ela olhava tudo muito admirada, e tentava colocar ordem na roupa, amassada pela viagem.

– Mas que “bella casa”, hein, Benito? “Essi deveno essero richi” (eles devem estar bem de vida)!

Ele olhou pra ela, em tom de censura brincalhona:

– Estão bem sim, mama. Mas aqui devemos falar o “portoghese” (português). Eles não falam nada de nossa língua.

Murmurando um “sim... sim” ela ajeitou os cabelos. A carroça de meu pai vinha logo atrás, com Regina a resfolegar, muito vermelha, enquanto Enrico dormia na parte de trás, cuidado por Joana. A porta abriu-se e uma senhora com os cabelos rajados de branco, pequena e roliça, veio para fora. A pele era muito branca, as bochechas rosadas pelo frio. E o sorriso era acolhedor!

– Que bom que chegaram! Esperamos desde o almoço, e eu estava a ficar preocupada! Mas entrem e fiquem à vontade: os empregados vão cuidar dos “malões”. A senhora deve ser dona Cora! Mas como é nova! Nem parece ser mãe de Benito!

Gostei dela de imediato, e acho que a nona também. Acostumada que estava com as companheiras italianas da vila, tinha um certo receio da sogra portuguesa de Benito, principalmente por ele ter contado da situação financeira deles, que era muito boa. Minha nona tinha vindo de gente humilde, mas “letrada” (gostavam de ler e escrever), como ela mesma gostava de dizer. Dona Assunta era uma boa pessoa, e nada tinha de afetação: depois de dar um abraço apertado na nona, cumprimentou o nono com entusiasmo, e parou diante de mim:

– Mas, quem é essa, Benito? Que beleza de moça!

Sem saber o que fazer, encolhi-me por trás da nona:

– É a minha sobrinha Cora, filha de meu irmão Adamo.

Depois disso fomos colocados casa adentro sem maiores cerimônias. O chão parecia um espelho de tão polido, e um lustre de cristal estava no meio da sala. Pus-me debaixo dele a espiar, embevecida com o prisma das cores que o sol poente delineava nele, pela grande janela aberta. Dona Regina, ao me ver encantada com o lustre, parou ao meu lado e ralhou:

– Não mexa em nada aqui! É tudo coisa de gente rica, custa muito dinheiro.

Muito ofendida por suas palavras, que eu não era de mexer em coisas alheias, retirei-me de perto dela. Três empregados (dois negros fortes e uma negrinha muito faceira) empurravam os malões escada acima do sobrado, enquanto íamos sendo escoltados aos nossos aposentos. Joana ficou comigo (a nona apresentou-a como se fosse da família), em um quartinho muito cheiroso, que dava para o quintal da casa. Dona Regina, meu pai e o pequeno ficaram em um outro quarto, maior, em que um berço tinha sido providenciado, e meus nonos ficaram numa bela cama de dossel, num quarto extremamente limpo e bonito, com vista para a praça. O sobrado era muito maior por dentro do que visto da rua, e avançava para dentro do terreno.

Mal tinha acabado de me instalar e ouvi uma risada alta, mas de som cristalino, e então vi uma moça bem mais baixa do que eu, cabelos castanhos de cachos largos, presos na nuca, e olhos imensos e doces: era Albertina, que chegava carregada de flores.

– Benito! Que bom que chegaram. Fui ao mercado comprar essas flores

para alegrar a casa. Meu pai também logo chega, que hoje fecha mais cedo a loja.

Olhando-a, vi em torno dela uma luz que só podia ser de alegria genuína. Hoje posso dizer que os traços não tinham a perfeição de uma estátua grega, mas eram extremamente harmoniosos entre si. Não tinha ela aquela beleza tradicional: o nariz era “um tantinho” pontudo e a boca pequena. Mas que dentes lindos, que pele perfeita! Olívia tinha toda razão: era uma bela moça a Albertina de tio Benito.

Minha nona gostou dela de imediato. Tinha meus receios, pois a sabia “ciumenta” de quando em vez (principalmente dos filhos), mas ao vê-la assim tão alegre e faladeira, identificou-se com ela de pronto. Feitas as apresentações, dona Assunta, a nona e Albertina dirigiram-se para a varanda, sentando-se nas cadeiras de ferro batido, muito bonitas, a contemplar o jardim. Minha nona chamou-me para perto delas e, orgulhosa, apresentou-me à nova integrante da família:

– Albertina, essa agora é a sua sobrinha, minha neta Cora.

Ao me ver chegar um tanto cabisbaixa, mas sorridente, ela tomou-me das mãos, e sem nenhum pudor olhou-me de cima a baixo:

– Mas é filha de seu Adamo? Tem os olhos do pai, mas não se parece em nada com dona Regina.

“Graças a Deus!” – pensei eu. A nona explicou logo que eu era filha de “um casamento anterior”, e logo tratou de gabar-me os dotes. Falou de meu suposto “jeito para o comércio”, e que lia e escrevia muito bem. Sentei-me perto de Albertina, ainda encantada com as luzes que via em torno dela, quando percebi, bem no canto da varanda, a espiar-nos com curiosidade, pequeno menino moreno claro, descalço, os cabelos lisos um tanto compridos. Sorri para o menino que se assustou comigo, e saiu apressadamente para os fundos da casa. Sem ainda atinar no que tinha visto, imaginei-o irmão de Albertina ou algo assim e logo perguntei-lhe:

– Tem irmãos, Albertina?

Ao me ver falar pela primeira vez, ela prestou atenção, e então me respondeu:

– Sou a caçula de seis irmãos. Todos já bem casados e pelo mundo. Tenho

uma irmã mais velha que mora a alguns dias daqui, e o resto são homens feitos. Um trabalha com o pai, mas a maior parte decidiu-se por seus próprios comércios. Logo, nessa casa imensa estamos hoje apenas minha mãe, meu pai e eu, além dos criados, é claro.

Dona Assunta deu largo suspiro:

– Por isso ficamos tão felizes de Benito consentir em morar conosco! Essa casa antes era cheia, pelos filhos e amigos, mas agora, somos só nós três. Fique tranquila, dona Cora, que seu filho aqui será tratado como se nosso fosse.

Ia perguntar do menino que tinha visto, a espiar-nos do canto da varanda, mas calei-me. Intuitivamente notei que ele já não estava entre os vivos, e não querendo gerar desconforto, calei-me a escutar a agradável conversa delas. Minha nona estava bonita de vestido novo, os cabelos presos. Olhando as outras duas pensei em como seria ela quando nova: tinha os traços bonitos e suaves em um gênio decidido e honesto. Orgulhei-me muito dela, de sua história e de seu imenso coração. Suave aperto me veio ao peito: seria ela quem iria embora? Estando ela de mãos dadas comigo, não pude furtar-me de apertar um pouco mais os meus dedos nos dela, como a querer mantê-la ali eternamente. Ao sentir a pressão nos dedos, ela me olhou curiosa:

– Que foi, Cora? Está triste? Que é que tanto me aperta a mão?

– Não sei... – respondi-lhe – de repente me veio uma saudade da senhora! Agradeço a Deus todos os dias por tê-la comigo!

Olhando-me surpresa, ela me disse baixinho:

– Que foi? Algum “sonho” comigo?

Sorri depressa para afastar dela qualquer augúrio:

– Claro que não, nona. É só “bobagem de moça”.

E assim, dei-me por feliz quando dona Assunta, com uma boa e incansável conversa chamou-lhe a atenção para algum assunto da comemoração do casamento. Observei as duas a discutir amigavelmente sobre o cardápio e os doces a serem servidos, e só então fui informada da duração da festa: três dias inteiros, começando numa sexta-feira. Pelo jeito, não eram só os italianos que gostavam de uma boa comemoração.

Festa na vila e Alberto

AINDA HOJE ME LEMBRO desses dias como os mais gratos de minha vida. A festa foi realmente bela e simples. Apesar de serem abastados, os pais de Albertina fizeram a festa na praça em frente da casa, acolhendo assim quem quisesse participar e felicitar os noivos. A cerimônia foi no primeiro dia, uma sexta-feira ao cair da tarde, na igrejinha de frente a esta mesma praça. Tendo eles muitos conhecidos na vila, não eram poucos os que chegavam, alguns com ricos presentes para os noivos: toalhas bordadas, peças de fino cristal, fruteiras, belas taças, louças. Alguns, no entanto, dada a sua origem humilde, vinham com presentes mais simples e até engraçados: não foram poucos os que trouxeram alguma criação; logo, o quintal da casa ficou um festival de galinhas, porcos e até um orgulhoso ganso, a bicar e ganir, muito irritado com aquilo tudo. Pude notar dona Regina bastante agastada naqueles dias, parecia se incomodar grandemente com todo aquele alvoroço:

– Desperdício! – disse-me ela, um tanto afastada dos demais, com Enrico no colo. – Gente abastada não precisa ficar assim, dando mostras de sua riqueza! E olhe só alguns convidados, algumas crianças nem sapato têm!

Observei e vi que era verdade. Alguns pobres meninos vinham de roupinhas um tanto gastas, algumas até cerzidas em lugares mais usados, como os cotovelos e os joelhos. Porém, isso não lhes tirava a alegria – muito encantados com a mesa de doces, esperavam pacientemente (mas não sem sofrimento) estes serem servidos. O belo menino que tinha visto na casa de Albertina estava mais ao longe, a sorrir com todo aquele alvoroço, e ao me ver, acenou pra mim amigavelmente. Quem seria?

Joana, ouvindo os “maus-bofes” de dona Regina, virou os olhos para o alto, como se dissesse “dai-me paciência, Senhor!” e escapuliu para perto

da nona, a vigiar a mesa de doces de possíveis intrusos. Ao me ver chegar, segredou-me:

– Santo Deus! Eu não sabia que ia ter tanta gente na festa! Ainda bem que passamos boas semanas fazendo doces, ou não sei como seria agora.

Na verdade, era a festa mais democrática que já tinha visto: no início eram pobres e ricos andando lado a lado, nas mesinhas postas com capricho e toalhinhas trabalhadas. Curiosamente, os pobres ficaram no lado esquerdo da praça e os ricos, no direito, sem nenhuma separação feita pelos donos da festa, sentindo-se melhores entre os próprios amigos e conhecidos. Os músicos tocavam furiosamente, no coreto, modinhas populares e até alguns clássicos, e ao final do primeiro dia, pude ver alguns casais dançando sob a luz das estrelas e dos lampiões que cercavam a praça, entre eles, meu tio Benito e a noiva, em belo vestido bordado de pequenas margaridas, resplandecente de felicidade.

Perto das dez da noite os músicos encerraram a festa do primeiro dia, avisando que lá estariam para o almoço do dia seguinte para quem quisesse continuar a celebração, e assim foi.

Um tanto exausta, a nona entrou na casa, acompanhada por dona Assunta, que vinha com uma expressão também cansada, mas feliz. Os noivos se retiraram para o quarto preparado para eles lá pelas nove, escapando do “rebuliço” e ouvindo ainda as músicas vindas do coreto. Meu nono só voltou lá pelas onze da noite, acompanhado do pai de Albertina, muito tocado pelo vinho, todos os dois:

– “Dio santo” (deus santo)! Mas que festa! E amanhã continua???

– Claro! É a minha filha caçula e o teu filho, merecem toda comemoração. No domingo à tarde terminamos.

E foram para a cozinha imensa da casa, a continuar a conversa. Ainda um tanto “atarantada”, minha nona sentou-se numa confortável poltrona, a abanar-se um pouco. Vendo-me ao lado de Joana, só teve forças para me dizer:

– Já para o quarto, Cora, que amanhã levantamos cedo pra providenciar mais doces. “Dio Mio” (meu Deus), quantos “bambinos”!!! E como estavam esfomeados!

– É verdade, nona, mas que felizes ficaram, não? E que sucesso fizeram as suas balas!!! Mas deixe que eu e Joana amanhã levantaremos mais cedo e vamos fazer mais algumas. Sabe como gosto de cozi- nhar.

Ela me sorriu, um tanto cansada:

– É “vero” (verdade). És mesmo uma fadinha para fazer doces, e tudo mais. Nesse ponto, acho que “puxou” pelo meu lado da família: as mulheres eram cozinheiras excelentes. Mas vamos dormir que amanhã o dia continua, e aqueles pequenos estarão lá, de olho na nossa mesa.

Entrando em meu quarto com Joana olhei para o quintal da casa: as novas criações, presentes para os noivos, estavam lá, na maior parte dormindo pelo cansaço do dia. Apenas o ganso continuava de pescoço muito erguido, desconfiadíssimo. Lavando o rosto numa pequena bacia, Joana e eu comentamos um pouco mais da festa, das moças e rapazes do lugar, e finalmente dormimos, exaustas. Levantamos as duas muito cedo, e nos encaminhamos para a cozinha, onde a criadagem contratada já estava a dar conta de tudo. Não sei de onde saíram tantos pratos, garfos e facas. As toalhinhas de mesa da festa já estavam de molho, esperando pelo sol para clareá-las, em imensas bacias no quintal. Não vi minha nona nem dona Assunta, e fiquei feliz com isso. Que minha nona dormisse até mais tarde, afinal, ela merecia!

Joana e eu começamos o trabalho separando o açúcar e as frutas de época. O imenso fogão a lenha estava bem posto e os tachos, já lavados, brilhavam a nossa espera. Simpática negra se apresentou como Jacinta, e disse que trabalhava na casa já há muitos anos, se oferecendo para o que precisássemos. Começamos então a derreter o açúcar no fogo enquanto descascávamos as frutas. Lembrando dos pequenos que estariam a postos às dez horas da manhã na praça, trabalhei muito animada: não eram ainda cinco horas da manhã.

Na cozinha cheia de gente, logo fizemos amizade. Preparei também alguns bonitos biscoitos, com goiabada por cima, enfeitando, e animei-me para fazer os famosos “bolos de milho” de minha nona, bem regados a melaço. Quando ela apareceu na cozinha, já era perto de oito horas da manhã, os cabelos ainda a se soltarem e os olhos arregalados com a hora tardia, mas parecia bem descansada:

– “Dio Mio!” Que horas são? Quase oito!!! Nunca dormi tanto! A culpa é de teu nono, que me acordou às duas da manhã para falar da festa. Tanto fez que me deu um cálice de vinho e eu dormi como uma pedra!

Orgulhosas, Joana e eu mostramos à nona a nossa “produção”.

– Mas já fizeram isso tudo? Como?

Expliquei a ela que o fogão era bem maior que o nosso, logo, mais rápido, e ela nos olhou encantada. Depois pegou um dos meus biscoitos com goiabada:

– Que delícia, Cora! Tem realmente um dom! Que massa leve. E a goiabada: derrete na boca.

Nova fornada foi posta na mesa por Joana e o cheiro de tabuleiros de bolo de milho e melaço inundaram a cozinha. Minha nona sentou-se no banco de madeira, bastante sossegada:

– Não sei o que faria sem ti. Agora vamos, que vi uns marmelos bem maduros, e vocês já sabem o que fazer.

Chegando nessa hora na cozinha, dona Assunta arregalou os olhos, me dizendo, bastante impressionada:

– Quer dizer então que a pequena Cora é prendada assim? Deus, quanta coisa!

Ia dizer que na realidade só tinha ajudado a Joana, mas ela estava a fitar os bolos de milho sendo fatiados:

– Mas que bolo cheiroso é esse? Não conhecia...

Foi a deixa para minha nona passar-lhe a receita. Depois de comer uns bons dois pedaços, dona Assunta disse à minha nona:

– Não se preocupe mais, Cora. É costume, no segundo e terceiro dia de festa, as famílias trazerem de casa alguns doces para a festa. Colocamos a mesa com esses, as cocadas, e os que já tínhamos, e as convidadas trazem o resto.

E assim foi. Na longa mesa improvisada da véspera, logo vimos chegar os mais diferentes tipos de biscoitos e doces. Mesmo as senhoras mais simples trouxeram algo, e os meninos da vila, depois de minha nona “liberar” o consumo, extasiaram-se novamente. Fiquei sabendo que a nona estava

sendo conhecida como “a dona dos doces” e dei risada.

Finalmente sentei-me na praça, sozinha a admirar o movimento e os vestidos bonitos das moças. Naquela vila, havia mais morenas claras como eu, e reparei nos cabelos com diferentes penteados, pensando no suplício que seria deixá-los com aquela aparência. Os meus, muito negros e pela cintura, usavam apenas fitas coloridas que minha nona tinha colocado neles, e eu finalmente tinha tirado os apertados sapatos, colocando umas chinelas bem bonitas por baixo da saia. Assim estava nessa contemplação, quando por detrás de centenária árvore o menino que já tinha visto se aproximou. Sorri para ele, que finalmente se sentou ao meu lado.

– Então, você me vê?

– Sim – respondi –, nasci com esse “dom”. Quem é você?

– Chamo-me Alberto.

Sentou-se ao meu lado, admiradíssimo. Olhava meus longos cabelos e as fitas nele.

– Mas como você é bonita! Está enfeitada para a festa?

– Sim. Vê aquele moço com a noiva? É meu tio Benito.

Ele olhou a multidão e viu meu tio, muito animado com os convidados, e com Albertina pela mão, em belo vestido azul. E a olhar assim dessa forma, senti que se encolheu um pouco, receoso.

– Você vê todos que já se foram? – perguntou-me.

– Não sei, Alberto. Mas sei que vejo alguns. Que faz por aqui? É parente de Albertina?

Ele baixou a cabeça, pensativo, e respondeu-me:

– Nasci alguns anos antes dela. Você vê aquela casinha amarela, ao lado da dela? Foi lá que nasci. A mãe de Albertina foi minha madrinha, e eu frequentava muito aquela casa. Dona Assunta gostava muito de mim, e a negra Jacinta sempre me dava alguns doces. Meu pai trabalha para eles no comércio que tem aqui na vila.

Sabendo que Albertina já passava dos vinte anos, olhei-o admirada. Não me parecia um mau garoto, e seu olhar, apesar de cheio de medo às vezes, era doce. Que fazia ele ali? Por que não tinha seguido para o mundo dos

espíritos?

– Sua família ainda está por aqui?

– Minha mãe se foi de febre, eu ainda era muito novo, não me lembro dela. Mas meu pai continua entre os vivos. Não tive irmãos e ele não quis se casar novamente. Mora ainda na mesma casa. Mas de que mundo dos espíritos você fala? É o “Céu” que os padres contam?

Olhei-o abismada. Ninguém, então, tinha vindo buscá-lo? Ele encolheu-se ao meu lado, como se quisesse esconder-se, e vi vindo em nossa direção uma sombra negra e disforme, que ao aproximar-se de nós arrepiou-me toda a pele e transformou-se num homem de quase cinquenta anos, de capa e chapéu, com um chicote surrado nas mãos. Nunca tinha visto entidade tão negativa, e notando que eu o enxergava, vociferou pra mim, com um hálito fétido:

– Que faz aqui? Que quer com ele? Ele é meu!!!

Nunca em toda a minha vida senti tanto medo. A máscara de ódio em sua face petrificou-me, e eu pus-me a rezar baixinho pedindo a proteção de Olívia, que não tardou a aparecer. Veio vindo numa luz extremamente clara, brilhante, que a abrangia de todo, e por fim, colocou-se às minhas costas e me abraçou, envolvendo-me completamente na luz. Ao ver a entidade de bondade pura, o homem assustou-se, e pegando Alberto pelas mãos, desapareceu de nossas vistas. Ainda com as pernas trêmulas e suando muito, perguntei a ela em pensamento:

– Olívia, por Deus, que era aquilo? Nunca em minha vida tinha visto entidade tão “pesada” e má.

Voltando a sua forma normal, cessando o efeito extremamente luminoso e voltando a parecer apenas adorável mocinha, ela me disse:

– É o que vocês chamam por aqui de “demônio”. Uma entidade voltada para o mal há tantos séculos terrenos, que não se lembra mais de outra forma de vida.

Finalmente mais calma, respirando fundo, perguntei a ela:

– Então, ele já viveu entre nós, aqui na Terra?

– Claro, Cora. É também um filho de Deus, embora não se lembre mais disso. Tudo no Universo pertence ao Senhor, e todos irão para Ele, mesmo

aquela alma nefasta, que aprisiona Alberto há tantos anos. Meu bom amigo Ariel sempre me diz que “sois deuses sobre a Terra”, e é verdade. Nossa alma imortal está sempre em completo aprendizado, tanto para o bem, como para o mal. Infelizmente, algumas almas se voltam durante tanto tempo para o errado caminho do sofrimento, que desacreditam do Pai, achando-se muitas vezes esquecidos ou injustiçados. Mas esse era feio, não? Poucas vezes vi um tão feio!

Finalmente aliviada, consegui sorrir para ela.

– Nem fale!!! Nunca tinha visto coisa parecida... existem muitos perdidos como ele?

– Nesse planeta? Uma enormidade...

Pensativa, não pude deixar de perguntar:

– E por que nunca os tinha visto? Vejo entidades que precisam de ajuda, mas nunca vi nenhum ser desse tipo.

Olívia sorriu pacientemente, e me explicou:

– Você é muito cara para nós, Cora. Temos por você profundo amor, e veio numa missão especial. Queria que quando criança lhe desenvolvêssemos o dom para que enxergasse criaturas como essa? Tudo vem a seu tempo, e estamos lhe desenvolvendo aos poucos. Mas não precisa ter medo. Terá sempre nossa proteção. Não viu como ele “fugiu” amedrontado?

Tive que dar uma boa risada quando lembrei da cara do facínora a olhar estupefato para a luz que circundava Olívia.

– E que luz era aquela, Olívia? Nunca lhe vi brilhar tanto! Parecia um sol!!!

Ela riu-se também, me olhando com ternura:

– É a luz do amor divino, Cora. Muito mais forte que qualquer mal que possa vir de entidades como Orlando.

– É esse o nome dele?

– Sim. Desencarnou faz um bom tempo, e era um desses seres que perseguem os escravos. Durante muito tempo foi feitor, e dos maus. Tem dívidas a não mais poder e adora a sensação de comandar pobres espíritos

que ainda estão perdidos. Alberto mesmo, ele esperou desencarnar, e como se conheciam de outras vidas, logo teve ascendência sobre ele.

Lembrando-me do pequeno, não pude deixar de dizer:

– Mas Alberto é bom! Pude sentir isso nele. Como Deus permite que isso aconteça? É só uma criança.

Olívia me olhou um tanto zangada:

– Esquece-se que a criança já viveu muitas existências? Deus só permite a maldade alheia porque existe a necessidade do aprendizado e do aperfeiçoamento. Hoje o nosso Alberto realmente está longe de ser mau, e nem tinha assim sentimentos tão negativos em sua vida anterior.

Ela suspirou e me olhou demoradamente:

– Enquanto Orlando era feitor, caçador de escravos e mau, Alberto era seu subordinado e o ajudava na lida com os escravos. Já tinha do feitor tamanho medo que cometeu atos nada louváveis a mando dele. Embora sentisse pelos negros alguma simpatia e tenha se arrependido de muitos de seus atos, nunca interveio em favor de nenhum deles. Se fosse corajoso e honesto, as maldades de Orlando teriam sido abreviadas, mas ele sempre se calou. O medo é um sentimento poderoso, Cora, que acolhe o ser humano e muitas vezes o leva para o caminho do mal. Na realidade o menino continua preso por própria conta, se orasse e pedisse a Deus com fervor, muito já teria sido feito.

Fiquei pensativa com o que ela me disse. Pobre Alberto! Preso pelo seu próprio medo!!! Senti imensa pena do menino que me parecia uma doce alma, atormentada pelo remorso.

– A coragem e o amor ao próximo nos aproximam de Deus. O arrependimento é o mais válido dos sentimentos, mas o remorso corrói as almas, e é destrutivo. Para isso existe o perdão. Nenhum de nós está sem erro, ainda mais com tantas existências terrenas, logo, a humildade deve caminhar conosco e devemos sempre nos abster de julgar.

Por fim ela se levantou, alisando as vestes num gesto puramente feminino. Vendo ainda em meu coração o pesar pelo pequeno, ela sorriu:

– Não se preocupe demais com isso, Cora. O menino hoje aprendeu poderosa lição através de ti: finalmente notou que Orlando não tem tanta

força assim, que ficou amedrontado e fugidio; logo começará a ficar livre dele. O que é bom, pois sua mãe já o espera a longos anos!

Sentindo meu coração mais leve, ela me abraçou novamente, e eu pude sentir-lhe o cheirinho doce. Olhando em meus olhos, finalmente disse:

– Quanto a ti, pequena, não esqueças a tua fé em Deus e conta sempre conosco. Lembra que em tempos difíceis o aprendizado é mais rápido: seja sempre honesta, forte e bondosa como é, e não se deixe abater por pensamentos funestos. Tudo tem um motivo, Cora, ainda que não o enxerguemos de imediato. Ore bastante e não reclame. Quando precisar, estarei aqui.

E assim foi-se, diáfana como sempre. Meu nono Giancarlo se aproximou, taça de vinho nas mãos, já festeiro, e me vendo chamou-me:

– Mas que faz aí sozinha, minha neta? Venha!!! Finalmente sua nona está aproveitando a festa!

Curiosa, olhei para o coreto onde os músicos entoavam bela cantiga napolitana, e as pessoas, italianas ou não, se sacudiam ao som dela. No meio deles, corada pelo vinho e pela dança, minha nona me sorria e puxou-me para a roda onde também dancei com eles. De longe, dona Regina com Enrico no colo fazia ares de “vergonha”. Não me importei. Confiaria sempre em Deus e agradeci, do fundo de meu coração, pertencer a uma família tão boa.

Luzes, imagens e rezas

A FESTA TERMINOU NO grande almoço de domingo, e logo nos pusemos a arrumar nossas coisas para voltarmos para casa. Dona Assunta, já amiga da nona, encheu nossa carroça de compotas e bolos que sobraram da comemoração. A despedida foi engraçada: a nona, sempre tão durona, rompeu em lágrimas, parte por deixar tio Benito (também em prantos), parte por deixar longe nova amiga tão preciosa. Albertina, sempre muito simpática, me abraçou, e me disse ao ouvido:

– Gostei imensamente de você, Cora. Precisando de qualquer coisa, lembre-se sempre dessa sua nova amiga, e de seu tio que a adora.

Olhei para a energia que circundava o seu corpo pequeno e bonito. Sabia que dizia isso de coração, mas a velha timidez indígena me fez murmurar um “obrigada” e lhe dar pequeno abraço. Sorri por dentro: poucos sabiam o quão bela era Albertina, meu tio Benito estaria bem.

Da festa me lembro com alegria, apesar do susto passado na praça. Alguns rapazes da vila, ao me verem, quiseram se aproximar, mas não contavam com a vigilância do meu pai, do meu tio e do meu nono. Os homens da família eram leões, e era só um se aproximar para me chamar para a dança (muito animada, por sinal) que um deles aparecia com o cenho fechado a dizer:

– Passa! A pequena é muito nova!

Na realidade eu já contava com dezesseis anos, idade na qual muitas meninas se casavam na época, mas era a única moça da família já há muito tempo, e os italianos eram bastante preocupados com suas filhas e netas. Dona Regina olhava isso tudo com certa maldade, e a ouvi comentar:

– É ela que fica olhando para eles! Essa sua filha há de te dar muito

trabalho, Adamo.

Mentira deslavada, pois eu não erguia o olhar para os moços, a não ser na venda, para atendê-los. Minha natureza não era aquela, mas infelizmente senti que meu pai começou a me olhar desconfiado. A injustiça me doeu fundo.

Na volta para casa eu fiquei feliz. Já sentia saudades da nossa pequena vila, de meu quarto, do quintal. Seriam dois dias de viagem de volta, mas a paisagem e o frio minuano, que fez com que nos protegêssemos em mantas de lã, transformava tudo em cenário idílico. Finalmente entendi os homens da família, que tanto gostavam de viajar: o ar puro da manhã, as rezas ao longe, uma paisagem que parecia se findar apenas aos pés de montes longínquos. Chegamos em casa na quarta à tarde, e alguns vizinhos vieram nos receber, pois já estavam ansiosos com a venda fechada, mas só queríamos mesmo era uma boa canja, e dormir.

No meio da noite, ainda meio dormindo ouvi uma voz a me chamar:

– Airequerê... acorda! Vim me despedir de você.

Há tanto não ouvia meu nome indígena, que custei a entender. Por fim, em pé, junto à minha cama dei com minha avó índia tão amada, de quem no início sentira tanta falta. Que luz bonita em torno dela!!! Soube, enfim, que tinha morrido.

Sentei-me na cama com o peito cheio de dor. Que saudade dela!!! O cheiro de capim fresco continuava o mesmo, e eu quis estender a mão para tocá-la, ao que ela se afastou:

– Sabe muito bem que não pode me tocar agora. Mas não fique triste, minha neta! Desencarnei há longos dias, mas não podia te ver. Agora, que estou mais forte, deixaram que eu viesse. Não fique triste! Tanto tempo estamos longe, Airequerê, mas eu nunca deixei de pedir ao Deus dos brancos por ti. Que bonita está, minha neta adorada! Mas já não parece ser de nosso povo. Está feliz, Airequerê?

Em meio às lágrimas, fiz que sim com a cabeça:

– Sim, vó. Aqui me tratam muito bem, e minha nona italiana também me ama muito.

Ela sorriu. Parecia um tantinho mais velha do que me recordava dela, mas

estava tão bonita! A dor voltou ao meu peito em ondas incessantes.

– Por que a dor, minha querida? Estivemos separadas tanto tempo, mas agora, com esse seu dom, estaremos mais perto do que nunca! Não há mais a distância física, minha neta adorada! E tive permissão para vê-la quando preciso. Muitos aqui gostam de você, pequena, e sua missão apenas começa. Precisarás doravante de fé e força, pois mudanças se aproximam, como bem sabe.

Sabia, de antemão por Olívia, que mudanças tristes se desenhariam na minha vida. Mas não queria de forma nenhuma falar no assunto. Ver minha avó índia no outro plano já não estava sendo fácil. Com a habilidade dos espíritos de “ler o pensamento”, ela me respondeu:

– A morte na realidade não existe, Airequerê, lembre-se sempre disso. Quando viva, muitas vezes tive frio e fome, mas o além-túmulo para os bons é doce. Venci minhas provas mais difíceis nessa minha última existência, mas aqui sou feliz como nunca fui na Terra. Por que a tristeza? Estou tão feliz de voltar a vê-la!

Aos poucos entendi o que ela queria dizer, e a tristeza se desfez em meu peito. Senti uma paz que nunca antes tinha sentido, minha avó índia estava feliz e em segurança, finalmente! E poderia me ver de vez em quando! Que ideia errada fazemos da morte quando acreditamos que tudo acaba com ela! Agradei imensamente a Deus, pela primeira vez, esse meu dom de vê-los e falar com eles.

– Continue, minha neta, com seu comportamento bondoso e nunca perca a fé. Lembre sempre que os momentos difíceis, quando enfrentados com coragem e bondade, se revertem em preciosos aprendizados. Principalmente, saiba que não estará sozinha.

E assim dizendo, se foi. O cheiro de mato ficou pelo quarto e eu agradei novamente a Deus, pedi força e coragem, e finalmente dormi um sono sem sonhos.

Na manhã seguinte, levantei com um forte cheiro de café espalhado pela casa. Levantei-me de pronto para os meus afazeres, e chegando à cozinha, dei com Joana e o irmão com um ar preocupado. Notando que algo não ia bem, perguntei:

– Que foi? Por que esse silêncio?

Joana se apressou em responder:

– Estamos falando baixo, Cora, porque seu nono Giancarlo não se sente bem. Parece que ficou com dores durante toda a noite. Acho que o vinho da festa fez-lhe mal. Sua nona está com ele, lá no quarto, e mandou chamar o farmacêutico.

Corri para o quarto da nona, e pude ver meu nono muito pálido, deitado na cama, e a nona do lado a tentar lhe dar uma beberagem escura:

– Ande Giancarlo! Tome! Eu sabia que tanto vinho e tanto churrasco não podia fazer bem! Se não tomar, como vai melhorar?

Na vila, não tínhamos médico, apenas parteiras e o farmacêutico que atendia ao povo, e ainda um senhor que arrancava dentes, quando esses começavam a doer muito. Meu nono podia estar meio fraco, mas ainda assim resistia bravamente:

– Arre, Cora! Esse teu remédio tem um cheiro tão ruim que vai acabar é me matando! Nunca confiei em remédios desse tipo!

Sentindo o peito apertado, achei-me a ele com doçura, e tomei das mãos da nona o remédio escuro:

– Tome, nono! Por mim e pela nona que tanto lhe estima! Mal não há de lhe fazer.

Com a minha intervenção, ele olhou-me com o amor costumeiro, fez longa careta e por fim tomou o remédio. Tirando os cabelos da testa, movidos pelo esforço de convencê-lo, minha nona sossegou:

– Só mesmo tu, Cora, para sossegar esse infeliz! Giancarlo, terá que ficar na cama por uns dias, até melhorar. Nada de viagens por agora!

Ele me olhou com carinho, mas ainda agastado pela beberagem:

– Vê, Corinha? Agora quer mandar no marido! Pois amanhã estarei me sentindo bem melhor e ganharei a estrada como sempre! Agora, vejam se me deixam dormir um pouco.

Sáimos do quarto eu e a nona, fazendo o mínimo de barulho possível. No quarto de meu pai, apenas Enrico ensaiava um chorinho baixo, como às vezes fazia. O resto da casa permaneceu no silêncio imposto pela nona.

– Regina, sossegue esse menino! Giancarlo precisa descansar.

Para meu espanto, e o de minha nona, meu nono realmente levantou-se disposto na manhã seguinte, arrumou os burros e as carroças, e partiu com meu pai. Não adiantou a nona vociferar e ameaçar, ele disse que não se prendia com “achques de velho”, e que estava melhor. Ao partir, me deu longo abraço, como sempre fazia, e me segredou:

– Quando voltar, trago pra você um tecido bem bonito, para um novo vestido!

Apesar de adorar vestidos novos, como toda moça, meu peito ficou apertado. Como amava o meu nono Giancarlo! Minha nona não tinha uma expressão satisfeita quando o viu subir na carroça, o cenho franzido me demonstrava sua preocupação. Dona Regina disse a ela:

– Mas ora, que tanto cuidado! Todos sabemos como “seu” Giancarlo é forte, nunca o vi doente na vida!

E era verdade. Italiano alto como meu pai, brincalhão e sempre disposto a um bom copo de vinho e a uma boa conversa. Espirituoso e bonachão, ele trazia alegria por onde passava. Podia ainda me lembrar dele aos pulos na dança com minha nona, na festa de casamento, não podia ser nada sério. Ainda assim, minha nona disse:

– “Guarda” (olha), Regina, que às vezes mesmo um forte e frondoso carvalho pode estar comido por dentro por cupins! Meu coração está apertado, e eu não queria que ele fosse.

Voltamos à vida de sempre, mas minha nona mantinha os seus olhos mais fixos na estrada do que de costume. Debalde eu tentava acalmá-la, sem muito sucesso. Então, resolvi propor que orássemos por ele e pela comitiva que seguia viagem. Lembrada de sua fé, sempre inabalável nos santos católicos (minha nona tinha imagens pela casa, e um pequeno oratório em seu quarto) acendeu ela diversas velas a diversos santos e pôs-se a rezar o terço durante toda a semana. Isso a acalmou e trouxe-lhe um pouco mais de paz, mas nem assim ela parava de fitar a estrada.

Um tanto atarantada segui para o quintal, buscando abrigo num banco debaixo de frondosa árvore. Estava ali a pensar, quando, como se chamada por meus pensamentos, apareceu Olívia com um rostinho pensativo:

– Tua nona parece preocupada, Cora. Nunca a vi fazer tantas rezas.

Olhando para Olívia, me acalmei um pouco.

– Ela está preocupada com meu nono Giancarlo, que andou se sentindo mal, com dores no peito. Segundo ela, ele nunca tinha tido nada antes, sequer uma gripe. Claro que então se preocupa – e com o coração já apertado, perguntei –, mas ela não precisa se preocupar tanto, não é? Meu nono sempre foi tão forte.

Sabedora de meus receios mais profundos, ela me sorriu:

– Nós não prevemos o futuro, Cora. O futuro é de Deus, mas com certeza temos informações que a maior parte de vocês não têm. O mundo espiritual tem pouco espaço para mentiras ou fingimentos, uma vez que os mais desenvolvidos “leem” nos semblantes alheios o que lhes vai pela cabeça. Assim como enxergamos o perispírito dos encarnados. Sabe o que era aquela luz que você via em Albertina? Era o perispírito dela. Assim como você vê em algumas pessoas manchas ou cores violentas. Albertina brilha assim pela bondade que dela emana, mas também por um corpo saudável e puro. Infelizmente, nem todos são assim. Muitas ações feitas ao corpo se refletem no perispírito.

Entendi o que ela me disse de imediato. Algumas eu já sabia o que queriam dizer. Por exemplo: na venda onde eu e a nona trabalhávamos, bem cedo, ainda antes de qualquer cliente normal, às vezes vinham as mulheres que trabalhavam em casas “escondidas”. Minha nona nunca as destratou, mas esse era o horário em que podiam vir sem serem incomodadas ou incomodar. Em muitas dela vi manchas no baixo ventre, das mais variadas cores: desde um lilás a um verde escuro. Muitas tinham também manchas nas costas, como se fossem pesados vergões. Indagando minha nona e dizendo que elas não me pareciam nada saudáveis, ela me explicou que aquelas moças não tinham tido muita sorte na vida, e que muitas delas passavam a noite em claro, sendo que isso podia também causar doenças.

Na época as coisas eram diferentes: moças de família não tinham acesso à informação a não ser que os parentes deixassem. Logo, eu achava que elas simplesmente dançavam a noite inteira por dinheiro. Não as invejava em absoluto, pensando ingenuamente nas dores nos pés que deviam sentir, caso usassem sapatos apertados. Certa vez entrou uma moça na venda muito pálida, e no baixo ventre tinha uma névoa escura. Observando essa minha

lembrança, Olívia me explicou:

– É que ali havia uma nova vida para florescer e aprender na Terra, Cora. Vida essa que a moça tirou por conta própria. O bebê estava se formando, e foi tirado contra a natureza do corpo dela, mas de acordo com a sua vontade. Se as pessoas soubessem o desequilíbrio que isso causa em termos de energia, certamente não fariam tais coisas. Isso sem falar na dívida espiritual que às vezes se segue. Mas, isso ainda não é assunto para mocinhas como você. Quer saber de seu nono Giancarlo, não? Não notou nada nele?

Empalideci. Na festa de casamento havia notado, enquanto ele dançava feliz com a nona, feia mancha em seu peito, num tom de lilás escuro. Depois vieram as dores no peito. Mas eu já tinha visto essas manchas outras vezes, e ele acabava sempre ficando bem.

– É verdade – me disse Olívia –, muitas vezes essas manchas se arrastam por anos a fio, causando apenas mal-estar em seu portador. Mas, às vezes, elas também acabam por levar essas mesmas pessoas ao encontro do mundo espiritual. Seu nono é um homem forte e bom, mas também ele terá a sua hora. Não temos todos? É só uma passagem, lembre-se disso, Cora. Deus não abandona!

Não pude deixar de soltar fria lágrima, que veio cair em meu colo. Lembrei-me da fé com que a nona se apegava a seus inúmeros santos. Não pude deixar de perguntar:

– Então, minha nona está rezando para todos aqueles santos, à toa? Não adianta rezar?

Olívia postou-se de pé em frente a mim, e disse-me com voz séria:

– Claro que sim! As imagens de santos, sem a fé, são só imagens vazias; já essas de sua nona são cheias de piedade e força. Representam para ela um “lembrete” material da força de Deus, e não devemos nunca criticá-las ou imaginá-las como erro. Algumas pessoas se sentem mais ligadas ao Senhor e ao Cristo com elas, e o bom Deus sabe que não há ofensa quando uma mãe pede proteção ao filho ou uma esposa reza pelo marido. Se elas trazem conforto e estimulam a bondade e o perdão, que mal há?

Olhei-a compreendendo o ponto de vista.

– No mundo espiritual vocês também têm imagens?

Ela me sorriu, faceira:

– Não costumamos precisar de imagens, Cora, quando nos lembramos que a criação de Deus, toda ela, sem exceção, é testemunho de Sua bondade. Lembramos do Criador sempre, quando contemplamos suas plantas, a água cristalina que desce o riacho, o abençoado sol. Se nos lembramos dele a cada segundo, por que precisaríamos de imagens? Mas não critique quem precisa, o importante é o coração puro ou arrependido, e a vontade de permanecer no bem.

Compreendi. Também eu sentia a presença de Deus nas mínimas coisas e ficava feliz por isso. Mas, se minha nona tinha tanta fé nos seus santos, por que desestimulá-la? Ela só pedia o bem... senti-me mais forte e confortada, e pedi a Deus, do fundo de meu coração de moça, que me desse sempre força e entendimento para as provas futuras. Ouvindo minha oração, minha querida amiga foi desaparecendo, e me disse em despedida:

– Essa sim foi uma boa oração. Acredite-me, Cora. Muitas vezes não sabemos sequer o que pedimos, mas o bom Deus sempre sabe o que nos conceder. Tenha fé.

E assim, se foi.

Mudanças

PODE-SE DIZER QUE dividi minha vida terrena em duas partes: uma antes da morte de meu nono Giancarlo, e outra depois disso. Com a ida dele, minha nona ficou numa tristeza escondida pela força, e difícil era conseguir dela uma boa risada. Isso refletiu-se de imediato em sua saúde, antes vigorosa, mas que agora dava mostras de cansaço. Ao contrário de muitos que quando se sentem tristes compensam comendo em excesso, notei nela uma falta de apetite preocupante. Sua imunidade contra as doenças pareceu baixar, e ela, que quase nunca ficava constipada, agora quase sempre levava um lenço junto ao peito.

Não reclamava de nada, que isso não era de seu feitio. Alegrava-se apenas quando me contava de sua vida com o marido, o início de seu casamento, a família deixada na Itália. Meu pai, por sua vez, sentiu-se desfalcado não de um, mas de dois companheiros: meu tio Benito, agora em outra cidade, e meu nono, que a tudo comandava de jeito alegre. Seu semblante, antes alegre e despreocupado, transformou-se em algo contido e um tanto “pesado”. Sentia sobre seus ombros a responsabilidade de manter a família, e isso causou nele algumas mudanças: não era mais o homem afável de antes, e algumas vezes, chegou a tornar-se ríspido, principalmente com dona Regina, que sempre o cobrava das menores coisas.

Nosso bom Pedro agora ia com ele nas viagens, sendo o segundo em comando nas tropas. Orgulhoso, pois sempre havia desejado aquela vida, nos contava quando chegava dos lugares longínquos que tinha visitado para comprar mercadorias, das moças que os espiavam a passar da janela, das noites de frio regadas a um bom mate com aguardente para “esquentar o peito”. Eu ouvia suas histórias animada, pensando em como devia ser bom ter nascido homem para poder assim conhecer novas paragens, novas

pessoas, aventurar-se pelas estradas.

Para mim e a nona a vida ainda tinha sua graça, com os fregueses da venda, a ir e vir todos os dias, cada qual com sua história, cada qual com seu destino. Mas, na casa por trás da venda as coisas não iam tão bem: aproveitando-se do cansaço da nona, dona Regina logo se dispôs a “tomar conta da casa”, deixando Joana um tanto agastada com ela, acostumada que estava a ser tratada com respeito e carinho por minha nona. Num fim de tarde em que os homens estavam nas estradas, cheguei na cozinha para tomar um café quando dei com Joana às lágrimas num canto, a face virada para o terreiro. Preocupada com ela, que não era de “choros”, não pude deixar de perguntar:

– Que houve, Joana? Alguma dor?

Enxugando as lágrimas e assoando o nariz em branco pano de saco, ela me respondeu:

– Antes fosse, Cora! Essa “demônia” não me deixa quieta! Depois que seu nono morreu, dona Cora não se importa mais com a casa, e com isso, sofre a negra aqui. Não reclamo do trabalho, pois bem sabe que não me furto a isso. O que sinto é a humilhação. Todo serviço que faço, lá vem a “senhora” fiscalizar, e assim arrumar defeito para todos eles: o café tem açúcar demais (ou de menos), as camas não foram bem feitas, o sabão gasto demais. Tivesse eu pra onde ir com meu irmão, já tinha feito minhas malas.

E assim falando enxugava as lágrimas, que desciam copiosas.

– Não pense que choro de dor... é de raiva! Trabalha-se tanto pra depois ter que prestar contas a uma mulher que antes de se casar era pobre como eu sou: mal tinha o que comer! Me lembro quando chegou, era pura humildade, roupinhas gastas, olhos no chão. Depois de se casar, acha-se agora a dona da casa! Não me dá um minuto de sossego, a peste!

Já tinha percebido dona Regina ainda mais “mandona” do que de costume, mas não tinha ainda prestado atenção na situação de Joana. Como eu ficava a maior parte do dia na venda, junto com minha nona, não havia como adivinhar o mau pedaço que estava passando a minha pobre amiga. Resolvi que intercederia junto à nona assim que possível, e assim fiz, para minha total consternação. Vim da cozinha com o café ainda quente nas mãos, e disse para minha nona:

– Nona, precisa ter uma conversa com dona Regina, que ela está amolando muito a Joana. Estava agora na cozinha às lágrimas, tenho pena dela.

Minha nona, que estava contando a fêria do dia, sequer me olhou nos olhos:

– Estou perdendo minhas forças e minha vontade, Corinha. E depois, falar com Regina pra quê? Não me sinto mais à vontade em minha própria casa desde que Giancarlo se foi. Ela de certa forma tem que tomar mesmo as rédeas da casa, pois agora, sou apenas a mãe do marido dela, que é o chefe da casa, uma viúva que trata de cumprir o seu papel com dignidade.

Assustei-me com suas palavras. Como então minha nona, que antes era sempre tão ativa, deixava que outra “usurpasse” seu lugar como dona da casa? A essa minha observação, ela sorriu com tristeza, respondendo:

– Pra tudo há um tempo nessa vida, Corinha! Deixe que Regina tome conta das coisas, se assim lhe apraz. Não tenho mais ânimo para isso. Desde que ela não se meta aqui na venda, não interferirei com suas ordens na casa.

– Pobre Joana! – disse eu. – Não sei se vai continuar conosco por muito tempo se for tratada assim.

Suspirei fundo. Se minha nona não a defendesse, quem defenderia. Por fim, minha Nona levantou-se dizendo:

– Pois está muito bem. Não sei se vai adiantar, mas falarei com ela. Joana é como se fosse da família, e aquela tonta não sabe o que seria da própria vida sem ela!

E assim, com passo decidido, seguiu para a sala onde dona Regina lutava com um ponto de bordado, colocando o bastidor contra a luz para assim ver melhor. Num cesto grande, ao chão, Enrico olhava a cena com interesse:

– Regina, preciso falar contigo – disse a nona num tom decidido, ao que a outra finalmente a olhou nos olhos:

– Pois não. Algum problema, dona Cora?

Minha nona aprumou-se:

– Sei que agora você deve tomar conta da casa, mas quero que trate Joana com mais respeito. Ela está comigo há anos, e eu sempre a tratei com o carinho e a consideração que ela merece.

Dona Regina recostou-se, apertando os olhos:

– Com que então foram fazer queixa à senhora? Pois é muito bom que tenha tocado no assunto: nunca me agradou o serviço daquela “negra”, que é desleixada e preguiçosa. Não bastasse isso, ainda é respondona! Eu e meu marido a “aturamos” apenas em respeito à senhora, mas devo cuidar da casa, principalmente agora que estamos sem “seu” Giancarlo. Esse povo só entende se os tratarmos com rédea curta, minha sogra!

Vi o rosto de minha nona avermelhar-se como um tomate. Senti que a velha fibra estava voltando.

– Pois encurte demais a rédea que ela se quebra! Depois, quando ela for-se embora, quero ver quem é que fará o serviço que ela faz com tanto zelo! Na realidade, caso Joana se vá será até bom: quem sabe se a senhora fizesse um pouco mais de esforço, não perdia umas medidas? É nisso que dá quando se fica sentada, bordando e comendo o dia inteiro.

Senti o peito de dona Regina arfando pesadamente, e assim retirei a nona da sala de volta para a venda. Chegando lá, finalmente senti que sua cor voltava ao normal, perdendo aquele tom de vermelho vivo.

– Não te disse que não adiantava falar com “aquela lá”, Corinha? É capaz de ficar ainda mais ríspida com Joana depois disso.

– Pois eu acho que a senhora falou muito bem, nona. Joana merece mesmo todo nosso apreço.

Dirigiu-se então ela para a cozinha, onde Joana ainda guardava restos das lágrimas que tinha chorado. Mal minha nona entrou e notei que ela tinha ouvido toda a discussão da sala, pois disse:

– Obrigada, dona Cora! Só saber que a senhora gosta do meu serviço já me conforta. Mas, falando francamente, lidar com dona Regina não tem sido fácil. Essa casa não é mais a mesma, sem o “seu” Giancarlo!

Minha nona assentiu com a cabeça, e as duas se puseram a conversar sobre amenidades e tempos passados. Quantos anos teria Joana? Sinceramente, eu não fazia ideia. Às vezes parecia ter no máximo vinte e cinco, em outras eu a imaginava com pelo menos dez anos a mais. Já era mulher feita quando eu havia chegado, e muito eu devia a ela, pela alegria e paciência que sempre teve comigo. Voltei para a venda, pois não podia

deixar o local sozinho por muito tempo.

A verdade é que minha nona não era mais a mesma. Não tinha mais ânimo, e ficou ainda mais religiosa. Padre Elvídio ficou mais próximo a ela, que gostava de ir à missa dia sim, dia não. Emagreceu mais, para meu desgosto e o de Joana, e começou a ficar “esquecida”. Esquecia de anotar as vendas nos cadernos antes tão usados, esquecia de anotar nas cadernetas as mercadorias que os clientes levavam. A maior parte era honesta, e voltava para que minha nona anotasse devidamente, mas alguns se aproveitavam, e isso chegou aos ouvidos de dona Regina.

Não foram tempos fáceis. Logo meu pai chegou da viagem, encontrou sua esposa a esperá-lo com impaciência, com Enrico no colo, muito afogueada. Minha nona tratou o filho com a doçura de sempre, mas notei no semblante cansado de meu pai a preocupação visível, já que sua mulher insistia para que ele entrasse o quanto antes, pois tinha assuntos urgentes a tratar com ele. Minha nona olhou com tristeza a cena, pois há muito já não aprovava a mulher que ela mesma tinha escolhido para o filho. Em tom de voz baixo, disse a meu pai:

– *Dai, figlio! Tua moglie ti chiama...* (Anda filho! Tua mulher te chama...)

Baixando a cabeça ele pegou Enrico no colo, e entrou pela casa. Dona Regina de pronto o encaminhou para o quarto, e não falou em voz baixa. Entre o que escutamos estavam as frases: “Ela está velha, Adamo!” e “Estamos perdendo muito dinheiro!”. Com a audição mais do que boa, minha nona encolheu-se no balcão da venda. Irritada com a cena, não pude deixar de dizer a ela:

– Dona Regina está a falar mal de nós, nona! Que injustiça com a senhora, que a acolheu com tanto carinho!

Ainda encolhida, minha nona deu um longo suspiro, e depois me respondeu:

– *Cosa posso fare?* (Que posso fazer?) Ela tem lá suas razões, e mesmo você sabe que ando esquecida mesmo! A idade chega, Corinha! Talvez seja realmente a hora de me retirar da venda. Já trabalhei demais, menina. Mas não gostaria que Regina viesse pra cá. Por mim, colocaria você tomando conta de tudo, que é organizada e caridosa. Não acredito, porém, que Regina confiasse a venda, principal fonte de renda da família, a uma

mocinha nova como você.

Depois de mais de uma hora, meu pai saiu do quarto do casal bastante abatido. Olhou a mãe com ternura, e disse a ela:

– Mama, será que podemos conversar mais tarde? Queria pedir “uns conselhos” à senhora.

Notei em minha nona o abatimento, e ela respondeu:

– Mais tarde, meu filho. Por enquanto, tome seu banho e descanse. Para tudo há tempo.

Bastante contrariado por ter que falar de coisas duras com ela, ele assentiu, baixando a cabeça e tirando o surrado chapéu que o acompanhava há muitos anos, beijou-me a testa e se foi. Pude notar no rosto de minha nona as lágrimas grossas a escorrerem:

– Vê como são as coisas, minha neta! Acredito que seja passado o meu tempo nessa Terra, e sequer posso reclamar. Depois que seu nono morreu não sinto mais vontade pra muita coisa, e Regina apesar de ríspida, tem certa razão.

Busquei uma xícara de chá de erva doce para acalmá-la. Que triste estava. Diria a meu pai que eu prestaria mais atenção, mas que não tirasse a nona dali. Atendi aos clientes com a simpatia de sempre, mas meu coração se apertava em meu peito: será que eu ficaria na loja?

No dia seguinte minha nona levantou-se mal, queixando-se de tonturas, e para minha surpresa, dona Regina apresentou-se cedo à loja. Vendo-me lá, como sempre, ela me disse:

– Cora, preciso que tome conta de Enrico de agora por diante. Sua nona não pode mais ficar aqui, e não tenho com quem deixar seu irmão.

– Mas, e Joana? Eu poderia ficar aqui ajudando-a.

Ela franziu o cenho, já irritada:

– E eu lá confio naquela negra fingida? Ande, me mostre os livros que preciso tomar ciência das coisas por aqui.

Mostrei os livros onde as vendas estavam anotadas, com o nome dos clientes, das mercadorias levadas, e da quantidade. Na frente ficavam os preços, em caprichada coluna, e as somas vinham no final da página.

Retirando-me para cuidar de Enrico, que apesar dos três anos ainda não dava mostras de querer caminhar, fiquei a brincar com meu irmãozinho, como sempre dócil e cada vez mais “cheinho”. Não se passaram duas horas e a “monstra” me chamou:

– Cora! Venha cá que preciso esclarecer umas contas.

Levantei-me já prevenido confusões, e me encaminhei para lá com passos lentos e Enrico no colo. Dona Regina estava furiosa:

– Não sei como continuamos com essa venda! Prestou atenção às anotações de sua nona? Está tudo “embolado”, e ela precisa mesmo de ajuda. Para uns fregueses ele dá um preço, para outros, outro preço. De alguns ela cobra tão barato que mal cobre o preço da mercadoria! Desse jeito vamos acabar pedindo esmolas!

Claro que sabia que minha nona muitas vezes baixava os preços por pena de alguns clientes, que ela sabia levarem uma vida dura e sacrificada. Mas estávamos muito longe da falência, como ela queria insinuar. Ela continuou com seus comentários negativos:

– Isso sem falar na desorganização das mercadorias! Está tudo misturado. E esse piso há muito deveria ser trocado: essas tábuas de madeira rangem quando os clientes passam. Mas, comigo aqui as coisas mudarão. Estando a venda com melhor aspecto com certeza atrairemos clientes de melhor situação financeira. Afinal, o que lucramos com esses pobres coitados que vivem aparecendo por aqui? Sua nona pra tudo dava desconto! Aposto que Adamo não sabia disso.

Rezei para que a nona não tivesse escutado metade daqueles comentários. Na realidade, a maior parte dos clientes vinha ali pela simpatia de minha nona, que nunca olhou raça, credo ou posição financeira. Eram muitas as senhoras abastadas que ali iam com ela trocar receitas culinárias (outro de seus talentos, passado com êxito para Joana), assim como o povo simples que contava cada moeda para sua subsistência. Minha nona gostava disso, e junto com algumas amigas caridosas e o bom padre Elvídio comentavam entre si a forma de melhor auxiliar as pobres almas que muito sofriam com o frio intenso dos invernos gaúchos, e com a fome.

Que seria da venda sem a minha nona? O problema é que, inteligente como era, ela já previa todos os comentários da nora, e se achava

francamente cansada para rebater qualquer crítica. Chamou-me para o canto do quarto dela, para não sermos ouvidas, e disse-me, quando reclamei dos comentários de Regina:

– Ah, Corinha! Essa tola acha que sabe muito de comércio e da vida. Mas estou realmente cansada, “mia nipotina” (minha neta). E depois, pode até ser que ela tenha razão. Quem sabe com ela tomando conta, a venda não atrai mais fregueses? Vai querer trabalhar com ela?

Um tanto triste com a resposta dela, disse:

– Acho que ela me quer para tomar conta de Enrico. Não me importo, nona, pois gosto muito de meu irmãozinho. Notou que ele praticamente nada fala ainda? E como é preguiçoso pra andar.

Minha nona olhou ao longe, a paisagem pela janela do quarto, e me disse pensativa:

– Não é preguiça, Cora. Não notou como ele não se “firma” pra sentar? E tem quase três anos. Há alguma coisa errada com ele. Na minha terra vi acontecer coisas assim, às vezes, quando o parto era difícil. E o de Regina não foi fácil.

Uma dor silenciosa invadiu-me o peito. Será que Enrico tinha ficado “abobado”? Mas era tão bonito e gordinho o meu irmão. Vendo-me abatida, a nona continuou a me explicar:

– Eles crescem como as crianças normais, Cora, mas estão longe disso. Tudo para Enrico será mais lento, e pode ser mesmo que não ande com facilidade. Em “nostro villaggio” (nossa pequena vila), quando adultos, eles, às vezes, conseguiam fazer alguns trabalhos simples, mas nada que necessitasse de muito esforço.

Tão triste fiquei que permaneci calada, pensativa, uma lágrima pequena a me escorrer pelo rosto. Por fim perguntei:

– A senhora acha que dona Regina sabe?

Minha nona “deu de ombros”, num gesto típico de impaciência.

– Acredito que sim, mas não admite que o menino possa ter algum problema. Acho que com amor e paciência, Cora, ele se desenvolverá melhor. Tudo que Regina faz é encher de comida a criança! E ele tem um temperamento doce e alegre. Talvez, com muito esforço, tenha uma vida

“quase” normal. Acha que pode ajudá-lo?

Com o coração ainda “apertado”, respondi:

– Pois olhe nona, os caminhos de Deus são mesmo misteriosos, como diz o padre Elvídio? Talvez seja a hora de eu ajudar mais meu irmãozinho, e deixar a venda com dona Regina. Afinal, ela parece tão segura de si, e nosso querido Enrico realmente merece mais minha atenção.

Com o pensamento em dona Regina e sua atitude intempestiva, minha nona vaticinou:

– Pois deixe com ela a venda. Ingratidão é coisa que machuca, eu e meu marido sustentamos essa família muito bem até hoje. Posso ter um jeito próprio de fazer as contas dos clientes, mas nunca amargamos um só prejuízo. Ao contrário, hoje dispomos de até mais que o necessário. Tudo tem seu tempo na terra, Cora. É hora de eu me dedicar mais a outras coisas.

E assim, encerrou a questão.

Enrico

FINALMENTE, DEPOIS DE DÉCADAS de trabalho árduo, minha nona anunciou a meu pai que queria deixar a venda para que dona Regina tomasse conta. Sábia como ela só, não quis constranger o filho a pedir sua retirada, e alegou que já estava muito cansada daquela “trabalheira toda”. Disse querer se dedicar mais às obras da igreja com padre Elvídio, e assim, aliviado, meu pai assentiu. Observei com cuidado a atitude de minha nona, aprendendo assim nova lição de generosidade: onde alguns fariam enorme confusão, ela retirou-se com elegância, mas não sem tristeza.

A meu cargo ficou meu irmãozinho Enrico, que dona Regina deixava comigo em meu quarto às 5:30h da manhã. Muitas vezes o sol ainda tardaria a vir, e lá estava meu querido irmão, rechonchudo e bem-humorado, a me olhar com seus imensos olhos castanhos-claros.

Ainda tonta de sono olhei pra ele com carinho, e ele me ergueu os bracinhos para que eu pudesse pegá-lo. Era um bebê muito simpático, mas qualquer olhar atento notaria que não era um bebê comum, e que tinha certas dificuldades.

Com cuidado tentei mantê-lo sentado na cama, o que resultou nele escorregando as costas pela parede e ficando de rosto enfiado em meu travesseiro. Fiz pra ele um encosto de travesseiros e colchas, e ele pareceu ficar mais firme. Divertia-se com meu esforço em mantê-lo sentado: nem um só momento chorou ou resmungou, apenas me sorria, mostrando os alvos dentinhos de leite.

Dona Regina já tinha ido para a venda, munida de vassoura e esfregão, pronta para “deixar a venda um primor”. Na realidade, logo chamou por Joana, a quem dava ordens ininterruptas e com certa rispidez. Minha nona,

deitada em sua cama de dossel largo, olhava tudo entre divertida e silenciosa. Assim sendo, vesti-me rápido tirando meu alvo camisolão, e colocando “roupas de dia”, peguei Enrico no colo e fui dar a ela meu bom dia:

– Veja nona, como ele é sorridente. De nada reclama, o pobrezinho! Acho que vou gostar muito de cuidar dele.

Ao ver a nona, o pequeno ergueu novamente os braços, e enroscou as mãozinhas nos cabelos longos e muito claros de minha nona, que lutou para desvencilhar-se. Depois de muito esforço, conseguiu libertar os cabelos que apressadamente prendeu em um “coque” na nuca, evitando assim, novas investidas. O pequeno divertiu-se muito, rindo bastante, e batendo palmas. Ela não pôde deixar de dizer:

– É levado! Mas que simpático, não? Nem parece filho “daquela”... ele já comeu, Cora?

Sem saber o que responder, levei-o para a cozinha onde fiz uma grossa calda de caramelo, e depois coloquei o gordo leite por cima. Esperei esfriar e o pequeno logo mostrou que falta de apetite não era defeito seu. Podia ouvir ao longe a mãe dele aos berros com Joana: “Anda, desajeitada! Não me deixe isso cair!”. Resolvi ir com ele para o quintal, sentar debaixo de minha árvore amiga e ver como ele se comportava com aquele pálido sol de setembro. Colocando uns sacos para forrar o chão, deitei-o confortavelmente, e ele logo cochilou, aquecido pelos tímidos raios de sol. Estava eu a olhá-lo quando me deparei com Olívia, sentada num tronco, a mão a segurar delicadamente o queixo:

– Mas ele é mesmo um mimo, não é, Cora?

O sol da manhã em seus cabelos castanhos-claros criou um “halo” dourado em torno de sua bonita cabeça. Não pude deixar de perguntar a ela:

– É verdade que ele não é como as outras crianças, Olívia? Enrico não andar­á?

Ela abaixou-se para perto do pequeno, tocando sua cabeça e fazendo arrepiar alguns fios castanhos de seu fino cabelo.

– Cada um é único a sua maneira, Cora. Nem mesmo gêmeos são iguais. E sim, é verdade: dificilmente ele andar­á como as outras crianças, e terá

dificuldade em se comunicar pela fala. Tua nona tem razão, pela experiência ela já viu casos assim.

Olhei para ele com imensa tristeza.

– Mas que mal fez, esse ser tão pequeno, para sofrer semelhante castigo? É muito sofrimento essa limitação!

Pela primeira vez ela me olhou um tanto irritada:

– Quantas vezes tenho que lhe dizer que Deus não pune, mas ensina? Isso que você chama de “castigo”, pode na realidade ser uma forma de aprendizado mais rápida. Não é uma criança apenas, esse que aí está, Cora. Mas uma alma milenar como a tua, que veio com sua forma especial de aprendizado.

Sabendo a verdade de suas palavras, calei-me. Mas a tristeza ainda insistia em pousar no meu ombro.

– Como posso ajudá-lo, Olívia? Tenho por ele desde cedo um amor tão especial, mas não atino como possa aliviar um pouco essa sua carga. Vejo as crianças da idade dele a correr e a brincar. Tinha tanta vontade de que ele conseguisse também!

Ela me sorriu:

– Na realidade, ele já poderia estar falando algumas palavras. Preso com uma mãe que dificilmente fala com ele, como queria que ele aprendesse? Dona Regina o ama, mas nega sempre pra ela mesma suas características especiais. No entanto, jamais deixou que ele fizesse qualquer esforço, mesmo que fosse apenas para apanhar um objeto. Ele possui uma visão e uma audição excelentes, Cora. Se estimulado, com certeza fará alguns progressos.

Senti dentro de meu peito uma nova fé, e fiquei alegre. Então, ele tinha algum jeito de melhorar. Que bom! Ela continuou:

– Por exemplo: quando ele quiser pegar alguma coisa, deixe que ele tente, não se apresse a dar a ele. Converse sempre com ele e vá dizendo os nomes das coisas, mostrando-as. Ele logo responderá com algumas sílabas, que podem se tornar futuras palavras. O corpo tem uma deficiência que aconteceu na hora dele nascer, mas a alma é inteligentíssima, e aprenderá.

– Como pode ser uma alma inteligente, num corpo tão limitado? –

perguntei-lhe.

– O pássaro que antes voava pelos céus e que agora está preso em uma gaiola não esquece o sabor do vento, Cora. Enrico sabia perfeitamente onde nasceria, e que prova teria que suportar para fortalecer seu espírito. Na realidade, ele escolheu essa prova. Note que há nele um brilho de bondade. Apesar de suas dificuldades, ele ensinará muito a muitas pessoas. A mãe dele, por exemplo, tão preconceituosa que sequer admite que o filho possa ter algum problema, poderia aprender um pouco de humildade. E nada impede que essa criança possa sentir e dar felicidade aos que os rodeiam. Não vê como ele é afetuoso?

Para minha surpresa, Enrico abriu os olhinhos e enxergou Olívia, dando para ela um lindo sorriso.

– Ele te vê? Como pode?

Ela passou as alvas mãos em frente ao seu rosto, ao que ele acompanhava atento o movimento:

– Claro. Não te disse que ele tem uma visão “excelente”? Vê inclusive o coração das pessoas tal como é, coisa que muito pouca gente faz. Nem em sonho deixe que o chamem de “abobado”. Grande tolo é quem acha que sabe o bastante sobre a vida.

E assim falando, levantou-se, e me acenou em despedida. De coração muito mais leve, olhei Enrico com alegria: tantos o achariam um “estorvo”, mas eu sabia muito bem a joia que tinha ali. Encostei minha cabeça na dele, deitada ao seu lado no chão do quintal, e peguei pequena margarida, colocando-a perto dele, ao que ele se apressou em pegar. Depois de alguns “tombos” e de se arrastar pelo “tapete de sacos” que eu tinha feito, pegou finalmente a margarida, ao que eu, instruída por Olívia, comecei a repetir:

– Margarida, Enrico! Mar-ga-ri-da! Mar-ga-ri-da...

Sei lá quantas vezes repeti sem sucesso, mas ele gostou muito da brincadeira. Dois dias depois, no mesmo jardim, ele apontou com o dedinho para as flores, e disse a sua primeira “palavra”:

– Ida! Ida! Ida!

Adeus, Joana!

COM A MORTE DE meu nono e o interesse de Regina pela venda, minha nona abateu-se muito. Quem levantava antes das cinco da manhã (cheia de energia, me chamando animada), agora acordava mais tarde, assistia à missa diária (sua única distração) e voltava para o leito, muito cansada, ficando deitada até as dez da manhã. Debalde tentei que ela se interessasse por algum trabalho manual, algum outro afazer. Mas minha nona não era dessas coisas. Tirando a cozinha, onde ela fazia verdadeiras “mágicas”, ela nunca havia se interessado por mais nenhum trabalho doméstico.

Gostava de Enrico, mas não tinha grande afinidade com esse neto mais novo. Criado desde cedo longe dela, por conta da mãe que tinha por ele feroz ciúme, ela não tinha firmado nenhum vínculo forte com ele. Agora, vendo-o no meu colo, mais ativo, em tudo querendo tocar com as mãozinhas alvas, ela divertia-se com ele. Mas tudo logo lhe cansava, e quando eu via, lá estava ela cochilando novamente.

Dona Regina tinha tentado lhe “empurrar” algum afazer doméstico, mas não teve sucesso. Apesar de autoritária, com minha nona ela não tinha vez. Ai dela se falasse mais alto ou mais grosso com a minha nona. Ocorreu uma cena entre as duas que me fez dar muita risada (escondido de Regina, é claro): estava eu no quarto com a minha nona e Enrico, a conversar sobre os tempos antigos, coisa de que ela muito gostava, quando a mãe do menino chegou à porta e nos disse, um tanto afogueada:

– Dona Cora, estou precisando muito de Joana na venda, e a casa está ficando sem ninguém. Não poderia a senhora e a menina cuidarem da limpeza da casa, enquanto fico com Joana na venda? Há muito serviço a ser feito lá.

Sabíamos, é claro, que trabalhar na venda estava longe de ser só “atender aos clientes”. Tínhamos que catalogar as mercadorias, ver os custos de cada uma, manter o lugar limpo, checar as contas dos clientes. Para mim e minha nona era relativamente simples, pois estávamos acostumadas a isso e nos desincumbíamos da tarefa sem grande esforço. Minha nona tinha uma mente privilegiada para fazer contas, e apenas no último ano sua vista falhava um pouco. Acontecia agora que dona Regina notava que tomar conta das finanças da casa e da venda não era assim tão simples, e a nona não era assim tão “desligada” como ela queria acreditar. Preguiçosa por natureza, e com um porte mais que avantajado, ela estava agora a tentar entender nossas anotações, e ao mesmo tempo tinha que manter a venda e a entrada bem limpas. Assim, requisitou nossa boa Joana para ajudá-la.

Preciso é que se diga que esta não ficou nada feliz com o arranjo? Acostumada com minha nona, que a tratava como filha, com a polidez e o respeito que ela merecia, estava agora Joana sofrendo muito, pois a toda hora eram ouvidos os “berros”: “Joana, limpe o assoalho!”, “Joana, pegue aquela caixa”, “Ande logo com isso, sua lesma! Pra tudo leva uma eternidade!”. A nona nada dizia a ela, e limitava-se a comentar comigo: “Isso não vai dar certo”.

Agora Regina acreditava que devia colocar minha nona a limpar a casa. Essa olhou-a bem nos olhos e disse:

– Pois então agora acha difícil cuidar da venda, não é? Tanto fez que me tirou de lá, e ainda quer me fazer de sua criada?

Pude vê-la encolher-se, como que a querer desculpar-se:

– Mas, dona Cora! Eu não quis dizer isso. Claro que não queria que a senhora fizesse o serviço pesado! Mas a senhora podia fazer ao menos a comida! Cozinha tão bem, muito melhor que Joana!

Se Regina achou que o elogio a “amansaria”, enganou-se redondamente. Minha nona respondeu como sempre que ficava zangada – meio italiano, meio português:

– Pois muito bem... – disse a nona – durante anos a senhora viveu aqui e alimentou-se e vestiu-se às custas do meu trabalho e do de Cora. Nunca a vi fazer um só serviço doméstico, sequer oferecer ajuda a Joana. “Ora pensa di essere il capo della famiglia” (Agora pensa que é a chefe da família)! “Me

la casalinga!” (Eu sou a dona da casa). “Non sono ancora morti” (Ainda não estou morta).

Ao ver Regina empalidecer, à porta do quarto, ela ainda terminou:

– Não tinha “o olho” na minha venda? Pois então trabalhe, que Joana não é sua escrava. Estou velha e tenho o direito de descansar! E nem pense em sobrecarregar Cora, que já cuida de Enrico o tempo todo.

Assim sendo, só restou à dona Regina bater em retirada. Depois disso sentamos as duas, a rir com a cara de espanto que ela tinha feito quando a nona desatou a falar em italiano. Assim mesmo, eu tinha muita pena de Joana, a quem já tinha visto “chorar de raiva” outras vezes. Logo, disse à nona:

– Nona, Enrico é quietinho, quase não dá trabalho! Vou tentar ajudar Joana, pois ela realmente está ficando cansada e triste. Pode deixar que faço isso longe dos olhos dela, afinal, não quero que ela pense que pode abusar de mim também.

Minha nona assentiu. Se era para o bem de Joana eu ajudaria o tanto que me fosse possível. Assim, quando ela conseguia sair da venda de Regina, tinha a grata surpresa de ver a sala da casa brilhando, ou os talheres e pratos todos lavados. Restava a ela então apenas cozinhar. Mesmo assim a minha querida Joana não estava nada feliz, e um dia, enquanto mexia uma “polenta” no tacho de alumínio, me segredou:

– Sabe, Cora, gosto muito de você e de sua nona. Eu e Pedro estamos aqui há tanto tempo, que sua nona para mim é como a mãe que não conheci. Mas não suporto mais dona Regina. Acho que é hora de eu mesma ter minha família, afinal, daqui a pouco estarei velha para isso.

Eu a olhei com curiosidade. Estava ali a melhor amiga que tinha tido durante toda a minha vida, e eu nunca a tinha ouvido falar em nos deixar. Joana e eu, nas tardes de sábado e de domingo, depois da venda fechada, passeávamos ao longo da praça da cidade, indo até o recém-construído coreto. Uma senhora vendia um “gelato” (sorvete) maravilhoso com calda de açúcar e frutas, e nos sentávamos num banco, à sombra de uma grande árvore, olhando as pessoas que passavam. Eu não saberia dizer se Joana era bonita: para mim ela era linda, com aquela cor de chocolate e os alvos dentes brancos, sempre a aparecer por baixo de deliciosas risadas (ela e

Pedro eram os únicos negros da vila. Minha nona disse que de início eles chamavam muita atenção, mas depois o povo os aceitou muito bem). Sabia que era bem feita de corpo, pois alguns rapazes a olhavam com curiosidade. Assim, não estranhei muito quando um senhor descendente de alemães, já de uma certa idade, encantou-se com ela.

O “namoro” naquela época era uma coisa engraçada: não me faltavam interessados, mas a minha famosa “timidez indígena” fazia com que eu mantivesse os olhos no chão, morrendo de vergonha de encarar qualquer rapaz. Mas o alemão com Joana era diferente: ele passava por nós vezes seguidas, a “espichar” o olho para Joana, e ela sorria discretamente, ficando muito séria (como convinha a uma moça de família). O alemão, encantado com a cor de sua pele, demorou umas boas semanas até criar coragem e se aproximar dela depois de uma missa das seis da tarde, no domingo. Assim, começaram um namoro que ele logo quis que se tornasse compromisso sério, pois tinha pequena gleba de terra no interior, e precisava muito de uma mulher que fosse com ele trabalhar a terra e estabelecer família.

De início, Joana não achou muita graça em “se enterrar no mato” com aquele senhor de mais de quarenta anos. Preciso é que se diga que na vila havia muito mais conforto que nos sítios que a rodeavam. Lá a água era difícil de se conseguir, não havia nenhuma iluminação que não fossem as velas ou os lampiões e a comida não tinha muita variedade: comia-se quase sempre apenas o que se produzia em roça própria. Era uma vida difícil, e até mesmo arriscada, pois as matas virgens em torno eram habitadas por animais, que raramente eram mansos. Apesar disso, o alemão, que mal falava o português, colocava mel nos lábios quando falava com ela.

E tanto insistiu, que agora, passado um ano de “conquista”, finalmente Joana pareceu concordar em ir com ele. Ainda assim minha nona assustou-se bastante com a novidade: não contava em ficar longe da amiga de tantos anos. Chamou Joana para uma conversa e depois disse que queria conhecer esse seu “pretendente”. Explicou que isso era importante, ou ele poderia achar que ela “não tinha família”, e com isso considerá-la menos.

– É preciso que ele saiba que você não foi “apanhada na rua” – disse a minha nona –, por isso diga a ele que você só sai daqui depois de um casamento na igreja, como se deve.

Assim, foi marcado o jantar em nossa casa. Meu pai devia chegar em poucos dias com a tropa, e o noivo foi devidamente avisado. Dona Regina de início reclamou muito: “Ora, já se viu gastar dinheiro em casamento de negro!”, mas minha nona estava irredutível, e mesmo meu pai concordou com ela. Ele e o irmão Pedro ali estariam para examinar de perto esse “pretendente”.

Muito animada com os doces do jantar, minha nona fez-me uma grande surpresa: justo ela, tão econômica, encomendou a meu pai tecidos de algodão bem forte, e nos pusemos a fazer o enxoval de Joana. Não tinha grandes bordados, nem era coisa da mais fina, mas eram boas roupas de cama e banho, de um tecido forte e macio. Tudo muito branco e limpo: Joana não sairia de nossa casa de mãos “abanando”. Chegado o dia do jantar de noivado, estávamos todos bem postos na sala, tudo muito limpo, e a comida já cheirando no forno. Curiosa, pois queria ver como minha família italiana receberia o “alemão”, postei-me lá com Enrico no colo, a brincar com meus cabelos.

Passado um pouco das cinco horas, o “pretendente” apareceu: vinha numa roupa muito limpa, os sapatos brilhando de graxa, mas a roupa não lhe assentava assim tão bem: podia-se ver que tinha sido feita para uma pessoa de tamanho menor, e embora ele fosse magro, os tornozelos e os punhos estavam razoavelmente à mostra. Chegou muito vermelho à porta da casa, com um embrulho debaixo do braço, sem jeito como ele só. Vendo a indecisão do homem, meu pai saiu porta afora e puxou-o pra dentro de casa:

– Mas vamos com isso! Não precisa ficar acanhado que somos uma família simples! É o noivo de Joana, não?

Pude notar dona Regina a olhar para o teto, visivelmente incomodada. Minha nona, sentada, abriu um sorriso de boas-vindas e Joana, ouvindo a “palestra” na sala, finalmente apareceu, de roupa nova, feita ainda aquela semana, e muito bem penteada. Estava tão bonita a nossa Joana! Ao vê-la, ele finalmente cumprimentou os presentes com mais entusiasmo.

O jantar transcorreu sem grandes sustos, mas com a comunicação meio “arrastada”: afinal, o noivo não falava bem o português, e quando, altos pelo vinho, meu pai e Pedro desataram a trocar expressões em italiano, ele ficou visivelmente confuso. Mas, um garrafão de vinho depois, estavam

todos a se entender razoavelmente. Minha nona pediu para se retirar, alegando o cansaço da idade, mas antes disso, disse em alto e bom som para a sala toda:

– Ficamos muito felizes de conhecer o senhor, “seu” Alfred (nome do noivo de Joana)! Mas quero que saiba que leva daqui uma moça honesta e trabalhadora, que está conosco há tanto tempo que já a queremos como filha. Espero que a trate bem, pois nessa casa ela nunca sofreu maus-tratos. E Joana, pense bem se quer se casar mesmo, pois o divórcio nessa família não é nem considerado!

Fez-se um silêncio característico, apoiado pelo meu pai, e o “seu” Alfred a dizer que jamais maltrataria Joana. Assim sendo, marcou-se a data do casamento para uma semana depois, na igreja da praça principal. Estando os nubentes munidos da certidão de batismo, padre Elvídio casou-os em cerimônia simples, de poucas pessoas, indo conosco depois para casa, para um lauto almoço de despedida.

No meio de toda aquela confusão, animada com os preparativos, nem prestei atenção ao principal: Joana iria embora, não moraria mais conosco. O sentimento triste de perda se abateu sobre mim quando a notei colocando o baú com as roupas de cama, na frágil e simples carroça de seu noivo. Ah, Senhor! Que falta ela me faria! Que tola eu tinha sido a ficar feliz com o seu casamento!

Enquanto ela se ajeitava, perguntei à minha nona se ela sabia aonde Joana iria morar, se poderíamos visitá-la, às vezes. Minha nona disse que sabia onde ficava o sítio do alemão, que era bem a umas quatro horas de carroça de nossa vila. Não era tão longe, afinal! Dona Regina, no entanto, vendo minha preocupação, fez um comentário mordaz:

– Aquela lá acha que agora vai ser dona de sua própria casa! Negra tola! Pelo que sei, ele mora numa “tapera” que nem água por perto tem. Reclamava do serviço aqui, onde tudo era fácil e a comida farta? Vamos ver como se dará agora!

E com esse comentário adentrou a casa. Minha nona ficou pensativa com as palavras dela, e juntas pedimos a Deus que Joana fosse feliz e se adaptasse à sua nova vida. O comentário de minha nona foi curto, mas sábio:

– Preferível ser uma dona numa “tapera”, do que uma escrava num palácio. Se acalme, Cora, que ela ficará bem.

Ouvindo aquilo, ponderei que minha nona devia estar certa, como sempre. Ainda assim a dor de não ter mais Joana por perto, a cantarolar na cozinha, me ensinar os temperos e contar histórias engraçadas, me seguia por todo lado. Pegando Enrico do carrinho, fui com ele para o meu quarto me deitar um pouco, e deixar que as lágrimas caíssem. A imagem dela, a me acenar alegremente de cima da frágil carroça, ainda me nublava os olhos. Do fundo de meu coração eu só conseguia dizer: seja feliz, Joana! Que a vida seja boa pra você, grande amiga!

Vi Joana somente três anos depois. Veio à Vila com o marido e dois filhos, para comprar mantimentos para o sítio. Tive tanta pena de minha boa amiga! A Joana alegre e resposdona, de corpo firme e postura altiva, tinha se perdido com o casamento: via agora uma senhora já de corpo pesado, faltando alguns dentes, extremamente submissa ao marido. A miscigenação foi interessante em seus filhos: o mais velho tinha quase que a cor do pai, um tanto avermelhado, mas os cabelos crespos como os da mãe, apesar de louros. O mais novo ainda estava de colo, mas tinha saído mais moreno, e com os cabelos finos e negros. O alemão foi distinto conosco, mas Joana parecia se envergonhar um pouco. As roupas eram as mesmas de nossa casa, com alguns remendos ocasionais, surradas e um tanto apertadas com o ganho de peso. Nunca em nossa casa ela se vestiria assim.

Tentei pensar comigo mesma no destino dessa grande amiga, que agora parecia me evitar um pouco, debaixo da vigilância do marido: seria ela finalmente dona de sua própria casa? Despedi-me dela com doces para as crianças, mas duvidando que a escolha tivesse sido boa para ela.

Amigo de infância

A VIDA EM NOSSA casa sem Joana, com a nona mais presa ao leito do que nunca e Regina tomando conta da venda, ficou um tanto pesada pra mim. Enrico era um doce, mas me tomava muito tempo e eu precisava agora, além de tudo, dar conta da casa e da cozinha.

Ao me ver tão ocupada, minha nona tomou pra si a incumbência de cozinhar, mas não era sempre que estava disposta. Eu a via “arfando” ao menor esforço físico, e com isso, corria a deitá-la na cama. Regina também estava de constantes “maus-bofes”, ou seja, um humor que variava do “irritada”, para o “desesperada”. Na falta de Joana para escutar suas ordens, ela quase me deixava maluca. Minha nona, vendo a situação, chamou a atenção dela, deixando claro que eu não era “schiavo” (escrava) e que ninguém gritava comigo. Escutei mais de uma vez ela a ralar com Regina:

– Trate direito a menina, que não é empregada sua! Ora já se viu. Nem Joana lhe aguentou. Também, com esse gênio ninguém fica por perto! E trate de arrumar logo uma moça pra lhe ajudar com a casa, que Enrico toma muito tempo de Cora.

Regina ficava pelos cantos a resmungar: “Trata aquela lá como uma princesa...”, mas vendo que eu me esforçava ao máximo, e que cuidava de Enrico com carinho, sossegava um pouco. Parte de seu mau humor é que a venda não estava indo bem: antigos clientes reclamavam da falta de minha nona, sempre bem-humorada a contar histórias e dar receitas a quem pedisse. Tinha sempre um jeito de “tirar uma mancha de vinho”, ou “um novo bolo de festa”. Isso sem falar nos seus famosos “quilos pesados conforme a situação do freguês”. Regina tinha um jeito bastante seco de tratar os mais humildes, e desdobrava-se em “rapapés” (cortesias) com os mais afortunados. Aos poucos percebeu que nem sempre os mais abastados

pagavam suas contas em dia, enquanto os pobres sempre honravam, mesmo que aos poucos, as suas dívidas.

Lembrei-me de uma conversa que havia ouvido há muito tempo, entre meu nono Giancarlo e a esposa, os dois sentados na frente da casa.

Bonachão, meu nono dizia:

– E a venda, “cara mia” (minha querida), anda se aguentando bem? Algum freguês que não paga?

Minha nona riu-se baixinho, e segredou-lhe:

– Não se preocupe, Giancarlo. Alguma vez faltou capital para as compras e o abastecimento da venda? Eu sei que não sou boa “nas letras”, mas com números ninguém me enrola! E depois, fique tranquilo que ando até mesmo guardando um “extra” para qualquer apuro. Sabe que não gosto de ficar sem reservas.

De mãos dadas, sentados, eles olhavam a rua em frente a casa, e cumprimentavam ora um, ora outro freguês que passava. Para todos a minha nona tinha um sorriso, quando não um gracejo. Um bule de café ficava sempre no fogão a lenha de nossa cozinha para oferecer aos clientes e aos amigos, quando ela também não trazia pedaços de bolo. Pude ver meu nono a olhá-la com amor e admiração:

– Bem que meu pai me dizia que a maior fortuna de um homem é uma boa e sensata esposa. Tive sorte contigo, “cara mia”, mas nunca consegui entender como é que você consegue, mesmo fazendo as suas “caridades”, manter essa venda e ter lucro.

Ela lhe sorriu misteriosa, piscando pra ele o olho esquerdo:

– Pois não dizem aqui nesta terra que quem dá aos pobres, empresta a Deus? Na verdade, eu não “dou” aos pobres (ou certamente iríamos à falência), apenas “facilito”, dando a eles a chance de pagar depois. E verdade seja dita, a maior parte fica tão agradecida que paga até antes do prazo. Isso quando não me trazem galinhas, porquinhos, patos. Não reparou como nosso quintal está sempre cheio? E depois vendo os ovos, as carnes, tudo fresco e de boa qualidade, aos mais abastados, esses sim pagando um preço acertado. O bom Deus muito tem abençoado essa casa, Giancarlo. Temos até muito mais do que precisamos.

Pasmo com a sabedoria da mulher, meu nono tomava o seu cálice de vinho, enquanto lhe alisava a mão. Eram felizes os dois, e em muita coisa eram parecidos: nenhum dos dois se preocupava em “andar na moda” ou coisa parecida. As roupas eram simples, de bom e forte tecido, estavam sempre muito limpas e bem passadas, mas era só. Parecia que a vaidade de minha nona estava em me enfeitar, assim como a de meu nono. Ganhava pelo menos uns três vestidos por ano, e não havia uma viagem que meu nono fizesse que não me trouxesse um agrado: uma água de cheiro, uma fita, um tecido e até um pequeno espelho com madrepérola no verso... orgulhava-se muito de mim, e queria sempre me ver impecável.

-“Vedere, Cora, e la nostra nipotina è bella!” (Veja, Cora, como a nossa neta é bela!)

Ao ouvir tais elogios eu procurava sempre sair de mansinho, vermelha como um pimentão. Davam alguma risada com isso, os dois. Mas, apesar de me tratarem com tamanho carinho, pobre do rapaz que se aproximasse de mim. Os italianos nesse ponto eram bastante severos, e mesmo a minha nona, enquanto eu trabalhava com ela na venda, corria com qualquer pretendente que me “espichasse” os olhos. Lembrava desse tempo com uma saudade imensa, e não fazia nem tanto tempo assim que meu nono tinha partido: no máximo seis meses.

Estava eu a me lembrar dessas coisas, enquanto varria a casa e a venda. Ao chegar na frente da venda, o cabelo negro quase a me tampar o rosto, percebi vindo em minha direção um bonito moço, de cabelos escuros (não tanto quanto os meus) e pele muito clara. Parou na minha frente com um sorriso que me deixou intrigada, e ao mesmo tempo, me seduziu: era uma expressão de afeto, e de surpresa. Qual não foi meu espanto quando ele exclamou:

– Mas vejam se não é a nossa indiazinha Cora!

Dei um passo para trás segurando a vassoura de ramos. Tirei rapidamente o cabelo do rosto. Quem era aquele? Estava bem vestido, cabelo bem cortado e vinha com uma pequena mala nas mãos. Estava a me olhar divertido, pois notara que eu não conseguia me lembrar de quem era.

– Não me reconhece! Mas, quem diria. Será que estou tão diferente? Ainda hoje sinto na boca o gosto dos doces que me deu, daquela vez, e que

eu levei para meus irmãos. E agora, se lembra?

– Justino!!!

Sim, era o mesmo menino pobre, que vinha descalço em nossa venda comprar açúcar para os doces da mãe, viúva trabalhadora que sustentava a ele e aos irmãos. Mas que elegante ele estava! Nem reconheci.

– Nossa, mas como está diferente! Nem reconheci você, Justino! Que roupa bonita! Fica muito bem em você!

Enrico, sentadinho num caixote, deixou de prestar atenção a uma laranja, que devorava com fúria, para admirar nosso visitante. Súbito, ergueu a mãozinha com a fruta um tanto mordida, como que a oferecer a ele. Ele riu-se muito do menino:

– Não. Fique à vontade que já tomei o meu café! Quem é ele, Cora?

– É meu irmãozinho. Parece que gostou de você.

Deixando a vassoura de lado, peguei Enrico no colo para que ele pudesse vê-lo melhor. O menino realmente tinha simpatizado com meu amigo de infância. Brincando com ele, Justino me disse:

– Parece que faz séculos que não vejo você! Estive em casa de uma irmã de minha mãe, em outra vila, para finalmente poder estudar, pois eu ansiava por isto. A vida foi boa pra mim, Cora, pois minha tia não teve filhos, e me tratou com carinho, me ajudando muito.

Ah... era por isso que não o via há tanto tempo! Pelo menos seis ou sete anos haviam se passado, e o que era um mocinho educado, mas pobre, agora parecia um rapaz de certas posses. Lembrando da situação de penúria em que eles viviam antes, agradei a Deus a boa sorte deles. Não pude deixar de perguntar:

– Veio visitar sua mãe? Ela vai ficar muito feliz de ver você tão bem!

Ele sorriu um tanto triste, como a se lembrar de certas coisas.

– Fiquei com minha tia durante todos esses anos. Ela enviuvou, mas o marido deixou-a muito bem de vida, e ela vivia folgadamente das rendas de uns imóveis que ele lhe deixou. Era bem mais velha que minha mãe, coitada, e muito só. Tomou-se de amores por mim, e eu todos os meses pude mandar à minha mãe uma quantia para que ela pudesse sustentar meus irmãos. Apesar de ser muito séria, tia Helena era muito boa, e eu devo

muito a ela.

Notei que falava da tia no passado, o que me deixou pensativa. Ele logo tirou minhas dúvidas:

– Quando minha tia morreu, deixou-me seu patrimônio em herança. Poderia ficar por lá, mas tinha tantas saudades daqui, que deixei tudo encaminhado, e vim para ficar com minha mãe. Finalmente poderei dar a ela um conforto maior.

Fiquei feliz que ele fosse morar de novo na nossa vila. Abri um sorriso, e ele me disse:

– Mas como eu falo, não? E você? Ficou muito bonita, Cora, se bem que quando criança já era uma “belezura”. E seus avós, estão bem?

Em rápidas palavras expliquei-lhe que meu nono tinha morrido, e que minha nona não estava mais tomando conta da venda. Ele perguntou pelos outros, e então eu contei que tio Benito tinha se casado com uma encantadora moça, em uma vila mais ao sul. Espantou-se ao ver que a minha nona tinha deixado a loja, e me perguntou se podia vir visitá-la, pois tanto ele como a mãe gostavam muito dela.

Ao me ver conversando com o moço um pouco à frente da venda, dona Regina veio ao nosso encontro de cenho fechado, mas vendo o moço tão bem vestido, forçou-se a dar um sorriso. Também não tinha reconhecido Justino! Olhou-o com curiosidade, dizendo:

– Bons dias, senhor! Quer comprar alguma coisa? Aqui temos quase tudo...

Ele olhou dona Regina um tanto espantado. Algo em seu rosto traía sua surpresa com a aparência dela.

– Dona Regina, mulher de “seu” Adamo! Como está mudada. Cuspei a reconhecer.

É verdade que Regina tinha engordado bem uns quarenta quilos desde então, o que causa realmente “uma certa” mudança. Ela já o olhou sem muita simpatia, ao que ele disse:

– Não se recorda de mim? Pois eu me lembro bem da senhora a me “tocar” da igreja, pois não queria que eu andasse por lá descalço. Sou Justino, filho de dona Otília, a doceira.

Ao ouvir falar de dona Otília, Regina arregalou os olhos. Finalmente o reconhecia, e disse com espanto:

– Mas que bem vestido está!!! Nem parece mais o filho da doceira. Que houve? Ficou rico? Alguma herança?

Meio sem jeito ele respondeu que “era mais ou menos aquilo”. Despediu-se e me recomendou à minha nona, dizendo que iria fazer-lhe uma visita, que eu só marcasse a hora. Por fim, me sorriu e disse que a mãe estava à sua espera, caminhando forte e alto pela rua, em direção ao seu antigo bairro. Enrico, ao vê-lo ir-se, deu-lhe adeus com as mãozinhas, tal qual eu lhe ensinara. Dona Regina não pôde deixar de comentar:

– Ora vejam só, que sorte, uma herança! Nem parece mais aquele menino “esfarrapado” a quem sua nona praticamente doava açúcar para os doces.

Ainda admirada, cruzou os braços em torno do volumoso abdômen, virando-se pra mim, mal-humorada como de costume:

– E você, já pra dentro! Essa calçada está mais que bem varrida, e Enrico não pode pegar vento. Há muito o que fazer dentro de casa, e moça direita não fica de conversa com moços na rua! Deixe seu pai saber disso.

Com Enrico num dos braços e a vassoura na outra mão, entrei para dentro de casa pensativa. Estava alegre com Justino de volta, lembrava-me dele a me olhar do outro lado da rua, a me observar junto com a nona. Lembrei-me inclusive de um comentário dela, sobre essas cenas: “Se ele não fosse tão menino ainda, diria que está enamorado de você.” Dizia isso e ria bastante, pois toda vez que ele aparecia eu corria a me esconder no fundo da venda, tímida como meu povo indígena. Reparei, sem sombra de dúvida, que ele estava um bonito rapaz, e pela primeira vez meu peito batia forte ao lembrar de alguém. Entre confusa e um tanto “alegre” sem motivo algum, fui com Enrico para o quintal, ver se conseguia alguns ovos para o almoço. Para minha surpresa, lá estava Olívia, com a mesma aparência de quando eu a via quando menina: eu havia crescido, mas ela continuava a mesma. Ao me ver, ela me deu um sorriso cúmplice:

– Ficou bonito o Justino, não é, Cora?

Vermelha como um pimentão, assenti com a cabeça. Ela deu uma de suas risadas alegres:

– Ora vamos, não se amofine! É mais que natural na sua idade, se interessar por algum moço. Já vai fazer dezoito anos, não é? Muitas meninas desta vila já estão casadas aos dezesseis!

Não respondi nada. Claro que me imaginava, às vezes, como as moças dos romances que meu nono me trazia. Mas era sempre tanto trabalho, que eu mal tinha tempo de pensar em tais coisas. Sem Joana por perto, eu não fazia mais meus passeios de domingo, e a única vez que saía era com minha nona, a assistir à missa das seis. Minha vida tinha ficado dura, a cuidar de minha nona, de Enrico e da casa. Não era nada fácil, pois dona Regina era exigente, e eu muitas vezes chorava escondido para não perturbar minha nona. Olívia me olhou com amor e amizade:

– As coisas estão difíceis, não é, Cora? Mas, anime-se, pelo que sei sua nona está procurando outra mocinha para substituir Joana! Em breve terá ajuda.

Ao ouvir isso animei-me um pouco. Enrico dormia pesadamente no meu colo, tranquilo com a presença de Olívia. Pude ver em seu rostinho um sorriso feliz e maroto. Disse a ela:

– Não me queixo de trabalho, Olívia. Só não gosto da rispidez com que ela me trata. Nunca agradece e está sempre reclamando. Quanto ao Justino, lá tenho eu tempo de pensar nessas coisas? Minha nona ainda precisa muito de mim, parece adoentada e não anda se alimentando bem. Como posso pensar em “namoricos” com ela assim?

Olívia me olhou como se soubesse de algo e não quisesse dizer-me. De intuição forte, perguntei a ela:

– Ela está mesmo doente, Olívia?

Ela suspirou fundo, sentou-se ao meu lado e eu pude ver a beleza daqueles olhos castanhos, quase cor de mel, pontilhados de um verde escuro.

– Tudo tem seu tempo sobre a Terra, Cora, e sua nona não é exceção. Muitos não sabem, mas os sentimentos atingem não só a mente dos vivos, mas o corpo também. É grande a falta que ela sente de seu nono, e imensa a mágoa que guarda de seu pai, por não a querer mais na venda. Ela é boa e orgulhosa, mas sem seu nono e os amigos que sempre via no trabalho, perdeu muito do viço.

Um frio arrepio me passou pela espinha, com os olhos cheios de lágrimas, perguntei:

– Minha nona vai morrer, Olívia?

As mãos sobre os joelhos, o olhar pensativo, e ela segredou-me:

– Só o bom Deus sabe a hora de cada um. Mas todos iremos embora um dia, Cora. Tenha paciência e fé, lembre que nunca estará sozinha.

Mais calma, tentei pensar em outra coisa qualquer. Ela acariciou a cabecinha de Enrico, e eu fui para a cozinha, tentar começar a preparar o almoço, pois minha nona dormia ainda profundamente, e eu não queria que ela se cansasse. Chegadas as dez horas da manhã, pude vê-la lavando o rosto na bacia, com um jarro de água fresca, e deu comigo atarefada, mas muito feliz dela estar ali.

– Ficou maluca, menina? Por que não me acordou? Já passa das dez, nunca fui de dormir tanto! Como está o almoço?

Corri para ela em um abraço apertado, que ela estranhou bastante, pois eu não era de muitos “chamegos”, a não ser com Enrico. Aceitando o abraço, ela alisou meus longos cabelos e me olhou nos olhos um tanto confusa:

– Que é isso, menina? Parece que não me vê há séculos. Algum “sonho” ruim?

Sabendo ao que ela se referia, tratei de desfazer qualquer mal entendido, e disse a ela:

– Nenhum sonho ruim, nona! Mas é que às vezes eu gosto tanto da senhora que me dá um aperto no peito! Deixei-a dormir porque parecia tão bem na cama quentinha, com seus sonhos! E depois, o almoço já está quase pronto.

Ainda desconfiada, ela me olhou de soslaio:

– Sabe que consegui com o padre uma menina para lhe ajudar aqui? Não quero que você fique tão ocupada, enquanto “aquela lá” toma conta de nossa venda. Ela vem amanhã.

Curiosa, perguntei:

– Amanhã? Mas, já? Quem é ela, nona, eu conheço?

Com um ar misterioso ela me sorriu:

– Trata-se de uma moça cuja família é muito pobre. Tão pobre que a mãe pediu ao padre Elvídio para lhe arrumar uma casa de gente honesta onde ela pudesse pelo menos se alimentar. É pouco mais nova que você, Cora. Deve ter seus quatorze anos. Ele me apresentou a ela, tão magrinha, a pobre!

– E como ela se chama, nona?

Com um sorriso, a nona me disse:

– Gertrude. Nome engraçado para uma moça, não? Deve ser porque é descendente de alemães.

Laços de sangue e laços de alma

A MENINA, DE SEUS quatorze anos, muito magrinha, com sardas e grandes olhos castanhos assustados, entrou na nossa casa pela mão de padre Elvídio. Vinha com um vestidinho roto, um tanto maior que ela, como se tivesse sido herdado de longa data, de pessoa de maior porte. Nos pés botinas surradas, que pareciam ser masculinas, e também maiores que os pés dela, e os longos cabelos cor de trigo, preso em duas tranças atrás da cabeça. Eu simpatizei logo com ela, que me olhava muito admirada dos meus cabelos negros, coisa que em sua colônia de alemães era raridade. Apresentei-me a ela, disse que a dona da casa já vinha, e que minha nona estava no quarto. Apressei-me em chamar as duas.

Encolhida por trás do padre, Gertrude olhava a casa com assombro. Acostumada que estava a uma pequena choupana, onde o frio entrava pelas frestas de madeira, olhou tudo com curiosidade. Dona Regina chegou logo, e minha nona levantou-se para receber a pequena. Ao ver Gertrude tão mal vestida, fungou logo, reclamando:

– E essa menina sabe fazer alguma coisa na casa? Sabe cozinhar, menina?

Escondida ainda atrás de padre Elvídio ela respondeu com forte sotaque:

– Sim, “senhorra”. Eu cozinha bem, faz comida alemã, que minha mãe ensinou.

Achei graça no jeito dela falar, o sotaque arrastado, mas Regina não viu nisso graça nenhuma:

– Comida alemã? Ora! Era só o que me faltava! Vai ficar mesmo é na arrumação da casa. Isso você sabe fazer, não?

Ela assentiu com a cabeça. Corri a mostrar a ela o quarto de Joana, e ao saber que ficaria num quarto limpo, ao lado da cozinha, aquecido pelo

fogão à lenha, ela exultou. Passou logo as mãos pela colcha forte de lã que minha nona tinha dado para uso de Joana. Notei que ela de bagagem trazia apenas pequena trouxa, num “saco” de algodão que devia algum dia ter sido branco, mas que estava também puído. Depois de acomodá-la, fui imediatamente falar com a nona: a moça precisaria de roupas novas, pois as dela, além de poucas, estavam gastas demais.

– Providencio o tecido, Cora. Mas, será que ela sabe ao menos costurar?

Ao ver o tecido ela arregalou muito os olhos, beijou muito as mãos da nona, e pôs-se a cozer depois do serviço, quando a noite começava a baixar. Pude logo notar que ali estava uma boa costureira, que apenas não tinha o que costurar.

Gertrude tinha um gênio forte, mas também tinha pavor a dona Regina, que como sempre só falava com ela aos berros. Contou-me sua história de vida: filha de alemães, veio a aprender o português bem tarde, já que na vila só se falava na “língua mãe”. Tinha alguns irmãos mais velhos, todos já longe de casa, pois a pobreza era muita. Seu pai tinha falecido um ano antes, amigo das bebedeiras, parecia ter caído de uma pequena ponte de madeira, quando voltava para casa do bar. Seu corpo foi achado bem mais tarde, no leito do rio, já bem inchado. Se a vida já era dura antes, tinha ficado bem pior, e a mãe dela, que ainda não tinha chegado aos quarenta anos, já parecia mais velha que a minha nona.

Não sentia saudades de casa, e tinha muito medo de ter de ir embora, motivo pelo qual jamais questionava as ordens de Regina. Parecia que pela primeira vez estava numa casa ampla, com comida, limpeza e roupas novas: depois de tanto sofrimento, aquilo tudo lhe parecia o paraíso. Agradei intimamente a Deus, pois nunca tinha sentido nenhuma privação, e assim ficamos nos tratando amistosamente.

Coisa curiosa acontecia com Regina: ela, que antes era tão apegada a Enrico, depois de me ver cuidando dele passou quase que a ignorar o menino. Muito interessada na venda e em possíveis lucros, deixou-o inteiramente aos meus cuidados. As poucas vezes que parava para vê-lo era para verificar se estava precisando ser trocado, ou se estava sujo. Tinha horror a “gente suja”, e se o pequeno estivesse brincando com terra (coisa que ele adorava), a bronca não era pequena.

Minha nona, por sua vez, deixou a cozinha por minha conta. Reclamava muito de dores na coluna e preferia ficar em seu quarto a caminhar pela casa, e quando necessitava de qualquer coisa, me chamava: “mia nipote, è qui!” (minha neta, vem aqui). Eu a atendia sem demora, pois ficar ao lado dela para mim era sempre um prazer. Ela olhava Enrico com os olhos mansos, divertia-se com ele, mas não tinha mesmo qualquer ligação com o menino. Um dia, querendo que ela se interessasse mais, disse:

– Veja, nona! Está ficando parecido com o “pai” Adamo, não?

Ela franziu as sobrancelhas, apertando os olhos, como que a vê-lo melhor. Na realidade, Enrico era parecido fisicamente com a mãe, que tinha tido alguma beleza na juventude, mas eu queria que a nona se animasse um pouco, e se aproximasse mais dele.

– Mas, qual!!! Parece mesmo é com a mãe dele. Esses cabelos escuros, anelados. Estou ficando muito velha, Cora. E quando a gente chega à minha idade, aprende que deve dizer o que pensa. Guardaria um segredo para a tua nona?

Curiosa, assenti rapidamente. Ela chamou-me para mais perto, para que ninguém mais a escutasse.

– Prometa que o que vou dizer não vai ser repetido, mesmo porque não tenho provas, é só cisma de mãe.

Prometi, cada vez mais interessada, e ela me disse:

– Pois não acho que esse menino seja de Adamo. Não vejo como poderia ser. Seu pai, uns dois anos depois de seu nascimento, levou um coice de mula por entre as pernas. Ficou em casa muitos dias, em tratamento de ervas, mas depois, o curandeiro que tratou dele me disse que ele teria uma vida normal, mas que podia esquecer de ter filhos.

Diante de tal revelação, fiquei um tanto pasma.

– E ele sabe disso, nona? Não desconfiou da gravidez de dona Regina?

A nona resmungou baixinho:

– Eu achei melhor não dizer nada a ele, ainda mais que estava noivo de Regina. Achei que se ele soubesse, poderia querer ficar sozinho pelo resto da vida, e queria o meu filho feliz. Esse curandeiro morreu já faz uns anos, e só eu sabia da história. Por isso, quando você me disse que ela estava

grávida, eu me assustei tanto.

Tentando raciocinar, argumentei:

– Pode ser que a ferida tenha sarado com o tempo, nona! E depois, Regina sempre foi tão pudica. Tem horror até que se toque em certos assuntos. Só pode ser isso.

Minha nona sorriu amargamente:

– Minha neta é muito boa, e não conhece a vida. Não sabe que quem muito cobra do comportamento alheio, é quem mais deve? E depois, lembra daquela época, em que ela ia a missa todos os dias? Desconfiei disso, mas calei-me. E esse segredo acabou sendo um peso em minha vida.

Ainda tonta com a novidade, perguntei:

– E o nono, sabia?

– Seu nono na época viajou só com Benito. Não tinha por que lhe amofinar, assim, escondi dele também.

Calei-me, pensativa, a olhar para Enrico. Não me importava que não fosse meu irmão de sangue, pois já o amava muito. Que seria dele se meu pai descobrisse? Já tinha tantas dificuldades na vida, o pobrezinho!

– Fique tranquila, nona. Se depender de mim, meu pai nunca saberá.

Ela suspirou, e afagou os meus longos cabelos, detendo-se depois em minha face, a segurar o meu queixo:

– De você eu nunca tive dúvidas. Esses seus olhos verdes são quase a marca da família de meu marido, e esse formato de rosto, nada tem de indígena, é como o meu, quando eu era nova. O mesmo queixinho pontudo, a mesma testa. Você sim, é minha neta! Mas temo pela sorte do “bambino”, que culpa nenhuma tem da falta de vergonha daquela lá. Sabia que podia contar com você, Cora!

Tranquilei a nona o quanto pude e providenciei para ela um chá forte de cidreira, pois não gostava que ela se emocionasse. Estava cada vez mais frágil a minha nona, e guardar aquele segredo, por tantos anos, não lhe tinha feito nenhum bem. Lembrei-me das vezes em que ela tinha chamado Regina de “videira seca” e do aviso de Olívia de que isso não era verdade. Mas como ela explicaria a falta de filhos de um homem que já tinha tido uma filha? E depois, ela tinha pago bem caro, em suportar a traição de

Regina durante tantos anos.

Como ia anoitecer, carreguei Enrico para o meu quarto. O pão feito em casa crescia na cozinha, coberto por toalhas secas, e eu só os colocaria no forno na manhã seguinte. Fiquei a brincar com Enrico, inocente de tudo isso, e pensei em como era complicada a vida! Pensei em Olívia, e no que ela diria dessa situação. Pude então notar, entrando pela porta fechada, o vulto de meu nono Giancarlo, com seu imenso chapéu de viagem, parecendo tão bem disposto como quando estava vivo. Não tive medo dele, que eu sempre quis tão bem e que tanto tinha me amado. Lágrimas me subiram aos olhos quando notei seu sorriso um tanto triste:

– Minha neta, Cora! Disseram-me que você poderia me ver! Pode mesmo?

Assenti com a cabeça, ao que ele me deu um sorriso maroto:

– Então eram esses os “sonhos” que sua nona dizia? Fala com os mortos há muito tempo?

– Desde que me lembro por gente. Mas a nona dizia que, se eu contasse, iam acabar me fazendo mal, ou me trancando num lugar de loucos. Daí ela inventou essa história de sonhos. Todo mundo sonha, não é?

Ele deu uma boa risada:

– Bem fez ela, a minha Cora. Eu mesmo, quando vivo, ia estranhar bastante. É cheia de segredos essa sua nona.

Ele aproximou-se, a olhar o pequeno Enrico, que dormia profundamente, a mãozinha segurando uma mecha de meus cabelos. Enrico tinha aquela mania engraçada: depois de se acostumar a dormir comigo, enlaçava os dedinhos nos meus cabelos como que a certificar-se de que eu não sairia de perto. Sorriu de leve, olhando o menino, e então me disse:

– Então, você fez alguma descoberta hoje, não? Achei que sua nona nunca lhe diria nada, nem a ninguém. Eu mesmo só soube depois de um tempo por aqui, enquanto vivo sequer desconfiei. A Regina me parecia tão séria, seca com as pessoas, religiosa em extremo. Essas coisas enganam mesmo, não?

Tive que concordar. Quanto mais eu via da vida, mais me assustava com ela.

– Pois no que me diz respeito – eu lhe disse – assim continuará. Para mim é o meu irmãozinho querido, não me importam os laços de sangue.

Ele me deu um olhar penetrante, e coçando o queixo, comentou comigo:

– É verdade, Corinha. Enquanto vivos damos valor demais a certas coisas, e nos esquecemos do essencial. Não raro odiamos alguém por conta da família a que pertence, assim como abrimos as portas de nossa casa a estranhos, apenas por conhecermos a família. Tenho aprendido coisas interessantes por aqui: muitas vezes os laços espirituais são muito mais importantes que os laços de sangue.

Um tanto confusa, tive que perguntar:

– Como assim, nono? Laços de sangue, então, não são importantes?

Ele me deu um sorriso misterioso:

– Pois por aqui me ensinaram que as famílias de sangue vêm, muitas vezes, por afinidade das almas, que há muito estão juntas. O bom Deus é sábio, e, às vezes, coloca na mesma família duas almas que parecem ser tão diferentes, mas que devem aprender algo uma com a outra. Não vê como acontece de os irmãos de sangue brigarem entre si? Às vezes essa antipatia vem de muitas vidas, e reencarnam como irmãos para que as desavenças sejam esquecidas e resolvidas. Mas, nem sempre esse propósito vinga, e aí vemos essas brigas debaixo do mesmo teto, regadas pelo orgulho ou a vaidade. É triste.

– Viveram juntos, então, em outras vidas?

Ele me sorriu novamente:

– Por outro lado, às vezes, irmãos de sangue são grandes companheiros de outras eras. E decidem reencarnar juntos para que um ajude o outro nessa existência. Assim são Adamo e Benito. Adamo é mais fechado, mas é bom de coração e tem pelo irmão enorme afeto. Já o nosso Benito é mais festeiro, gostava das mulheres até encontrar Albertina, mas também é cheio de generosidade e bons sentimentos. Amigos desde muito tempo, novamente juntos. Não vê que quase nunca discutem?

Lembrei-me de meu tio Benito, e o coração encheu-se de saudade. Parecia estar tão longe agora. Saber que estava feliz me alegrava, mas como seria bom se estivesse mais perto. Meu pai Adamo tinha muito mais alegria

quando o irmão estava junto a ele. Súbito, uma curiosidade passou por minha cabeça:

– E nós, nono? Já estivemos juntos?

Ele deu uma risada amistosa:

– Mais do que pensa, minha neta! Mas não devemos falar disso com os encarnados. Vale dizer que mesmo esse pequeno, que não tem o mesmo sangue nosso, é uma alma companheira de muitas vidas. Protegê-lo é uma escolha sábia, Cora, pois veja como é indefeso. Não se arrependerá do amor que dedicar a ele. Nosso laço com ele é ainda mais profundo, é de alma.

Olhei para o pequenino com amor e curiosidade. Quem teria sido? Senti que meu nono tinha que ir embora, e olhei pra ele, ainda cheia de perguntas:

– Não vá ainda, nono. Tem tanta coisa que queria saber!!! Está feliz, aí do outro lado? É bonito aí?

Ele me olhou com amor:

– Sim, Corinha, estou feliz aqui, embora sinta falta de sua nona. E é mais bonito do que você possa pensar. Por enquanto, cuide de sua nona, que não anda nada bem. E diga a ela que não se culpe pelos seus segredos: esse pequeno tinha mesmo que vir para nossa família. Tudo tem motivo, Cora: não acredite em “acasos”.

E assim se foi. Olhei para Enrico no sono tranquilo, e o vi com novos olhos. Seria um companheiro de existências anteriores? No meio de seu semblante pude divisar um sorriso franco e amigo, como se estivesse a visitar outros mundos e se divertisse com eles. Que bom que o nono estava bem! Assim que acordasse, contaria à nona, que ficaria feliz. Adormeci tendo o pequeno Enrico de meu lado, e sonhei com lugares distantes e desconhecidos. Acordei com ele tentando se sentar (sem muito sucesso), e olhava pra mim dizendo sua segunda palavra: “Co’a, Co’a...”. Nunca meu nome tinha sido dito com tanta beleza!

Olívia fala com a nona

ESTANDO GERTRUDE CONOSCO, MINHA vida simplificou-se bastante: enquanto ela cuidava da casa e das roupas, eu tomava conta da cozinha e de Enrico. Voltei a ficar animada e, esperando minha nona acordar, fiz o café e assei os pães. Por volta das sete horas da manhã, ela acordou me chamando:

– Cora, vem aqui!

Limpendo as mãos de trigo no avental de algodão, corri ao quarto dela. Estava sentada na cama, com um ar feliz nos olhos, e assim que entrei, ela me segredou:

– Cora, sonhei com seu nono. Que bonito ele estava! Num jardim tão verde, corado.

Curiosa, perguntei:

– Estava com aquele “chapelão” que usava nas viagens?

Ela me olhou desconfiada:

– Estava sim. Como sabe? Sonhou com ele também?

Sentei-me em sua cama, ajeitando as suas cobertas:

– Foi mais que um sonho, nona. Ele esteve aqui comigo. Está “bonitão”, não? Saudável!

Ela me olhou com um certo assombro. Seus olhos claros se enchendo de lágrimas:

– Que sorte você tem, “nipote” (neta), de poder vê-lo acordada. Que foi que ele disse? Está bem?

– Sim, nona. Está feliz por lá. A única saudade que tem é da senhora.

Veio também me falar de Enrico, e me disse coisas muito bonitas sobre ele.

Ela pôs-se sentada na cama, e me perguntou:

– Ficou zangado de eu não ter contado a ele? Foi o único segredo que guardei até mesmo dele, de quem eu nada escondia. Não podia aborrecê-lo, Cora!

Para acalmá-la, disse logo:

– Fique tranquila, nona. Nono Giancarlo entendeu seus motivos, e parece que tem especial carinho pelo menino. Disse coisas muito belas, sobre laços de sangue e laços de alma. Esse menino tinha mesmo que nascer aqui, em nossa casa, pois é nosso companheiro de muitas existências.

Ela me olhou com assombro:

– Como assim, muitas existências, Cora? Vivemos mais de uma vez? Mas, padre Elvídio diz que isso é credice, coisa de gente que não respeita a igreja!

Pensei no que dizer com cuidado. Não queria “melindrar” minha nona, tão fiel às suas missas e terços. Ela já aceitava bem que eu falasse com espíritos, mas senti que a reencarnação seria para ela difícil de entender. Logo, respondi a ela:

– O que ele quis dizer foi que Deus resolveu colocá-lo em nossa família por um motivo, e que devíamos protegê-lo e amá-lo. Não diz o padre Elvídio das máximas do mestre Jesus? “Ama teu irmão como a ti mesmo, e a Deus sobre todas as coisas”... Disse que Enrico é especial, e que devemos tratá-lo com amor.

Ainda desconfiada, mas já tranquila, ela me olhou. Por fim, suspirou e recostou-se:

– Não tenho dado muita atenção ao menino, Cora, pela mágoa que me traz o comportamento de Regina. Traga-o aqui.

Fui buscá-lo na cozinha, onde o tinha colocado no meio das mantas. Chegando lá, dei com ele a rir-se muito de Olívia, que, sentada ao lado dele, batia palmas para alegrá-lo. Vendo a cena, estanquei de imediato, e disse a ela meio sem pensar:

– Olívia, não pode conversar um pouco com a minha nona? Ela me parece meio confusa, e eu não sei como lhe explicar certas coisas.

– Ela não me verá, Cora, mas posso falar através de você. Vamos vê-la, que muita simpatia tenho por ela. Diga-lhe que seu “anjo da guarda” está aqui, e que vai falar com ela.

Pegando Enrico no colo, levei-o para o quarto da nona, onde ela, sentada, me aguardava:

– Coloque-o aqui, Cora.

Olívia e eu ficamos a olhar os dois. Ela tinha no olhar um embevecimento. Parecia que pela primeira vez o olhava com um misto de carinho e atenção. Ao contrário dela, Enrico sempre se sentiu muito bem com a minha nona, e sempre que a via abria seu sorriso mais “festeiro”. Então, disse a ela:

– Nona, meu anjo da guarda está aqui, e quer falar com a senhora.

Ela abriu bem os olhos:

– Seu anjo? E quer falar comigo?

Assenti com a cabeça, observando minha nona que olhava desconfiada para os cantos do quarto, como se quisesse enxergar Olívia a qualquer custo. Finalmente, Olívia falou, e eu fui repetindo palavra por palavra:

– Deus vê dentro de seu coração, e está muito feliz. Vim apenas para esclarecer algumas coisas, nas quais os encarnados acreditam, e que não poderiam estar mais longe da verdade.

Ao me ver usar palavras e um tom muito mais decidido e sereno que o meu, ela me olhou com assombro. Olívia continuou:

– Quando estamos envolvidos pelo “véu” da carne, muitas vezes não enxergamos a beleza e a veracidade das palavras do Cristo. Não se perca em preconceitos, dona Cora, pois o amor é maior que muitos deles juntos, e muito mais honesto. É certo que dona Regina errou em seu comportamento, mas assim deu chance a esse menino, que brilha de inocência e bondade, vir ao mundo. Mesmo nos erros humanos, erro esse do qual Regina muitas vezes se arrependeu, Deus brilha em nossas vidas e nos traz presentes sagrados: Enrico, como todas as crianças, é um deles.

Vi os olhos de minha nona encherem-se de lágrimas grossas. Afagava a cabecinha do pequeno, enquanto me ouvia repetir as palavras de Olívia.

– Não teve sempre, dentro do peito, um amor incondicional a todas as

crianças, dona Cora? Não acolheu a nossa “indiazinha” cheia de amor e compaixão? Não tema, pois o juízo de Deus jamais seria igual ao juízo dos homens, os quais, descoberto o erro de Regina, a colocariam para viver em abandono, com a criança. Os vivos julgam aos seus semelhantes como se nunca tivessem errado. Não disse o bom padre Elvídio as palavras do Cristo: “Não julgai para não serdes julgados”? É grande a verdade nessa frase, e incorpora o amor de Deus, que não pune, mas ensina!

Ela sentou-se na cama de minha nona, e colocou as mãos sobre as dela, que descansavam na coberta:

– Saiba que há muito a observamos, dona Cora, e o nosso mestre Jesus deve estar muito feliz com a senhora. Não tentou ajudar os desvalidos, sem que estes se sentissem humilhados? Não acolheu em sua venda as moças de vida difícil, que vocês chamam de “vida fácil”? Nunca a vimos olhar para elas com um olhar que não fosse de piedade e compreensão. Seu marido muito se orgulha da senhora, dona Cora, e o amor dele pela senhora, aqui, continua em compasso de espera, para quando puder estar contigo novamente. Confie em Deus e saiba que o seu “segredo” com o menino foi necessário, e não sinta culpa por isso.

Minha nona olhava para as próprias mãos, com os olhos cheios de lágrimas. Por fim, me disse:

– Corinha, sinto um calor em minhas mãos. É o anjo? Como ele se chama?

– Chama-se Olívia, nona, e é uma linda mocinha, de cabelos castanhos bem claros, cacheados. Ela está segurando suas mãos.

– Pergunte a ela se Giancarlo está zangado por eu ter escondido a respeito do menino. Ele era um homem tão sério, de moral rígida!

– Nenhuma zanga, nona, ele entendeu. Só pede que tratemos o pequeno com carinho, como se de nosso sangue fosse.

Olívia me olhou com um sorriso, e se foi. Deitei-me ao lado de minha nona na cama, ainda muito emocionada, abraçada a Enrico. Fiz pra ela um chá quente e trouxe o pão macio com mel. Ela comeu calada e pensativa, e por fim me disse:

– Mas veja você, minha neta, como são as coisas: o que eu achava que

tinha sido um erro, acabou sendo talvez o maior de meus acertos.

Como o dia, apesar de ensolarado, estava frio, a cobri melhor com as cobertas. Aproveitei que Enrico adormeceu junto a ela, e fui para a cozinha começar a preparar o almoço. Meu pai chegaria dentro de dois ou três dias, e eu já sentia muito a falta dele. Apesar de sério, sempre tinha um sorriso para mim e Enrico, e eu queria que ele encontrasse a casa em ordem.

Gertrude tinha uma disposição para a limpeza que eu admirava muito. Mesmo dona Regina não tinha do que reclamar dela. Vassoura e panos a postos, eu cuidava de ensiná-la “encerar” o chão da casa, com uma mistura de cera e querosene. Gostava dos meus “quitutes”, e ficava a me espreitar sempre que eu me dirigia à cozinha, curiosa com a culinária italiana. Trocamos algumas receitas e eu estava me empenhando em fazer uma “cuca”. Dizia ela para mim:

– Sim “senhorra”! Mas que massa mais leve! Desmancha “no boca” da gente! Como cozinha bem, “Corrinha”!

Falava e me dava uns tapas nos ombros, alegre como só ela. Estava já com dois novos vestidos, que usava com satisfação. Senti um pouco de pena de Gertrude, pela sua vida pregressa, tão difícil. Mas ao contrário de muitos, a alemãzinha não reclamava, nem se abatia. Regina passava por nós, vinda da venda, sempre a passar as mãos pelos móveis, para ver se achava algum grão de poeira. Parou diante do quarto da nona, e deu com ela deitada com Enrico, fazendo um ar de espanto, pois nunca havia visto a nona em carinhos com a criança. Fiquei a observá-la, notando em seu olhar o receio e a surpresa; por fim, perguntou-me:

– Que faz Enrico com dona Cora? Ela nunca foi de chamegos com ele.

Respondi apressada, para que ela sossegasse:

– É que antes ela não tinha tempo, dona Regina. E depois, Enrico é tão bonzinho que qualquer um se apaixona por ele!

Fungando de desconfiança, ela deixou o quarto e foi para seu trabalho, mas não antes de estranhar o brilho do chão da sala, recém-encerado.

– Nossa! Mas como brilha esse piso! É trabalhadeira a Gertrude, ao contrário de muitos por aqui.

Eu podia ter dito que era mais obra minha que de Gertrude, mas me calei.

Gostava que Regina reconhecesse o esforço da moça, e depois, eu que não ia deixar o Justino ver aquele chão “manchado”. Afinal, dizia para mim mesma, teríamos visitas.

Sobre o amor e a paixão

DEPOIS DE CONVERSAR COM a nona e saber que dia estaria bom, num dia claro de primavera, Justino veio nos visitar com sua mãe. A nona ficou muito feliz do pequeno que ela ajudava quando criança ter se tornado um bom moço, e de saber que a sorte finalmente sorrira um pouco para sua mãe, dona Otília. Eu me lembrava dela muito pouco, mas recordava perfeitamente de sua luta diária: ela mal saía de casa, a se ocupar dos pequenos, e apesar da irmã ter condições, orgulhosa e ciente de seu papel de provedora da família, jamais tinha pedido ajuda financeira. Quando Justino completou seus doze anos, a tia enviuvou, e como era madrinha do menino, o levou com ela, dando-lhe educação escolar para que tivesse sucesso na vida.

Dona Otília era uma senhora que tinha traços de ter sido bonita quando moça, os cabelos ainda apresentavam algum brilho do castanho claro anterior, agora já raiado de fios prateados. A pele muito branca apresentava já marcas bem definidas em torno dos olhos claros, na boca e no pescoço: as longas lavagens de roupa ao sol do córrego haviam deixado suas memórias no rosto daquela senhora. A magreza do corpo, vestida com simplicidade e seriedade, não condizia com a fama de doceira aclamada pela região. Gostei dela assim que entrou em nossa casa, pois apesar de séria, tinha um jeito doce e me cumprimentou com carinho:

– Mas que bela moça está a “indiazinha”! Bem que Justino tinha me contado...

Depois soube que, na casa deles, é assim que eu era chamada por todos. Como tinha o mesmo nome de minha avó, parece que “indiazinha”, por conta de meus cabelos negros, ficava mais fácil de identificar. Minha avó tinha se arrumado colocando uma blusa de gola alta, rendada, que usava

para ocasiões especiais. Sua saia, de comprimento pelos tornozelos como era a moda da época, estava muito bem passada, e os brincos de pérolas, presente de meu nono de muitas décadas, enfeitavam suas orelhas pequenas. Ao ver entrar a amiga e “freguesa” de tantos anos, levantou-se com um sorriso:

– Otília! Meu Deus, quanto tempo faz! Como está corada! Feliz de ter o menino de volta?

Dona Otília deu seu sorriso mais bonito:

– Ah, dona Cora! Que bom vê-la novamente!!! Parece que faz anos que não nos vemos. Largou a venda? Por quê? Depois que a senhora saiu de lá, não compramos mais.

Não era apenas dona Otília que se ressentia da falta de minha nona. Muitos eram os fregueses que pareceram “sumir” misteriosamente desde que Regina fizera algumas “melhorias”.

Minha nona desconversou:

– É a idade chegando, Otília. Depois que Giancarlo se foi, achei melhor deixar que Regina cuidasse dessas coisas.

Detrás dela, Justino aparecia muito bem arrumado, sapatos brilhando. Minha nona levantou-se e levamos nossas visitas para a cozinha, onde a grande mesa de madeira estava polida e limpa como só uma alemã conseguiria, e guardanapos de renda muito brancos cobriam os pratos de doces. O velho bule de café “fumejava” no fogão a lenha, misturando seu cheiro ao do pão de linguiça que eu tinha feito mais cedo. Justino, que vinha carregando uma larga sacola, finalmente a colocou no chão. Dona Otília a abriu, mostrando caprichosos vidros com geleias várias:

– Veja, dona Cora! Consegui finalmente umas amoras frescas para geleia. Ali também temos de banana, figo. A senhora ainda gosta de doce de abóbora?

Os olhos de minha nona marejaram lágrimas, comovida com a lembrança da amiga. Era sua maior fã, pois seus doces sempre tinham lugar garantido na nossa venda e na nossa mesa.

– Você nunca nos trouxe um doce que não fosse vendido rápido, Otília! Estava mesmo sentindo falta desses mimos.

Dona Otília corou de prazer. Na verdade, os doces que não eram vendidos vinham rápido para a nossa própria despensa, onde Regina os devorava e, quando sobrava, a família se deliciava. O doce de amora era o preferido do nono, e meu pai amava os de figo. Fiquei feliz de ter feito também um pão doce e um bolo de milho, assim, seriam usados imediatamente.

– Pensei em vender os doces para Regina, mas ela é por demais exigente! Ou falava que tinha pouco doce, ou que não estavam no ponto. Imagine, dona Cora, faço esses doces há vinte anos, sempre da mesma forma, e ninguém nunca falou mal deles. Se queixava muito do preço, também. Pelo preço que ela queria, mal pagaria o açúcar.

Reparei na expressão de desgosto de Justino quando o assunto era Regina. Nunca tinha gostado dela: na infância, corria com ele pela falta de sapatos (ele os tinha, mas eram só para festas), e depois, a forma como o vinha tratando agora o deixava bastante desconfiado. A gentileza em demasia também pode assustar. Minha nona finalmente olhou para ele, e exclamou admirada:

– “Dio mio”, como se parece com o pai! Está ficando belo o seu rapaz, hein, Otília? Este nunca lhe deu trabalho, não é?

Eu era bem tímida, mas Justino não fugia à regra. Avermelhou-se muito enquanto a mãe gabava-lhe os feitos de aluno brilhante e filho amoroso. Era o seu primogênito, e, de acordo com ela, se Deus tinha-lhe tirado o marido cedo, lhe dera Justino para compensar as coisas. Estava ele agora de calça e paletó muito bem cortados, abotoaduras nas mangas da camisa, e os cabelos castanhos anelados bem presos à cabeça, com uma pomada que os moços usavam na época. As mãos eram longas, unhas aparadas e limpas, e sempre que me olhava abria um grande sorriso. Aos elogios da mãe respondia, quando esta deixava: “Mas, qual! Não é tanto. A senhora é que sempre foi muito boa.”

Eu, de minha parte, usava um vestido que a nona tinha costurado para mim há alguns anos, mas que sabia que me assentava muito bem. Era de um verde musgo, que realçava a minha pele clara e os meus cabelos escuros. No cabelo, coloquei uma fita verde clara, que o nono tinha me dado uns anos antes. Desde que meu nono tinha morrido, eu não tinha mais roupas ou fitas novas. Não que precisasse delas, mas simplesmente para me ocupar e

distrair. Tinha aprendido a costura com a nona, que dizia que moça que não costurava não era “prendada”, e eu gostava bastante de cortar as peças.

Enquanto as duas amigas conversavam em um tom mais que animado, sentia o olhar de Justino em mim. Não era um olhar atrevido, mas era sem dúvida um olhar que me deixava ainda mais tímida: parecia admiração. Tinha recebido olhares daqueles na rua, enquanto passeava com Joana, mas nenhum tão intenso. Ruborizada, tentei me distrair com Enrico, que finalmente pedia a minha atenção. Minha nona, muito esperta, percebeu logo a minha falta de jeito, e perguntou a ele:

– E você, meu rapaz, que idade tem agora?

Desembaraçado, ele respondeu:

– Estou com vinte e quatro, dona Cora.

– Deus meu! Como o tempo passa, não é, Otília? Parece que foi ontem que eu conversava com seu “bambino” (menino) na venda. Mas eles crescem assim mesmo. Imagina que a minha Cora já está com quase dezenove!

E passando no pão a geleia de amora, entregou a ele um pedaço bem servido, num pratinho de porcelana branca:

– E então? Alguma namorada? – disparou ela com a curiosidade italiana.

A cena a seguir foi engraçada: Justino, que já tinha mordido o pão, engasgou-se com a sinceridade dela. A mãe, muito solícita, disparou a dar tapas nas costas do rapaz, para que ele respirasse melhor, o que contribuiu para que ele tossisse ainda mais. Enrico, de meu colo, ao ver aquele “festival de tapas” e tosses, desatou a imitá-lo, batendo vigorosamente as mãozinhas na mesa e fazendo o som de tosse de seu próprio jeito. Tentei segurá-lo de alguma forma, pois estava realmente “animado demais” com as batidas na mesa. Eu e minha nona desatamos num riso incontável, pelo inusitado da situação, e não houve quem nos fizesse parar. A nona ria e tentava acudir o rapaz, que finalmente, colocou para fora um grande pedaço de pão. Gertrude, que nos espiava do fogão, só murmurava para si mesma: “Gente estranha, esses italianos... tanta confusão até quando comem”. Ao vê-lo “socorrido”, continuou a mexer a polenta para a noite. Então, a nona brincou com ele:

– Coma pedaços menores, rapaz, que eu já vi gente morrer por conta disso! Está melhor? – ele, lacrimejando muito, fez que sim com a cabeça. Ela voltou ao ataque – E então, já tem alguma namorada?

Olhando-me nos olhos, ele respondeu:

– Nunca tive namoradas, dona Cora. Minha tia, no final, sofria muito, e eu tinha que cuidar dela e dos negócios da família. Mas, agora que voltei à minha cidade, se uma certa moça me quiser, namoro e caso. Agora tenho, finalmente, condições de sustentar uma casa.

Dona Otília o olhou, bastante admirada:

– Veja só, dona Cora, como são os moços! Mal volta para casa e já pensa em deixar a mãe para casamento! Tudo tem seu tempo, filho. E depois, devemos saber se esta “certa moça” já não tem pretendentes. Se for quem acho que é, beleza não lhe falta.

Minha nona sorriu para ela, e complementou:

– Muitas vezes, Otília, moças muito bonitas não ficam se exibindo pela rua, e assim, afastam pretendentes. Minha Cora mesmo quase nunca sai de casa e nunca a vi “dando trela” a nenhum rapaz. Mesmo na venda, os que se insinuavam nunca tiveram sucesso.

Dona Otília sorriu, satisfeita. Mais do que surpresa com o ritmo que a conversa tinha tomado, fui invadida de invencível timidez e, com Enrico no colo, pedi licença dizendo que o levaria para passear no quintal, e assim pude finalmente sair da mesa. Sentimentos nunca antes experimentados invadiam a minha cabeça: que bater de coração era aquele, que parecia sair fora do peito, quando eu vi novamente Justino? E por que, durante toda a manhã, tinha me empenhado tanto em ficar apresentável? Afinal, era minha nona quem ia receber visitas. Mesmo os terríveis sapatos de ir à missa eu tinha colocado, sabendo-os mais bonitos que os meus chinelos bordados.

Na realidade, estava confusa, com o coração acelerado e sem entender muito o que fazer. Nunca tinha acontecido essa coisa de ver uma pessoa e me sentir dessa forma. Detrás de mim ouvi uma risada cristalina: era Olívia.

– Confusa, Cora? Realmente, esses sentimentos deixam a gente zonza, não é?

Vermelha como um pimentão, olhei pra ela exasperada. Que é que afinal

queria dizer aquilo? Lendo meu pensamento, ela tornou a rir, divertida. Sentou-se no toco de árvore próximo, abraçando os joelhos, e me disse, em tom de confiança:

– Não fique assim, sua boba! Isso acontece com quase todo mundo. Você está apaixonada! Não é ótimo? Justino também parece bastante interessado. Acredito que você arrumou um pretendente!

Apaixonada! Então era disso que falavam os livros! Mas por Justino, como? Eu o conhecia desde menina, e nunca tinha sentido nada dessas coisas antes. Sempre tinha imaginado que ao ver meu “príncipe encantado” seria como que “atingida por um raio”, como nos romances. E Justino, quando criança, nunca tinha me chamado a atenção. Olívia sorriu conciliadora, e me explicou:

– Pois ele desde os doze anos sente uma forte afeição por você. Sonhou acordado contigo por muitas vezes, mas só agora se sente em condições de expressar seu sentimento, pois antes achava que nada tinha a lhe oferecer. Que bom que finalmente despertou, Cora! É seu companheiro de muitas existências. Vocês têm uma grande afinidade de valores e sentimentos.

Lembrei-me das histórias antigas de minha nona, sobre homem e mulher serem partes da mesma laranja, e que só juntos conseguiriam a paz e a harmonia. Sorri por dentro. Seria ele a “metade” da minha laranja? Enrico, sentado no chão, nos olhava divertido. Gostava imensamente de Olívia (e quem não gostaria? Ela mais parecia uma fada), e sempre tentava pegar seus cabelos compridos com as mãozinhas gordas. Quem visse de longe, imaginaria que ele tentava agarrar o ar. Ela divertia-se com ele, pois sabia-se inatingível para o seu toque.

– Ele seria o que chamam de minha “alma gêmea”?

Ela me olhou com uma seriedade que parecia incompatível com sua aparência de “menina moça”, e finalmente me respondeu:

– Eu sinto decepção-la, Cora. Mas isso de “alma gêmea” é mais uma licença poética dos homens, que preferem acreditar em magia gratuita a um comprometimento maior. Na realidade, almas que se entendem à perfeição são muito raras, e mais raramente ainda estão nesse plano terrestre. O ser humano é dotado de inúmeros desejos e medos, cada qual mais complexo que o outro, e seria uma irresponsabilidade acreditar que uma pessoa

diferente de você tenha a obrigação de entendê-la sempre e completamente.

– Os romances, então, são apenas fantasia? Não existe aquilo que eles chamam de “amor eterno”?

Ela me respondeu, pensativa e sonhadora:

– O que os romances descrevem como amor, costuma quase sempre ser só uma paixão, que embora possa ser avassaladora, fazendo com que as pessoas façam coisas inesperadas e até mesmo más, está longe de ser amor. Pode ser uma boa “porta de entrada” para o amor verdadeiro. Afinal, ela aproxima os seres. E pode ser enganosa e dolorida – mesmo que provoque uma euforia, às vezes, esse sentimento acaba em muita dor.

Caminhando entre a delicada grama, mas sem dobrar uma folha sequer, ela continuou tentando me explicar:

– Acredito, Cora, que praticamente todos os seres humanos possam se apaixonar. De vez em quando você não ouve falar de um homem que “amava tanto” uma mulher que a assassinou?

Concordei com a cabeça. Era verdade. Um senhor da vila tinha realmente assassinado a esposa, que era uma bela mulher, por não acreditar em sua fidelidade. Provou-se depois que ele estava errado, mas a maledicência alheia já tinha deixado o seu veneno. Foi um caso triste, e antes mesmo do crime ser descoberto (ele havia ocultado o corpo), ele se suicidou. Contando isso a Olívia, ela sorriu com tristeza:

– Acredita, então, que ele realmente a amava?

– Não. Mas entre o povo de meu pai, isso não é raro de acontecer. Os homens e as mulheres são por demais ciumentos, e às vezes, isso acabava em tragédia.

Ela me olhou seriamente:

– É que não era amor, Cora. Era simplesmente paixão. Na paixão projetamos na pessoa de nossa estima as nossas maiores aspirações. Imaginamos que aquela pessoa é a mais bela, a mais pura, a mais intocada por qualquer vilania. No entanto, a maior parte das almas está aqui por aprendizado, e está longe de ser assim tão perfeita! Por acaso, aquele senhor que matou a esposa, tinha esse direito? A pobre sofreu muito, primeiro pela injustiça, e depois por ter sua vida abreviada dessa forma. Uma pequena

filhinha de meses ficou aqui, sem pai ou mãe, sendo criada pelos avós. Não vê como a paixão pode ser enganosa? Ela já foi recolhida para um bom lugar, onde se recupera. Mas ele, vaga pelo umbral a gritar seu nome.

– Que triste isso, Olívia. Quanta maldade!

Ela sorriu pensativa:

– O bom é que ela já o perdoou. Sente falta da menina e chora por ela, mas não raras vezes eu a vi tentando resgatá-lo, sem sucesso. Chega a ser triste! Ela muitas vezes ficou ao lado dele, mas ele não a vê. Na realidade, será que ele conseguiu vê-la algum dia?

Suspirei fundo. Deus que me livrasse de uma sina daquela. Abraçando os joelhos, ela continuou:

– Mas também há os que transformam essa paixão, que é quase uma doença, em amor. Gostam e admiram realmente as pessoas com quem vivem, e apesar de terem suas pequenas rugas, acreditam que o caminho da vida fica infinitamente mais rico com a pessoa que amam. Não viu seu nono e sua nona? Já os viu brigando seriamente?

– Não. E sempre se preocuparam um com o outro. Mais de uma vez notei meu nono olhando com admiração para minha nona, e sempre que ele falava dela, era com alegria. Claro que minha nona tem uma personalidade forte, e que algumas vezes ela lhe chamava a atenção para que não exagerasse no vinho, ou coisa parecida. Mas não lembro de uma viagem que ele fizesse, que não lhe trouxesse um mimo (do qual ela reclamava dizendo que não precisava, mas depois ficava horas a admirar: um pedaço de tecido, uma pequena joia, coisas para a casa). Estavam quase sempre de mãos dadas, e muitas vezes, depois do almoço, ele deitava no colo dela e adormecia. Havia amor ali, e imensa solidariedade e companheirismo. Muito embora ela fosse uma pessoa um tanto ciumenta (meu nono era garboso, tinha os meus olhos verdes e era alegre e conversador), nunca se soube de nenhuma outra mulher que tivesse despertado seu interesse.

Olívia sorriu:

– E quantos casais você conhece que se tratam dessa forma?

– Nenhum outro. Meu pai e dona Regina mal se falam, e quando isso acontece, é por motivo de discussão. A vila é pequena, e assim, não raras

vezes testemunhamos até cenas de violência entre eles.

Calei-me, pensativa e triste. Parecia tudo tão complicado!!! Lembrei-me de Joana e de seu casamento, a boa amiga antes tão orgulhosa e faladora tinha se tornado uma mulher humilde e calada, infinitamente mais triste. Seria tão raro assim um amor verdadeiro e puro entre as pessoas da Terra? Afinal, como saber o que é o amor, e o que é simplesmente paixão?

Lendo meus pensamentos como de costume, Olívia sorriu e me disse:

– No início, pode ser um pouco complicado identificar um ou outro, pois como já lhe disse, a paixão pode levar ao amor. Mas, com o tempo, fica mais fácil, pois eles são quase que opostos: a paixão faz com que cobremos do outro o que desejamos que ele seja, já o amor é doação pura. Aceitamos a outra pessoa como ela é, e tudo fazemos para que ela seja feliz e se aperfeiçoe, com carinho e paciência. A paixão tem uma pressa absoluta, o amor sabe esperar.

Ouvindo-a com atenção, argumentei:

– E as pessoas acham que é tudo a mesma coisa... parecem quase opostos!

Ela riu:

– Não é mesmo? Acontece que na paixão acreditamos que a pessoa com quem estamos é a responsável por nossa felicidade. No amor, tentamos tornar essa pessoa feliz, e quando conseguimos, ficamos felizes também pela alegria dela. A atração física, a vontade de estar perto, existe nos dois, mas se na paixão essa vontade dura pouco, no amor ela permanece. Não nota como dona Regina fica feliz sempre que seu pai viaja? É por que não é amor. Sua nona suspirava de tristeza e preocupação quando o marido viajava, mesmo depois de décadas, pois ali estava o seu companheiro. O amor é para pessoas generosas, Cora. Talvez por isso seja tão raro.

Mil perguntas tinha eu a fazer, mas ouvi minha nona a me chamar, um tanto zangada, pois eu tinha deixado as visitas sozinhas com ela por algum tempo. Olhei para Olívia a me despedir, e ela me disse, acalmando-me:

– Fique tranquila, pequena. No seu caso, com esse moço, há boa chance de se tornar amor. Afinal, já estiveram juntos em outras existências, sabia?

E antes de me dar uma chance de falar algo, me acenou, sorriu faceira como sempre, e desapareceu no ar.

Mais um segredo da nona

ATENDENDO AO CHAMADO DE minha nona, com Enrico nos braços adentrei a cozinha. Dona Otília e Justino me olhavam entre felizes e desconfiados, afinal, deixar as visitas por tanto tempo não era educado. Ainda assim, a discreta senhora me sorriu, estendendo as mãos em forma de despedida. Ainda atrapalhada por Enrico nos braços, toquei-lhe as mãos quentes e um tanto ásperas por anos de trabalho duro sustentando os filhos:

– Gostei muito de ver você, Cora. Quando puder, nos retribua a visita com sua nona. Justino tem tentado melhorar a nossa pobre casa o tanto que pode, com os recursos que possui, e eu já encomendei ao marceneiro uns móveis novos.

Acenei com a cabeça concordando, e tentando sorrir amigavelmente, apesar da timidez estar me incomodando como nunca. Justino então adiantou-se, a me olhar insistentemente nos olhos:

– Cora, pedi à sua nona para que pudesse passear comigo depois da missa das seis. Soube por ela que gosta muito de “gelatos” (sorvetes), e que desde que Joana se casou não os toma mais por falta de companhia. Gostaria de ir comigo?

Claro que gostaria, mas onde estava a minha voz? Rapidamente, concordei com a cabeça, e ele continuou:

– Então, posso aparecer por aqui às cinco e meia? Sei que não gosta de chegar tarde na igreja, e terei todo prazer em levá-la.

Dessa vez saiu um “sim” murmurado. Notei que minha nona divertia-se muito com a cena, afinal, era o primeiro rapaz que se atrevia a pedir para sair comigo. Eu e a nona os levamos até a porta de entrada, passando por dona Regina e a venda, despertando sua curiosidade. Ela não gostava de

pobres, e mais de uma vez tinha discutido seriamente com dona Otília, tentando baixar o preço de seus doces. Ao vê-la agora bem vestida, e acompanhada por garboso rapaz, singular “milagre” aconteceu, e ela tentou ser simpática com Justino e a mãe.

– Dona Otília, há quanto tempo!!! Soube do falecimento de sua irmã, meus pêsames... – e sem dar a ela tempo suficiente para uma resposta adequada, continuou – mas como está bem vestida! Roupas novas, que o filho adorado comprou?

Estranhando bastante os modos de minha madrasta, ela concordou com a cabeça, e de sobranceiras um tanto arqueadas pela surpresa, respondeu:

– Fazia muito tempo que não via minha irmã, que se casou muito bem com um comerciante local. Infelizmente ela não teve a sorte de ter filhos, mas sou muito agradecida a ela pelo bem que fez ao meu Justino. Queria ter estado mais próximo dela, mas meus recursos limitados me impediam. No entanto, não há como negar que a vida dá voltas, não é mesmo? Por bondade dela hoje estamos muito mais amparados.

Dona Regina sacudia a cabeça concordando, mas dona Otília não tinha terminado:

– Estranho ver essa venda assim vazia. Nos tempos de dona Cora o vai e vem das pessoas era enorme! Nunca tinha entrado na loja sem que ela estivesse conversando com os clientes ou pesando as mercadorias.

Pude ver o sorriso de satisfação de minha nona. Era verdade o que Otília falava, e era raro agora entrar um cliente na venda. Dona Regina tentou se explicar:

– É que dona Cora não selecionava os clientes como eu faço. Aqui, só quero quem tenha posses, pois esses sim dão lucro.

– Pois não sei se é uma escolha acertada, afinal, mesmo os mais desfavorecidos sempre pagaram suas contas. Não é mesmo, dona Cora?

Aproveitando a oportunidade, minha nona desabafou:

– Realmente, nunca levei um prejuízo de meus clientes mais simples. Ao contrário do que se imagina, alguns dos clientes mais abastados é que me deram algum trabalho, e mostravam-se muito ofendidos quando eu mandava o Pedro para a cobrança. Já disse tudo isso a ela, Otília, mas

parece que minha nora pensa diferente.

Muito ressabiada, dona Regina calou-se, e assim pudemos levá-los até a calçada despedindo-nos. Meu pobre coração dava pulos de alegria em meu peito: iria à missa das seis de domingo com Justino. Apenas casais formalmente comprometidos e com a aprovação da família frequentavam essa missa, na qual padre Elvídio pregava seus sermões de forma eloquente. Tomando-me pela mão, minha nona pediu-me que a acompanhasse até o quarto, pois parecia realmente cansada. Ajeitando seu travesseiro e tirando-lhe os sapatos para que ficasse mais confortável, ela me disse:

– Escuta, “nipote” (neta): quero que me diga o que sente pelo moço que esteve aqui hoje. Acha-o simpático? Quer mesmo ir à missa com ele?

Abaixando a cabeça, pois não sabia muito o que sentia a esse respeito, eu respondi:

– Ficarei muito feliz de ir à missa com Justino. Mas queria a senhora junto de nós.

Ela me sorriu:

– “Cora de mio cuore”, lembre sempre que eu não a deixaria ir sozinha com nenhum outro rapaz. Enquanto você fugia para o quintal com Enrico, Justino segredou-me suas intenções para com você, e eu fiquei muito bem impressionada.

– De que intenções fala, nona?

– É um belo rapaz, de origem humilde, mas criado por Otília. A família dela nunca foi rica, mas sempre tiveram uma educação primorosa. Sabia que quando solteira ela tocava piano como ninguém?

Era difícil imaginar que aquelas mãos, hoje cobertas de calos secos, tinham um dia dedilhado um piano. Minha nona continuou:

– A verdade é que poucas famílias desta vila têm um trato tão fino como a dela. Sabia que Justino tem por você grande interesse desde pequeno? Disse que desde que a viu, ainda menina, encantou-se com você e tudo que ele esperava era ter condição de oferecer-lhe algo.

Essa revelação me fez feliz. Que bom que também simpatizava comigo!

– Não sei se sabe, Cora, mas sua nona não vai durar para sempre. Minha única preocupação na vida agora é você, que apesar de estar na idade de

casar ainda é tão inocente. Não quero vê-la desamparada na vida depois que eu me for, “nipote”! E se deixá-la casada com Justino, que sempre foi tão bom, poderei então descansar em paz, junto com o seu nono.

Saber que ela pensava com frequência na própria morte, me deixou desesperada:

– Não fale assim, nona! Saiba que eu ficaria o resto da vida sozinha se fosse pra tê-la perto!!! Pode ser egoísmo meu, mas não quero que se vá tão cedo!

Ela me sorriu, com candura:

– Sabe quantos anos tenho, “nipote”?

A essa pergunta eu parei pensativa: não tinha a menor ideia, já que a nona, vaidosa, fazia disso um segredo absoluto. Foi então que ela me respondeu:

– Estou com sessenta e oito anos, “bambina” (menina), e isso é muito tempo! Estou cansada por demais, minha querida, e tenho sonhado com seu avô noites a fio. Tão belo está o meu Giancarlo!!!

Pensei de imediato em Olívia e suas explicações sobre o amor. De fato, minha nona tinha definhado depois da morte de meu nono, muito embora nunca se queixasse de nada. Não era de reclamar, a minha nona, e não tinha muita paciência com quem o fazia: dizia que era perda de tempo, e não posso dizer que discordava.

– O bom Deus sempre sabe o que é melhor pra nós, “nipote”. E depois, sabe uma coisa engraçada? Posso aparentar e ter a minha idade, mas por dentro me sinto como se tivesse trinta anos! O corpo é, como dizem os seus “anjos”, apenas um manto de carne que se deteriora com o tempo. E tudo tem sua hora, Cora. Quando o bom Deus me levar, quero te deixar bem.

Ela se recostou na cabeceira da cama, já aparentando cansaço. Sabia da existência da vida após a morte, sabia que meu nono estava bem e que viria buscá-la para um lugar sem dores, onde novamente seriam felizes, mas nada disso me deixava mais alegre. Me sentiria imensamente só sem a minha nona. Observando a minha tristeza, ela argumentou:

– Você é o meu único laço forte aqui na Terra. Você, seu pai e seu tio Benito, são a família que aqui me resta. Benito está bem, com uma boa

mulher e uma família que o adora. Seu pai viaja muito, e não quero deixá-la sozinha com Regina, pois sei que ela tem maus sentimentos por você.

– Mas, meu pai me protegeria, nona. Ele sempre gostou tanto de mim!

Ela suspirou e acrescentou com sabedoria:

– Os homens, embora não o saibam, são muito influenciados por suas mulheres, “nipote”. Não viu como ela logo conseguiu que eu saísse da venda? O tempo é bom professor, querida, e eu sabia que isso logo aconteceria. Os negócios não vão bem, e logo ela ficará intratável. Quero que saiba que eu não deixaria você no desamparo.

Ela se sentou na cama, e apontou um enorme baú onde estavam as roupas de cama da casa:

– Sempre guardei um dinheiro para o futuro, Cora. Mas só seu nono sabia disso. Esse baú veio conosco da Itália, terra de nossos pais, e tem um fundo falso. Nele há boas economias de uma vida inteira. Caso precise, faça bom uso dele, mas nunca comente isso com ninguém. Nos últimos anos, guardei isso para você.

Um tanto abismada, olhei o móvel. Minha nona era mesmo uma mulher de muitos segredos, como toda boa italiana. Ela sorria da minha surpresa diante do seu “segredo”, e disse-me ainda:

– Seu pai ficará bem, pois já tem essa casa e fregueses certos pelo caminho. Não é nenhum tolo o meu filho! Sabe perfeitamente que nas mãos da mulher logo essa venda não existirá mais. Torno a dizer: esse dinheiro é para você.

Olhei para tudo entristecida: dinheiro nenhum me deixaria contente sem ela. Vendo-me naquele estado de espírito, ela tratou logo de mudar de assunto:

– Mas, falando em dinheiro, há quanto tempo você não tem um vestido novo? Você é moça, bonita, e tem um compromisso no domingo com Justino. A alemã é mesmo boa com as agulhas?

– Se é... fez um vestido para ela nas horas de folga em dois dias. Gertrude é mesmo muito prendada nas suas costuras!

– Assim como você é com a cozinha! Chame-a já aqui.

Gertrude veio, um tanto atarantada, pois estava a levantar os móveis da

sala de visita para limpar debaixo deles. Eram móveis bem pesados, e a alemãzinha estava muito corada. Abrindo o mesmo baú do segredo, minha nona tirou um belo tecido rosado, de brilho moderado mas de maciez incrível. Gertrude parou, encantada com o tecido:

– Coisa mais linda, dona “Corra”. Que quer que eu faça com ele?

Minha nona explicou-lhe que devia deixar um pouco de lado os serviços da casa, e que devia dedicar-se a me fazer um vestido novo, pois necessitava de um para a missa do domingo. Feliz com a expectativa de dedicar-se à costura ao invés da limpeza, Gertrude disse:

– Mas “serrá” um prazer. “Corrinha” já sabe como quer o vestido? Tenho uns modelos bem bonitos, como os da minha colônia alemã. Quer ver?

Assim entretida, saí com minha amiga Gertrude, feliz da vida, pensando na roupa nova. Voltei os olhos para minha nona, que agora já cochilava feliz, com a manta sobre as pernas. Sabia que Regina reclamaria, mas sem sucesso algum: a dona da casa ainda era a minha nona.

O destino de Joana

TOMEI CONTA DA CASA e de Enrico enquanto a boa Gertrude esmerava-se nas linhas. Um vestido de corpete bem marcado e enormes mangas começava a tomar forma, sob a supervisão da nona, que não queria saber de “decotes que mais mostram que escondem”. O fato é que no sábado à tarde meu vestido estava lindo, ornado com fitas, em cima da minha cama. Graças a eu ter feito o serviço de Gertrude e o meu, dona Regina não notou que tínhamos “tomado emprestado” o tempo da alemã.

Meu pai chegou no sábado pela manhã, vinha um tanto abatido, reclamando muito da falta de meu nono Giancarlo e de tio Benito. Dizia (com toda razão) que os empregados da tropa não substituíam a família. Minha nona o ouviu calmamente, argumentando que nada substitui o trabalho entre pessoas que se amam, recomendando que mantivesse a atenção nos tropeiros, mas que não os tratasse com hostilidade.

– Lembre sempre – disse ela – que no frio das viagens eles são o seu único escudo contra malfeitores. Trate-os bem, como amigos, se quer evitar futuros aborrecimentos.

O bom Pedro ainda estava conosco, e era o braço direito de meu pai. Mais de uma vez eu o via, sentado na nossa cozinha, como que a ter saudade de sua irmã Joana. Sabendo-o com saudades dela, perguntei:

– Pedro, por que não vai ver Joana enquanto estão por aqui? Soube que o sítio dela fica só a umas três horas de charrete. Podia inclusive levar pra ela e os filhos alguns bolos, linguiça, ovos. Tanta falta sinto dela!

Ao me ouvir falando assim, Pedro primeiro fez um olhar alegre, que rapidamente se transformou em mágoa:

– Pois tentei ir até lá, mas o danado do alemão quase não me deixou

passar. Deve ter medo que eu a leve embora. Nem imagina, menina Cora, o casebre onde ela mora, com os dois filhos. Trabalha lá mais do que trabalhou aqui a vida inteira, e está magra, abatida.

Ao ver meu espanto, ele continuou:

– Morre de medo do marido. Desconfio que tenha levado algumas surras, pois há marcas em seu rosto que nunca tinha visto antes. Pobre irmã, antes tão vaidosa, e agora, presa àquele sujeito que só depois de casado mostrou quem realmente era.

Penalizada, comentei:

– Pedro, temos que falar com a nona! Será que ela não deixa Joana voltar para nossa casa?

Ele me olhou triste:

– Já falei com dona Cora, mas ela acredita que num juramento de casamento feito a Deus, só Ele pode interferir. Disse que avisou Joana antes, mas que a teimosa não lhe deu ouvidos. Agora, diz que só pode lamentar sua sina.

Não retruquei. Sabia da bondade da nona, mas também me lembrava de sua opinião sobre o matrimônio: “O que Deus uniu apenas Ele pode separar”, era uma de suas frases preferidas. Triste e pensativa com o destino de minha amiga, peguei Enrico no colo (ele já estava bem pesadinho) e fui ao jardim pensar um pouco: que vida mais injusta a das mulheres da minha época, tinham que se sujeitar a tudo que os maridos diziam e faziam. Lendo meu pensamento, Olívia me deu grande susto quando chegou por trás de mim:

– É verdade que é injusto, Cora. Mas, às vezes, são os nossos companheiros masculinos que sofrem com uma má escolha. É preciso pensar bem antes de tomar uma decisão como esta.

Vendo-me pensativa e um tanto casmurra, ela continuou:

– Lembra como Joana dizia sempre que finalmente ia ser a “dona da casa”, e não escrava ou empregada? Pobre Joana! Iludiu-se muito. Não se lembra como ela “descartava” os pretendentes mais simples, como aquele balconista italiano que se apaixonou por ela?

Lembrei-me de um rapaz de aparência simples, mas sorriso simpático que

se chama Gino. Realmente, fez de tudo para que Joana reparasse nele, chegando a falar com a nona para namorar com ela. Lembrei-me que minha pobre amiga “fez pouco” do rapaz, dizendo-lhe:

– Eu, casar com você? Se é para passar fome, prefiro passar sozinha!

Gino saiu moído de tristeza, e ela ria-se das intenções sérias do rapaz. Queria se casar com alguém que tivesse terras, dizia-me sempre, pois seu sonho era ser uma “senhora” como as que tinha conhecido na infância, enquanto morava na fazenda onde seus pais eram escravos. Que tola tinha sido: ao menos Gino nunca levantaria a mão para bater nela. Ele casou-se depois, com uma bonita italianinha de cabelos cacheados e castanhos, e me pareciam felizes. Progredia sempre na venda onde era balconista, e nada parecia lhes faltar. Olívia ponderou:

– Claro que ela tinha todo o direito de escolher, mas escolheu a pessoa errada, por acreditar em valores materialistas. Conheci Joana no plano espiritual, e sei que em outras existências ela realmente tinha sido uma senhora de engenho, orgulhosa e até mesmo perversa com os escravos. Depois que desencarnou ficou longo tempo no umbral até ser resgatada por um de nossos amigos.

Fiquei de boca aberta: Joana, senhora de escravos? E reencarnou negra? Olívia continuou:

– A humanidade sabe ser tola, Cora! No plano espiritual, nossa boa amiga recebeu ensinamentos e compreendeu que tinha um longo aprendizado pela frente. Não julgue Joana, pois ela não era realmente um espírito mau, mas era preconceituosa e se acreditava muito superior aos pobres negros que explorava. Nasceu negra e livre, mas com os pais ainda presos ao jugo da escravidão. Não é punição de Deus, mas uma chance dela perder o preconceito tolo que tanto a prejudicou na vida anterior.

Curiosa, perguntei:

– E o marido dela? Já se conheciam?

Olívia sorriu:

– Sim. É muito comum almas assim encarnarem juntas, assim como as mais desenvolvidas. O marido dela continua o mesmo da encarnação anterior, onde ele foi senhor de engenho, muito preso às aparências e ao

luxo da vida fácil. Como vê, não mudou muito. Pode apostar que Joana é quem tem feito o maior trabalho do sítio. Esse pobre homem nunca gostou muito de trabalho árduo, nem sabe dos benefícios que dele provêm.

Pensativa com tudo aquilo, lembrei-me que Joana, entre seus atributos, contava já com o amor pelo trabalho, pois nunca tinha sido preguiçosa nesta encarnação, assim como já tinha perdido os seus preconceitos de raça. Pena que ainda desse tanto valor à posição social, o que a arrastou para junto de pessoa também muito materialista. Pensei que a nona tinha razão quando dizia que “O Senhor tem seus mistérios”...

Vendo-me pensativa com aquilo tudo, e principalmente penalizada pela sorte de Joana, Olívia me disse algo de que eu me lembraria muitas vezes vida afora:

– Não fique triste pelos períodos difíceis da vida, Cora. Aqui no plano terreno muitas vezes os lamentamos, mas na vida espiritual são pelo que mais agradecemos. Sem períodos difíceis, que nos colocam à prova, dificilmente cresceríamos e caminharíamos para a compreensão de Deus. Joana agora volta para aprender a humildade, que é uma grande virtude, assim como a paciência. Tenho certeza de que sairá dessa existência com uma alma muito mais forte, o que não aconteceria se tivesse levado a vida fácil de antes. Não são poucas as vezes em que as fases mais duras de nossas vidas nos aproximam de Deus. Os homens e mulheres que tudo têm raramente se lembram d’Ele.

Encantada com suas palavras, fiquei mais confortada. Ela continuou:

– Você verá, durante a sua vida aqui na Terra, algumas pessoas a quem nada de material falta. Olhando pra eles vemos que possuem muitas vezes a beleza física, a mesa farta, os armários cheios de vestes luxuosas, e até mesmo a saúde em perfeito estado. Observe com cuidado e notarás o apego que a maior parte deles tem pela menor coisa de sua propriedade, e a importância que eles dão a ter cada vez mais. Não raro são mesquinhos, desconfiados e tristes, pois sempre haverá alguém que possua mais do que eles, assim como sempre aparecerão pessoas que estarão com eles não pelo que eles são, mas pelo que possuem. Acha que são felizes?

Lembrei-me das pessoas mais abastadas da vila, que muitas vezes iam a nossa venda e desfaziam das mercadorias. Pareciam estar sempre irritadas e

gostavam muito de adulações. Minha nona era a pessoa mais generosa que eu conhecia, mas não desperdiçava com eles mais tempo que com os outros. Aliás, lembrando melhor, não foram poucas as vezes que a vi tendo muito mais gentileza com os mais humildes que com os abastados.

– Não acho que sejam felizes, Olívia. Alguns têm mesmo um nariz muito empinado, exigem sempre muito e querem pagar menos. Mas acredito que seja esse tipo de cliente que dona Regina prefere ter, afinal, ela sim, gosta de adulá-los.

O sorriso de menina deixou sua face por um instante, e ela continuou:

– Você ainda é muito nova, mas repare, no curso de sua vida, o que acontece quando eles perdem aos poucos o que possuem: a beleza física o tempo tira, os bens, caso não sejam administrados com inteligência, acabam também depois de algum tempo. É dura a vida para com essas pessoas também, pois quase sempre se lembram apenas do que foram, como se o passado devesse durar eternamente. Acreditam que tudo lhes é devido, mas que nada lhes deve ser cobrado. Desses sim, você deve ter pena e manter-se bem afastada para evitar aborrecimentos.

– E eles não vão aprender nunca, Olívia? Não notam que agindo assim se afastam do Senhor?

Aí sim, ela voltou a sorrir, enigmática:

– Geralmente estão tão ocupados consigo mesmos, que sequer se lembram de Deus, Cora. Mas Deus não se esquece deles. Procure esquecer esse tempo de vida terrena, tão curto, que dura no máximo algumas décadas. Lembre-se que o nosso Pai dá diversas e inúmeras chances. Não se preocupe em demasia. Alguns, depois de uns duzentos ou trezentos anos, acabam também caminhando para Deus.

Deixando-me ainda tonta com seus ensinamentos, ela despediu-se, desejando-me sorte no meu encontro com Justino. Eu estava um tanto nervosa, pois nunca tinha conversado sozinha com nenhum rapaz, e não sabia como me comportar. Por exemplo: olhava direto pra ele, ou desviava o olhar? Do que falaríamos? Gostava de Justino e sabia que ele me respeitaria, mas estava longe de me sentir confortável. Gertrude me chamou para a última prova do vestido, que realmente tinha ficado muito bonito: o rosa suave de seu tecido contrastava com o negro do meu cabelo, o corpete

franzia a saia e dava-me uma cintura muito fina, embora não fosse desconfortável. Vendo que finalmente eu estava me arrumando, a nona me chamou até o seu quarto, pois tinha recomendações a fazer. Ao ver-me, pude notar nos seus olhos um brilho de lágrima bem discreta:

– Mas que linda está, “nipote”! É mesmo uma boneca de louça, com essa pele clara e os cabelos negros!!! E que cintura fina, hein?

Corei de satisfação, pois sabia que minha nona me amava, mas não me iludia. Se não estivesse bem, ela com certeza me diria. Curioso com as exclamações da nona, meu pai chegou até a porta de nosso quarto e me olhou espantado:

– Que vestido mais lindo, filha. Vai sair para a missa com sua nona?

A nona explicou:

– Esqueci de lhe contar, Adamo, mas enquanto você estava na viagem recebi aqui uma visita, de dona Otília, a doceira, e de seu filho Justino. Ele me pediu permissão para levar nossa Cora à missa de domingo, e eu concordei. Espero que não se zangue com a menina, pois o esquecimento foi meu.

Ele a olhou assombrado, tentando lembrar-se de Justino:

– Justino? Mas que idade ele tem agora? Não foi ele que dona Otília mandou para ficar com a irmã, na vila vizinha? Só me lembro dele ainda “molecote”, trazendo os doces da mãe...

Puxando-o pelo braço para que ele não atrapalhasse a minha passagem, lá foi ela inteirando-o dos acontecidos recentes: a sorte de Otília com a herança recebida pelo filho, as intenções sérias do rapaz para comigo. De longe só pude ouvi-lo exclamando, bastante ciumento como todo pai italiano:

– Mas, como! Cora é só uma menina! Que atrevimento!

– Mas ela já tem dezenove anos! Quando eu tinha essa idade, você já tinha nascido.

Ele voltou-se para me olhar novamente, como se só agora reparasse no meu tamanho:

– Dezenove? “Dio mio” (meu Deus), o tempo passa rápido mesmo, não? Chegue-se aqui, Corinha.

Mais vermelha que um pimentão, aproximei-me, cabeça baixa, olhando o chão. Ele, no entanto, ergueu meu rosto e me olhou como que encantado:

– Mas, ficou bela, hein? Nem sua mãe era tão bonita! E você quer ir à missa com o rapaz?

Um tanto sem jeito, respondi:

– Se o senhor não se incomodar, gostaria sim...

Soltando meu rosto, ele colocou as mãos grandes e fortes no quadril, endireitando-se:

– Pois diga ao rapaz que se sua nona deixou, pode ir. Mas antes tem que vir aqui falar comigo.

Foi a vez da nona exasperar-se:

– Mas, ela só vai a uma missa com ele, na frente da vila toda! Assim vai constranger sua filha e o rapaz... afinal, eu já consenti.

Ele não se deu por vencido, e argumentou:

– Pois se meu pai estivesse aqui, ia querer a mesma coisa. Ora já se viu, sair com a filha sem falar com o pai. É muita “modernice” pra mim.

E assim dizendo, encaminhou-se para a varanda, disposto a esperar Justino. Minha nona pediu que eu ficasse no quarto, enquanto o rapaz não chegava, coisa com a qual concordei rapidamente, pois não queria ficar entre os dois. Ouvindo todo aquele burburinho dentro de casa, dona Regina veio ver o que estava havendo, já com o cenho fechado. Quando me viu, com o vestido novo, espantou-se:

– Mas, que vestido é esse? Estamos com pouco dinheiro, como conseguiu fazer uma roupa dessas?

– Minha nona deu-me o tecido, e a Gertrude o costurou pra mim. Fique tranquila, pois não terá nenhum gasto comigo.

Irritada, Deus sabe o porquê, ela resmungou algo em som inaudível e foi para a cozinha, interrogar Gertrude. Enrico, de cima da minha cama, olhava tudo com curiosidade. Não era raro na casa de minha família discussões acaloradas, mas ele sempre se assustava com qualquer tom de voz alterado. Sentei-me ao lado dele, confidenciando:

– Mas veja só, Enrico, tudo isso só porque vou a uma missa! Imagine se

fosse a uma festa...

Poucos minutos depois ouvi o Justino aproximar-se da varanda, muito bem vestido e polido, conversando com o meu pai, cuja voz parecia cada vez mais com um trovão de tão grossa. Apesar disso, Justino parecia calmo e no final pude ver que os dois estavam se dando bem. Por fim, ele me chamou, em voz alta:

– Cora, venha até aqui que seu acompanhante já está esperando!

Saí do meu quarto de cabeça baixa, envergonhada por natureza, e só então o vi direito, os cabelos cacheados bem presos por alguma pomada, a roupa enfim bem cortada, lhe valorizando o talhe esbelto. Ao me ver abriu grande sorriso, como se estivesse tendo uma visão há muito esperada. Olhando para a nona, que tinha um bonito ramalhete nas mãos, me surpreendi, assim como ela.

– Mas veja, Corinha! Que moço educado. Me trouxe até essas flores – e virando-se para o meu pai: – Sabe há quanto tempo não ganho flores?

Meu pai, um pouco mais conformado, disse:

– E saindo da missa, traga já ela pra casa, ouviu?

Dando-me o braço para que eu o segurasse, caminhamos então, bem rápido, em direção à praça e à igreja, antes que alguém pudesse mudar de ideia.

O encontro com Justino

O QUE SE PODE dizer do amor, entre o homem e a mulher, que já não foi dito? O rapaz que estava ao meu lado, orgulhoso de estar de braço dado comigo, não era bonito como os príncipes dos romances, mas era simpático, dono de olhos castanhos inteligentes, um queixo pequeno, nariz um pouco adunco sem no entanto ser grande, e boca carnuda e delicada. Com certeza devia lembrar a mãe quando mais nova, mas o tempo e o trabalho árduo de sol a sol não tinham contribuído para preservar a beleza de dona Otília.

Não tinha o tamanho de meu pai, esse sim, bem alto e claro como todos da família, mas era sem dúvida maior do que eu. O físico não era nem musculoso e nem franzino, e as mãos, bem tratadas pelos anos de estudo, eram bem feitas e longas. Estava assim a observá-lo quando ele me disse:

– Hoje caminho de cabeça muito erguida, Cora, pois estou com a mais bela moça da cidade. Você não sabe há quantos anos sonho com isso.

Feliz com o elogio, embora um tanto sem jeito, não pude deixar de perguntar:

– Como assim? Quando crianças, éramos conhecidos, e eu gostava muito de você e de sua mãe. Mas você nunca me falou nada!

Ele sorriu um tanto triste:

– Há de lembrar que tenho pelo menos mais seis anos do que você. Quando vi você, a primeira vez na vila, você devia ter os seus seis anos e era já muito bonita, mas também olhava a todos de um jeito bastante desconfiado. Tinha eu então uns doze anos, e já lutava com minha mãe no sustento de meus irmãos. Lembro-me que pensei que a “mistura” de raça entre seu pai e sua mãe havia dado bom fruto. A maior parte das crianças da vila é muito loura, e depois o cabelo escurece. Sua avó já tinha grande

orgulho de “exibir” você desde aquela época, e sempre gabava os seus olhos para minha mãe: “os olhos da família de Giancarlo”, ela dizia. E com o tempo, só ficaram mais bonitos.

Cabisbaixa, mas ouvindo com atenção, ele se sentiu à vontade para continuar falando.

– Quando você fez doze anos, a menina se transformou numa moça do dia para a noite. Os moços passavam em frente da loja só para “espiar” a neta de dona Cora. Não fosse a vigilância constante de sua avó, teria muitos pretendentes à sua volta. A partir daí comecei a me interessar por você. Mas, pobre de mim, o que poderia oferecer a qualquer moça? Imagine se me atrevera a falar disso com a mais bonita e séria moça da vila. Nunca a vi sorrir com interesse para nenhum rapaz, e isso me chamou a atenção. Assim como a sua bondade em distribuir os doces para meus irmãos.

Tudo aquilo que ele me dizia era grande novidade. Claro que quando mais nova observava os moços a me olharem de longe na venda, mas nunca havia me ocorrido que haveria algum interesse da parte deles. Aliás, aqueles olhares me deixavam muito desconfortável, pois imaginava que eles devessem me achar estranha, com aqueles cabelos tão negros que eram os únicos da vila. Começava a compreender a minha nona, e agradecer a ela pela proteção. Se eu desconfiasse que queriam me namorar, há muito não teria mais aparecido na venda: a timidez indígena ainda era bem forte.

Olhei para ele curiosa, e perguntei:

– E como foi a vida com sua tia? Você sumiu por um bom tempo...

– Aos dezoito anos era pequeno para a idade. Não tivemos uma vida fácil, como você deve se lembrar. Minha tia Emília, irmã mais velha de minha mãe, enviuvou e viu-se de repente sozinha e sem filhos em enorme casa no centro de sua vila. Já tinha ela mais de cinquenta anos, mas sentiu que precisava de um homem em casa. Lembrou-se, então, da irmã mais nova, que ela sabia viúva desde muito tempo. Elas ficaram sem se ver por décadas, e em momento nenhum ela imaginou que a situação de minha mãe fosse tão penosa. Chegando aqui, muito polida e educada, pediu a minha mãe que me deixasse morar com ela, pois se sentia desprotegida sem alguém da família. Prometeu me dar estudos e mandar para a irmã uma pequena quantia em dinheiro para que pudesse, enfim, dar uma vida melhor

a meus irmãos.

Estávamos quase que à porta da igreja, já bem iluminada pelas lamparinas públicas, cuja luz avermelhada dava à cena um ar encantador. Ele continuou:

– Devo muito a tia Emília. Minha mãe, orgulhosa por natureza, nunca tinha lhe pedido ajuda, e me perguntou se eu queria ir. Vi no olhar de minha tia, além da bondade, inteligência, e sabia que, se quisesse ser alguém na vida, teria que estudar. Assim, aceitei. No início não foi fácil me adaptar: sentia falta de meus irmãos, e os preceptores que minha tia contratou, para enfim suprir os anos sem estudo, eram bastante rígidos. Depois, acostumei-me. Minha tia podia ser severa comigo, mas me queria muito bem. Acredito que tenha me dedicado o amor que teria dado a seus filhos de sangue, caso os tivesse tido.

Parou então, em frente à igreja, debaixo de uma grande lamparina, olhando bem o meu rosto.

– Quando ela adoeceu eu já tomava conta de todos os seus negócios. Ela tinha me introduzido neles aos poucos, e tinha em mim toda confiança. Mas, durante os anos em que lá estive, lembrava-me sempre de você, Cora. Pedia a Deus que ainda não estivesse casada, e foi com grande alívio que descobri que o pequeno Enrico era seu irmão, e não seu filho. Como conseguiu chegar solteira aos dezenove anos? As moças daqui casam-se aos quinze.

Eu achei graça, e já confiando mais nele, respondi:

– Como foi criado por sua mãe e sua tia, não imagina como os pais e os avós italianos podem ser ciumentos. Alguns pobres moços bem que tentaram, mas passar pela nona, pelo nono e por meu pai, não era tarefa fácil. E depois, nenhum deles me despertou a atenção.

Feliz com a minha resposta, entramos então na igreja, indo nos sentar num banco ainda vazio, mais ou menos no meio da nave principal. Senti os olhares admirados, de ver novamente o Justino, agora bem de vida, com a neta de dona Cora. Depois de algum pequeno burburinho, o padre finalmente conseguiu silêncio e iniciou a pregação. Falava em latim, para o desespero de muitos que não entendiam quase nada, mas que achavam “pecado mortal” não tentar prestar atenção. Ao virar-se para a congregação,

padre Elvídio finalmente nos viu, primeiro arqueando as sobrancelhas surpreso, e depois sorrindo e me piscando um olho, indicando que aprovava. Ao final da missa, ele sempre contava uma parábola do Cristo, entremeando palavras portuguesas e italianas, para o deleite dos ouvintes. Naquele dia, Deus sabe o porquê, nos contou a história das Bodas de Canaã, bem de acordo para quem não abria mão de um bom vinho, e gostava tanto de casamentos.

Saímos ao final da missa, às sete e meia da noite. Muitas vezes quando eu saía à rua acontecia de ver algumas entidades entre os vivos, e naquela noite não foi diferente. Na igreja mesmo eu vi algumas que pareciam ser de luz etérea, como a de Olívia, auxiliando algumas outras que apesar de estarem ali na missa, não tinham muita fé. Vi uma gorda senhora num caro vestido púrpura, que seguia padre Elvídio incessantemente, reclamando muito que não era ouvida e que o lugar onde estava não podia ser o céu que os sacerdotes de seu tempo prometeram. Daquela eu tive um pouco de receio, pois falava em voz alta, um tanto furiosa: “Tanto me tomaram dinheiro para a igreja, e agora me deixam mofar nesse antro!”. Imaginei que ela não estivesse num lugar realmente bom, pois mesmo as entidades de luz não conseguiam (e sequer tentavam) se comunicar com ela. Olívia já tinha me explicado que essas pessoas “vibram” num “campo energético” tão conturbado que é difícil, se não impossível, boas entidades chegarem a elas. Simplesmente não os veem.

Vi também uma magra mocinha, de rosto bonito apesar da palidez, vestida num roto vestido de algodão barato já há muito puído e um tanto curto. Era religiosa, pois sentava-se e rezava olhando padre Elvídio com emoção, pedindo perdão pelos pecados cometidos em vida. Dessa vez eu vi com alegria o seu resgate, por um senhor de barbas brancas e tez bonita. Parecia um parente dela. Que feliz ficou o senhor em recolher a moça! Partiram deixando apenas um rastro de luz.

Fechada dentro de casa desde que Regina tinha tomado conta da venda, não tinha mais visto quase nenhuma entidade estranha. Algumas ainda me acordavam durante a noite, acordando também a Enrico, que dormia comigo na mesma cama. Era engraçado de se ver: acredito que meu irmão não diferenciava os vivos dos mortos (quando criança também muitas vezes os confundi), por isso os olhava, às vezes com surpresa, noutras com

um certo enfado. Sabendo que alguns vinham conversar comigo, sabiamente voltava a dormir, deixando que eu os orientasse.

Vendo-me calada, Justino ofereceu-me seu braço, onde apoiei minha mão enluvada, em fina luva que minha nona tinha me dado aos quinze anos. Por fim, me perguntou:

– Gostou da missa, Cora? Parece que padre Elvídio gosta muito de você.

– Padre Elvídio é um grande amigo de nossa família, e nós todos temos por ele grande carinho. Depois que o nono morreu, não foi mais à nossa casa, como de costume. Como meu quarto fica do lado da janela, não foram poucas as vezes em que adormeci ouvindo suas discussões sobre teologia e política. Acredito que tenha sido o melhor amigo de meu nono.

Ouvindo-me, ele achou graça, e me perguntou:

– Mas todos dizem que seu avô era agnóstico, que nunca frequentava a missa. Como pode ser essa amizade?

Foi a vez de eu rir com as lembranças:

– Meu nono era o “agnóstico” mais caridoso que já conheci. Nunca passou um mendigo ou uma família pela porta de minha casa a quem ele não ajudasse. Não gostava da Igreja Católica, pois achava que “emperrava” o progresso da humanidade, mas gostava do Cristo que padre Elvídio lhe ensinou a amar. As coisas nem sempre são como parecem.

Divertido com a história, ele me respondeu:

– Nem me diga.

Aproximando-se da casa de minha família, ele parou diante da lamparina, a me olhar novamente nos olhos. Apesar de envergonhada, mantive o olhar, e ele me perguntou:

– Posso lhe buscar novamente no domingo que vem? Gostaria muito que me acompanhasse de novo.

Como boa filha de italianos, respondi:

– Se meu pai permitir, terei prazer em acompanhá-lo.

Passou por nós um cliente da venda, abraçado junto à mulher e me cumprimentou alegre:

– Boa noite, menina Cora! Lembranças à sua nona.

Sorrimos e continuamos. Na vila, não havia quem não me conhecesse, mas o Justino assim, mais velho e bem vestido, raramente era reconhecido. Na porta da casa, meu pai me esperava fumando um cachimbo que era seu velho companheiro de longa data. Vendo-nos, olhou o velho relógio da parede e sorriu de aprovação: estávamos no horário. Deu-me um beijo estalado na testa, a me mandar dormir, e fez com que Justino se sentasse na outra cadeira, oferecendo-lhe um cálice de vinho, que ele recusou educadamente, mas aceitou um café.

Ao ver-me entrar, minha nona fez sinal para que eu fosse em seu quarto, pois queria saber como tinha sido o encontro. Como sabia que ela gostava muito de ouvir detalhes, contei-lhe tudo minuciosamente, mas não falei nada das entidades que tinha visto na Igreja. Ela me ouviu contente, e ficou ainda mais feliz quando soube que ele tinha me renovado o convite, para o próximo domingo.

– Vá com aquele seu vestido verde escuro, que lhe fica tão bem. Pode deixar que lhe empresto as minhas pérolas.

Fiquei contente de não ter que fazer outra roupa, afinal, mesmo com Gertrude costurando tão bem, era uma canseira só. Não fui criada com vaidade excessiva, e embora gostasse de um agrado, não era nada de exigir presentes. Enrico, que estava indócil no colo de Regina, ergueu os braços para mim assim que passei, e me chamou do seu jeito doce: “Co’ a, Co’ a”. Notei que já precisava ser trocado, e fui saindo com ele quando escutei Regina a reclamar com Gertrude: “Não sei o que essa menina faz com ele, que agora não quer mais saber do meu colo... ora já se viu... é meu filho, devia ficar mais comigo!”

Pensei comigo mesma que, se ela desse mais atenção ao pequeno, ele certamente gostaria mais de ficar com ela. Com a venda, dona Regina passou a ignorar o pequeno, e não era raro reclamar que ele estava “ficando mimado demais”. A despeito disso, continuava cobrando exaustivamente a limpeza do pequeno, que gostava muito de brincar com a terra do jardim. Como Regina tinha horários mais ou menos definidos, eu o deixava brincar quando sabia que ela estaria ocupada, e o trocava logo quando ela voltava.

Olhei para Enrico, pensando, pela primeira vez, no que seria dele caso eu me casasse. Era bastante adulta pra saber que naquela vila, quando um

moço de família convida uma moça para um passeio, já era sinal de compromisso. Apesar de meu coração bater mais alto quando via Justino, ele parecia ficar pequeno quando eu olhava Enrico, que eu já sabia ser de saúde tão delicada. Estava ele agora com quase quatro anos, e a gordurinha de bebê estava sumindo na medida em que ele crescia. Apesar disso, nada de andar...

As perninhas estavam ficando muito finas e se atrofiando. Embora ele ainda fosse fácil de ser carregado, logo chegaria o dia em que ficaria por demais pesado, e eu me perguntava o que poderia fazer. Lembrei-me do conselho de Olívia, que sabiamente tinha me dito para que ele se exercitasse mais, em todos os sentidos. Orei a Deus pedindo orientação, pois amava muito a meu irmão, e não queria deixá-lo assim indefeso.

Ainda pensativa, ouvi Justino se despedindo de meu pai, depois de terem conversado quase uma hora. Meu pai entrou alegre pelo vinho, um tanto corado, e me chamou:

– Cora, “viene qui” (vem aqui).

Fui atendê-lo e ele me recebeu com um sorriso maroto:

– Mas então, hein? Um pretendente! “É un bravo ragazzo, mi piaceva” (É um bom rapaz, gostei dele).

Aliviada com a aprovação, sorri um tanto sem jeito. Ele continuou, tentando parecer sério:

– Deixei que saísse no próximo domingo, mas juízo, hein? Moça solteira deve tomar cuidado. Nada de “angolo sospetto” (cantos suspeitos) na volta!

Depois dessa, retirei-me logo. Ora já se viu se eu ficaria em “angolo sospetto” com quem quer que fosse...

Considerações sobre a morte

OS DIAS SE PASSARAM céleres, numa rapidez que eu até então desconhecia. Como é breve o tempo quando estamos felizes! Justino, no segundo domingo, pediu à minha nona permissão para me namorar, pensando em casar num futuro próximo. Como a nona de tola não tinha nada, já tinha conversado sobre isso com meu pai (que partira novamente em viagem), e consentiu. Ficou assim acertado: ele me veria uma vez por semana, de preferência nos domingos, às cinco da tarde, para depois irmos à missa. Minha nona fez questão de me explicar, em particular, como devem agir as moças de família:

– Andar de braço dado, pode. Mas não deixe que ele tome nenhuma liberdade com você! Embora seja um bom moço e com intenções sérias, ele é homem, e filho de italiano! Não convém facilitar.

Ouvindo seus sábios conselhos, os segui à risca. Tinha ela um pouco de razão, pois Justino realmente às vezes tentava, a custo, me roubar um beijo. Não que eu o repudiasse, mas os conselhos da nona vinham à minha mente, e eu dizia:

– Minha nona não quer isso. Só depois de casados.

Como todo bom italiano, ele tentava me convencer:

– Mas ela não saberia, Corinha. Só se você contar.

A tal sugestão fiquei um tanto zangada:

– Pois saiba que nunca menti antes, e não pretendo ocultar nada dela por agora. Espere, Justino, que assim que marcarmos a data, tudo se resolverá.

Apesar de um tanto desiludido, senti que ele entendia e até aprovava a minha atitude. Dona Otília, sua mãe, já tinha por mim enorme carinho e me

tratava como filha. Mandávamos quase sempre “mimos” uma para a outra, e ficamos boas amigas. Dizia, com orgulho, que tinha achado uma “moça séria” para o filho, e que isso era um tesouro raro. Tinha tido cinco filhos, dos quais Justino era o mais velho. Todos homens, sendo que um morreu à idade de quatro anos, vítima de uma febre que assolou a região. Conhecia-os apenas de longe, pois passavam pela porta da venda a me “espiar” curiosos. Depois de algum tempo soube que o interesse de Justino por mim era realmente antigo, e motivo de algumas brincadeiras na família.

Ao contrário de dona Regina, que me chamava de “bugre”, dona Otília se referia a mim como “a indiazinha”, mas era com carinho que ela assim o fazia. Dizia ter querido muito ter uma menina, como minha nona, mas que o marido se foi antes. Esse tipo de coincidência a tinha aproximado ainda mais de minha nona, que sempre dizia que “com filhos homens, o trabalho da casa nunca acaba”. Era verdade. Ocupados com outros misteres, nenhum homem que se prezasse fazia o serviço feminino, mesmo porque as italianas “correriam” com eles. Não foram poucas as vezes que tinha visto minha nona “correr” com nono Giancarlo da cozinha, quando ele ia “espiar” os quitutes dela: “Já pra fora, que cozinha não é lugar de homem... que esfomeado! Espere a hora do lanche!”. Falava decidida, e ele ia saindo, rindo-se por dentro... Pensava agora quando teria a minha casa e se faria o mesmo com Justino. Apenas uma coisa me deixava triste: não queria saber de deixar Enrico.

Dona Regina não disse nada, mas não gostou de meu namoro. Reprendida por minha nona e por meu pai, calou-se, mas eu via em seus olhos um rancor novo, que não estava ali antes. Pressenti que ela também não me queria longe por causa do menino, que agora chamava por mim a todo momento, feliz e inocente, pois nunca imaginaria que a sua “Co’ a” pudesse um dia ir pra longe dele. Falando sobre isso com a minha nona, ela me respondeu:

– Enrico é querido, Cora, mas não é responsabilidade sua. Você terá seus filhos algum dia, e seu tempo deve ser para seu marido e para eles. Regina está é muito mal acostumada, fica na venda o tempo inteiro a assuntar e larga o pequeno contigo. Mas, se é filho dela, ela deve assumir seus cuidados, e não você.

Pensativa e preocupada com o menino, ainda assim tratava de ficar

sempre próxima a ele para ensinar-lhe o maior número possível de palavras, para que ele se comunicasse melhor. Algumas ele já sabia: como “café”, “banho”, “noite”. Palavras com menos letras eram mais facilmente aprendidas, e eu me esforçava com ele. As noites eram duras, pois o pequeno sentia fortes dores nas pernas, que estavam atrofiadas por falta de uso. Passava-lhe um unguento de ervas que parecia esquentá-lo, e só assim ele dormia, a segurar com os dedinhos os meus cabelos. Pensei em pedir a Justino para levá-lo conosco depois do casamento, mas sabia que dona Regina, embora não gostasse dele, não permitiria.

Além de todo o amor que tínhamos um pelo outro, Enrico também era meu “cúmplice”. Embora só eu soubesse, era mais um vínculo que tínhamos: o nosso dom de perceber o mundo espiritual. A diferença é que ele não conseguia se manifestar e contar para os vivos, e eu sim. Abraçada com meu irmão, depois de deixar na cozinha a massa de pão a levedar, tentava eu, inutilmente, conciliar o sono. Não sabia muito bem o motivo, mas forte taquicardia me invadira o peito, fazendo com que eu me perguntasse o motivo de meu coração bater tão rápido. Levantando-me, às escuras, fui para a cozinha atizar a brasa do fogão, e fazer um chá com folhas de cidreira, para enfim conseguir dormir. Na casa, um silêncio absoluto reinava, quebrado apenas pelos grilos do quintal.

Estava eu sentada em sólido banco de madeira, coberta por um xale para espantar o frio da madrugada e com a xícara fumegante de chá, adoçada com melado, quando percebi tênue luz de dentro da casa. Sabendo dos amigos espirituais, esperei para ver quem seria, quando vi esse mesmo clarão se dirigindo para o quarto de minha nona. Levantei-me, um tanto assustada, paralisada por uma angústia que nunca antes tinha sentido, sem saber se ia até lá ou se ficava onde estava. Nem um suspiro se ouvia, e eu permaneci em pé, coração batendo tão alto que eu o ouvia por dentro do peito.

Súbito, o clarão se acalmou, e eu pude ver, vindo na minha direção, o nono Giancarlo, que me olhava com carinho e preocupação:

– Não se preocupe, Cora. Somos apenas alguns amigos, que viemos para conversar com sua nona. Não tenha medo, “nipote”, tudo vai ficar bem.

Amigos? Conversando com a nona? Por quê? Adivinhando minhas

perguntas ele me respondeu, e tinha a fisionomia que oscilava entre a alegria e a tristeza.

– É verdade, Cora. Estou feliz hoje, e ao mesmo tempo muito triste por você. Feliz porque sua nona enfim volta para casa, no nosso mundo espiritual, e triste porque você vai ter que se acostumar a ficar sem sua presença física.

A dor que senti diante de tais palavras foi tão funda, que eu imaginei ser física. Passando por ele, corri até o quarto onde pude ver minha nona com a fisionomia tranquila, parecendo dormir somente. Em volta dela entidades de luz me olhavam, e tentaram me acalmar:

– Não fique triste, Cora. Ela não sofreu nada. Foi durante o sono, mas como pode notar, ela já não está aí. Dorme agora no plano espiritual, onde muitos a aguardam. Alguns a aguardam há muito tempo.

Olhando novamente seu corpo, senti como se observasse uma “casca vazia” da pessoa incansável e generosa que era minha nona. Debalde meu nono Giancarlo tentava falar comigo, enquanto eu segurava a mão já fria dela a exclamar: “Nona, nona... não vá, nona! Não me deixe aqui tão só...”

– Não faça assim, “nipote”! Tenha fé em Deus acima de tudo e agradeça pelo tempo que teve com ela. Todo esse sofrimento fará a ela muito mal, pois tinha com você grande laço de afeto. Acalme-se, Cora: estamos aqui para assisti-la também.

Ainda inconformada, eu o olhava cheia de dor. Não tinha tido mãe a me criar, e nunca senti falta: a nona tinha sido mais que isso. Olhando a casca vazia, inerte em cima da cama, ainda assim não quis me afastar. Era tudo que tinha me sobrado dela, e eu agora me sentia verdadeiramente só.

As mãos cariciosas das entidades começaram a passar sobre a minha cabeça, e por fim vislumbrei Olívia, a me olhar com compreensão. Aos poucos a dor no peito diminuiu, mas a sensação de vazio permanecia.

– Mas por que ela, Olívia? Tanta gente ruim no mundo, e justo a nona se vai? É justo isso? – eu exclamava, irritada.

Ela me olhou um tanto surpresa e zangada:

– Pois ora vejam. Justo você que sabe que a morte não é o fim? Por que esse desespero, Cora? Não acha que é egoísmo querer prender neste plano

peessoa tão generosa? Sua nona não reclamava, mas sentia fortes dores físicas a maior parte do tempo, e sofria por demais com a falta do marido. Por aqui, a família dela a aguardava ansiosamente, pois ela se portou dignamente durante toda a sua existência. A morte, Cora, não é o castigo que muitos pensam. Para a sua nona, foi uma bênção.

Calei-me, zangada. Realmente era egoísmo meu. Tantas vezes eu a tinha visto suspirar pela falta do nono, a andar pela casa triste, sem a sua venda. As dores de que ela não reclamava, eu as percebia: a cada dia um simples caminhar ficava cada vez mais difícil. Olhando meu nono, perguntei:

– E ela está bem agora, nono? Não sente mais dor?

Ele me respondeu:

– Muitas vezes os que desencarnam costumam sentir ainda por algum tempo as dores, mas isso é ilusão. A dor pertence ao corpo físico, e se o espírito sabe disso, não há por que tê-las. Ela acordará bem, mas não se desespere, minha neta. Suas impressões de dor podem atingi-la, pois a ligação entre vocês é forte e não é a morte que vai desfazê-la. Tenha fé em Deus, Cora.

Incomensurável tristeza me atingiu, mas ao menos o desespero estava passando. Agradei a meu nono pela paciência que estava tendo comigo, e desculpei-me com Olívia pelo desespero que se apoderou de mim. Ela tinha razão: quem tem fé, não tem por que ter desespero.

Sentada na cama dela, como tantas vezes fiz enquanto ela estava viva, cobri-a o melhor que pude. Não ia acordar dona Regina agora, pois sabia que a minha nona precisava muito de descanso para sua travessia. Alisei pela última vez os seus cabelos brancos sedosos, alguns fios louros se perdendo pelos grampos, e agradei, de todo coração, a alegria que foi tê-la por perto a guiar meus passos. Em meio às lágrimas, lembrei-me de mim pequena, recém-chegada da tribo, a ver aquela mesma senhora me acolher daquela forma alegre e barulhenta, como só os italianos faziam. Na época, tinha achado a nona tão “grande”, confiei tanto nela para proteção... Agora o pobre corpo sem alma me mostrava como essas impressões são enganadoras: tinha ela no máximo um metro e meio de altura física, a contrastar com o espírito gigantesco.

Meu nono continuava ali, a me olhar com carinho.

– Cora, agora você vai estar sozinha com a mulher de meu filho. Certas pessoas precisam ainda de muito desenvolvimento, “nipote”. Tenha cuidado com ela. A inveja pode ser uma coisa torpe, e atinge ao inocente de forma ainda mais dura que ao culpado.

Calei-me, pensativa. Era verdade. Sabia dos sentimentos de Regina para comigo, e intuía que não seria fácil a convivência com ela. Se meu pai ficasse mais em casa, eu me sentiria mais protegida, mas lembrei-me das observações da nona, que sempre me dizia que os homens podem ser facilmente manipulados, às vezes. Nesse ritmo de pensamento estava, quando nono Giancarlo me lembrou:

– Não demora muito e eles podem passar por dificuldades financeiras, Cora. Sua nona guardou boa quantia de dinheiro para você, naquele móvel que lhe mostrou; precisando, pode usá-lo. Não deixe que Regina o descubra, ela que assuma as responsabilidades dos seus erros. Podendo, case-se logo, assim sua nona ficará mais tranquila.

Em verdade, minha nona dizia que apenas com dona Otília e Justino eu ficaria bem. Mas como deixar Enrico? Pedi por iluminação, pois não queria deixar o menino, principalmente se houvesse dificuldades financeiras. Como se “lendo” meus pensamentos, meu nono suspirou, e se despediu:

– Em alguns dias ela poderá vir falar com você. Agora precisa demais de descanso, pois a volta ao lar não é simples, e ela é muito apegada a você. Não poderá vir sempre, pois deve se desligar desse plano e há muito o que fazer por onde estamos, mas veja como Deus é bondoso, Cora. Quantos no mundo podem se comunicar dessa forma?

Ouvi a voz de Enrico no meu quarto, que ficava ao lado, a me chamar preocupado. Levantei-me com lágrimas ainda, e sabia que elas durariam ainda um certo tempo. Encaminhei-me para a cozinha, indo buscar o resto do chá para dar ao menino, que com certeza tinha acordado com o som de nossas “visitas” muito amadas. Quando voltei já estava só, mas com o coração calmo. O dia a seguir seria longo, e não sabia como avisar a tio Benito e meu pai, que com certeza gostariam de se despedir dela. Nem com Pedro mais contávamos, pois ele também partia nas caravanas. Preocupada com isso, acabei adormecendo com Enrico nos braços, para ser acordada na manhã seguinte com os gritos de Regina, ao descobrir que minha nona já

não estava entre nós.

Palavras num funeral

LEVANTEI AINDA UM POUCO tonta, com Enrico de olhos arregalados a me olhar com espanto. Gritos o assustavam sempre, e ele começou a chorar assustado. Dona Regina entrou quarto adentro com uma agilidade espantosa para seu peso, muito corada, falando rápido:

– Cora, venha ver a sua nona. Não sei, mas parece morta!!!

Acalmando Enrico como podia, fui ao quarto de minha nona e me deparei com ela do mesmo jeito que a tinha deixado na noite anterior: o semblante tranquilo, muito pálido, mas em paz, coberta com a manta como se essa pudesse mantê-la aquecida. Olhei-a triste, mas sem surpresa, afinal tinha assistido a seu desenlace na noite anterior. Enrico estava agitado, a chamar pela “nona”, e eu tentava inutilmente acalmá-lo. Por fim, disse a dona Regina:

– Realmente está morta, dona Regina. Devemos chamar seus filhos, tio Benito e meu pai. Parece ter falecido ontem à noite...

Espantada com a minha calma, ela pegou Enrico de meu colo, e chamou Gertrude, que veio e, ao dar com o quadro, chorou muito. Conhecia minha nona há pouco tempo, mas já se apegara a ela. Minha madrasta me disse:

– Vá já chamar padre Elvídio, para que ela receba os sacramentos!

Lavando o rosto com água fria, prendendo os cabelos, com uma imensa tristeza na alma, encaminhei-me para a igreja, onde tantas vezes tinha ido com ela, religiosa que era. Ao contrário do que imaginava, a angústia que me assolava era tão profunda, que sequer lágrimas eu vertia. Encontrei padre Elvídio na sacristia, a conversar com uma senhora. Ao ver-me chegar tão pálida, ele despediu-se dela e veio ao meu encontro. Tudo que eu pude dizer-lhe, vendo nele finalmente a figura de um amigo, foi:

– “Mia nona è morta!” (Minha avó está morta).

Custando um pouco a acreditar, ele sequer me perguntou como ela tinha falecido. Pegou rápido algumas coisas, um terço grande e se encaminhou comigo para a casa dela. De cabeça baixa, pude sentir a mão dele no meu ombro, no primeiro gesto de consolo físico que recebia. Ainda assim a angústia parecia presa, junto com um temor que eu não sabia de onde vinha. As senhoras, amigas de minha nona, já tinham chegado e algumas me abraçaram, dizendo seus sentimentos e o amor que minha nona tinha por mim, a tudo isso eu apenas assentia, incapaz de falar uma palavra sequer. Notei que a porta do quarto dela estava fechada, e as amigas a vestiam para o enterro. Dona Regina veio até mim, mais irritada do que de costume, e me disse em tom azedo:

– Bugre, vá para a cozinha que temos que preparar algo para o velório, que deve ser longo. Sabe como são essas “faladeiras” da vila, e não quero que digam que foram mal servidas. Faça uns bolos e uns pães, que Gertrude está cuidando de outras coisas. E leve com você Enrico, que esse menino não me deixa cuidar de nada.

Lembrando-me de que algumas outras providências teriam que ser tomadas, disse-lhe:

– Já mandou um mensageiro para avisar meu pai e o tio? Eles vão querer se despedir dela.

Ela me olhou irritada:

– Só você mesma pra pensar numa tolice dessas. Seu tio Benito está a pelo menos três dias de viagem e seriam ainda mais três para chegar. E seu pai, esse deve retornar apenas na sexta-feira, pois já deve estar no caminho de volta. Adamo ainda deve chegar para o enterro, mas Benito! Esqueça! Um corpo de seis dias atraí é urubus.

Sabendo que não adiantaria contra-argumentar, encaminhei-me para a cozinha com Enrico no colo. Ele estava assustado com todo aquele movimento, e sentia-se inseguro quando no meio de muitas pessoas. Fiquei feliz de me sentar finalmente na cozinha e me ocupar de outras coisas. Na sala, cada vez chegava mais gente, pois minha nona era querida por muitos. No meio dos rostos conhecidos pude avistar Justino, com o semblante preocupado, e sua mãe Otília, com o nariz vermelho de tanto chorar. Vendo-

o, acenei que viesse pra perto de mim, o que ele fez apressadamente:

– Cora, só soubemos agora! Como foi? Nem sabíamos que ela estava doente!

Limpendo as mãos de farinha de trigo, abracei-o forte:

– Ela tinha dores constantes, Justino, mas não se queixava! Meu susto foi tão grande que nem sei como estou fazendo as coisas. Era minha nona! Que vai ser de mim agora, sem ela?

Ainda abraçado comigo, ele me disse ao ouvido:

– Vamos tratar desse casamento rápido. Não quero que fique aqui com dona Regina. Algo me diz que a convivência entre vocês vai ser difícil.

Concordei com a cabeça. Enrico, distraído agora com um biscoito grande, nos olhava pensativo: todo aquele entra e sai de gente não estava lhe fazendo bem. Gertrude tentava arrumar a sala para caber o maior número possível de pessoas. Nem eu imaginava que viria tanta gente, e logo chamei-a e pedi que levasse um café com bolinhos às visitas. Ao me ver tão ocupada, e com a mãe na sala a chorar como criança pela amiga, Justino foi até ela, dizendo-me que mais tarde voltaria. Concordei com a cabeça, havia muito a ser feito agora.

Perdida, fiquei entre bolos a assar, café a ser feito, suco a ser servido. Os pães e biscoitos tinham se “evaporado” como que por encanto, quando vi dona Otília de volta, carregada de potes de geleia, e uns petiscos doces fritos. Agradei a Deus pela ajuda dela, e mais ainda por ter tanto a fazer, assim, pelo menos, pensaria menos em minha nona.

Notei dona Regina a separar as roupas dela, pensando no que doaria e no que poderia se aproveitado. Rezei para que não descobrisse o fundo falso do baú, onde minha nona tinha escondido o dinheiro que tinha guardado pra mim, e acredito que tenha dado certo, pois ela nada notou. Depois de tiradas as roupas, ela as analisava com ar crítico, o que me aborreceu bastante: que tocasse com cuidado nas coisas que eram tão preciosas para minha nona em vida! Notei o pequeno crucifixo de ouro desaparecer rapidamente em um de seus bolsos, assim como os pequenos e delicados brincos de pérola, presentes de meu nono. De tudo isso agora ela se apoderava apressadamente. Imaginei com tristeza o que minha nona diria se visse todas as suas pequenas preciosidades sendo assim tomadas pela nora de

quem ela não gostara em vida.

– Nada disso é importante, Cora. Ou, ao menos, não deveria ser.

Assustada por ouvir aquela voz que parecia entrar nos meus pensamentos, virei-me e vi Olívia, bela como sempre, sentada na janela da cozinha. Vê-la era um conforto, e eu sorri aliviada.

– Sua nona lhe deixou uma herança que nem Regina nem ninguém pode tomar de você. Ensinou a você honestidade, amor ao trabalho, compaixão pelos que necessitam. Deixou-a de fato muito rica de bens imperecíveis. Não se preocupe com essas pequenas migalhas que parecem fazer a alegria dos avaros.

Continuando a amassar a massa de pão, sorri e concordei com ela. Não tinha ainda tido tempo de ir velar a minha nona, mas agora, com as outras italianas cada qual trazendo um prato diferente para o velório, eu poderia finalmente ficar um pouco com ela. Enrico dormia a sono solto, pois a noite já vinha chegando e ele se cansava com facilidade. Cobrindo-o, fui lavar o rosto e finalmente entrei na sala onde ela estava exposta, em cima da mesa de jantar, coberta com um lençol bordado.

Olhei para o corpo que tinha sido da pessoa mais importante na minha vida. Frágil casca perto do que ela tinha sido. Olívia tinha razão: o mundo material é só uma escola; sem o espírito cheio de luz que era o dela, o que era o físico? Não era a minha nona ali, ela já devia estar num lugar iluminado, acordando ao lado de meu nono Giancarlo. Senti os meus olhos se encherem d'água, mas segurei as lágrimas: ela estava agora sem as dores, cercada de gente que a amava, e não seria eu que iria incomodá-la com lágrimas. Orei baixinho o “padre-nosso”, que ela me ensinara desde que havia chegado à vila, sorri para o corpo e me retirei sem palavra sequer.

Podia sentir os olhares por trás de mim estupefatos, o povo italiano era de grandes demonstrações de carinho e afeto. Ouvi um comentário que me encheu de ódio momentâneo:

– Pois olhe, nem uma lágrima verteu pela nona que a adorava! Como a gente se engana!

Era uma das amigas de minha nona, inconformada com o meu silêncio. Imagino que pensassem que eu arrancaria os cabelos diante do corpo da nona, ou que me debulhasse em lágrimas fáceis e falsas como as de dona

Regina, que lhe tinha tirado a venda e agora confiscava suas poucas joias. Padre Elvídio veio ao meu encontro, pois ele nunca duvidaria de meus sentimentos pela nona:

– Cora, venha dizer umas últimas palavras à sua nona.

Trazendo-me de volta aos pés do corpo, minha timidez foi então vencida pela minha fé, e eu disse:

– Agradeço ao Senhor.

Fez-se um silêncio imenso na sala, e padre Elvídio me disse, em tom mais baixo:

– Como assim, Cora? Agradece pela morte dela?

Tornei a falar alto, para que todos ouvissem:

– Agradeço ao Senhor por ter tido a companhia dela, pelos momentos em que ela respirou junto a mim. Agradeço à generosidade do Altíssimo por ter-me permitido, durante quase toda a minha vida, ter ao meu lado pessoa que me deu tamanho amor e afeto, que me ensinou a honestidade, e o amor ao próximo. Somos de Deus, padre, como o senhor mesmo me ensinou, e ela agora a Ele retorna. Um dia nos encontraremos de novo, mas aí, deitada nessa mesa, não está a minha verdadeira nona. É só a lembrança dela.

E assim saí da sala. Fez-se um silêncio tão fundo, tão denso, que senti dificuldade de chegar à cozinha para ter um pouco de paz. Sabia que não entenderiam a falta das minhas lágrimas, que me achariam sem coração, mas não me importava com isso. Eu a veria logo, conforme tinha dito o meu nono, e minha única preocupação era a de meu pai e tio Benito não a verem na despedida.

O enterro fez-se no dia seguinte, e eu não fui. Preferi ficar em casa, com Enrico, que tentava entender o porquê da nona estar sendo levada embora, dentro de grande caixa de madeira, com aquele povo todo chorando em volta. Abracei-me a ele sentindo os seus cachos macios no meu rosto, e disse:

– Não se preocupe, irmãozinho! Logo ela nos visitará de novo.

Sobre obsessores

MEU PAI CHEGOU DOIS dias depois do enterro, encontrou dona Regina debulhando lágrimas e contando o ocorrido. Da cozinha da casa, ouvi quando ela dizia a ele:

– Pois não verteu sequer uma lágrima pela morte da nona! Na vila só falam disso. Nem no enterro foi!

Ao ouvir isso, ele veio me ver na cozinha, onde eu mexia um grande tacho para o almoço. Olhou-me incrédulo:

– É verdade isso, Cora? Não chorou a morte de sua nona, para quem você era tudo? “Non credo!” (Não acredito!)

Olhando-o, com o rosto másculo carregado de lágrimas como o de um menino que perdia a mãe, abracei-o forte, e sussurrei-lhe ao ouvido:

– Minhas lágrimas são minhas, pai. Mas não acredite em tudo que lhe falam. Chorei bastante sim, mas só.

Ouvindo isso ele me abraçou ainda mais forte. Foi com Regina olhar o túmulo da mãe, e levar-lhe flores como era o costume. Achei-o muito abatido e cansado: a morte do pai, tempos atrás, já tinha promovido grande mudança em sua vida, e ele amava a nona profundamente. Devia sentir-se órfão pela primeira vez na vida.

Tio Benito chegou dois dias depois, com Albertina, e me deu grande abraço. Regina acomodou-os no quarto da nona e ordenou-me que fizesse ainda mais comida que o habitual. Agora só me chamava de “bugre”, e eu pude sentir que pelas minhas costas acusava-me de ser fingida e sem coração. Infelizmente, algumas pessoas acreditavam. Justino foi proibido de me ver por ela, alegando que eu estava em luto, e que não devia ter “namoricos”. Tingiu duas saias e duas blusas minhas de preto, pois dizia

que o luto deveria durar pelo menos seis meses. Ouvi-a dizer para Gertrude:

– Quem sabe assim não sente de verdade a morte da nona.

Pensei na nona, que apesar de tão religiosa não gostava nada de luto. Ela me havia ensinado que o luto se guardava no coração. Vendo-me de preto, abatida, cuidando de Enrico e presa à cozinha da casa, Albertina esperou que ela fosse para a venda e veio ter comigo:

– Não acho que está bem por aqui, Cora. Não quer vir morar conosco? Nossa casa é grande, como bem sabe, e seria bem-vinda. Regina é esforçada, mas não creio que ela lhe faça bem.

Olhei para o rosto cheio de luz dela, tirei uma mecha de cabelos de meu rosto e disse:

– Agradeço o convite, Albertina, e adoraria ir morar com você e tio Benito. Mas tenho que cuidar de Enrico, e, não bastasse isso, tenho um noivo por aqui que só espera passar o luto para me pedir em casamento.

Ela me sorriu, feliz com a novidade:

– Noivo? É mesmo? Regina não nos disse nada! E quem é ele, Cora? É daqui mesmo?

Sentando-se à mesa e desfrutando do bolo de frutas, conversamos amigavelmente. Contei-lhe de Justino, de sua história e sua família. Já não o via há pelo menos um mês, mas Gertrude havia me entregado dois bilhetes dele cheios de carinho. Dizia que não gostava de me ver de preto, e que logo eu estaria com ele e a sua mãe, em sua nova casa, que tinha comprado para ela e os irmãos. Gertrude me contava que ele passava por perto da venda na esperança de me avistar pelo menos umas duas vezes por dia, mas meu pai, a pedido de Regina, dizia que não era ainda tempo de “namoros”.

Tinha grande vontade de ficar com ele e sua família, mas Enrico não estava bem. As dores nas pernas pioraram muito e eu fazia compressas de água quente para lhe dar conforto. Meu pai, apesar de não saber da verdade, não tinha nenhuma empatia pelo menino, como tinha por mim. Parecia que a criança tinha-lhe sido uma grande decepção em algum sentido, e ele não se sentia bem perto do “filho”. Debalde tentei aproximá-los, mas um dia, depois de algumas taças de vinho, ele me disse:

– Não sei por que, Cora, mas não consigo ficar perto dele. Esperava um

filho homem, e quando veio, é tão parecido com a mãe que nem parece meu. Você herdou a pele e os olhos da família, apesar desse cabelo negro de que eu tanto gosto, mas Enrico, ele só me lembra Regina.

Sua mulher não gostava que ele bebesse, mas senti que meu pai estava angustiado. Depois que tio Benito e Albertina se foram, mais de uma vez o ouvi dizendo a Regina que não adiantava mais fazer as viagens, pois a venda estava fraca e as mercadorias acabariam estragando. Com isso, ele ficou cada vez mais em casa, e aos finais de tarde tomar um vinho com padre Elvídio e uns poucos amigos. Nessa hora eu comparecia fritando para ele cebolas e as linguiças de que gostava. As brigas com Regina eram constantes, o que tornava a convivência em casa ainda mais difícil: ele não tinha paciência com ela, reclamava de sua aparência e já estavam dormindo em quartos separados. Com isso, dona Regina, que já era intransigente, foi ficando amarga e ainda mais maldosa. Apenas comigo era carinhoso o meu pai, e ainda hoje posso ouvi-lo a me chamar:

– Cora! Cora de “mio cuore”!

Isso gerou nela um ciúme ainda mais feroz do que já tinha. Meu pai e Pedro saíram para mais uma viagem. Notando a falta de dinheiro em casa, pensei em dar a ele o que minha nona tinha me deixado, que eu guardava agora debaixo de meu colchão, em saco de couro curtido. Mas lembrava que a nona não desejava isso, pois queria que eles aprendessem a sobreviver sozinhos. Confusa, fiquei sem saber o que fazer. Apesar de recordar os conselhos, sentia meu pai cada vez mais cabisbaixo, e cheguei a ouvi-lo dizer para a mulher:

– De que adianta eu trazer mercadorias, se você não tem fregueses? Vou tratar é de fazer comércio com outras lojas, quem sabe assim nossa situação não melhora? Você espanta os clientes, Regina, e os que sobraram, não pagam!

Era verdade. A venda estava cada vez mais vazia e minha madrasta sempre irritada. Pensei que, dando menos movimento no comércio, ela se lembraria de cuidar mais de Enrico, mas que esperança! As poucas vezes que ficava com o pequeno não eram nada boas, pois ela não tinha paciência com ele. Chamava-o de “estorvo” e perguntava que mal tinha feito a Deus para “ter semelhante castigo” de um filho tão preguiçoso! Não adiantava

explicar que o que ele tinha não era “preguiça”, mas um desenvolvimento mais lento. Exasperava-me às vezes, e assim, depois de feito o meu trabalho na cozinha, eu ia ao quintal com ele, deixar que ele brincasse com a terra. Gertrude, com seu jeito engraçado, às vezes falava comigo:

– Como as coisas “mudarram”, hein, “Corrinha”? No tempo de “seu” nona as coisas eram “diferrentes”...

Não podia deixar de concordar. Gostava muito dela e nós duas nos ajudávamos sempre que podíamos. Ela me trazia bilhetes que eram verdadeiras cartas de Justino, já sem me ver há mais de um mês por conta do luto imposto por dona Regina. Um dia, depois de um bom tempo, tive uma grata surpresa: vi dona Otília me acenando do jardim, e fui lá ter com ela na esperança de que minha madrasta não aparecesse. Quando cheguei mais perto, ela abriu largo sorriso:

– Como vai, Corinha? Justino manda perguntar quando pode vir vê-la, pois tem muitas saudades suas. Não quer ir nos visitar lá em casa? Ele comprou uma casa nova para nós, sabia? Sua nona ia gostar de ver, coloquei até cortinas nas janelas!

Adorava minha futura sogra, que era muito amiga de uma conversa. Dizia que ficar fechada em casa somente com os filhos homens não tinha muita graça, pois “homens não sabem conversar direito”. Assim que ela parou “para respirar” um pouco, eu respondi:

– Também tenho muitas saudades de vocês. Como estão seus meninos, dona Otília? Indo bem na escola?

Ela animou-se:

– E como! Justino faz questão que eles aprendam tudo direitinho! Comprou cadernos e lápis e os acompanha todos os dias à casa do professor Ambrósio. Sabe qual é, não? Aquele, que só dá aulas aos filhos de famílias mais abastadas. Pois ele é rigoroso que só! Mas disse que meus meninos são muito inteligentes! Puxaram ao pai, que era muito bom com os números!

Observei-a, mais gorda e corada, e fiquei muito feliz por ela! Que boa alma estava ali, finalmente levando uma vida mais sossegada. Agradei aos céus por ela nunca mais ter que trabalhar tanto, e por Justino ser tão bom filho com a mãe. Ela me chamou e me perguntou baixinho:

– E Regina? Quando é que vai acabar com essa história de luto? Que eu me lembre, dona Cora nunca foi apegada a essas coisas. Meu Justino está feliz, mas sente muito a sua falta! Queríamos falar com seu pai quando ele chegar, para marcar logo a data do casamento.

Eu ia respondendo, mas Regina chegou antes, e foi logo chamando dona Otília:

– Dona Otília! Como vai? Cora, entre que Enrico está impossível, e só para de chorar com você.

Sem chance de fugir, dona Otília cumprimentou-a e foi com ela ver as novidades na venda. Acenei pra ela de longe, feliz por ter tido ao menos notícias de Justino. Enrico na verdade não estava chorando, feliz comendo um grande biscoito ele me sorriu e ergueu os bracinhos assim que me viu. Sentia que, se pudesse, Regina impediria que eu me casasse. Imaginei, tolamente, que ela não gostaria de cuidar de Enrico sozinha, mas não era bem, assim. O tempo me mostraria muitas coisas das quais eu nem suspeitava.

Depois de mais de um mês meu pai finalmente chegou de viagem. A mulher o recebeu à porta e só depois de alguns minutos pude vê-lo, cansado e cheio de poeira das estradas. Fui abraçá-lo, mas ele não me correspondeu e me disse:

– Estou muito cansado, Cora. Prepare-me um banho.

Fui esquentar a água sem mais demora, enquanto Regina, Gertrude e Pedro descarregavam as mercadorias. Eram poucas dessa vez, e notando o abatimento de meu pai, me perguntei se não devia mesmo lhe dar o dinheiro da nona. Ao meu lado, Olívia me disse:

– Tua nona tinha suas razões quando lhe disse que guardasse o dinheiro para dias mais difíceis. E depois, ela já deixou para Adamo a casa, a venda, os bois da carroça, os cavalos. Não seria justo que você ficasse sem nada. Se os socorrer agora, demorarão ainda mais para se firmar sozinhos.

Ouvindo falar de minha nona, perguntei:

– E ela, Olívia, quando virá me ver? Tenho tantas saudades!...

Olívia sorriu:

– Ela está bem, Cora. Aos poucos habitua-se ao mundo espiritual e sente

muitas saudades de você. Pediu-me que eu lhe agradecesse por ter se portado tão bem. Não demora muito, ela virá.

Meu peito encheu-se de alegria. Que bom que minha nona estava bem! Parecia que eu ainda sentia o seu cheiro pela casa, ouvia suas palavras. Até das broncas eu tinha saudade.

Fazia já também um bom tempo que não tinha notícias de Justino. Há dois meses não o via, e há mais de um mês não me mandava sequer um bilhete. Escrevi-lhe um, pedindo a Gertrude que o entregasse, quando Regina estivesse ocupada na loja. A alemãzinha tinha um medo feroz de minha madrasta, mas consentiu, e assim que terminei, ela o guardou em seu colete, junto ao seio, e ficou na espera de que sua patroa tivesse que atender algum cliente, assim se distraindo.

Falaria com meu pai assim que ele descansasse da viagem. Não aguentava mais ficar presa em casa o tempo inteiro por conta do luto, tinha muita vontade de sair com Enrico, ir à praça, visitar dona Otília e Justino. Se antes de me comprometer com ele não ligava de ficar em casa, agora eu ficava aos suspiros, de tanta saudade. Nem à missa ela deixava que eu fosse, sentia-me prisioneira sem ter cometido nenhum crime.

Comecei a preparar o lanche da tarde, fazendo bolinhos doces fritos, recheados com geleia. Sabia que meu pai os apreciava e não tinha gostado nada do jeito dele, quando chegou em casa. Sequer tinha me dado um sorriso. Pedro entrou pela porta da cozinha, atraído pelo cheiro das frituras.

– E então, Corinha? Que é que está preparando? O cheiro está indo na rua, de tão bom.

Olhei-o achando graça. Estava ficando com fama de boa cozinheira, e preparar comida realmente me dava grande prazer. Minha nona dizia que eu tinha “saído a ela”, que também gostava de massas, bolos, pães. Mas os doces eram a minha paixão. Meu pai, sempre que chegava, me pedia uma “polenta frita com formaggio” (polenta frita com queijo por cima, derretendo). Gostava também de chamar padre Elvídio, para dividir o vinho, para desgosto de dona Regina, que não gostava que ele bebesse. Aproveitando a presença de Pedro, servi-o de uns bolinhos já recheados e perguntei:

– Como foi a viagem, Pedro? Achei meu pai triste. Os negócios não vão

bem?

Depois de se lavar no tacho que ficava entre a cozinha e o quintal, ele me disse:

– Seu pai é trabalhador, Corinha. É sempre o primeiro que levanta, e custa a se cansar. Mas estamos realmente passando por um período difícil, por conta da venda que não fatura nem um terço do que faturava com a sua nona. Assim fica complicado, pois não devemos comprar tanta mercadoria, já que ela pode ficar encalhada. E se Regina não as vende, comprar mais pra quê? O dinheiro andou ficando curto mesmo.

Suspirei desanimada. Pobre de meu pai, com todas aquelas preocupações. Não ia ser eu a lhe causar mais um problema. Ficaria quieta, para evitar brigas com Regina, que também não estava com um humor bom. Mas, Pedro continuou:

– Disse a seu pai que devíamos comprar pra outras vendas, não apenas para a daqui de casa. Afinal, gente de confiança pra trazer a mercadoria é sempre complicado, e temos animais o suficiente para abastecer pelo menos mais umas três vendas. Ele ficou de negociar com o povo daqui para conseguir encomendas. Padre Elvídio disse que vai falar com alguns também.

A ideia era boa. Todos sabiam que meu pai era honesto e que não tinha medo de trabalho. Disse a Pedro:

– Pois acho que vai dar muito certo. Se está sobrando espaço nas carroças, por que não trazer mercadorias para os outros, que pagam caro por isso?

Pedro sorriu animado, tomando um café recém-coado e brincando um pouco com Enrico, que, sentado no chão perto da porta, devorava o seu terceiro bolinho. Peguei um pano molhado para limpar seu queixo da geleia de uva que escorria dele, pois se a mãe o visse sujo, sabia que falaria bastante. Distraída no vai e vem da cozinha, pude notar quando Gertrude entrou em seu quarto apressadamente. Pensando no bilhete, fui ter com ela:

– Gertrude, e então? Conseguiu entregar? Alguma resposta?

De cabeça baixa ela me respondeu apressadamente:

– Entreguei a dona Otília, “Corra”. Ela disse que entrega a ele depois.

Fiquei um tanto preocupada de dona Otília ler o bilhete e de me julgar oferecida, mas depois me acalmei. Afinal, no bilhete eu pedia apenas notícias dele e da família, nada de mais fora escrito. Pensei que no próximo bilhete a faria entregar só a Justino, e de preferência esperar pela resposta.

Comecei a temperar a carne de porco para fazer as linguiças, e olhei com pena para o nosso quintal, onde antes tínhamos tantos animais. Agora só tinha sobrado mais um porquinho e algumas galinhas. Lembrei da minha infância correndo atrás de patos, perus, porquinhos e até mesmo uma cabra, que nos dava leite para queijo. Que saudade de tudo aquilo! Muitos daqueles tinham sido “pagamentos” realizados de fregueses mais pobres de minha nona. Fregueses esses que agora preferiam comprar de uma outra venda qualquer, para não ter que negociar com Regina. Eles também deviam sentir falta de minha nona.

Caminhando com Enrico no colo, fui até a árvore decepada que me servia de banco, o tronco grosso de onde ainda saíam alguns teimosos brotos. O minuano começava a soprar incessantemente, agitando meus cabelos e as folhas secas do outono que começava. Coisa estranha o amor, pensava eu, nunca tinha sentido falta de nada antes, agora parecia que não via Justino há anos. Sentia falta de suas palavras de carinho, da sua paciência, do seu orgulho em andar comigo pela vila como se eu fosse a joia mais preciosa. Pensei comigo mesma que tinha muita sorte de ter encontrado um rapaz com bons sentimentos, e que gostava de mim como eu gostava dele.

Era comprido o quintal de minha nona, árvores frutíferas plantadas por todo canto. Perto de uma figueira ainda nova pude vislumbrar um vulto de mulher branca, dos seus quarenta anos, magra, de nariz adunco, cabelos grisalhos em desalinho, alguns fios ainda presos atrás da cabeça. Frio arrepio me passou pela espinha, e intuí não ser ninguém desse plano. Geralmente não tinha medo de espíritos, acostumada com eles desde criança, mas essa senhora não tinha um olhar bom, e senti nela uma amargura quase palpável.

Ela não me olhava, fitava o pequeno morro que ficava além de nosso quintal, num pasto ainda bem verde de outono. Sem saber se me dirigia a ela ou não, continuei a olhá-la, com Enrico bem protegido no meu colo, quase a adormecer. Quem seria? Tinha ajudado já a alguns espíritos, será que ela precisaria de ajuda?

Como se ouvisse meu pensamento, ela voltou seus olhos sobre mim e Enrico. Notei neles a surpresa comum que os espíritos tinham quando descobriam que eu os via, e ela me encarou com suspeita. Parecia querer descobrir como eu conseguia vê-la, e veio em minha direção a passos ágeis e rápidos, devido à falta de matéria física. Apertando Enrico nos braços, mantive minha posição e rezei por proteção espiritual, pois sentia nela sentimentos pouco cristãos. Parou, enfim, à minha frente, e me deu um sorriso que mais parecia uma careta, na boca onde alguns dentes já faltavam:

– Com que então, é verdade? A moça nos vê realmente?

Acordado por meu abraço mais apertado, Enrico se mexeu e colocou os olhos nela, arregalando-os de espanto, mas sem soltar um choro sequer.

– De fato, eu os vejo e os escuto. Que posso fazer por você, senhora? Está perdida por aqui?

Ela olhou-me numa total falta de cerimônia, como se me estudasse atentamente. Olhou minhas roupas negras, por conta do luto por minha avó, e pude inclusive sentir as mãos dela sobre os meus cabelos, como se quisesse tocá-los e sentir-lhes a textura. Afastei-me, segurando Enrico que não tirava os olhos dela. Por fim, ela me disse, como se nenhuma pergunta eu tivesse feito:

– É uma bruxa? Conheci algumas que nos viam. Mas você é muito nova!

Ofendida com o comentário, eu fiz menção de ir embora.

– Não sou nenhuma bruxa, e Deus que me perdoe, mas a senhora é muito mal educada.

Notei o olhar dela um tanto decepcionado, que parou finalmente na cruz de madeira que eu trazia em meu pescoço, lembrança de minha avó índia, desde a minha infância. Erguendo um pouco as sobrancelhas, ela perguntou:

– Cristã? Católica?

A essa altura já estava irritada, e tinha perdido o medo completamente.

– Sim, senhora, sou cristã. Vou à missa todos os domingos, ou pelo menos ia, quando minha nona era viva. E acho que um pouco do evangelho de padre Elvídio lhe faria muito bem.

Súbito, seus modos mudaram. Parecia agora mais triste e pensativa, mas

nem isso me fazia simpatizar com ela. Resolvi perguntar novamente:

– Que faz por aqui? Posso ajudá-la de alguma forma?

– E como acha que pode me ajudar? Por acaso é um anjo, desses do Senhor?

Ela parecia ofendida e resolvi continuar a conversa:

– Não sou um anjo do Senhor, mas conheço algumas pessoas que sem dúvida devem estar mais perto d’Ele. Como se chama a senhora?

Olhando-me desconfiada, ela me respondeu:

– Chamo-me Ofélia. Vivi aqui nessa vila algum tempo atrás. Muito antes de chegarem esses italianos. Isso aqui era uma estância, antes. Agora está tudo muito mudado. Você é a que chamam de Cora?

Espantada por ela saber meu nome, respondi:

– Sim. Meu nome é Cora, em homenagem a minha nona, a quem tudo devo nessa vida. Mas como sabia?

Ela deu uma risada baixa:

– Também no mundo espiritual ouvimos coisas. Já tinham me falado de você, mas não acreditei quando me disseram que uma cristã via os mortos. Já estive com mulheres que nos viam, mas estavam longe de ser cristãs. E nem nos viam com a clareza com que você nos vê. A maior parte só nos “intui”. Nas vilas de meu tempo, havia mulheres, umas boas, outras nem tanto, que pareciam realmente ter um certo contato com o mundo espiritual. Algumas eram até mesmo parteiras, e cuidavam de chás e unguentos, e eram respeitadas pela comunidade, pela ajuda que prestavam aos menos favorecidos. Não tínhamos, então, na nossa vila, nenhuma que praticasse o mal, ou que fizesse malefícios. Ao menos, não que eu soubesse.

– Que faz ainda por aqui, Ofélia? Não quis conhecer outras paragens? Contam-me sempre de um bom lugar, onde as pessoas se recuperam e algumas são até mesmo bem mais felizes do que aqui. Não quis ir?

Ela deitou-me um olhar maldoso e cheio de ressentimento:

– Com que então, menina tola, acha que todos vão a esse “tal lugar”? Pois não foi este o lugar que me mostraram quando morri, e sequer acredito que exista! O que existe é um lugar infecto, ainda pior do que aqui, e um

cansaço que nunca passa. E depois, tenho contas a ajustar com uma certa pessoa. Aqui pelo menos me divirto um pouco.

Sentindo que falava com uma entidade que buscava por vingança, estremeci.

– E quem é essa pessoa com a qual tem contas a ajustar? Eu conheço, por acaso?

Um riso mau apareceu no seu rosto, e ela me disse:

– Querendo saber demais, não acha? Contanto que você não me atrapalhe, não a atrapalharei também. Isso é assunto só meu.

E dito isso, se foi. Desapareceu no ar deixando a mim e a Enrico com um aperto no coração. Assustada, rezei para que aquela alma um dia encontrasse a paz, e para que nada de mal nos acontecesse. Isso de ver espíritos realmente tinha um lado bom, pois eu via pessoas de quem eu sentia falta, mas também tinha um lado do qual eu não gostava muito, que era infelizmente também avistar essas entidades de força tão negativa. Sentindo um cheiro de flor no ar, me virei e dei com Olívia, que me olhava com compreensão:

– Nenhuma missão tem apenas dádivas, Cora. Existem muitas como Ofélia, e essas precisam de você ainda mais que as entidades boas, não acha?

Tive que concordar. Mas gostaria que fossem menos assustadoras, e que não me dessem tanto medo.

– E como posso ajudar uma pessoa que acredita ter o direito de se vingar de algo? Ela está cheia de ódio, Olívia.

– E não é? Eles não têm ideia de como o ódio pode atrasar o desenvolvimento! Alguns ficam presos nele por décadas, ou ainda pior, várias existências. Ofélia está aqui já há muitos anos. Se recusa a crer em Deus, e se imagina pela eternidade no inferno. Por isso, prefere ficar pela Terra. A condição de espíritos também tem suas vantagens, Cora, e mesmo entidades ruins podem ser bem espertas.

Fiquei pensativa, por isso perguntei:

– Como é o plano onde ela fica, Olívia? Ela falou de um “lugar infecto”... é ruim assim?

Ela suspirou com tristeza:

– Não é um bom lugar, Cora, e fica muito próximo da Terra. O clima é instável, o materialismo dessas almas o transforma, e as vibrações são pesadas. Algumas cheias de dor, ódio, ressentimento. Mas, por incrível que possa parecer, algumas almas se sentem “em casa” por ali.

– Mesmo? Como podem se sentir “em casa”? Parece um lugar tão ruim.

Ela me sorriu, como se lembrasse de algo:

– A exemplo de alguns prisioneiros que passam anos em presídios, eles também, depois de muito tempo por lá, esquecem de que pode haver lugar melhor. Criam laços de sentimentos uns com os outros, e assim prosseguem, alguns amedrontados pela culpa ou ressentimento, alguns com um ódio que parece imorredouro.

Lembrando-me de meu nono e do que ele me contava, me senti mais curiosa:

– Mas as entidades boas me falam de um lugar tão bom... eles não podem ir para lá se quiserem?

Ela sorriu, e me explicou:

– Nossa Colônia é bem protegida, Cora. Alguns passam ao nosso lado e não nos enxergam. Mas, não poderíamos permitir que almas ainda em tal estado estivessem entre nós, pois atrapalhariam muito o desenvolvimento dos que lá estão. Deus é sábio, e a Terra é uma escola, aqui ficam juntos os bons e os maus, de certa forma protegidos pelas aparências, e até pelas mentiras. Mas também eles têm a chance de evoluir para um lugar melhor, só que para isso é preciso de “vontade”. Tudo tem seu tempo, minha amiguinha.

Pensativa com o que ela me disse, lembrei ainda do rancor presente em Ofélia. Pensando no mal que ela poderia fazer entre os vivos, perguntei:

– E o que Ofélia busca por aqui? Algum desafeto do passado?

– Ofélia viveu nessa região por um longo tempo. Assim sendo, é o único lugar de que ela se lembra, além do umbral. Mas não são apenas os desafetos do passado que atraem essas entidades. Espíritos com sentimentos parecidos se sentem ligados. Existe alguém em sua casa que tenha sentimentos negativos?

Pensei de imediato em dona Regina, mas nada disse. Ela riu:

– Quando temos pensamentos negativos, atraímos espíritos como esses. Vigia sempre seus pensamentos e as suas palavras, pois elas trazem pra você coisas parecidas. Quem tem a alma cheia de amor não atrai obsessores, pois mesmo que eles tentem, acabam por se frustrar por não serem ouvidos. A luta contra o mal é constante e diária, pequena Cora.

Prometi a mim mesma lembrar sempre de suas palavras. Deus me livre de ter ao meu lado entidades como aquela pobre mulher. Já me bastavam os vivos!

Doces e reflexões

ENTRISTECIDA PELA FALTA DE notícias de Justino, comecei a tentar achar o que fazer em casa. Andando pela cozinha e indo até a despensa achei o caderno de receitas de minha nona. Era grosso, de páginas delicadas, escritas com a letra redonda dela. Meu coração sentiu fundo a saudade, mas curiosa, comecei a folheá-lo: ele cheirava a açúcar e a baunilha, e me fez sentir como se minha nona estivesse por perto.

Estava escrito em italiano, mas, vivendo com eles minha vida inteira, não foi difícil identificar os ingredientes. Parei numa divisão do caderno marcada por uma fita vermelha, que anunciava: “dessert e dolci” (sobremesas e doces). Sorri internamente: meu nono era doido por doces, logo, minha nona devia ter usado essa parte várias vezes.

Com Enrico dormindo perto do fogão a lenha, naquele clima de outono que prometia ser frio, parei e comecei a ler as receitas, quando uma me chamou a atenção: se chamava “fregolata”, e parecia um biscoito grande que se assava e depois cortava-se em pedaços. Como tinha quase todos os ingredientes, resolvi pôr a “mão na massa”, substituindo alguns ingredientes por outros que não tinha, e coloquei a massa no forno a lenha, que meu pai e meu nono tinham construído no quintal de casa. Assim que terminou de assar, a cozinha inteira cheirava à iguaria, e dona Regina veio até a cozinha, perguntando-me:

– Que é isso que está assando, Cora? Parece bolo de limão.

Tirando a forma do forno, respondi:

– É uma receita da nona. Chama-se “fregolata”.

Boa de garfo, ela aproximou-se e me disse:

– Pois coloque um pouco num prato, que o cheiro está indo até a rua. Já

entraram na venda perguntando que cheiro era esse.

Assenti e dei graças a Deus por ter feito bastante. Colocando metade no tabuleiro, cobrindo com um alvo guardanapo branco, ela se encaminhou para a venda. De dentro da casa ouvi quando um cliente, italiano como minha nona, disse:

– “Ma guarda! È come quello che mia madre ha fatto!” (Veja, é como aquele que minha mãe fazia!)

Ouvi chegando outras pessoas, todas experimentando e elogiando muito. Voltei para a minha cozinha mais feliz, pois sempre tinha gostado de cozinhar para agradar as pessoas. Mais para o fim da tarde, dona Regina voltou e colocou na minha frente o tabuleiro que tinha levado, sem uma migalha sequer e um papel cheio de pedidos que os clientes tinham feito.

– Veja, bugre, teus doces estão fazendo sucesso! Me pediram essas encomendas para amanhã à tarde. Sabe fazer outros doces, também?

Disse que sim. E era verdade, acompanhava minha nona e Joana na cozinha o tempo todo, e com o caderno de receitas, não teria nenhuma dificuldade. Gostava de trabalhar, e apesar dela me chamar de “bugre”, não tinha ficado brava.

– Pois terá trabalho a fazer de agora em diante! Como sabe, esses fregueses ingratos estão indo a outras vendas. Mas, gostaram de seus doces! E como os negócios não vão bem, você também terá de ajudar. Já era hora, que manter uma moça como você não é barato!

Fiquei magoada, pois desde a tenra idade tinha trabalhado com minha nona na venda, só saindo depois que Regina assumiu. Pensei novamente no dinheiro que minha nona tinha me deixado, e no seu pedido de que ficasse com ele, mas via meu pai abatido antes das viagens, e aquilo me doía o peito. Seria muito bom ter com o que me ocupar ainda mais, assim não pensaria tanto em Justino.

Escrevi uma lista com os ingredientes para bolos, biscoitos, pães e doces. No dia seguinte bem cedo, Regina me trouxe todos eles. Prendendo meu cabelo nas costas, e colocando Enrico bem acomodado num cobertor perto do fogão a lenha, comecei a lida. Gertrude tinha ficado encarregada de ir lavando as vasilhas e cuidando da casa enquanto eu cozinhava, e à medida que as coisas iam ficando prontas, ela as levava para a venda.

Engraçado como o aroma pode ser a maior das propagandas: fazia tempo que a venda não se enchia tanto, e eu escutava os elogios lá da minha cozinha (os patrícios italianos falavam alto quando contentes). Ao final do primeiro dia eu estava exausta e coberta por fina nuvem de farinha de trigo, assim como Enrico, olhando curioso para todo aquele movimento. Olhei o caderno de receitas de minha nona, e pensei em como heranças podem ser diferentes: talvez outras pessoas não o notassem, mas que tesouro ela tinha me deixado ali escrito!

Apesar do trabalho árduo, sentia pela primeira vez na vida a sensação de abandono. No meio das encomendas que chegavam todos os dias, forçando-me a acordar cada vez mais cedo, meu pensamento voava e ia na direção de Justino. Por que não me procurava mais? Será que eu tinha feito algo de errado? Perguntei a Gertrude, que ficava mais na venda e ia à rua fazer compras, se não o tinha visto, ao que ela me respondeu, um tanto tristonha:

– Não tenho visto “seu” Justino, “Corrinha”. Mas também, eu quase não “sai” de casa! Deve estar ocupado com a mãe e os irmãos...

A resposta não me fez feliz. Era impensável para uma moça de família como eu ir procurar por um rapaz, mesmo que ele fosse “quase noivo”, como era o nosso caso. Minha nona jamais permitiria que fosse eu a procurá-lo, mesmo porque eu já tinha escrito um bilhete que não tinha sido respondido. Comecei a achar que talvez tivesse se arrependido de querer compromisso comigo, e isso me entristeceu. Tornei-me mais calada, e a única pessoa capaz de me arrancar um sorriso era Enrico. Esse sim, nunca me abandonaria.

Ao final do terceiro mês já sem notícias, resolvi tentar esquecer. Estava mesmo zangada, afinal, se tinha mudado de ideia, mandava a boa educação que viesse falar comigo e despedir-se. Nossas famílias eram amigas há décadas, e eu o liberaria do compromisso se ele assim quisesse. Mas o silêncio continuava, indefinidamente. Pensei no quanto podemos ser enganados por palavras bonitas, e me calei.

Meu pai voltou de longa viagem, carregado de mercadorias para a venda e outras lojas. Levou um grande susto quando chegou e viu a venda movimentada pelo “entra e sai” de fregueses. Cumprimentando alguns, pôde olhar nas prateleiras, antes tomadas por miudezas, agora repletas de

biscoitos, roscas, pãezinhos e bolos. Ergueu as sobrancelhas de espanto, e limpando as mãos da poeira das estradas nas calças ainda mais empoeiradas, veio ter comigo na cozinha, onde eu “tomava conta” de enorme tacho de doce de leite, a cozinhar lentamente no fogão a lenha.

– Que monte de fregueses é esse, Cora? E que são todas aquelas iguarias? Vendo-o, corri a abraçá-lo e disse:

– Pois imagine, pai, que estamos recebendo encomendas e mais encomendas de doces, pães, bolos. Achei um caderno de receitas da nona, e de lá pra cá nunca mais a venda ficou vazia.

Olhando para Enrico, no chão, sentado em cima de um grosso cobertor para se proteger da friagem, ele me perguntou muito admirado:

– E foi você que fez todos aqueles doces?

Prendendo o cabelo longo atrás da cabeça, respondi orgulhosa:

– E quem mais seria? Parece que sua filha está tendo sucesso como “doceira”. Todo dia chega um monte de encomendas.

Admirado, ele sentou-se e serviu-se de um café forte que estava no bule. Coçando a cabeça e com as sobrancelhas bem juntas, me perguntou:

– É certo que estamos em dificuldades financeiras, mas eu já estou dando um jeito. Não é demais para você todas essas encomendas, Corinha?

Olhei-o com carinho. Amava meu pai de todo coração e sabia que ele, assim como meus avós, tudo faria para que nada me faltasse. Sabia da falta de dinheiro, e como a nona tinha me pedido que guardasse “minha herança” apenas para mim, fiquei feliz de ajudar minha família com o meu trabalho.

– Claro que não, pai. E depois, sabe como gosto de cozinhar. Podendo, fico o dia inteiro aqui. Minha nona não me criou para ser preguiçosa, e assim, com as receitas dela, me sinto como se ela aqui estivesse.

Ele sorriu. Era verdade o que eu dizia: na nossa família as mulheres tinham fama de incansáveis, sempre a ocupar as mãos e as mentes com algum afazer. “La pigrizia è l’officina del diavolo” (a preguiça é a oficina do diabo), bem dizia a minha nona. Lembrando desse dito, meu pai riu bastante. Senti que ficou orgulhoso da filha, que não tinha vergonha do trabalho árduo, e que queria ajudar a família. Dando-me um beijo na testa, ele murmurou: “Cora de mio cuore”, e se foi a ter com a minha madrastra.

Chegando também da viagem, Pedro entrou na cozinha com um riso matreiro, e o nariz a “espreitar” pelo cheiro de doce. Vendo o enorme tacho no fogão, me sorriu e perguntou:

– Que é que está fazendo, Cora? O cheiro está chamando a atenção, mas não consigo identificar ao certo. É doce de leite?

– Sim, Pedro. Mas eu coloquei nele raspas de laranja azeda. Ficou bom, hein?

Eu tinha mesmo a mania de misturar ingredientes, e assim criar sabores diferentes. Com isso comecei a atrair novos clientes, curiosos com as novidades. Pensei em dona Otília e no quanto me ensinaria com as suas geleias, receitas de tantos anos, e suspirei. Provavelmente não a veria mais, já que o filho tinha me abandonado. Não conseguia entender aquilo, por mais que me esforçasse. Mas, não querendo mais alimentar sofrimentos, forcei-me a prestar atenção no meu trabalho, que esse sim rendia frutos.

Meu pequeno e querido Enrico não era de se queixar, mas estava cada dia mais quieto. Sentava-se com dificuldade e eu podia notar as expressões de dor em seu semblante, sempre que se esforçava a pegar alguma coisa. O farmacêutico nos dava linimentos de forte cheiro canforado para que passássemos nele, mas embora aliviasse momentaneamente, depois a dor voltava. Preocupava-me com ele, que durante as noites acabava não dormindo bem.

O vento minuano batia em nossas janelas, a nos lembrar que o inverno não tardaria, aumentando assim as dores de meu pequeno irmão. Que pena eu tinha dele! Singular coisa acontecia, pois as pequenas pernas que antes não tinham força agora pareciam mesmo se encolher diante do tronco mais crescido. Ficava a me perguntar o porquê de tanto sofrimento, e todos os dias, mal o sol se levantava no horizonte, eu o levava a “pegar” o sol da manhã, no quintal grande da casa, e assim, esquentando um pouco seus pequenos ossos. A dor passava, e ele cochilava um pouco.

Enrico gostava do sol de outono. Deitado sobre o cobertor no chão, distraía-se com os biscoitos, pequenas flores e até mesmo pedaços de capim que caíam em suas mãos. Nessas horas eu aproveitava para adiantar as encomendas feitas no dia anterior, ocupada como sempre. Regina não tinha do que reclamar: se os fregueses tinham “evaporado” com a falta da nona,

agora voltavam em dobro com os meus petiscos. Ficava na venda até mais tarde, vinha inspecionar meu trabalho, conversava com as mulheres e os seus maridos. Aprendera finalmente a controlar um pouco o mau gênio que espantava a todos, e, para quem não a conhecesse, poderia até passar por “simpática”.

Minha última tarefa do dia, enquanto Gertrude lavava as panelas e as tigelas, era colocar para crescer a massa dos pães. Depois disso, quase anoitecendo, eu caminhava um pouco pelo quintal, esticando as pernas que ficavam à beira do fogão e da pia o dia inteiro. Ganhei um pouco de peso, por cozinhar tantos doces, pois para saber o ponto exato, precisava realmente provar cada um. Não achava que estava mal, e olhando-me no espelho, podia notar meu quadril um pouco mais arredondado, e as faces coradas pelo calor do forno. Mas, prometi-me diminuir um pouco as porções do que tinha que testar: não queria ficar como dona Regina, que parecia a cada dia maior.

Meu pai e ela não eram felizes. Os poucos dias que passava em casa eram de brigas e admoestações, já que com a morte da nona ela se sentia cada vez mais dona da casa. Com isso, meu pai começou a tomar vinho com mais frequência do que antes. Estava eu na cozinha em um fim de tarde, quando ele chegou, sobranceira cerrada, como se só agora desse por falta de algo:

– Cora, onde anda seu noivo? Não o vejo há meses.

Fiquei olhando sem saber direito o que responder. Sabia que ele tinha por mim um amor muito grande, e não queria aborrecê-lo. Para evitar o sofrimento dele com o meu abandono, respondi:

– Não tenho mais noivo, pai. O senhor tem viajado muito, mas depois da morte de minha nona, decidi que não queria noivar mais.

Ele me olhou como se tentasse entender:

– Como assim? Terminou com ele? Mas parecia gostar tanto do rapaz...

Meus olhos se encheram de lágrimas, mas pensar que ele poderia ir à casa de dona Otília buscar explicações me fez responder depressa:

– Não tenho vontade de me casar, pai. Assim, achei melhor dar tudo por terminado – e usando um tom de brincadeira: – Que foi? Não me quer mais por aqui?

Ele respondeu rápido:

– Não diga isso, filha! É que você é tão moça, tão bonita e seria normal se casasse. Fica aqui o dia inteiro presa, trabalhando de sol a sol. Sou-lhe muito grato por tudo, Cora. Poucas são as filhas que ajudam o pai como você faz.

– Gosto de trabalhar, pai. E depois, não vejo muita graça em “namoricos”. Não se preocupe comigo, que como o senhor mesmo vê, estou feliz.

Ele me sorriu e me deu um abraço rápido. Senti o cheiro de fumo tão familiar, desde a minha infância. Era bom o meu pai, e eu não queria aborrecê-lo, pois sentia que ele já tinha dissabores demais com a esposa. Ele por fim disse algo que muito me emocionou:

– Pois saiba que a única coisa que me faz voltar para casa é você. Não fosse isso, desde a morte de minha mãe já teria abandonado tudo.

Melhor seria que ele nada tivesse dito. Da porta da cozinha, vi o vulto de dona Regina, que tinha, com certeza, escutado a última parte da conversa, e se retirou em silêncio. Súbito, uma intuição veio à minha mente: teria meu pai, em suas andanças, arranjado um outro amor, que não a esposa? Sabia de histórias assim desde pequena, na vila, onde não eram raros os homens que “namoravam” apesar de casados. Minha nona era bastante rígida com isso, e ficaria bastante triste caso soubesse que um dos filhos não honrava mais o “sagrado matrimônio”. Não o culparia, se tal tivesse acontecido. Tão duro era viver só, sem alguém para dividir os problemas e aflições do dia a dia.

Sem nada notar, ele deu-me um beijo na testa e foi para a frente da casa, em nossa varanda, onde padre Elvídio e Pedro já o esperavam para ver as primeiras estrelas da noite, acompanhados de bom vinho, como sempre. Em breve meu pai partiria novamente, ficando longe cada vez mais tempo, às vezes duas ou três semanas. Trabalhava duro como o pai e o irmão tinham trabalhado a vida inteira. Notei que hora nenhuma tinha tocado no nome de Enrico, e sequer perguntava por ele: minha nona dizia que “o sangue chama”, e devia ter razão. Não havia forma de fazer com que meu pai gostasse do menino, agora ainda mais franzino, e que se comunicava de forma tão limitada. Parecia mesmo que ele sabia da desconfiança de minha nona, embora nunca externasse qualquer sentimento negativo para a

criança.

Como eram mais de seis horas da tarde, fiz minhas orações e fui dar uma olhada na lista de pedidos para o dia seguinte. A boa Gertrude ficaria na cozinha até mais tarde, cuidando de fazer a “polenta frita” com linguiça de que os homens gostavam tanto.

Uma visita esperada

O INVERNO CHEGOU E com ele o frio. Gostava do clima, pois nossa cozinha, embora fosse fresca no verão por conta das enormes janelas, ficava o cômodo mais aquecido da casa no inverno, graças ao fogão a lenha. Era duro levantar de manhã e jogar a água fria no rosto, mas depois lembrava-me do cheiro de café, das encomendas muitas, e me animava a deixar a cama, grossa pelos cobertores e mantas. Enrico sofria nessas horas, por isso eu o deixava a dormir enquanto começava a preparar a lida do dia. Não raro, apenas lá pelas dez horas da manhã o escutava a me chamar: “Co’a! Co’a!” – e eu corria a trocá-lo e trazia-o para a cozinha. Se estivesse ensolarado, ficava tomando sol no quintal. Caso estivesse chovendo, ei-lo sentado perto do fogão.

Minha tristeza pelo abandono de Justino tinha se tornado quase que minha amiga, e não me incomodava mais. Cinco meses haviam se passado da morte da nona, e a vida tomava seu curso. Parecia-me ainda ouvir as risadas dela pela casa, quando ouvia histórias engraçadas dos fregueses. O cheiro doce dela ainda estava em algumas roupas de cama, guardadas com cuidado no baú que agora estava em meu quarto. Agradei novamente ao Criador por tê-la colocado em minha vida, pela saúde que tinha, pelos ensinamentos dados, e olhei pela janela o quintal banhado de um azul translúcido de inverno, os raios de sol a começar a bater nas folhas ainda úmidas de orvalho. Nevaria naquele ano? Teríamos enfim a geada que todos pareciam predizer? Deus sabe... mas que frio fazia!

Dona Regina, sei lá eu o porquê, continuava com o luto que tinha imposto a todos nós. Eu lavava e passava as mesmas peças de roupas há meses, mas agora, com o frio chegando, não teria outras roupas negras para me proteger. Irritada, abri o meu “malão” e tirei de lá grossa blusa de lã rosa,

presente de minha nona num dos natais passados, e coloquei-a por sobre a saia escura. Indo para a cozinha, já mais aquecida, dei com suave luz incidindo ao lado da figueira, e curiosa me encaminhei para lá. Conhecia bem aquelas luzes e, feliz, imaginei quem seria a minha visita.

Pois lá estava ela, minha nona, rosada e com uma pele lisa como já não tinha em vida. Sorria-me com alegria e saudade, e eu corri para ela, feliz como há muito não era:

– Minha nona! Que linda está! Que saudades! Demorou tanto para vir me ver.

Ela me sorriu com alegria, e me respondeu naquela mesma voz suave que eu tanto amara em vida:

– Pois saiba que há muito queria falar com você! Mas eles lá têm suas regras, Corinha! Já a tinha visto outras vezes, mas precisava antes me fortalecer para poder conversar melhor. Como está, a minha “nipote”? Finalmente tirou aquele “luto” feio?

– É minha primeira roupa colorida desde que a senhora se foi. Atendi ao pedido de dona Regina, que achou uma grande falta de respeito não usarmos luto pelo menos por seis meses. Apenas meu pai escapou às roupas pretas.

Ela fungou:

– Sei, queria mesmo é que ela tivesse me respeitado mais enquanto eu estava aí. Mas conheço o tipo: e depois, com todo aquele corpo, ficava melhor de preto mesmo.

Notei que seu senso de humor continuava o mesmo. Estaria gostando de lá?

– Deus é pai, Corinha! O lugar onde estou é bom, cheio de amigos e parentes. Impossível descrever! Não fique mais triste com a minha morte, pois a única coisa que aqui me faz falta é a sua companhia. Tenho tido notícias suas quase sempre. No início, por mais que eu perguntasse, nada me diziam. Falavam que eu primeiro precisava me acostumar, e que as vibrações de dor da Terra me fariam mal, pois eu ainda estava muito sensível. Hoje, finalmente, depois de mil recomendações, me deixaram vir.

Suave luz envolvia o corpo espiritual de minha nona. Que bom que estava

feliz! Será que sabia o que estava acontecendo conosco?

– Nona, suas receitas têm feito grande sucesso! A venda, que antes estava fraca, agora vive cheia de fregueses.

Ela sorriu:

– Sei disso e me orgulho muito de você, embora não ache que deva ficar sustentando Regina. Sabia que o único dinheiro que entra agora é o das suas encomendas? Nunca imaginei que meu velho caderno de receitas fosse ser tão útil novamente. Fazia anos que não o usava. Olívia me disse que tinha lhe inspirado a ideia, e não achei nada ruim. São bons os doces, não? Seu pai e seu nono adoravam! Algumas são de sua tataravó, sabia?

Eu sorri. Essa informação tornava o caderno ainda mais valioso. Algumas das páginas tinham ainda marcas de trigo, ou ovos, de muito tempo atrás. Disse-lhe então:

– Pois foi a melhor herança que a senhora podia me deixar! Quando cozinho, parece que a sinto por perto.

Ela me olhou com a preocupação que eu já conhecia, perguntando-me:

– E o coração, Corinha? Como está?

Sabendo que com ela não adiantava esconder nada, respondi:

– Não tenho visto mais Justino, nona. Mas não fique triste com isso. Se fosse para dar certo, teria dado, não é mesmo? E depois, não queria mesmo deixar Enrico. Como a senhora mesma desconfia, ele não está muito bem, e Regina parece gostar de ter outras preocupações.

Ela me olhou, parecendo um tanto zangada:

– Sei... o menino realmente precisa de cuidados especiais, pois a paralisia nos membros traz muita dor. Mas quem tinha de estar vendo isso era a mãe dele, e não você, que já trabalha tanto. Regina tinha a obrigação de ampará-lo e não está fazendo isso.

Pensei comigo mesma que sabia disso, mas o meu amor por Enrico não tinha arrefecido com o tempo e os cuidados. Muito pelo contrário, tinha se fortalecido. Ela continuou:

– Não leve a sério as minhas reclamações, Corinha. Sei que com seu amor a vida do pequeno tem sido ao menos suportável. Faz bem em cuidar dele,

mesmo que moralmente não seja responsabilidade sua. Tenho muito orgulho de você, “nipote”. Tem se saído muito bem colocando amor em tudo o que faz.

Ela riu-se, divertida:

– Sabe o que dizem pela vila, dos seus doces? Que eles devem ter alguma “magia indígena”, pois fazem com que as pessoas se sintam mais alegres e em paz. É o amor que você coloca em tudo o que faz que traz essa diferença. Está ficando famosa, “nipote”.

Achei muita graça da tal “magia indígena” a que ela tinha se referido. Meus queridos italianos tinham suas crendices e magias, e eu estava acostumada com isso desde a minha infância. Mas, se os meus doces faziam bem, eu já ficava feliz. Resolvi perguntar:

– Estamos indo bem agora, minha nona, mas caso as coisas se compliquem, posso usar o dinheiro que você me deixou? Fico preocupada com meu pai, trabalhando tanto. E depois, aqui nessa casa não me falta nada.

Ela me olhou com atenção:

– Corinha, deixei aos outros tudo que possuía, que vale muito mais que o magro dinheirinho que guardei para você. Ele deve ser usado como “dote”, quando se casar precisará dele. Já chega Regina ter ficado com todas as minhas coisas de valor. Não quero que ela pegue também isso.

Não achava, àquela altura, que me casaria algum dia, presa que estava à cozinha e as minhas obrigações com Enrico, mas sabendo o quanto a minha nona era sábia, assenti. Ela continuou:

– Não tenho permissão para lhe contar outras coisas, mas acredite em sua nona. Há muita maldade e maledicência nesse mundo, “nipote”. Mas tenha fé que as coisas se resolverão.

Pensando a que ela poderia estar se referindo, observei-a acenando e indo embora. De que maledicência ela poderia estar falando? Não tinha contato com quase ninguém na vila, mas sabia que muitos ali adoravam comentar a vida alheia. Não eram raras as vezes que víamos uma pessoa com a reputação destruída por isso. Mas, o que poderiam falar de mim? Eu quase nunca saía de casa.

Talvez fosse a hora de eu voltar a frequentar as missas.

Os sermões de padre Elvídio

NUM DOMINGO FRIO, DEPOIS de separar todas as encomendas do dia seguinte, tirei completamente o luto, coloquei roupas coloridas, e arrumei-me para ir à missa das seis horas da tarde. Podia ouvir o vento frio batendo lá fora, e finalmente dei-me conta de que havia mais de cinco meses eu não saía de casa. Vendo que eu me arrumava, dona Regina aproximou-se da porta de meu quarto e perguntou:

– Aonde vai, bugre? Tirou o luto... não acha que devia esperar pelo menos mais um mês?

Ela tinha colocado o enorme corpo de forma a barrar minha passagem pela porta. Por que tinha tanta raiva de mim? Que mal tinha feito a ela? Mesmo agora, sem minhas encomendas ela estaria levando uma vida bem mais difícil, por que me tratava daquela forma?

– Vou à missa, pois faz tempo já que não ouço as palavras de Deus. E gostaria que não me chamasse de “bugre”, minha nona não gostava disso. E nem de luto. Quando meu nono morreu, ela ficou apenas um mês, e me dizia sempre que o luto verdadeiro fica no coração da gente.

Senti vindo dela sentimentos que misturavam ódio, ressentimento, e, para minha surpresa, um pouco de medo.

– Sua nona devia ter tido mais respeito com os mortos. Mas, pelo menos ela chorou a morte do marido, e quanto a você, que não derramou sequer uma lágrima na despedida dela? Você quer é ir passear, mas quem ficará com Enrico? Sabe que ele não está bem e eu não consigo mais cuidar dele. Parece que só se sente bem, agora, com você.

Pensei em meu pai, longe, na estrada como sempre. Caso estivesse ali, as coisas seriam mais fáceis, pois eu apenas falaria com ele pedindo

permissão. Mas, sem ele, dona Regina sentia-se realmente no comando da casa, e eu senti que teria problemas.

– Enrico hoje levantou sem febre. As encomendas de amanhã estão todas prontas, é só olhar na mesa da cozinha e na despensa. Dos meus sentimentos pela minha avó, apenas eu sei. Já vai fazer seis meses que não frequento a missa, e sinto falta das palavras de Deus. Por que não quer me deixar sair?

Ao ver que eu a enfrentava pela primeira vez na vida, ela se assustou. Pareceu ficar sem saber o que dizer, mas ainda me impedia a passagem.

– Está certo – disse –, mas leve Enrico com você. Também faz tempo que ele não dá um passeio, e eu não quero que ele sinta a sua falta.

Pensei no inverno, que na minha região não era fácil:

– Mas hoje está ventando muito. Não quero que o menino se resfrie. Não pode ficar com ele só enquanto vou à igreja? Não demoro quase nada.

Ela se mostrou irredutível:

– Pois sem ele você não sai. Agasalhe-o bem, é sua obrigação de irmã, e eu não quero que ele adoça.

Sabia muito bem das minhas “obrigações de irmã”, mas me perguntei sobre as “obrigações de mãe” que ela deveria ter com ele. Sentado no cobertor, de olhos muito abertos, meu pequeno Enrico observava a cena, amedrontado. Ao me ver chegar perto dele, ergueu os bracinhos, já magros pela doença, e eu, realmente não sei por que, resolvi levá-lo. Apesar de ter quase cinco anos, ele não pesava mais que um bebê de dois, por conta do frágil estado de saúde e das perninhas atrofiadas pela falta de uso. O rosto continuava belo, como o rosto de qualquer criança normal, e tive medo pelo vento que ia lá fora. O minuano sabia ser cruel se não fosse respeitado. Arrumei-o muito bem agasalhado, coloquei uma manta em volta dele, e observei o céu azul de inverno: pelo menos não choveria. Assim, sob o olhar triunfante de Regina, saí de casa com ele.

Fiz uma prece a Deus para que o vento não lhe fizesse mal, e as coisas realmente pareceram se acalmar. Ouvi o badalar do relógio da igreja, dando as cinco horas da tarde, e me encaminhei com ele apressadamente para dentro daquela construção de pedras. Ia tão apressada que não notei os

olhares de espanto pelo caminho, mas pude notar um leve “cochicho” quando finalmente me sentei, nos bancos de trás, para ouvir padre Elvídio.

Este, assim que me viu, fez uma expressão de surpresa, e me sorriu alegre. Assim recebida, fiquei mais calma, pois tudo que não queria era chamar a atenção como estava acontecendo, e ele disse em alto e bom som, do altar:

– Vamos dar as boas-vindas a essa ovelha que torna ao nosso rebanho, depois de luto prolongado. Seja bem-vinda, Cora.

Senti os olhos do povo da vila em mim, e baixando a cabeça por timidez, consegui ainda assim sorrir ao padre Elvídio que tão bem tinha me recebido. Enrico, completamente encapuzado, olhava tudo com receio, pois não saíamos de casa há um bom tempo. Pude notar então que tinha colocado roupas demais no menino, que começava a suar em profusão. Tirando a manta dele, acomodei-o ao meu lado, amparando-o com meu corpo para que ficasse confortável.

Finalmente pude observar a igreja, enquanto padre Elvídio, de costas para a congregação, dirigia-se ao altar rezando a missa em latim, como sempre fazia. As pessoas o ouviam num silêncio respeitoso, mas assim como eu, entendiam pouco ou quase nada do que era dito. Depois da longa cantilena que já durava bem uns quarenta minutos, ele tornou a se dirigir a nós em bom português:

– Como de costume, hoje vou contar uma história do nosso amado Cristo, para que possam refletir depois em suas casas. O bem é poderoso, mas precisa sempre de eterna vigilância para que o mal não se instale em nossas almas.

Fez-se um silêncio profundo, e eu me preparei para ouvir as histórias do Cristo, tão cheias de amor e verdade, que o padre sempre nos contava. Tímida, observei pela primeira vez as pessoas ao redor. Vi os fregueses que durante anos frequentaram nossa venda, algumas amigas de minha nona, alguns rapazes e moças. Pude sentir em mim o olhar de uma amiga de dona Regina, que às vezes frequentava nossa casa. Era estranho: ela me olhava com um misto de curiosidade e desprezo. Depois vi dona Otília, sentada próxima às primeiras fileiras, sozinha. Justino não estava com ela. Tinha saudade também dessa querida amiga e busquei no rosto dela os traços do

meu amado que há tanto tempo não me procurava. Onde estaria Justino?

De cima de seu púlpito, padre Elvídio começava o seu sermão, muito animado, falando sobre os “túmulos caiados de branco”, sobre como o nosso doce Jesus Cristo podia ficar irritado com os hipócritas. Pensei comigo mesma que o nosso Mestre a tudo perdoava: prostitutas, ladrões, mesmo assassinos e coletores de impostos, mas era rígido com os hipócritas. Curiosa, ajeitei Enrico no colo para prestar atenção às suas palavras, pensando comigo mesma “ainda bem que nunca faço nenhuma hipocrisia”, mas pude sentir que ele se dirigia a determinadas pessoas da paróquia, que pareciam se encolher um pouco nos bancos de madeira.

Ainda meio exaltado, ele deu novamente vazão as suas ideias lembrando novamente a máxima do Cristo: “Não julgai para não serdes julgados”, emendando com uma dura reprimenda àqueles que falam da vida dos outros. Gostava muito de padre Elvídio, mas conhecedora de seus rompantes, sabia de antemão que ele, nos sermões, aproveitava para “disciplinar” algumas almas. Naquele domingo então, chegou a ficar meio vermelho, falando de punição eterna (coisa que raramente falava) e “fogo do inferno”.

Pude notar alguns fiéis um tanto irritados, outros meio cabisbaixos, e fiquei curiosa: a que o bom padre poderia estar se referindo? Dona Otília parecia estar gostando muito de tudo o que ele dizia, e podia notar o queixinho dela contraído como se dissesse: “muito bem, aprovado!”. Pensei que ficar apenas na minha cozinha tinha suas desvantagens, pois assim ficava longe do povo da vila e de suas histórias. Quando estava na venda, com minha nona, distraía-me bastante com as alegres e faladoras italianas sempre a comentar com entusiasmo o menor fato: o namoro “escandaloso” da filha de alguém, uma “gravidez muito perto do matrimônio”, as brigas deste ou daquele casal da vila. Embora fosse uma senhora muito séria, e se abstivesse de comentar o mais que podia, sentia que minha nona no fundo gostava de ouvir as histórias, que afinal, como ela mesma dizia : “ha mostrato un po’ della natura umana” (mostrava um pouco da natureza humana). Ficávamos, às vezes, filosofando um pouco, e ela aproveitava para me passar os valores que até hoje acho muito corretos.

Outra das frases de minha nona era: “una bella ragazza deve essere due volte più onesta”, ou seja: uma bela moça deve ser duas vezes mais honesta.

Quando perguntei por quê, ela se riu, dizendo-me:

– É que as bonitas, como você, chamam muito mais atenção. Ninguém repara muito em moça feia.

Era verdade. Minha nona podia não ter muito estudo, mas era sábia ao seu modo. Como eu sempre tinha sido muito tímida, não era difícil para ela “me manter comportada”. E ela se orgulhava muito disso.

Nunca, antes de Justino, alguém na vila tinha me visto conversar com outro rapaz. Os que entravam na venda eram atendidos pela minha nona, e quando eu sentia que me olhavam “demais” sumia pra dentro de casa. Meu nono também era rígido e ciumento, de forma que eu estava sempre bem protegida. Quando saí com Justino pela primeira vez, pude observar os olhares das pessoas, a maior parte de aprovação. Mas a verdade é que a herança que ele tinha recebido também tinha gerado inveja, coisa que não o preocupava muito, pois ele sequer notava, dono de um coração sem maldade para com as pessoas.

Embora no início do sermão Enrico se assustasse um pouco com o “vozeirão” de padre Elvídio, aos poucos foi se acostumando e acabou por adormecer no meu colo. Curiosa que estava, pensei em perguntar a dona Otília, no final da missa, de que padre Elvídio tanto falava, mas fiquei um tanto ressabiada, pois podia parecer que eu estava querendo notícias de Justino. Assim, fiquei um tanto sem saber o que fazer. Perguntaria à Gertrude, que saía mais à rua. Ela poderia me dar alguma informação...

A missa chegou ao fim, com padre Elvídio mais calmo e bonachão como sempre. Envolvendo Enrico na manta por conta do vento, que tinha voltado a assobiar, esperei que a maior parte das pessoas saísse, para não acordar desnecessariamente o meu pequeno. Ele tinha cada vez mais dores, e quando dormia, eu ficava feliz, embora notasse ainda sua pequena testa franzida, como se estivesse incomodado com algo. Estava assim sentada, com Enrico nos braços, quando passou por mim dona Otília, agasalhada com boas roupas, num passo rápido. Pensei em cumprimentá-la e cheguei a dizer “Boa noite, dona Otília...”, ao que ela me olhou com os olhos cheios de uma mágoa que eu ainda não conhecia, baixou os olhos e se foi.

Fiquei com aquele olhar no pensamento por longas horas: por que estava magoada comigo, se era Justino que tinha me abandonado? Até um bilhete

tinha mandado, sem ter resposta. Assim, triste, encaminhei-me com Enrico para a saída da igreja, onde padre Elvídio despedia-se dos fiéis. Este, ao ver-me chegar, abriu longo sorriso e os braços largos.

– Corinha! Enfim volta aos meus sermões! Venha sempre, que é um prazer muito grande vê-la, ainda mais com o pequeno Enrico. E como está o pequeno? Ainda com dores?

Ele falava em voz alta e clara. Depois de sorrir pra ele, respondi:

– Ainda com algumas dores, padre. Mas não podia deixar de vir aos seus sermões. Desde a morte de minha nona que não saio de casa, e tinha saudades das suas pregações.

Ele sorriu, satisfeito:

– E quando volta o teu pai da viagem? Parece que os negócios estão melhorando, não é? É você que tem feito aquelas guloseimas?

Assenti com a cabeça, mas ele não me deixou responder:

– Eu sabia! Bem que sua nona dizia que você cozinhava como uma fada! Ainda tem da “fregolata”?

– Terminaram todas ontem. Mas faço uma nova fornada e mando pela Gertrude um pouco pro senhor! Que bom que gostou.

Ele ficou feliz com a perspectiva, e me agradeceu profusamente. Por fim informei-o que em alguns dias meu pai estaria de volta, e que ficaria feliz em vê-lo. Para animá-lo, falei de umas linguiças de pernil que estavam “curando” no calor do fogão a lenha justo para essa ocasião. Ele terminou me dizendo, enquanto eu saía abraçada a Enrico:

– Pois é só avisar que lá estarei! Mas não se esqueça da minha “fregolata”, hein? Manda amanhã?

Fazendo que sim com a cabeça, saí da igreja finalmente. Apesar do olhar de dona Otília, eu tinha ficado contente de sair de casa depois de tanto tempo. Na porta de casa dona Regina nos esperava, de cara “amarrada”, saias ao vento.

– E então, como foi a missa?

Antes mesmo que eu respondesse, ela continuou:

– Ideia de maluco sair com esse tempo. E Enrico? Dormiu?

– Sim. Ainda está dormindo. Padre Elvídio disse que vem nos fazer uma visita assim que meu pai voltar.

Entrei para nos abrigar do vento frio, e coloquei Enrico em sua pequena cama em meu quarto. Dona Regina nos acompanhava, com um olhar curioso. Assim que cobri o pequeno, lembrei-me de perguntar a ela:

– Não tem ido à missa como ia antes, dona Regina. Não sente falta? Antes ia quase todos os dias.

Ela ficou subitamente sem jeito, as mãos gordas e brancas a se apertarem de frente ao ventre volumoso. Só agora me dava conta que realmente fazia muito tempo que ela não ia à igreja, o que era estranho, já que ela gostava de se gabar de nunca perder uma missa. Ela me respondeu:

– E eu lá tenho tempo de ir à igreja? Essa venda me consome o tempo inteiro.

Pensei comigo mesma que isso não era bem a verdade, e que antes de vender meus quitutes, ela ficava um bom tempo sem nada fazer a não ser olhar a rua e conversar com umas poucas amigas que iam por lá. Mesmo minha nona, de mais idade e com a venda em um movimento intenso, sempre arranjava tempo no domingo para ir ouvir o sermão de padre Elvídio, e me levava junto. Resolvi dizer:

– O padre Elvídio fez um lindo sermão hoje. Toda a vila prestou muita atenção.

Curiosa como sempre, ela me interpelou:

– E sobre o que era o sermão dessa vez?

– Sobre como o Cristo, que a todos amava e perdoava, não gostava dos hipócritas. Lembrou também as palavras do mestre em “Não julgai para não serdes julgados”...

Ela calou-se, franzindo a sobancelha, e me olhando um tanto ressentida. Então, me disse:

– Pois saiba que acho que padre Elvídio com o tempo anda é ficando muito permissivo. Imagine, deixar que mulheres da vida frequentem a igreja em missa especial... seu nono é que aprovaria semelhante disparate! Eu é que não quero frequentar a mesma igreja que as rameiras!

Lembrei-me realmente de que padre Elvídio, em conversa com o meu

nono (que era um tanto anarquista), disse que teria muito mais chance de convertê-las se elas escutassem a palavra do Senhor. E depois, se nem mesmo o mestre Jesus fazia essas distinções, por que ele faria? É verdade que algumas senhoras da sociedade acharam muito ruim a ideia, mas depois de vigoroso sermão (acredito que aí o “não julgai” deve ter funcionado novamente), criou-se uma missa especial, nas quais frequentavam escravos, rameiras e alguns indígenas da região. Padre Elvídio podia ter bom coração, mas também sabia ser bem rígido quando precisava.

Pensei em tudo isso, mas senti que não adiantaria argumentar com dona Regina, que tinha a habilidade de “torcer” as coisas de seu próprio jeito. Resolvi ir para a cozinha, preparar a “fregolata” do padre. Vindo atrás de mim, ela me perguntou:

– E falou com mais alguém na igreja?

Olhei-a curiosa. Que tinha ela de querer tanto saber de minha ida à missa? Falava comigo apenas o indispensável durante todos aqueles anos, e agora queria conversar? Mas, para não ser mal-educada, respondi:

– Não. Apenas com padre Elvídio, que me pediu uma “fregolata” que devo fazer agora.

Ela ficou meio mal-humorada:

– E ele vai pagar? Não esqueça que temos muitos fregueses, e custa um bom dinheiro para fazer essa massa.

Olhei-a um tanto surpresa: cobrar? Do padre?

– Não vou cobrar do padre, dona Regina. Meu pai ficaria muito chateado se eu fizesse isso. Aliás, ele não sabia que era eu que fazia os quitutes. Não tem dito às pessoas quem os prepara?

Ela inflou o peito, como se ofendida estivesse:

– E que diferença faz quem os prepara? Eu os vendo, e é só!

E assim saiu da minha cozinha pisando firme. Fiquei pensando em como as coisas eram curiosas: vendia e dependia dos meus doces e assados, mas não dizia que era eu quem fazia. Por quê?

Pensei comigo, que mulher mais maluca! As pessoas iriam gostar de saber que eram receitas da nona, que era tão amada por todos. Fiquei esperando Gertrude, que com certeza me esclareceria o assunto. Lá pelas

oito horas da noite, minha amiga alemã apareceu, tentando fazer um chá de cidreira para conciliar o sono, e eu lhe disse:

– Gertrude, você que fica mais tempo na venda, me responda uma coisa: quem é que dona Regina diz que faz os assados e os doces?

Ela me olhou assustada, os olhos castanhos piscando muito, a xícara presa em uma das mãos, como se estivesse tentando pensar no que dizer:

– “Orra”, quem faz os doces é você, “Corrinha”...

Disse que sabia que era eu quem fazia os doces, o que eu queria saber é se dona Regina dizia às pessoas de quem eram as receitas. Olhos piscando ainda mais, as mãozinhas apertando a xícara, ela não me encarava, mas por fim disse:

– Não sei quem ela diz que faz. Só que pede que eu não comente. Diz que quem entende de negócios é ela.

Um tanto pasma com a resposta, assim mesmo garanti à minha amiguinha alemã que não tivesse medo, pois eu não iria tirar satisfações com minha madrasta. E depois, que diferença fazia? Nunca tinha recebido qualquer salário pelo meu trabalho, trabalhava porque gostava e queria ajudar a meu pai. Dando de ombros, resolvi dispensar Gertrude, e tirar do forno as “fregolatas” do padre. A esse eu fazia questão de dizer por quem eram feitas, e de onde eu tinha tirado a receita.

Só não conseguia entender o porquê de os doces fazerem menos sucesso, caso soubessem que era eu quem os fazia. Seria por eu ser “meio índia”? Pensando que o povo da vila podia ser bem estranho, lavei-me e fui dormir.

Mas ela que me chamasse novamente de “bugre”!

A ira de Regina

CONTINUEI COM AS ENCOMENDAS (que eram muitas), e mandei a padre Elvídio a tão pedida “fregolata” por Gertrude. A verdade é que a alemãzinha, sempre bem disposta, me ajudava muito no serviço, terminando a limpeza da casa rapidamente para me ajudar na lavagem dos tachos, louças, tigelas. Mas o que ela gostava mesmo era de fazer entregas: saía animada com seu corpete justo sobre a saia estampada cujo tecido minha nona tinha dado. De início, ela tinha se espantado com a fartura de nossa casa, lembrando-se sempre dos anos de infância passados em dura miséria. Dessa época tinha lhe ficado uma característica boa: por mais que ela comesse (e ela comia bem), não engordava.

Lembro-me dela a se olhar no espelho de alfaiate, reclamando que quase não tinha busto, e que por mais que fizesse, as pernas continuavam finas. Pensei em dona Regina (cada vez mais arredondada), e ponderei que eram poucos os satisfeitos com o corpo que adquiriam. Já por mim me sentia saudável, e tanto meu pai como meu tio me gabavam a beleza, que eu não tinha do que reclamar.

Meu pobre Enrico, por outro lado, não estava bem. Voltamos da missa no domingo e dois dias depois já estava ele com uma febre que me espantou. Levantei de madrugada ouvindo uns gemidos e dei com ele tremendo na cama do lado oposto do quarto, os olhos abertos como se nada vissem. Pensei em chamar dona Regina, mas depois senti que ela nada faria pelo menino: outras vezes assim tinham se passado, nas quais ela o deixava comigo e ia dormir tranquilamente. Queimava de febre o pequeno! Minha nona me dizia que em casos assim era determinante baixar a temperatura, e não deixar que ele se engasgasse com a própria língua. Não eram raras as pessoas que morriam todos os invernos de febre, mas não tinha notado em

Enrico nenhuma tosse ou outro sintoma.

Levantei-me em meio ao frio que causava as geadas, e pus no fogo grande tacho de alumínio para esquentar um pouco a água. Não tinha coragem de banhá-lo em água totalmente fria, pois o medo de uma gripe era ainda maior. Devagar o abracei e tirei as roupinhas, enquanto ele se encolhia e parecia sair um pouco do estado que estava antes. Falava o meu nome baixinho, procurando meus cabelos com as mãos. A custo consegui trazer o tacho para o quarto, derrubando um pouco de água pelo caminho, deitei nele algumas ervas que minha nona chamava de “benfazejas”. Um cheiro de alecrim e hortelã espalhou-se pelo quarto, enquanto eu banhava Enrico, que começava já a reclamar, pois nunca tinha gostado de banhos. Vendo que ele melhorava, agradei aos céus, enxuguei-o afastando o tacho e coloquei-o logo em sua cama, embrulhando-o em cobertores.

Parecia que se passavam horas, mas só notei isso quando os raios de sol começaram a entrar pelas frestas de madeira da janela. Havia passado a noite em claro, mas finalmente agora ele dormia um sono tranquilo, sem febre. O rosto ainda guardava o rubor da enfermidade, mas a respiração era normal, assim como os batimentos do coração.

Olhei em volta do quarto e sorri para mim mesma: parecia que tinha passado um furacão por ali. O tacho, agora encostado à parede, ainda tinha dentro as ervas, as toalhas brancas usadas em um monte, perto da porta. Olhando-me no espelho da penteadeira me assustei com as enormes olheiras embaixo dos meus olhos, que pareciam mais avermelhadas do que verdes. Penteei-me e deitei-me ao lado dele: que susto! Que febre tinha sido aquela? Depois do banho ele tinha ainda regurgitado duas vezes. Peguei o álcool canforado e passei nas perninhas, tentando assim já prevenir as dores frequentes, e o cheiro do álcool me relaxou, levando-me a um sono profundo.

O sol já ia mais alto no céu quando dona Regina entrou em meu quarto, assustando-se com a desordem, e gritando a plenos pulmões:

– Que faz ainda na cama, bugre? Esqueceu-se do serviço? E que desmazelo é esse?

Acordei meio assustada, já que não esperava pelos gritos depois da noite cansativa com Enrico. Fiquei muito zangada de me chamar novamente de

bugre, e, temendo criar ainda mais confusão e assim acordar o menino, sem nada responder virei as costas para ela, que continuou aos berros:

– Não me vire as costas, bugre! E vá já levantando dessa cama, que essa casa não tem lugar para preguiçosos! Bem que dizem que os de sua raça não são amigos do trabalho! Anda que os fregueses já estão esperando pelas encomendas!

Aquilo me irritou muito. Nunca tinha sido preguiçosa na minha vida. Levantava sempre antes de todos e ia me deitar bem depois, desde a mais tenra idade sempre acompanhava minha nona em seus afazeres. Que mania ela tinha de chamar-me de bugre preguiçosa! Não me irritava se alguém me chamasse de índia, mas o jeito que ela me chamava de “bugre” parecia sempre tão depreciativo! Respondi em voz baixa, contendo a revolta:

– Seu filho Enrico teve febre a noite inteira, por isso o quarto está desarrumado! O menino não está bem, não vê como não acordou nem com os seus gritos?

Ela voltou o olhar para o menino na cama, e afastando o tacho com o pé para passar, chegou até ele e colocou a mão em sua testa. A esse movimento, o pequeno acordou e olhou para ela com os olhos muito abertos.

– Que febre? O menino está normal! Além de preguiçosa, agora me vem com mentiras!

Pude observar Gertrude de olhos muito arregalados, nos olhando da porta. Mas o que me assustou ainda mais foi ver o espírito de Ofélia, a dar boas gargalhadas com a situação. Súbito, tudo aquilo me enojou e enfureceu, como nunca tinha sentido na vida, levantei-me e disse:

– Pois se quer que eu me levante e trabalhe pelas suas encomendas, pelo menos diga aos outros quem as faz! Hoje não vou trabalhar na cozinha, que o menino passou mal a noite inteira, e pode voltar a passar. Não me lembro de ser sua criada!

Foi o que bastou. Pude notar nela o lábio superior molhado de suor, e ela saiu do quarto com uma agilidade que eu nunca suspeitei em alguém de seu peso. Perto de nossa porta da sala havia longa barra de ferro, que servia de tranca. Gertrude, que de início tinha vibrado com a minha resposta, agora arregalava os olhos a dizer:

– Calma, dona Regina!

Foi inútil. Minha madrasta irrompeu quarto adentro armada com a barra, e me desferiu vários golpes com ela, enquanto dizia:

– Pois vai já aprender a ser agradecida! Bugre inútil, ainda me desafia! Quer ficar o dia no sossego? Pois verá...

Consegui me desviar de alguns golpes, mas um me acertou em cheio, logo abaixo de meu quadril, em minha perna esquerda, a dor foi tão forte que dei um longo grito, e caí no chão tentando me aparar da queda. Desmaiei em seguida, mas não sem antes escutar o choro de Enrico e o seu desespero a me chamar: “Co’a, Co’a...”.

Quando acordei dei com o farmacêutico da vila a perguntar a dona Regina:

– Mas que absurdo é esse? Como a menina machucou-se dessa forma?

E ela, que ainda não tinha me visto acordada, respondeu:

– Pois é uma desastrada, “seu” Evilásio! Caiu ali no quintal de casa. Imagine só: agora além de cuidar das encomendas de doces e da venda, ainda vou ter que olhar o pequeno!

Ela, cuidar das encomendas? Dona Regina só ia até a cozinha alimentar-se. Mal sabia coar um café, quem dirá fazer alguma massa. A dor continuava insuportável, e pude ver que meu quadril e minha perna esquerda estavam sob fortes faixas. Ouvi o farmacêutico responder:

– Pois ela terá que fazer repouso absoluto. Fraturou feio a base do fêmur, como nunca eu tinha visto antes. Fiz o que pude para que ela não perca a perna, mas não garanto que vá ficar perfeita novamente. Se ela andar, será depois de um bom tempo. E é provável que fique mancando muito.

Depois a instruiu com os remédios e loções. A essa altura enorme sofrimento apoderou-se de mim: mancar? Perder a perna? Da porta do quarto, Gertrude disse:

– Ela está acordando, doutor. Não é bom dar remédio?

Não pude evitar forte gemido. Que dor!!! Olhando firme o farmacêutico disse a ele:

–Tem algo que passe essa dor, seu Evilásio? Nunca tinha sentido nada

parecido, de qualquer forma que me posiciono dói muito.

Ele me olhou compadecido:

– Nunca tinha visto uma queda como essa, Corinha! Como fez para se machucar assim?

Olhei para dona Regina, muito pálida na porta de meu quarto, com uma expressão que parecia me ameaçar mesmo sem nada dizer. Nunca tinham me batido antes, nunca tinha sido tratada senão com a bondade dos meus, e parecia que agora finalmente minha madrasta mostrava toda a sua fúria, habilmente escondida durante anos.

– Não me lembro, seu Evilásio. Só sei que caí...

Gertrude chorava perto de mim, e torcia as mãozinhas brancas, preocupada. Por fim, ele deu a ela um frasco de cor âmbar, e disse:

– Vinte gotas por vez. Não sei se passará a dor completamente, mas ela dormirá. Quando seu pai chega, Corinha?

Amigo de minha família por longos anos, via nele a sua preocupação.

– Que dia é hoje? – perguntei.

– Quinta-feira – ele me disse.

Dei conta de que tinha passado um dia inteiro sem voltar a mim. Passado o susto, respondi:

– Devia estar voltando hoje, mas às vezes ele se atrasa.

Ele me olhou desconfiado:

– Pois quando chegar, avise que quero falar com ele. Sua nona, que Deus a tenha, não ia gostar nada disso.

E assim falando, se foi, não antes de olhar duro para minha madrasta. Podia ouvir o choro de Enrico no quarto ao lado, acostumada que estava, quase que me levantei, mas forte fígada me impediu. Regina me olhou ainda com raiva e medo nos olhos:

– Fique quieta aí, bugre. Deixe que eu vejo o menino.

Ela ia saindo do quarto, quando eu disse a ela em alto e bom som:

– Não me envergonho de meu sangue índio, pois muitos eram pessoas bem mais decentes que muitos brancos daqui. Mas minha nona não gostava

que me chamassem de bugre. Se me chamar novamente assim, teremos problemas bem mais sérios do que imagina.

Ela resmungou algo, e saiu apressada do quarto. Gertrude finalmente deitou as gotas em um pouco de água e levou a minha boca, para que eu bebesse. Tinha vontade de ir ao banheiro da casa, mas não conseguia me mexer o que me causou enorme desconforto. Foi quando Gertrude, inteligente como ela só, arranjou para mim pequena bacia, que colocou gentilmente debaixo de meu quadril, na cama: este foi o meu banheiro por muitos dias.

Ao final da tarde, estando eu ainda sob o efeito da medicação, que se não passava totalmente a dor, ao menos ajudava, Regina veio ao meu quarto, Enrico no colo, tentando se “atirar” para que eu o pegasse. Olhei o pequeno com imensa pena, e já ia consolá-lo quando Regina me olhou firme, e me disse:

– Gosta de meu menino, não? E tem de gostar mesmo, é seu irmão...

Calei-me, pensando que não era bem assim, mas ela disse logo em seguida:

– Já imaginou o que seria dele, caso eu o levasse embora por conta de alguma briga com o seu pai? É... porque se eu saísse daqui, ele iria comigo. Pois pense muito bem no que dirá a ele quando ele voltar.

– Pois não se esqueça de avisar Gertrude. Ela também viu o que aconteceu.

Ela riu-se:

– Aquela lá? Tem tanto medo que eu a mande de volta para a miséria de sua família que só dirá o que eu mandar.

E foi-se de meu quarto, deixando a porta encostada. Pensei comigo mesma que era verdade, o maior medo de Gertrude era sair daquela casa, coisa de que Regina tinha sempre se aproveitado com astúcia. Mesmo com o coração imenso da alemãzinha, seu medo falaria mais alto. Como a cama de meu quarto estava vazia agora, com Enrico dormindo finalmente com a mãe, chamei-a para que dormisse ali comigo, coisa de que ela gostou muito, pois tínhamos ficado muito amigas.

Ela trouxe consigo pequeno baú onde estavam as suas poucas roupas,

abriu as janelas que davam para o nosso imenso quintal (para entrar “um pouco de ar”), colocou travesseiros extras em minha cama e me disse, com um ar entre alegre e constrangido:

– Pode ficar tranquila, “Corrinha”, que vamos ser boas companheiras de quarto. Quando precisar, chame, que Gertrude vem rápido como um raio.

Tentei sorrir para ela, mas a dor era triste. Agora sim ficaria um longo tempo dentro de casa, sem ter sequer a esperança de ver Justino de longe. A saudade dele continuava a me incomodar, às vezes até mais que a minha imobilidade. Tentava sem sucesso conseguir dormir, tarde da noite, quando notei uma luz no quarto, e esperei para ver quem seria. A linda Olívia me apareceu, os pés descalços não tocando o chão, como de costume. Tentei sorrir para ela, mas uma angústia forte me tomou o peito, e eu chorei como nunca tinha chorado antes, cuidando para não fazer barulho e acordar Gertrude. As lágrimas desciam de meu rosto, molhando meu colo, e ela se aproximou de mim, tentando se sentar ao meu lado. Por fim me disse:

– Pode chorar, Cora. Mas não deixe que essas lágrimas endureçam esse seu coração. Não perca a esperança, menina, que há muito ainda por vir nessa vida.

Olhando firme para os olhos castanhos claros dela, eu disse:

– Mas vou ficar manca, Olívia. Se Justino já não me quer agora, acha que vai me querer manca? Eu tinha um andar tão leve. Nunca mais andarei como antes!

Ela me olhou com carinho:

– Não seja tola, menina! Há muito que você não sabe. Acha que Deus a abandonaria? É certo que não andarás da mesma forma de antes, mas andarás! E se quer saber, pelo que algumas entidades que aqui já estiveram me contaram, a coisa não será assim tão séria. O farmacêutico vai ficar bem abismado com sua própria perícia – disse-me ela rindo um pouco. E continuou:

– Enquanto você dormia, nossos “médicos” daqui trabalharam muito para melhorar seu estado. O que ia ser um defeito sério, agora mal será notado.

Olhei para ela um tanto abismada:

– E isso é possível? Seus “médicos” daí me ajudaram?

Ela riu-se:

– É claro, tolinha. A fratura foi muito feia, conforme me contaram. Dormiu por um dia inteiro, não foi? Acha que sem eles teria conseguido? Sua nona ainda não sabe, preferimos assim, pois isso não faria nenhum bem a ela.

Refleti que preferia mesmo que ela não soubesse. Minha nona ia ficar muito zangada com o acontecido. Ela continuou:

– Não sei se devia dizer-lhe isso, mas ando lhe vendo tão tristonha que não consigo me calar. Justino não a esqueceu, Cora. O amor que ele lhe tem é verdadeiro, e vem de outras existências. Tenha paciência que as coisas se resolverão.

Dizendo isso, colocou-se de pé ao meu lado, séria como se não fosse a menina que aparentava.

– Vejo que ainda sente muita dor. Posso ajudar?

Curiosa, assenti com a cabeça. Antes que eu pudesse pensar em alguma coisa, ela colocou as mãos sobre minha fratura e vi emanando delas uma luz cor de prata, e a dor foi passando como por um milagre. Lágrimas me vieram aos olhos novamente, só que dessa vez de gratidão. Ela me olhou divertida:

– Melhor?

Assenti com um sorriso. Ela me respondeu:

– Ainda bem, com essas lágrimas todas achei que estava doendo mais... Brincadeira, tolinha! Agora tenho que ir, que, como sabe, tenho muito a fazer por lá. Tenha esperança!

Observei-a ir, leve como sempre. Observei também Gertrude se movendo na cama; ela me perguntou:

– Andou passando perfume, Cora? O quarto está cheirando a flor. Está com dores?

Era o cheiro de Olívia que tinha ficado no ar. Sabendo-a preocupada comigo, disse a ela:

– Não se preocupe, alemãzinha. Estou bem. E não sei de que cheiro é esse que você está falando.

Ainda cheia de sono, ela me respondeu:

– É... mas podia jurar...

E dormiu novamente. Não só a dor do corpo tinha passado, embora só momentaneamente, mas a dor do coração também tinha se aplacado em muito. Então, o amor de Justino era verdadeiro e ele ainda pensava em mim. Pensei comigo mesma que, só por saber disso, a fratura quase que tinha valido a pena.

Visitas

MEU PAI CHEGOU DOIS dias depois, num domingo, quando mal amanhecia o dia. Vinha carregado de mercadorias para as outras lojas da vila, e estava fazendo bons negócios com todos eles. Honesto e trabalhador, as pessoas confiavam nele e em seu nome de família, bem construído pelos meus nonos.

Da cama o ouvi chegar, embora quisesse correr pra ele como sempre fazia, mantive-me quieta, pois temia a dor que sempre aparecia quando eu fazia movimentos bruscos. Bateu na grossa porta de madeira, a me chamar:

– Cora! Abra a porta que é teu pai.

Acordei Gertrude, que se encaminhou apressadamente para a sala, ajeitando a camisola longa e os cabelos em desalinho. Puxou a barra de ferro que dias antes tinha me atingido, e assim a porta se abriu. Ele entrou com os passos largos de sempre, e deu um sorriso cansado para ela:

– E então? Onde estão estas “dorminhocas”? Cora, venha passar um café para teu pai! Trouxe um presente.

Escutei Gertrude, muito sem jeito, dizer a ele:

– A menina “Corra” não pode levantar. Sofreu um “acidente”.

Senti a voz de meu pai um tanto exasperada:

– Acidente? Como? Ela quase não sai de casa! Algo com o fogão?

Ouvi a voz fraca de Gertrude tentando acalmá-lo:

– Nada disso, “seu” Adamo! “Parrece” que levou uma queda feia, no quintal.

Meu pai sempre tinha sido um homem educado, e nunca tinha entrado em meu quarto sem antes bater na porta. Pois dessa vez entrou, trajando ainda a

roupa de viagem, um chicote enrolado na cintura e o chapéu de couro na cabeça. Apesar do frio, transpirava, e me olhou na cama, coberta pelas mantas da nona, com muita preocupação:

– Que houve, Corinha? “Dio mi aiuti, cosa è successo qui?” (Deus me ajude, que aconteceu aqui?)

Vendo sua preocupação tentei me pôr sentada rapidamente, o que não aconteceu, pois as faixas me imobilizavam e a dor apareceu forte. Mesmo assim sentei-me um tanto torta, a cara torcida por uma careta de dor que tentei transformar em sorriso:

– Ui! Não se preocupe, pai Adamo! Foi só um tombo feio e o farmacêutico cuidou bem de mim. O único incômodo é que não poderei sair da cama por uns dias.

Ele me olhava penalizado, falando em italiano, como sempre acontecia quando se emocionava:

– “La mia povera figlia! Que dolore...” (Minha pobre filha, que dor!)

Apalpando-me, como que para ter certeza de que eu ainda tinha pernas, achou as faixas:

– “Perchè tutto bendato? Sul serio?” (Por que tudo enfaixado? É grave?)

Tentando me arrumar o mais rápido que pude, tentei tranquilizá-lo:

– Não se preocupe, pai. Eu nem vou perder a perna.

O tiro saiu pela culatra. Ao ouvir que eu podia ter perdido a perna, ei-lo a bradar meio em italiano, meio em português na minha frente:

– Mas, como “perdere” uma perna? Dio me guarde! Uma moça bonita como você. Como aconteceu?

Pensava ainda no que dizer quando vi dona Regina parada na porta entreaberta, olhos bastante arregalados e um misto de medo e raiva nos olhos:

– Mas, quê! Não foi nada! É desastrada essa tua filha, caiu no quintal. Está é “aumentando” a gravidade da coisa!

Ele a olhou desconfiado:

– Nunca vi Corinha acamada antes. Sempre foi a primeira a levantar, junto com minha mãe e não me lembro de uma só queixa dela. Não pode,

de forma nenhuma, acusá-la de preguiça. E se o farmacêutico disse que devia ficar deitada, assim ela ficará.

Dando-me um beijo na testa e um sorriso, ele se retirou dizendo:

– Precisando de algo, grite que eu apareço. Vou conversar mais tarde com o farmacêutico, para saber da gravidade da coisa.

Passou por Regina no passo largo de sempre. Ela me olhava num ar de ameaça, temendo que eu contasse, mas eu me calei. Pude ouvir meu pai chamando-a:

– Regina! Ande mulher! Esquentá já a água para meu banho e me prepare o café. Deixe Gertrude tomando conta de Cora, e venha atender seu marido!

Tive vontade de rir ao pensar na gorda Regina, que nunca sequer tinha esquentado uma água, ter que lidar com a cozinha. Embora tivesse a origem muito humilde, não era prendada a minha madrasta. Gostava de bordados, mas era só. Fiquei curiosa de ver como ela se arranjará com as dezenas de encomendas, e perguntei a Gertrude:

– Gertrude, agora que estou acamada, como ela vai fazer com as encomendas? Tínhamos muitas, lembra?

Satisfeita, pois meu pai tinha ordenado que ela ficasse ao meu lado, ela me respondeu como se estivesse apreciando a situação:

– Ach!!! Mas então não sabe? Pois vou lhe contar, que isso me anda deixando irritada: sua madrasta dizia que era ela que fazia as encomendas à noite, enquanto você tomava conta de Enrico. Ficou com fama de cozinheira talentosa, a “bandida”, que mal sabe cozinhar ovos.

Achei graça. A vaidade dela chegava a ser um tanto tola.

– E como fará agora, comigo aqui? Que desculpa anda dando ao povo?

Ela sacudiu os ombros:

– Acha que se aperta, aquela lá? Disse que como tem que cuidar de você o tempo “inteiro” não pode mais dar conta das encomendas. Está perdendo um bom dinheiro, a “ogra”.

Achei graça do “ogra” e ponderei que a maldade de Regina tinha recebido seu troco. Sem mim, tinha que cuidar de Enrico e da comida da casa o tempo inteiro, sem falar no dinheiro que perdia por falta de minhas

encomendas. Depois de tomar seu banho, vi meu pai se arrumar e passar pelo meu quarto.

– Hoje é domingo e eu vou só até a casa paroquial buscar o padre para “saber as novidades”, como dizem por aqui. Mas depois vou querer falar com seu Evilásio: nunca vi um tombo causar tanto estrago, e quero saber quanto tempo você leva pra se recuperar.

Dito isso, deu-me estalado beijo na testa, recomendou novamente à Gertrude que cuidasse de mim, e foi-se. Lembrei-me do domingo passado, em que eu tinha ido à igreja depois de longo tempo trancada em casa. Pensei que demoraria até que eu saísse de novo, e suspirei contrariada: queria tanto sair um pouco e tentar ver Justino ainda que de longe. Olívia tinha dito que eu tivesse fé, e eu tinha, mas a saudade continuava a apertar o meu peito.

Distraída, passei os olhos pelos móveis de meu quarto e acabei pensando em Enrico, de quem eu escutava os chamamentos e o choro sem poder atender. Pedi a Gertrude que fosse olhar como estava o menino, pois tinha uma grande preocupação de que Regina, com sua falta de paciência, magoasse-o. Percebi que ele nunca andaria, e eu que estava a poucos dias sem poder andar calculei como seria triste passar a vida inteira sentado, dependendo da ajuda alheia, sem sequer poder dar um passeio.

Minha amiga alemã me trouxe o pequeno, que parecia bem sujinho e precisando ser trocado. Ao me ver ele finalmente sorriu e pôs-se a me chamar. Gertrude me contou que ele não estava comendo direito desde a minha “queda”, e que Regina estava tão atarantada a fazer o meu serviço que ralhava com ele por qualquer coisa. Pedi que lhe desse um banho e o trouxesse para mim. Resolvi não ouvir os conselhos de seu Evilásio, e arrumei para ele, do meu lado da cama, um nicho onde ele ficou confortável. Colocando um travesseiro entre mim e ele, para proteger a minha perna machucada, pedi finalmente alguns biscoitos e leite morno, que ele comeu satisfeito e dormiu.

Não demorou muito e vi Regina andando apressada, suando muito apesar do frio, os cabelos que antes andavam presos no alto da cabeça agora com mechas soltas, alguns fios brancos descendo em desalinho. Passou esbaforida em direção à cozinha, chamando alto por Gertrude, que foi ver o

que ela queria. Fiquei assim finalmente só com Enrico adormecido, ouvindo os sons da casa, as broncas que ela dava em Gertrude, chamando-a de preguiçosa e incompetente. Pensei que quando havia chegado àquela casa, aos meus cinco anos de idade, Regina ainda tinha alguma beleza. Se não era magra de todo, tinha ao menos certo porte, e o rosto de traços bem feitos ainda era realçado por uns cabelos bem cuidados. Incrível como tinha modificado as feições com o passar dos anos: sequer lembrava a mulher jovem que eu um dia tinha conhecido.

A postura, sempre muito rígida, tinha lhe dado feios vincos entre as sobrancelhas. A gordura em excesso desfigurou o queixo e o formato do rosto. Lembrei-me da nona, que apesar da idade avançada conservava os mesmos traços da juventude. Ela brincava que ainda entrava em seu vestido de noiva que tinha trazido da Itália, e meu nono orgulhava-se muito da mulher que tinha consigo. Prometi a mim mesma seguir o exemplo de minha nona, ao invés do de minha madrastra: se me casasse algum dia, cuidaria de minha aparência para não desgostar meu marido.

Pensei em padre Elvídio que me falava sempre no amor do Cristo e em seu perdão. Não tinha raiva de dona Regina, meu coração meio índio não guardava rancor, mas não havia o que me fizesse gostar ou apenas confiar nela. Seria pecado? Sentia-me culpada por não ser mais próxima dela.

Como sempre ouvindo os meus pensamentos, Olívia me respondeu como se estivesse ali há longo tempo:

– Não é pecado nenhum, Cora. Com algumas pessoas nos sentimos bem, com outras, nem tanto. São naturezas diferentes, algumas vezes até quase contrárias que se encontram durante a vida: aqui e no plano espiritual. Apenas o tempo e o amor divino as aproximam, mas não tem como se sentir próxima de uma pessoa tão diferente, assim como elas até podem fingir, mas não se sentirão próximas de você.

– São inimigos nossos de outras existências?

Ela sorriu, com sua paciência rotineira:

– Nem sempre. Algumas pessoas gostam de imaginar isso, mas isso não depende apenas de encarnações anteriores. Claro que a inimizade nunca deve ser cultivada, assim como a vingança e o ressentimento, mas algumas almas realmente não nos trazem nenhuma empatia, pelo sentimento que

carregam consigo, pelos valores que cultuam, pelo desenvolvimento espiritual. No seu povo indígena não há assim tanta malícia, mesmo porque não existem tantas diferenças sociais, logo, há muito menos inveja, e que dirá fingimento.

Tentei sentar-me, ainda com alguma dor. Criada no seio de minha família por pessoas bondosas como meus nonos, meu tio e meu pai, estranhava bastante quando notava algum fingimento alheio. Aliás, quase nunca eu o notava, sendo que minha nona é que me alertava, às vezes. Lembrei-me de situação engraçada que tinha ocorrido uma vez em nossa venda, quando uma cliente vestindo roupas caras pôs-se a contar para minha nona sobre como seu marido estava indo bem nos negócios, sobre as coisas de valor que tinha em casa, e como o marido a mimava sempre com presentes. Não era uma senhora bonita, e eu fiquei muito feliz dela ter um marido tão atencioso e de tantas coisas belas. Minha nona a ouvia pacientemente, enquanto ia colocando algumas mercadorias no lugar nas prateleiras. A senhora se despediu, e minha nona, com um suspiro de alívio, me disse:

– “Dio mio, che donna sdraiata” (Meu Deus, que mulher mentirosa!)

– Mentirosa por quê, nona? – perguntei.

– Vive fazendo contas na cidade inteira, e o marido, comerciante de cavalos, está longe de ter boa situação. Ela gasta demais porque gosta de aparentar o que não é. Conheci quando pequena, era pobre, mal tinha para os sapatos. Agora gosta de “arrotar grandeza”.

De olhos muito arregalados eu a ouvia. Então a mulher tinha mentido em certas coisas.

– Bem, pelo menos ela tem um marido apaixonado – eu disse.

Minha nona virou os olhos pro alto, como se dissesse: “santa ingenuidade”. Olhando-me bem nos olhos, me disse:

– “Cora de mio cuore”, sei que seu coração não é dado a falsidades, e eu não falaria isso com outra pessoa, mas muita gente gosta de agir como se a sua vida fosse outra. Na realidade, o marido dela há tempos reclama com o seu nono da mulher, e já anda “arrastando a asa” para outra.

Sorri me lembrando da minha cara de espanto. Que gente complicada! Não via motivo para tanto fingimento. Acompanhando meu raciocínio e

lembranças, Olívia sorriu.

– Algumas vezes, Corinha, a simpatia e a antipatia entre os espíritos vem de longa data. Nunca aconteceu de olhar uma pessoa e imediatamente gostar dela?

Tive que sorrir ao responder:

– Claro. Com Justino mesmo foi assim, desde criança simpatizei muito com ele. Mas com certas pessoas não consigo me comunicar direito. Às vezes sinto que moram em “planetas diferentes”.

Ela me olhou pensativa:

– É verdade, parece mesmo, não? Certas pessoas apesar de estarem do nosso lado, fisicamente, parecem inatingíveis mesmo à nossa bondade e boa vontade. É preciso ter paciência com elas, Cora. Seria muito fácil termos paciência apenas com nossos iguais.

Refleti que ela estava certa, e ela continuou:

– Pense no sofrimento que não era a vida daquela pobre senhora que tanto orgulho e vaidade mostrou à sua nona. Acredita que ela se sentisse mesmo daquela forma? Viver na mentira custa um enorme esforço, e exige uma vigilância contínua, pois uma mentira pode ser exposta quando menos se espera.

– E por que mentem dessa forma, Olívia?

Ela sorriu:

– Cora, a mentira é filha do medo na maior parte das vezes. Você tem dificuldade de entender isso porque sempre se aceitou tal como é, nem melhor nem pior do que ninguém, coração aberto para o aprendizado. Elas têm medo da verdade porque não gostam dela, e teriam que trabalhar muito para que ela lhes fosse aceitável. Coisas boas e verdadeiras custam esforço e humildade.

Ela caminhou com seu jeito peculiar, meio anjo, meio menina:

– Na realidade, pessoas que se acreditam melhores que as outras estão sempre a um passo da decepção. Os sentimentos exacerbados sobre a própria importância só causam dor a elas mesmas e aos outros.

De repente, ela parou no meio do quarto, me olhando divertida:

– Já falei muito por hoje. Deve descansar porque hoje receberá uma visita de um bom amigo.

E mal disse isso, se foi. Reparei num cheiro de flor que realmente ficava no quarto. Acostumada que estava com Olívia, já nem notava mais. Um bom amigo? Quem seria? Curiosa, arrumei um pouco os cabelos, e tentei me recostar: era difícil conseguir uma posição adequada, sem dor. Não demorou muito, Gertrude entrou no quarto, o frasco de âmbar em uma das mãos, um copo de água na outra:

– Está na “horra” de remédio, “Corrinha”. Que perfume é esse? O mesmo de ontem à noite!

Dito isso, carregou Enrico, adormecido, para que se alimentasse. Só pude responder:

– Não sinto perfume nenhum, Gertrude. Mas deve ser do “malão” em que minha nona guardava a roupa de cama.

Pedi um espelho para poder me ajeitar. Daria tudo para ir até o quarto de banho, mas parecia impossível. Pedi então a Gertrude que me trouxesse umas toalhas menores, e uma bacia de louça onde coloquei umas gotas de perfume na água e um pouco de álcool. Depois de muito esforço, finalmente consegui me sentir limpa.

Quem me visitaria? Seria Justino, finalmente? Acreditei que não, muito embora não conseguisse descobrir o porquê dele ter me abandonado. Minha resposta apareceu umas duas horas depois, com o rosto redondo e bem-humorado de padre Elvídio aparecendo na porta de meu quarto. Imensa alegria me deu ver o meu bom amigo.

– Corinha! Mas que bonita está! Nem parece doente. É certo o que andam falando pela vila, que você caiu e quebrou a perna?

Nunca tinha gostado de mentir, mas ver meu pai brigando com a mulher de quem já não gostava, e pensar que uma rusga mais séria com Regina atingiria Enrico, me deixou receosa. Embora contrafeita, respondi:

– É verdade que me machuquei, padre. Mas o seu Evilásio acha que ficarei bem.

Ele olhou desconfiado, como se quisesse ver por baixo das cobertas:

– Muita dor? O farmacêutico disse que você teve grande sorte de não

perder a perna, que nunca tinha visto uma fratura tão feia.

– Ainda dói um pouco, mas os remédios dele têm me ajudado a suportar. Seu Evilásio é mesmo uma boa pessoa, mas não se preocupe comigo, padre. O que me deixa triste é que posso ficar manca... bom, pior seria perder a perna.

Vi o rosto comprido de meu pai pela fresta da porta. Vendo o padre, ele sorriu e disse:

– Mas, mesmo doente continua bonita, não é padre?

Disse e saiu. Ficava feliz quando meu pai tinha orgulho de minha aparência. Toda vez que me apresentava a alguém, parecia “inchar o peito” e dizia: “Minha filha: se chama Cora, como minha mãe.”

Padre Elvídio me sorriu meio cúmplice:

– Obrigado pela “fregolata”. Estava uma perfeição. Não me canso desses doces italianos, parecem ter uma mágica, que a gente acaba de comer, e ainda quer mais um pedaço. Com que então era você mesma que fazia as encomendas, não? Sabia que não era coisa de Regina, como ela falava.

Sorri para ele, achando graça de pensar em dona Regina na cozinha. Estava tendo dificuldades agora, já que sua cozinheira estava acamada por conta dela mesma, e a falta de experiência, aliada à falta de talento, produzia algumas coisas intragáveis, que meu pai, Gertrude e eu tentávamos engolir sem muito sucesso.

– Para cozinhar bem é preciso amor, padre. Amor e vontade de aprender. Quer dizer que ela dizia mesmo que era ela quem fazia as encomendas?

Padre Elvídio riu-se:

– Como não me foi contado em confissão, posso dizer que sim. As pessoas desconfiaram, mas ela disse que passava a noite toda trabalhando na cozinha para dar conta dos pedidos. Como é muito gorda, as pessoas até acreditaram, pois como você sabe, mulheres mais “nutridas” costumam ser boas cozinheiras. É incrível o que se fala por essa vila, que aliás anda crescendo bastante. Gosto do povo italiano embora descenda dos portugueses. Mas, como são “comunicativos”, não?

Fui obrigada a rir, embora com cuidado por conta da perna. “Comunicativos” sem dúvida era uma definição “bondosa” dada pelo bom

padre. Embora tenha sido sempre discreta e contemplativa, amava o jeito de meus parentes italianos. O bom coração e a generosidade também eram características de boa parte do povo da vila. Gostavam de festas, coisas coloridas como bandeirolas, brigavam alto, falavam muito, riam e choravam com facilidade. Quando viam um amigo que andava meio “desaparecido”, era sempre uma alegria ruidosa, regada a um bom vinho e muitos petiscos. Era um povo trabalhador e eu me orgulhava muito deles. Lembrei do último sermão que tinha visto com o bom padre, e não pude deixar de perguntar:

– Padre, sei de seu jeito de ajudar os fiéis quando nota algo de errado que está acontecendo. Seu último sermão foi sobre hipocrisia e maledicência. Está com problemas na paróquia?

Lembrava-me, claro, das palavras de minha nona. Sabia estar acontecendo algo, mas não sabia o quê. Ele me respondeu quase que fugindo do assunto, educado como era:

– A maledicência é como um monstro da antiga Grécia, chamado a “Hidra de Lerna”. Um amigo me disse isso e eu nunca esqueci, pois a comparação foi perfeita. Conhece a história de Hércules, o herói grego?

Era uma das preferidas de meu nono, que gostava de contá-la, exagerando na força do herói grego. Lembrava de uma envolvendo um leão de força descomunal, chamado de “o Leão da Nemeia”, e de alguns outros “trabalhos” que ele tinha executado. Mas não conseguia me lembrar da “Hidra de Lerna”, e então, como amava histórias, pedi a padre Elvídio que me contasse. Ele animou-se logo, e pôs-se a falar com sua voz bem modulada:

– Como nossos amigos italianos, eu adoro os clássicos da literatura. Pois bem, a Hidra de Lerna era um enorme dragão que aterrorizava o povo de uma pequena região grega, pois dizem que gostava muito de carne humana. Os camponeses viviam apavorados e então começaram a procurar um herói que pudesse acabar com o tormento. Só o hálito da besta, que tinha nove cabeças, já era venenoso demais. Chamaram então Hércules para que finalmente o monstro fosse liquidado.

Interessei-me bastante, embora achasse meio exagerado um dragão de nove cabeças, mas como a história parecia interessante, continuei ouvindo.

Padre Elvídio me contava animado:

– Pois acha que seria fácil derrotar tamanha besta? O pior veio depois, pois Hércules notou que quando decepava uma cabeça, nasciam duas no lugar, tornando então o monstro ainda mais poderoso. Por isso, chamou a um amigo e pediu que lhe trouxesse uma enorme brasa, e na medida que decepava as cabeças, já também cauterizava a ferida, para que não nascessem outras mais. Por fim, chegou à última cabeça, que todos sabiam ser imortal: decepou-a e a enterrou viva para que não fizesse mal. Dos doze trabalhos do herói grego, esse sempre me chamou a atenção.

Olhei para ele curiosa:

– E por que o senhor compara a maledicência à Hidra de Lerna? Por que é também um monstro?

Ele sorriu:

– Sim. Mas o problema desse monstro era ser quase que incontrolável. Assim é a maledicência, quando achamos que a controlamos, ela se multiplica e fica incontrolável. O ser humano é cheio de grandes realizações, Cora. Mas também é capaz de grandes maldades. Nunca ouviu aquele dito popular: “quem conta um conto aumenta um ponto”?

Fiz que sim com a cabeça. Minha nona também não gostava de falatórios e sempre tinha muito cuidado ao falar da vida de outras pessoas. Dizia, sabiamente, que toda moeda tem dois lados, e que nem sempre conseguimos enxergar os dois.

– E quem anda sendo vítima de maledicência, padre? Alguém que conhecemos? Sabe que nunca saio de casa, e gostaria de ajudar.

Ele sorriu triste. Baixou os olhos claros sobre o peito e pareceu pensativo. Finalmente me respondeu:

– Coisas que me contam em segredo de confissão não devem ser ditas, como bem sabe, Corinha. Mas a maldade humana nunca vai deixar de me surpreender. Como sabe, tenho muitos anos de vida e a minha experiência me diz que a verdade sempre acaba aparecendo. Só espero que não apareça muito tarde.

Entendi que ele não me diria. Educado e polido demais, nunca passaria adiante um comentário maldoso. Falamos de outros assuntos, até que meu

pai surgiu novamente na porta, requisitando a presença do amigo:

– E então, padre? Pronto para um bom vinho?

Ele sorriu e se levantou dizendo:

– Sempre!!

Revelações

PREOCUPADO COMIGO, MEU PAI conversou com o farmacêutico, que também lhe disse sobre as suas dúvidas quanto ao meu “acidente”. Soube por Gertrude que as pessoas na vila comentavam “à boca pequena” sobre o ocorrido, e as desconfianças eram grandes. Os italianos eram um povo ardente, com gosto por festas e reuniões, falador (tudo era motivo de comentário e muitas vezes discutido), às vezes até meio violento (os ciúmes e pequenas disputas eram comuns), mas amavam muito os filhos, numa relação que perdurava pelo resto da vida.

Ainda que discutissem (e discutiam), tinham real amor pela família. Era comum ver como corrigiam suas crianças (alguns bons tapas no traseiro e, às vezes, na cabeça, eram bem comuns, assim como beliscões), mas não os machucavam nunca, e quando os pequenos estavam doentes não havia mães mais extremadas, nem em seus cuidados, nem em suas novenas. Logo, a notícia de minha “agressão” não ficou bem para Regina, que ainda por cima tinha perdido a fama de “doceira”.

Muito embora eu mantivesse a versão de que tinha “caído” à porta da cozinha, as marcas da barra de ferro na minha pele eram claras e inequívocas. O relacionamento dele com a mulher, que já não era dos melhores, piorou muito, e Regina viveu “uns dias de purgatório” tendo que dar conta da casa, de banhar e alimentar Enrico, e ainda cozinhar para a família. Por incrível que pareça tive pena dela, principalmente pela forma com que meu pai a tratava, na rédea curta, às vezes com ofensas. Sentia nos olhos de minha madrasta um ressentimento misturado com ódio que era difícil de ser disfarçado, e que eu sentia que explodiria a qualquer momento.

A cicatrização demorou, pois a ferida tinha sido funda e com fratura. No

inverno do Sul do país doía ainda mais a calcificação do osso partido, mas não reclamei. Ao fim de uma semana já colocava Enrico na cama comigo e o alimentava com paciência, já que ele não queria saber da mãe, sempre irritada com tudo. No entanto, apesar das visitas do farmacêutico e das doses diárias de remédio, demorei quase um mês para me sentar na cama sem dor. Meu pai, vendo-me já um tanto restabelecida, veio ter comigo em meu quarto e se despedir. Chegou batendo de leve na porta, sorrindo para mim e Enrico, que estava ao meu lado:

– Cora, tenho me demorado aqui por tua causa, acha que posso viajar novamente?

Olhei para ele com carinho, imaginando a falta que não devia sentir de suas viagens:

– É claro, pai. Quase não sinto mais dores, e de acordo com seu Evilásio em pouco tempo poderei começar a andar de novo. É certo que mancarei um pouco, mas só de poder andar novamente já me sinto feliz.

Ele sentou-se na beirada de minha cama:

– Devo voltar em duas semanas, não mais. Os comerciantes daqui já contam com as minhas viagens e estão reclamando da falta de mercadoria. Quem diria que me daria bem apenas no transporte ao invés de vender diretamente?

Era verdade. Apesar do fracasso de Regina na venda, os tempos de “vacas gordas” estavam voltando, graças ao trabalho e à honestidade de meu pai. Sentia grande falta da minha cozinha e do aroma das especiarias já tão minhas amigas.

– Eu te entendo, pai. Também me custa ficar aqui deitada. Não fossem as dores eu já estaria de volta às minhas panelas. Não sei como tem gente que aguenta a inatividade! Minha nona ensinou-me bem: nada como o trabalho para preencher as nossas vidas.

Notei nele um leve franzir de sobrancelhas, e depois senti a sua mão forte e calejada das cordas da carroça em cima das minhas:

– Sei que não gosta que se fale nisso, mas tenha cuidado consigo mesma. Não quero saber de mais “acidentes”! É a minha filha querida, Cora, e prefiro me ver acidentado a que algo lhe aconteça. Já falei também com sua

madrasta, para que ela “evite” a todo custo dar trabalho pesado a você. Sabia que seus doces têm feito muito sucesso? Agora, todos já sabem que são seus. Regina tinha umas “ideias tortas” de que eles não gostariam de “doce de índia”, mas agora todos já me perguntam quando você vai voltar a cozinhar.

Sorri satisfeita. Que bom que gostavam de meus doces! Eu os fazia realmente com amor e arte, devia ser por isso que agradavam tanto. Por fim, ele me deu estalado beijo na testa, acariciou a cabecinha de Enrico e se foi, junto com Pedro, que também já estava angustiado de tanto ficar na vila.

Depois da saída de meu pai senti o ambiente na casa ficar menos tenso. Por mais que o amasse ficava preocupada com as suas brigas constantes com a mulher, pois Enrico, que nada entendia, assustava-se bastante. Assim que ele saiu, Regina veio até o meu quarto e me olhou com antipatia:

– Ainda vai ficar de cama muito tempo? Nunca vi uma moça tão preguiçosa! A seu pai você engana com essa história de “sinto dores”, mas agora, que ele já viajou, vamos voltar à atividade! Chega de sossego, dona Cora!

Olhei pra ela de forma firme, e ela se calou abruptamente. Apenas disse:

– Pois é bom que se lembre que ele viajou, mas que ele volta. Caso me aconteça um “outro acidente” as coisas podem ficar difíceis não só para mim.

Fazendo de conta que não me ouvia, Regina dirigiu-se para a cozinha. Grandes trouxas de roupa tinham se acumulado e a pobre Gertrude não tinha como dar conta. Pensei comigo mesma em levar para a cozinha uma cadeira da sala, mais alta, para que assim eu pudesse novamente voltar a fazer meus doces e encomendas. Aproveitaria para estudar mais o caderno de receitas da minha nona, e assim inventar umas coisas novas. Amparada pela minha amiga alemã, coloquei na mesa o caderno, algumas colheres de pau, e fui pedindo a ela os ingredientes que estavam mais longe, na despensa. Vendo-me animada a cozinhar novamente, ela me sorriu:

– Vai cozinhar de novo, “Corra”? Que bom! Que vai fazer hoje?

Olhando atentamente o caderno de minha nona finalmente me decidi: faria uma “padellina”, um pudim de pão com limão e queijo branco. A receita não me parecia difícil e ao menos eu tinha todos os ingredientes.

Que bom era sentir novamente a textura da farinha, o cheiro das frutas!
Apesar da saudade de Justino, me senti quase feliz.

Aos poucos fui me recuperando, e já conseguia dar alguns passos ao final de mais uma semana. Eu e Gertrude estávamos animadas na cozinha, e assim sendo, Regina reabriu a venda colocando nas prateleiras doces novos. Não demorou muito, os olhares ávidos começaram a surgir novamente, atiçados pelo cheiro das guloseimas que atravessava as ruas. Vindo de algum bairro pobre, em direção à praça, padre Elvídio parou na frente da venda e entrou na casa, gritando para que eu o ouvisse:

– Valha-me Deus, Cora! Cozinhando novamente? Não se esqueça de seu velho amigo padre!!

Sentada à mesa, um tanto afogueada pelo forno, acenei para ele também. Que bom voltar à vida! Levantava-me sozinha agora, embora precisasse de uma muleta. Agradei aos céus minha recuperação, e tirando uma pequena dor no final do dia, eu estava me sentindo bem. Ao final de mais uma semana, Gertrude veio para mim com ares de quem queria me dar um recado:

– “Corra”, pediram que lhe dissesse algo.

– Quem pediu? – indaguei curiosa.

– Padre Elvídio manda perguntar por que não vai ainda à missa.

Perguntou se ainda não pode andar bem.

Estava andando sim, com a graça do Senhor, mas me cansava ainda com facilidade e a feia muleta não me animava a sair de casa. Temia encontrar Justino pela rua, e não ia querer que me visse ainda tão manca. Seu Evilásio tinha me garantido que eu ficaria melhor, e era isso que eu estava esperando.

– Ainda manco muito, Gertrude. Tenho vergonha de andar assim pela rua. Quando melhorar, irei.

Ela me pareceu um pouco contrafeita com a resposta. Depois de pensar um pouco, me perguntou:

– Quando chega seu pai? Esse final de semana?

– É provável. Dessa vez ele ia ainda mais longe, com Pedro, atrás de umas encomendas da Lavínia, da loja de miudezas. Sabe como essas

italianas adoram uma lã nova...

Ela sorriu, no rosto pequeno a alegria dela me contagiou um pouco:

– Pois atenda ao bom padre. Me disse que era importante que você voltasse às missas. Se dona Regina deixasse, eu mesma ia levando você, pois como você, sou “magrinha”, mas sou “forte”.

Imaginei a pequena alemã a me levar pelas ruas da vila e não gostei da imagem. Ela era bem miúda, enquanto eu era alta para as moças da vila. Ia ser engraçado se conseguíssemos chegar a algum lugar sem provocar risadas. Ela continuou:

– Peça a seu pai ou a Pedro para levá-la na carroça. Assim não precisa caminhar pelas ruas. Tenho certeza de que ele leva você.

Eu tinha perdido muito peso com o tempo que havia ficado na cama. Quando me olhava no espelho não via mais a moça forte e robusta de antes, mas uma moça abatida, os olhos verdes tomando quase todo o rosto.

– Não quero sair, Gertrude. Estou feia de tão magra, meus vestidos nem me servem mais direito. E ainda por cima estou manca!

Gertrude me olhou com impaciência:

– Bobagens, menina “Corra”! Nunca estive tão linda, parece até uma fada com esse cabelo negro e a pele clara! Quanto a seus vestidos, deixe que eu os arrumo, é só escolher um.

Estranhando muito aquela insistência, pensei num vestido meu antigo, verde. Estava meio “fora de moda”, mas com uns apertões aqui e ali, poderia ficar bom. Nunca tinha tido muito busto, como as conterrâneas italianas, mas tinha a cintura fina e bem marcada, os quadris largos que em minha aldeia eram tão valorizados. Pela primeira vez em muito tempo me senti vaidosa. Desde que Justino tinha deixado de me procurar eu mal passava um pente nos cabelos... aquilo tudo, sei lá por quê, me animou.

As encomendas tinham voltado ainda com mais força, e Regina tinha quase recuperado o bom humor. Gertrude me disse que ela estava juntando “um bom dinheiro” com tudo aquilo, o que a deixava com mais disposição. Se eu ia à missa, queria pelo menos uma fita nova para meus cabelos, e Gertrude precisaria de linhas para fazer o ajuste nos vestidos, assim pensando, fui ter com ela na venda, o que muito a surpreendeu:

– Que faz aqui, Cora? Nunca aparece.

Olhei para as prateleiras que eu tinha enchido pela manhã com biscoitos, e que já estavam meio vazias.

– Parece que as vendas vão bem... preciso de dinheiro.

Ela levou um tal susto que chegou a perder um pouco a cor:

– Como assim? O que lhe damos em casa e comida não basta? Acha que custa pouco manter uma moça como você?

Mantive a minha postura. Trabalhava de manhã até a noite, e tinha direito a algum dinheiro. Insistiria, não tinha medo nenhum dela.

– Preciso de dinheiro para comprar umas fitas, umas linhas e um pouco de colônia, que a minha faz meses que acabou. Se não me der, faça você mesma suas encomendas.

De pálida, ela se fez rubra de raiva. Senti uma vontade de rir olhando a face daquela gorda senhora assim encurralada, sem saber o que responder. Depois de alguns resmungos, ela respondeu:

– Fitas? Linhas? Colônia? E para quê? Desde o seu “acidente” não pode sair de dentro de casa, pois está manca e mal anda direito. Para que quer esses luxos?

Pensei que sabia muito bem o que tinha me deixado manca, e pela primeira vez na vida tive vontade de usar minha muleta como arma, mas me contive:

– Para que quero é problema meu. Meu pai deve chegar amanhã ou depois, e se eu pedir a ele me dará de bom grado até mais do que preciso. Mas trabalho muito aqui, e tenho o direito de receber algo. Vai me pagar?

Assim, lembrada da presença iminente de meu pai, ela perdeu toda a força. Pegou de dentro da gaveta da venda algumas notas meio amarrotadas e me deu de má vontade.

– Tome. Mas não se acostume com isso. Não quero aborrecer seu pai, mas lembre-se que temos encomendas a entregar hoje à tarde e amanhã cedo.

Peguei o dinheiro e fui para a cozinha entregar à Gertrude. Que luta para conseguir ser paga! Ao ver o dinheiro Gertrude animou-se:

– Agora sim! Eu “vai” comprar muitas fitas, linhas bem lindas!

Pensei na minha colônia, e pedi a ela:

– Não se esqueça da minha água de rosas! E compre algo para você também. Acha que dá?

Contando as amassadas notas sob a luz do sol, ela me respondeu sorrindo:

– Claro, claro. Vou comprar umas fitas para “eu” também. Posso? Como fez para que a “ogra” desse dinheiro?

Rindo muito, respondi:

– Achei que ela fosse ter um ataque de nervos quando pedi o dinheiro, mas depois, quando disse que não ia mais trabalhar e que meu pai chegava logo, ela me deu. Compre as fitas que quiser, Deus sabe o quanto você merece!

Minha amiga alemã saiu dando pulinhos de contentamento, e voltou com pequenos embrulhos que colocou em cima de sua cama, muito animada. Como gostava de costuras a minha boa Gertrude! Os olhinhos castanhos brilhavam de contentamento e ela me fez vestir o traje verde para fazer uns acertos. Eu havia mesmo perdido uns centímetros no quadril e na cintura, mas ela me disse que eu “ficaria mais elegante”. Eu olhava a roupa sendo reformada sobre a cama e não me animava: manca como estava, que graça teria tudo aquilo? Uma lágrima teimou em aparecer nos meus olhos e eu me isolei um pouco, quando finalmente ouvi uma voz maviosa aos meus ouvidos, que me pareceu ser de Olívia:

– Todos os seus passos continuam belos, Cora, pois com a sua bondade eles levam você a Deus. Não se preocupe com coisas pequenas e não deixe de ir à missa.

Um tanto assustada, sorri e agradei as palavras de minha amiga espiritual. Minha pequena vaidade estava finalmente confortada: era verdade, a beleza está na alma, e nos passos que damos. Enxugando o rosto, fui olhar meu pequeno e amado Enrico, que dormia perto do fogão. A primavera começava a chegar, trazendo flores às árvores de nosso quintal, e ele logo veria as margaridas de que tanto gostava. Pensei com carinho no meu pequeno menino que nunca andaria, de muletas ou sem elas. Tanta dificuldade ele tinha, de falar, de entender, de andar. E no entanto, ainda

assim era tão bem-humorado, ficando zangado apenas quando me colocavam longe dele. Por ele eu nunca contaria a meu pai das faltas de Regina, por ele eu me calaria quantas vezes fosse preciso. A vida limitada não tinha arrefecido o ânimo do meu menino, e quando eu cozinhava, na maior parte das vezes, era nele que eu pensava: não havia tigela que ele não erguesse as mãos para pegar, passar os dedos e os colocar na boca, cheios de sabores novos. Quando eu fazia doce de leite ele já esperava, sentadinho no chão, pacientemente, até que ficasse no ponto certo. Pedia minha colher de pau com seus gestos limitados, mas cheios de alegria. Pequenas coisas para Enrico eram uma vitória grande: ainda não formava frases inteiras, mas comunicava-se já com dezenas de pequenas palavras. As dores que sentia o deixavam entristecido, e assim, eu pedi ao farmacêutico algo para que elas cessassem. Seu Evilásio me deu o mesmo potinho âmbar, recomendando para que nunca excedesse a dez gotas por dia, pois seria muito forte para o menino.

Guardei o frasco em meu malão, usando somente quando ele reclamava muito, pois o remédio dava nele um sono pesado que me assustava. Usava no máximo quatro ou cinco gotas por dia, e assim ele se sentia melhor. Regina, vendo aquilo, perguntou-me para que servia, e eu expliquei que Enrico tinha grandes dores pelo atrofiamento dos músculos, e aquilo o acalmava facilitando seu sono. Para meu espanto, ela me disse:

– Não sei a quem puxou esse pequeno! Na minha família nunca houve aleijados antes. Esse menino só atrapalha! É chorão, e nunca aprende nada! Parece até castigo de Deus.

Olhando firmemente para ela, eu disse:

– Não gosto que chame de aleijado o seu próprio filho. Enrico é um menino muito doce, e muito mais esperto do que imagina.

Ela deu uma risada amarga:

– Até parece que ele entende o que eu falo! Você mima demais esse menino! Quando você se acidentou eu quase me vi louca: não queria comer, chorava o tempo inteiro. Se eu mesma não o tivesse parido, não acharia que era meu filho.

E era mesmo verdade. Decepcionada, talvez, com a deficiência do menino, Regina, que durante o primeiro ano tinha sido mãe extremada (até

mesmo ciumenta), tinha deixado o menino de lado, como se tivesse “enjoado” de um brinquedo que não funcionava direito. Com isso, Enrico tinha se apegado a mim, e eu me lembrei de uma conversa que tinha tido com Justino pouco antes da morte da nona. Ele queria se casar rápido, pois não via motivo para muita espera, e eu tinha relutado muito, pois não queria deixar Enrico sozinho com Regina na casa. Por fim, tinha dito a ele:

– Justino, a casa que vai comprar é bem grande e moraremos com sua mãe e seus irmãos. Se importaria se eu levasse Enrico?

Ele tinha me olhado curioso, como se aquilo nunca tivesse lhe invadido os pensamentos. E me respondeu:

– E a mãe dele? Acredita que ela aceitará ficar sem o menino? Afinal, é filho dela.

Respondi a sua pergunta de uma forma triste:

– Na realidade ela não se importa muito com o pequeno. Tenho medo que ela não saiba mais cuidar de Enrico, que depende de mim o tempo todo. Como sabe, Regina não tem bom gênio.

Ele pareceu pensar no assunto, me olhou demoradamente e me respondeu:

– Não acredito que ela deixe que o leve, Cora. Regina gosta de se fazer de “mãe cuidadosa”, não ficaria bem para ela perante a comunidade italiana deixar o menino.

Concordei com a cabeça, afinal sabia que ele tinha razão. A vaidade de Regina não deixaria que eu levasse Enrico.

– Sei que gosta do menino como se fosse seu. Acredite que eu o aceitaria de bom grado, pois até gosto muito dele. Não se preocupe tanto com isso. No futuro, Deus nos ajudará.

Tentei concordar com ele, mas meu coração estava apertado. Já tinha falado nisso com a nona, que tinha me aconselhado a esquecer o assunto, mas ver a forma como minha madrasta tratava o próprio filho, me amedrontava. Sempre que tinha que ficar com ele não tinha paciência com o pequeno, gritava muito e eu já o tinha visto com marcas de alguns beliscões, bem roxas. Assim, eu senti que adiaria o casamento o quanto pudesse.

Essas recordações agora me vinham à mente com tristeza. Nunca quis desagradar Justino, queria me casar tão cedo como ele, mas não tinha coragem de deixar Enrico entregue apenas à Regina. Minha ligação com o menino era imensa, e eu me sentia responsável por ele mesmo sem o ser legalmente. Que misteriosos são os laços do amor fraterno! E eu bem que sabia que sequer éramos irmãos.

Estava a me lembrar dessas coisas quando Gertrude entrou em meu quarto com o vestido verde abraçado a seu peito e o colocou na cama, estendendo-o. Era incrível o que ela tinha conseguido fazer com um vestido velho e já fora de moda: a saia, que antes era muito rodada, agora estava mais reta e elegante, assim como um tanto mais curta. O corpete do vestido estava ajustado às minhas formas mais esguias e uma renda o circundava dando um acabamento completamente diferente ao decote. Tive de dizer:

– Falam dos meus doces, mas que talento você tem para a costura, Gertrude! Tirando o tecido, o vestido está completamente diferente. E que moderno, não? De onde tirou o modelo?

Corada de satisfação, ela me respondeu:

– Vi umas revistas francesas na loja de miudezas. Ficou muito bonito, não? Vamos vesti-lo para fazer os ajustes.

Ajudada por minha amiga, eu o vesti sem muita dificuldade. Olhei-me no espelho de alfaiate e preendi a respiração: que elegante! Minha nona tinha mesmo razão, o verde do vestido combinava com os meus olhos e a brancura da pele, ficava muito bem. Estava ainda a me admirar quando ela me veio com outra surpresa: com as fitas que eu achava que ia usar no cabelo, ela tinha reformado um velho chapéu de missa de minha nona, que colocou delicadamente sobre a minha cabeça. Quando terminou, olhou para mim e disse:

– Uff!!! No chapéu eu não tinha certeza, afinal não tinha medidas. Mas você tem o mesmo formato de sua nona, é só abaixar aqui e está tudo certo!

Olhei-me encantada no espelho: finalmente tinha ares de moça, e de moça elegante. Mesmo a feia muleta não conseguia estragar o efeito da roupa que minha amiga tinha feito com tanto amor e talento. Abracei Gertrude demoradamente, dizendo a ela:

– Você é mesmo uma artista! Regina vai ficar de queixo caído quando vir

isso. Vai querer que você modifique algumas roupas dela também.

O semblante da alemãzinha fechou-se, e ela me disse em voz baixa:

– Ach!!! Milagres eu não faço, “Corra”! Com aquele corpanzil, é melhor que ela fique com as roupas que tem mesmo. Mas ficou uma beleza, hein? Que linda! Já imaginou se encontrar Justino?

Nunca falávamos do assunto, que eu era reservada, e ela nunca me perguntava nada. Olhei para ela curiosa:

– Tem visto Justino quando vai à rua? Ele ainda está na vila?

Ela afastou os olhos, como se não quisesse falar no assunto:

– Sim. E está se dedicando ao comércio de tecidos com algum sucesso. Abriu uma loja bonita, perto da praça, e vem gente até de outras vilas comprar com ele. É um rapaz trabalhador, e empregou os irmãos.

Com que então estava na vila e não me procurara mais. Provavelmente tinha se interessado por outra moça. Olhei para Gertrude com medo de perguntar:

– E ele está com outra moça, Gertrude? Casou-se?

Ela levantou-se da cama depressa, como se temesse falar do assunto. Encaminhou-se para a cozinha sem sequer me dar resposta, e com o peito apertado de angústia, embora lembrando das palavras de Olívia de que ele não tinha me esquecido, fui atrás dela.

– Gertrude, você não me respondeu. Não sabe? Fiquei tanto tempo presa aqui nessa cozinha a cuidar de Enrico e das encomendas que não tenho como saber das novidades. Sabe se ele se casou? Nunca mais me procurou, nem meu último bilhete ele respondeu.

A pequena alemã, de costas para mim na janela da cozinha, fez um ruído como se limpasse o nariz. Desconfiei daquilo, pois Gertrude não era dada a demonstrações de emoções. Parecia que chorava! Nunca a tinha visto chorar antes.

– Pode responder, Gertrude. Sei que está triste, então só posso pensar que ele me trocou por outra.

Minha querida amiga, que já colocava “erres” demais em todas as palavras, nervosa e chorona me respondeu:

– Ach, “Corra”!!! Não diz bobagens! Ele te “adorra” desde criança, como acha que pode ter outra?

Fiquei confusa, mas feliz.

– Por que então não me procura mais? Nunca mais me mandou um bilhete sequer. Nem respondeu ao que eu mandei por você...

Ela desatou num choro convulso, e correu ao pequeno quarto que outrora fora de Joana. Confusa e sem entender pressenti que algo grave devia ter ocorrido. Esperei que ela se acalmasse, mas caminhei com a minha muleta para perto dela, dando-lhe um pano muito branco para que secasse as lágrimas. Depois de um bom tempo ela ergueu os olhos, e me disse:

– Se eu te contar, você não diz a ninguém? Tenho medo, “Corra”, mas não posso mais te ver assim! Não conta?

Queria que ela me dissesse... Como podia prometer não contar uma coisa que eu sequer sabia o que era? Mas, sentindo o pavor de minha amiga, e curiosa demais para saber o que era, respondi:

– Pode contar. Sabe que eu não minto. Isso ficará entre nós duas apenas.

Ela assoou o nariz com o pano, enxugou as lágrimas e me olhou, com os olhos castanhos brilhando de tão molhados:

– Ele te mandou muitos bilhetes. Ficou à porta da venda esperando você chegar por muitos dias.

Olhei para ela incrédula:

– De que bilhetes está falando? Nunca recebi nenhum, e ele sequer respondeu ao meu.

Ela respondeu, me olhando fixamente, como se quisesse finalmente revelar um duro segredo:

– Pois mandou vários, e por mim. Mas assim que eu chegava à entrada da casa, dona Regina os tirava da minha mão e ameaçava me colocar na rua caso eu lhe contasse. Ela não queria que você casasse, pois teria que tomar conta do menino e da casa sozinha quando isso acontecesse. Depois vieram os doces que você faz tão bem, e ela começou a ganhar muito dinheiro. Já viu por quanto ela vende? Muito caro mesmo! Disse que ele era um moço sem educação e que você merecia coisa melhor, mas eu sei bem por que ela não queria que você fosse embora.

Ainda incrédula, perguntei:

– E o que ela fazia com os bilhetes que ele mandava?

Ela deu de ombros:

– Alguns ela rasgou na minha frente. Outros, eu não sei. Mas ela caçoava muito quando os lia.

– E o bilhete que mandei, você entregou?

Ela começou a chorar de novo:

– A “ogra” viu quando saí e me pegou ele. Riu muito e rasgou em pedaços na minha frente, ameaçando-me com a rua novamente. Não tenho para onde ir, “Corra”! Tenho medo da miséria, pois a conheço bem. Não quero voltar à vila de minha mãe que mal comporta os outros filhos dela. Perdoa! Perdoa Gertrude!

Aturdida, fiquei olhando a minha pobre amiga na minha frente. Pensei nos meses que tinha passado com um sentimento imenso de perda no meu peito, a dúvida que tinha me consumido durante tanto tempo, o último mês que eu tinha passado na cama, a sentir fortes dores, impossibilitada de sair e descobrir o que estava acontecendo. Pela primeira vez na vida senti uma raiva tão grande que quase me sufocou, me arrependi duramente ter prometido que nada contaria a ninguém sobre o revelado. Quanta maldade! Que tinha eu feito a Regina para tanta maldade? Que egoísmo era aquele que parecia não conhecer limites? Uma voz pareceu me dizer ao ouvido que aquilo não era tudo, que ainda existia alguma outra coisa. Duvidei de início, mas perguntei:

– E por que ele não veio aqui para saber comigo o que estava acontecendo, Gertrude? Não faz sentido. Justino sempre foi um rapaz decidido.

Ela ficou muito corada de repente. Levantou-se, e me olhou de forma desconfiada:

– Sabe que ando pela vila a fazer mandados de dona Regina, não? Não posso dizer muito, pois o que ouvi eram apenas murmúrios, e as pessoas se calavam quando eu me aproximava. Não tenho ideia de quem começou essa história, embora desconfie...

Lembrei da visita de minha nona e dela me falar sobre maledicências da

vila. Pensei no sermão de padre Elvídio a condenar os hipócritas e os mentirosos, e sua história grega da Hidra de Lerna. Um fino frio percorreu a minha espinha. Que mais poderiam estar inventando a meu respeito? Eu nunca saía de casa, não dava motivo para falatórios.

– O que andam falando pela vila, Gertrude?

Ela serviu-se de um copo de água, sentou-se junto a mim e, olhando para os lados para se certificar de que estávamos sozinhas, perguntou:

– Você promete segredo disso, também? Não tenho certeza de quem começou essa mentira...

Assenti com a cabeça. Já estava ficando irritada e quase briguei com ela, que começou a falar baixo:

– Dizem pela vila, e Deus sabe quem começou isso, que Enrico não é filho de Regina, mas que é filho seu com algum antigo namoro.

Senti a cabeça rodar. Seria possível que estivessem dizendo que Enrico era meu filho? Nunca tinha tido sequer um namorado antes de Justino, e não conseguia aceitar aquele tipo de comentário maluco. Só consegui dizer:

– Filho meu? Enrico? Como? Sou muito nova!!! Nunca tive outro namorado. Que gente louca!

Meu pensamento ficou muito rápido: tinha eu agora presumíveis dezoito anos, e Enrico ia para os cinco. É verdade que algumas moças da vila engravidavam aos treze ou quatorze anos, o que as fazia se casarem muito novas e debaixo de grande falatório. Mas, nunca tinham me visto gorda, ou com a barriga grande. Perguntei a Gertrude como podiam pensar isso se nunca tinha engordado, e ela, para minha surpresa, me respondeu:

– Isso não quer dizer muita coisa, “Corra”. Muitas são as moças que prendem a barriga com faixas apertadas até o último mês. E você sempre foi caseira, pouco dada a andar pela vila em passeios.

Ainda aturdida, perguntei:

– Mas e a gravidez de Regina? A vila toda viu como ela engordou...

Gertrude riu baixinho:

– O comentário que fazem é que ela sempre foi gorda, e que não podia dar filhos ao marido. Uma mexeriqueira me disse que inclusive comentam

que o menino nasceu assim de tanto que você apertava a barriga. É uma gente malvada, “Corra”. Mas dizem isso já há um bom tempo.

Olhando para ela ainda sem acreditar, perguntei:

– Há quanto tempo?

Ela respondeu:

– Os comentários começaram depois que sua nona morreu. Na realidade, algumas semanas depois.

Escutei uma risada que me gelou os ossos, e pude vislumbrar o vulto de Ofélia a me olhar satisfeita. Entendi finalmente de onde tinha vindo a voz nos meus ouvidos, dizendo que eu perguntasse mais. Tonta, apoiei-me na muleta e em Gertrude, encaminhando-me para o quarto. Olhei Enrico dormindo em minha cama, e penalizada imaginei que ainda por cima o julgavam filho ilegítimo. Meu pai saberia daquilo? Pedi a Gertrude que me deixasse sozinha com meus pensamentos, alegando uma grande dor de cabeça. Ela se foi, e Ofélia aproximou-se de mim, com uma expressão estranha nos olhos.

– Claro que seu pai não sabe. Ele mataria quem ousasse falar disso com ele.

Por incrível que pareça, aquilo me acalmou. Não queria que meu pai soubesse da sordidez de toda essa história. Já me bastava pensar que Justino podia ter acreditado em tudo aquilo. Que vergonha, meu Deus! Mães solteiras na vila eram tratadas quase como leprosas, sendo condenadas a ir “fazer a vida” nas casas de tolerância. Será que Regina sabia dos comentários? Lendo meu pensamento, Ofélia deu-me nova risada de escárnio:

– E por onde a indiazinha acha que esse falatório começou? Estava lá quando aconteceu. Quer mesmo saber?

Uma dor de cabeça realmente estava chegando. Acomodei-me na cama, enquanto Ofélia começava a me contar, muito satisfeita: parecia feliz de finalmente eu estar a par dos comentários:

– Não gosto de Regina, mas tenho que admirar-lhe a astúcia.

Deitada, as mãos nas têmporas, pedi a Deus que me desse força para ouvir o que ela me diria a seguir.

Maledicência e calúnia

OFÉLIA TINHA A MESMA aparência de antes: cabelos grisalhos em desalinho, pele amarelada como se estivesse doente, as unhas sujas. Não conseguia simpatizar com ela, mas a respeitava como ser humano, e ela sentia isso. Não sei bem por qual motivo quis me contar o que se passou: antipatia por Regina? Vontade de me ajudar? Senti, no entanto, que devia acreditar nela, pois parecia realmente sincera, e estava feliz por finalmente me esclarecer certos mistérios.

Ela me olhava com um misto de curiosidade e de raiva:

– A menina é muito tola! Não tem ideia da maldade dos outros. Acha que por que não deseja o mal ninguém mais o deseja. Tem trabalhado como uma moura para encher os cofres daquela lá, que quase lhe aleija e te difamou na vila.

Eu a observei em silêncio, pois sentia que ela queria desabafar. Seu ódio e ressentimento por minha madrasta era quase que palpável. Então, disse a ela:

– Não entendo por que ela faz isso. Nunca a desrespeitei nem lhe fiz mal. Cuido de seu filho diariamente, como se meu fosse, arrumo a casa, cozinho. Por que me odeia dessa forma? Que fiz eu de mal a ela?

Ela riu, exibindo os poucos dentes que tinha na boca:

– Acreditou mesmo que ela perderia uma “empregada” como você, que a libera de cuidar do pequeno e ainda a enche de dinheiro? Regina é preguiçosa, sempre foi. E egoísta como só ela mesma. Quando você chegou, ela acreditou que fosse por ela não poder ter filhos. E como ela não gosta de mestiços, isso se acentuou. O marido tinha uma filha, logo, a culpa da infertilidade devia ser dela.

Lembrei da história contada por minha nona e lamentei o sofrimento dela. Naquela época, em famílias italianas, ter muitos filhos era sinal de que as coisas estavam dando certo, de sucesso mesmo. As famílias se orgulhavam de ser numerosas, e não ter filhos era considerado quase que como responsabilidade da mulher.

– Entendo que ela tenha sofrido, mas eu não tive culpa – respondi.

Ofélia deu de ombros. Me olhou um tanto enfurecida, como se eu fosse tola demais para entendê-la.

– Quando você chegou nessa casa, foi logo coberta de todos os mimos. Mimos que ela achava que lhe pertenciam e aos filhos que ela teria. Não bastasse isso, você cresceu amada e bela, enquanto o filho dela mal consegue se arrastar pela casa. O mal que você fez a ela foi simplesmente o de existir.

Pensei em Enrico com tristeza. Se no primeiro ano ela tinha tomado conta dele até a exaustão, depois que tinha notado a deficiência do pequeno simplesmente o tinha abandonado aos meus cuidados. Enrico era encantador da sua própria forma, e tinha enriquecido os meus dias com seus sorrisos e pequenas travessuras. Além disso, era o único que, como eu, enxergava o mundo espiritual. O que, às vezes, a natureza tira de uma forma, Deus compensa de outra: era o meu companheirinho mais caro. Olhei para ela de forma inquisitiva, acreditando que, de qualquer forma, nunca entenderia Regina:

– E como foi que começou essa história absurda do menino ser meu filho? Imagine se minha nona, quando viva, deixaria que eu me envolvesse com algum homem de forma ilícita. Sou donzela Da forma que fui criada, ninguém nunca pode falar nada de meu comportamento. Nunca sequer saí desacompanhada!

Feliz que eu tivesse perguntado, ela finalmente me respondeu:

– Pois sim! Vou te mostrar já como a maldade humana pode criar uma mentira e ainda a enfeitar com detalhes...

Enfim, ela começou por me perguntar se eu conhecia uma senhora de nome Quitéria – boa pessoa, mas com a mania de falar demais e adorar uma história diferente. Claro que eu conhecia: era freguesa assídua de minha nona na venda, embora a nona se abstinhasse de conversar muito com ela,

dada a sua fama de faladeira. Ofélia lembrou-me que um dia, depois da morte de minha nona, ela me viu passando dentro de casa com Enrico no colo, e tinha comentado com minha madrasta:

– Mas que bonitinho está Enrico! Tão moreno! E como a menina o trata com carinho...

Segundo Ofélia, nessa hora Regina virou-se, e me olhou com o ódio costumeiro. Disse a Quitéria:

– Ela tem que tomar conta dele mesmo! Não notou como os dois são parecidos? Não faz mais que a sua obrigação...

Ao fim dessas palavras, Quitéria a olhou com os olhos bem abertos, aproximando-se, como se quisesse se certificar do que tinha ouvido.

– Que quer dizer, Regina? O menino é seu filho...

Ela irritou-se ainda mais:

– Meu filho? Acha mesmo que eu demoraria dez anos para dar um filho a meu marido? Não vê o carinho com que ela o trata? Estou cansada desses elogios para a índia, não faz mais que sua obrigação! Minha sogra sempre a protegeu demais.

Empalideci ouvindo o relato. Dizer aquilo justo para a pessoa que todos sabíamos não ser discreta? Ofélia me disse que depois Regina suplicou a ela que guardasse as coisas em segredo, que o marido morreria se soubesse. Claro que dona Quitéria prometeu “se fechar como um túmulo”, mas os comentários na vila começaram pouco tempo depois, aumentando com o tempo. Justo nessa época, segundo Gertrude, Justino tinha me mandado inúmeros bilhetes, que depois cessaram. Deus! Que vergonha! O que não estariam pensando de mim a família dele e o resto do povoado? Lembrei-me novamente do monstro sem controle que o padre Elvídio tinha me descrito: era mesmo verdade! A cada cabeça que caía da Hidra de Lerna, nasciam duas outras, assim como a maledicência na vida das pessoas.

Minha cabeça começou a doer de fato. Colocando as mãos nas têmporas implorei em pensamento para que Ofélia se fosse. Ela me olhou aborrecida, como se quisesse me contar mais algumas outras coisas, mas eu a fiz entender que não queria ouvir mais. Bastava de revelações tristes por uma tarde, e eu ainda queria tentar dormir um pouco. De mau humor, ela me

disse:

– Pois bem, se para você isso basta, concluo aqui a minha história. Outro dia nos falaremos.

E se foi. Deitado na cama onde dormia agora Gertrude, embalado pelo medicamento para as dores que o farmacêutico fizera para ele, Enrico estava em sono pesado e sem sonhos. Melhor que não tivesse visto a feia Ofélia e suas horrendas revelações. Meu pai devia chegar no dia seguinte, e abalada demais para conciliar o sono, tomei do frasco escuro algumas gotas do analgésico. Pena que não passasse também as dores morais, pois se no início tinha ficado revoltada, agora imensa tristeza confrangia-me a alma.

Antes de embarcar em sono profundo, meditei em como gente ruim costuma conseguir as coisas nesta vida. Através de suas intrigas, minha madrasta tinha me tirado todas as oportunidades de vida feliz, apenas para satisfazer aos seus anseios. Tantas vezes eu podia tê-la prejudicado, simplesmente dizendo a verdade sobre o pai de Enrico, e sempre tinha preferido relevar e perdoar. Não me arrependia disso, afinal, para que contar uma coisa que deixaria meu pai triste e exporia Enrico ao abandono?

Encolhi-me de vergonha, pois Justino, ouvindo toda aquela história, poderia com facilidade ter acreditado nela. Afinal, eu sempre insistia em levar Enrico comigo aonde quer que fosse, e isso podia ser um comportamento de irmã, mas era mais parecido com o comportamento de mãe. Senti o sangue subir-me às faces, pois a maldade alheia tinha me colocado em situação suspeita.

Entendia agora, finalmente, o motivo da infeliz ter-me machucado tão seriamente e tão sem razão aparente: não queria que eu saísse de casa, e pudesse assim encontrar Justino ou a família dele, descobrindo a verdade sobre os falatórios. Nunca mais eu andaria como antes, nem poderia correr caso quisesse. Agradecia aos céus estar recuperando parte dos movimentos, mas a que custo! Tanta dor ao menor movimento.

Com o rosto molhado de lágrimas, finalmente consegui adormecer. Não trabalharia mais até que meu pai chegasse, afinal, por que recompensar quem tinha me feito tanto mal? Preocupada comigo, Gertrude bateu à porta, pedindo-me para entrar. Assenti, e vi seu rostinho pequeno e muito branco através do umbral da porta:

– Zangada comigo, “Corra”? Não vai contar a ninguém o que disse, não é?

Fiz sinal para que ela se sentasse na cama, e a olhei com carinho:

– Não foi certo o que fez, Gertrude, mas entendo os seus motivos. Fique tranquila que ninguém saberá do que me disse. Mas, como pôde me manter na ignorância por tanto tempo? Não via como eu sofria?

Senti as lágrimas dela novamente aflorando nos olhos, e ela me disse, entre soluços:

– A “ogra” me disse que era só um “namorico sem importância” e que você “merecia coisa melhor”. Não conhecia você direito, então acreditei. Mas você não se esqueceu!

Segurei as mãos dela com carinho. Eram pequenas e cheias de calos, pela vida dura que sempre tinha levado. Ela continuava a falar, voz baixa, contida:

– Perdoa, “Corra”! Só depois entendi o porquê dela manter você sempre presa aqui... fui tola!

Sentei-me e dei nela forte abraço. Pobre Gertrude! Devia também ter sofrido muito por guardar tão duro segredo!

– Não se preocupe mais, amiga querida! Entendi o que se passou e sei que não há maldade em você, apenas medo. Prometo-lhe uma coisa, Gertrude: nunca mais você precisará ter medo do abandono enquanto eu existir! Nós duas sempre trabalharemos duro, e não nos faltará onde ficar.

Ela sorriu, e pareceu acalmar-se. Não sabia ela que eu ainda contava com a pequena herança que minha nona tinha me deixado, e com aquilo, com certeza não passaríamos por apuro tão cedo.

Estava confusa e triste, mas ainda assim consolei minha amiga, que disse que já nem dormia direito de tanta culpa. O remédio fez seu efeito total, e, abraçada a Enrico, adormeci pesadamente.

Tristeza e esperança

COISA CURIOSA ME ACONTECEU: sempre disposta ao trabalho e à vida, no dia seguinte eu não quis levantar da cama. Cuidei de Enrico com todo o carinho, mas nada fazia com que eu desse um sorriso sequer. O pequeno me olhava sem entender, pois eu não respondia às brincadeiras que ele me pedia para fazer. Embora cuidasse de sempre mantê-lo limpo e bem alimentado, saía do quarto só para as necessidades essenciais, e chorava o tempo inteiro.

Olhei o vestido que Gertrude tinha reformado e que tinha ficado tão bonito e moderno. Há meses sem uma roupa nova, isso não me animava: minha nona tinha me criado com regras de moral bastante rígidas, e saber que na vila corria a história absurda de eu ser mãe de Enrico tinha me abatido muito. Como puderam acreditar em semelhante coisa? Os anos que eu tinha passado de comportamento ilibado não tinham significado nada?

Pensei no silêncio de Justino, que provavelmente não queria mais se casar comigo, os bilhetes que Regina tinha destruído deviam dizer isso, pois não me procurara mais. Não me conhecia também? Quando foi que permiti dele sequer um avanço mais ousado? Pensei que ainda por cima devia me julgar falsa, pois meu comportamento com ele sempre tinha sido o mais respeitoso possível. Lembrei-me do olhar magoado que dona Otília tinha me dado na igreja: rápido e triste. Gostava tanto da doceira amável e divertida, que tinha adorado a ideia de eu me casar com seu filho, pois dizia sempre que queria ter tido uma menina! Que vergonha, meu Deus, pensar no que ela pode ter escutado a meu respeito!

O sol de primavera brilhava lá fora, mas eu não queria mais abrir as janelas, nem ir ao quintal, nem fazer nada na cozinha. A raiva que tinha sentido de Regina se transformava rapidamente em tristeza profunda, e

quando ela veio ao meu quarto me perguntar se eu não ia fazer as encomendas, dei a ela um olhar tão magoado, e um silêncio tão profundo, que ela se calou. Achei ótimo, não tinha paciência para falar com ela. Gertrude, preocupada, trazia-me comida, tentava fazer graça, e até perguntou se eu não queria “reformatar” outro vestido. Eu apenas disse que não com a cabeça, começando a chorar novamente. Ela se sentou na minha frente, um pouco triste também, e me disse:

– Ach, “Corra”! Assim vai deixar essa “ogra” feliz! Não vê que é tudo que ela quer?

Não me importava deixar Regina feliz ou triste. Um cansaço tão forte me tomou o corpo que eu só pensava em olhar Enrico, chorar e dormir. Não obtendo resposta minha, ela voltou a perguntar:

– Mas vai à missa, não vai? Seu pai deve chegar hoje, e não vai gostar nada de vê-la assim.

Olhei para ela e finalmente respondi:

– Agradeço o vestido, Gertrude, mas nada me faria ir à missa. Morro de vergonha do que podem estar pensando de mim, e não consigo nem me levantar com o cansaço que me varre o corpo. Levantar também para quê, se cada passo que dou com essa muleta me dói? Estou desgraçada! Além da calúnia, essa louca me deixou aleijada!

Ante essa explosão de sentimentos, Gertrude arregalou os olhos castanhos, torcendo as mãozinhas calejadas em silêncio, sem saber o que me dizer que pudesse me confortar. Continuei:

– Não sei nem como olhar meu pai novamente. Já pensou no que ele sentirá quando souber de toda essa história? Passava a maior parte do tempo viajando com meu nono, será que acreditará na mentira?

Gertrude me olhou fixo, e segurando as minhas mãos com força, numa maturidade grande para os seus prováveis dezesseis anos, me disse:

– Ach! Acha que seu pai acreditará nessa mentira? Ficou maluca? Acha que toda a vila acreditou nessa calúnia? Padre Elvídio não acreditou, e briga com quem quer que fale de você. Não são todos tão cegos, “Corra”. E se essa história teve tanta força foi porque deve ter partido de Regina, que é sua madrasta. As famílias aqui se protegem, mas ela lhe caluniou sem

remédio. Aposto que foi invenção dela!

Sabia por Ofélia de toda a história, mas não podia contar, pois como diria que um espírito tinha me dito? Já estava mal falada em excesso, não ia querer que me chamassem de doida ou de bruxa. Assim, calei-me novamente, e ela saiu do quarto para fazer suas tarefas.

A imobilidade também me causava dores. Será que as dores de Enrico eram também assim? Tomei do vidro de remédio e deitei algumas gotas num copo de água, esperando assim o alívio do sono. Já embalado pelo medicamento, Enrico dormia ao meu lado, ressonando um pouco. Não gostava de remédios, herdei isso de minha nona, que também os dispensava e tinha vivido até quase os setenta anos (na época, era muito raro se chegar a essa idade), mas a dor moral e a mágoa que eu sentia eram demasiado fortes, e me deixavam profundamente incomodada. Adormeci sem sonhos novamente, e acordei já ao final da tarde, despertada pela voz grossa de meu pai a me chamar:

– Cora! Seu pai chegou! Onde está a “Cora de mio cuore”?

Normalmente, eu iria correndo até ele, fazendo muita festa e curiosa com o que ele tinha trazido, mas a sua voz só me trouxe outra crise de choro silencioso. Preocupada, pensei em secar minhas lágrimas, e ouvi a voz de Regina respondendo a ele:

– A pobre menina não passou muito bem. Dormiu o dia inteiro no quarto com Enrico. Acho que é aquele remédio que o farmacêutico dá a ela.

Fiquei com muita raiva de seu fingimento, pela primeira vez. Normalmente, não me importava com aquilo, mas me chamar de “pobre menina” tinha me incomodado bastante. Sequei as lágrimas e chamei por ele, com uma voz um pouco mais animada, e ele entrou no quarto suado, com a poeira das estradas grudada no corpo e no chapéu de couro. Vi nos olhos dele a preocupação de sempre:

– Como vai a minha menina? As dores estão piorando? Não consegue ainda andar direito?

Em meio a um turbilhão de perguntas dele, tentei sorrir, e o que saiu foi mais uma “careda” do que um sorriso verdadeiro. Ele me olhou assustado, colocando a mão em minha testa para ver se eu tinha febre, mas se acalmou ao ver que eu não estava quente como tinha pensado. O gesto de carinho

dele me emocionou e não consegui conter as lágrimas, abraçando-o:

– Pai Adamo! Paizinho de meu coração! Não tenho febre, apenas umas dores, mas já vão passar. Não se preocupe que vou ficar bem.

Da porta, Regina nos espiava com desconfiança e ódio no olhar. Sempre tinha tido ciúme do relacionamento que eu tinha com meu pai. Esse, pelo seu lado, me olhava bastante assustado, pois mesmo em momentos muito difíceis eu raramente chorava.

– Andam te tratando mal? Que choro é esse, que nem na morte de sua nona você chorou assim? Ainda tomando conta desse pequeno? Não vê que não deve se esforçar?

Ao ouvir a voz de meu pai, Enrico tinha acordado e olhava para ele assustado, pois como ele falava alto, achava sempre que estava brigando. Agarrado em mim, eu o confortava passando as mãos em seus cabelos, desalinhados pelo sono.

– Não, pai. Não tire Enrico daqui que o pobrezinho também sofre com dores, muito maiores que as minhas! E é um bom menino, nunca se queixa, só geme baixinho. É o meu “companheirinho” esse meu irmão.

Ele nunca tinha gostado do menino, o que me deixava um tanto pasma, pois comigo era carinhoso e bom. Será que desconfiava que não era dele? E, se não era, que culpa tinha o menino? Cessei o choro, e pensei comigo mesma que o amor que eu tinha por Enrico havia me colocado em uma situação suspeita: a mãe mal o aturava, e reclamava sempre dele não ter nascido perfeito, chamava-o de “castigo” e o menino já tinha medo dela. Nunca tinha notado a pureza dos olhos, o sorriso cheio de ingenuidade e fé, as risadas alegres pelo menor motivo. Ele fazia das pequenas descobertas diárias uma grande festa, e batia palmas feliz quando aprendia uma palavra nova. Pois não me importava o que pensassem: ele agora sofria dores fortes e eu não o abandonaria. Senti que meu pai envergonhou-se diante de minha atitude, e pegou Enrico nos braços fortes, entregando-o a Regina.

– Não pense que não gosto do pequeno! É meu filho, assim como você, mas nunca tive jeito com crianças, me parecem frágeis demais. Regina, Cora está doente, tome conta de seu filho e feche essa maldita venda, que sem as encomendas de doces não dá o menor lucro. Vamos encerrá-la por enquanto, pois o lucro das viagens dá muito bem para vivermos.

Notei nela o semblante fechado, irritada por ter que cuidar do pequeno e perder sua distração com a venda. Saiu emburrada, levando o menino, para cerrar as portas do comércio, resmungando baixo coisas inaudíveis. Pedi a Gertrude que preparasse o banho de meu pai, ao que ela me atendeu prontamente, colocando no fogão a lenha grande tacho de cobre a esquentar a água. Beijando-me na testa, ele me disse:

– Pois trate é de se curar. Sei bem como Regina é “mandona”, pois não deixe ela te encher de serviço. Ainda bem que minha “mama” não está aqui para te ver doente, ela ficaria desesperada.

Pensei comigo mesma que minha nona estava bem mais perto do que ele suspeitava. Ele olhou para o belo vestido verde em cima da cama:

– Que vestido é esse? Que beleza! Finalmente Regina lembrou de te dar uma roupa nova.

– Não foi ela que me deu, pai. Gertrude o fez para mim reformando uma roupa antiga. Ficou bonito, não?

Ele ergueu o vestido, admirando o corte e o decote bem fechado, como ele sempre fazia questão. Por fim, analisou o comprimento da saia e ficou satisfeito. Balançando a cabeça, comentou:

– Moderno, mas bonito! Gostava mais das saias rodadas, mas as mulheres de agora parece que economizam tecido. Falando nisso, espere!

E saiu correndo em direção à rua, voltando pouco tempo depois com um embrulho grande de papel pardo, amarrado com uma fita meio desbotada. Entregou-me, satisfeito:

– Comprei para você, de um turco que passou vendendo tecidos. Regina está muito gorda para vaidades, mas acho que em ti ficaria muito bem, com esses cabelos negros e essa pele clara. Veja se gosta.

Curiosa, pois fazia tempo que não ganhava um presente (meus aniversários, como ninguém sabia em que dia eu tinha nascido, eram comemorados na data em que cheguei à vila, trazida por meu pai, e sempre era uma festa que a nona fazia, com bandeirolas coloridas e doces), desembrulhei o pacote, ficando encantada com o brilho do tecido e a textura dele. Era de um amarelo claro, que lembrava o sol de primavera que entrava pela minha janela todas as manhãs. Encantada, perguntei ao meu pai:

– Que tecido é esse, pai? Nunca vi de tão macio...

Ele sorriu, satisfeito e encabulado:

– Chama-se “seda”. Uma amiga me disse que é muito valorizado. Mas faça um vestido com forro de algodão, ouviu, que ele é meio fino, como você vê.

Tive de sorrir dele estar familiarizado com essas coisas. Essa “amiga” devia tê-lo instruído bem. Ao notar que tinha falado demais, ele enrubescceu e trocou logo de assunto:

– E onde vai usar o vestido verde?

Lembrei do convite de padre Elvídio, e animada com o presente, respondi:

– Padre Elvídio esteve aqui e me convidou para ir de novo às missas. Ia sempre com a minha nona e ele insiste que eu volte à igreja. Mas tenho vergonha de “mancar”, pai... não sei se vou...

Ele franziu as sobrancelhas, como se achasse estranho:

– Vergonha? Uma moça linda como você? Sei que terminou seu namoro, mas duvido que algum rapaz nessa vila não vá se interessar por você. É hora de voltar à vida, “Cora de mio cuore”. Não pense que haverá moça mais bela na igreja. Aprendi que o amor é importante, filha!

A última frase só confirmou minhas suspeitas. Minha nona faria um grande escândalo se soubesse ou desconfiasse de algo assim, pois infidelidades na família eram inadmissíveis para ela, que tinha tido um casamento feliz. Meu pai estava apaixonado, e eu estava feliz por ele. Não o julgaria, mesmo porque sabia que Regina estava longe de merecê-lo. Queria que fosse feliz.

Sentindo que estava falando demais, justo ele que era tão calado, saiu, dizendo:

– É na missa das seis, não? Pois vamos juntos! E se tiver vergonha da muleta, não se acanhe, que eu te levo nos braços. Depois chamo padre Elvídio aqui para o vinho e a polenta.

Fiquei a imaginar ele me carregando como um fardo de trigo a entrar na igreja da vila, e a imagem não me deixou confortável. Tomaria eu também um bom banho, esfregaria álcool canforado nas pernas, andaria com a

muleta sem fazer uma careta sequer, tudo para evitar semelhante cena. E depois, que culpa eu tinha do que os outros pensavam? Eu era pura e honesta, não tinha motivo para me envergonhar de nada.

Meu pai tinha toda razão: hora de voltar à vida!

Missa de domingo

OLHEI O VESTIDO VERDE em cima da cama pela vigésima vez: tão bonito tinha ficado! Mas como perder a vergonha de sair à rua, sabendo o que pensavam (e falavam) ao meu respeito? As pessoas da vila gostavam de mim, mas sempre tinham me olhado estranho por eu ser meio índia. Admiravam meu cabelo negro, elogiavam meu porte, amavam minhas guloseimas, mas sempre tinham me achado “diferente”. E na realidade, eu era mesmo!

No meio da alegre “falação” da vila, eu sempre ficava calada, sorrindo para as pessoas, mas quase nunca falando com elas. Era tímida por natureza, fazia parte da minha alma, observar mais e falar menos (justo o contrário da maioria de meus companheiros italianos, famosos por serem eloquentes e apaixonados). Isso sempre tinha gerado desconfiança, embora sentisse que muitos gostassem de mim. Mais de uma vez eu tinha ouvido que índios são “dissimulados, preguiçosos e traiçoeiros”. Ficava pensando em como as pessoas podiam generalizar dessa forma, afinal, cada ser humano era único, com suas qualidades e defeitos.

Diziam também que tínhamos uma “moralidade diferente”. Que as moças índias se deitavam com os homens sem a necessidade de casamento. Que tolice! Na minha aldeia muitos casais ficavam juntos e em harmonia por uma vida inteira, sem traições ou as confusões que os homens brancos faziam. Desde cedo as moças índias aprendiam a ter apenas um único parceiro pela vida inteira, e a se dedicarem aos filhos tanto quanto as italianas. Quanto ao casamento, isso para os indígenas era novidade, assim como a compreensão do pecado. Tínhamos nossas regras do que era certo ou errado, aceitável ou não para a tribo. Mas isso de “pecado” parecia a nós todos uma ideia meio estapafúrdia. Fogo do inferno, então, um absurdo!

Que tipo de Deus tinham os homens brancos que podia punir sempre, por toda a eternidade? Afinal, a eternidade é muito tempo!

Eram diferenças culturais acentuadas pelo preconceito. Fiquei a me perguntar: se eu fosse completamente italiana eles teriam acreditado nessa mentira dessa forma? Acredito que não. Olhava, em dúvida, o belo vestido, sem saber que decisão tomar, e da cama, Enrico me olhava curioso, agarrado a um biscoito. Também pensativo, como se analisasse o mundo a sua própria forma. De repente ele sorriu, e começou a acenar os braços como se quisesse ser pego por alguém, e o ouvi balbuciar:

– “Liva”! “Liva”!

Virei-me e dei com Olívia a olhar o vestido, de forma curiosa.

– É a nova moda de agora? Bonito... aquelas saias todas rodadas deviam ser bem incômodas mesmo.

Olhei pra ela, vestida em sua túnica clara, numa versão quase grega, e as margaridinhas no cabelo cacheado. Mesmo sempre descalça, que elegante era a minha amiga!

– E então? Decidiu-se por ir à missa?

Olhei para ela meio desalentada. Os últimos acontecimentos não tinham me dado muito ânimo de sair de casa. Sem falar na incômoda muleta.

– Vergonha de quê, Cora? Da maldade alheia? Posso te contar uma coisa?

Curiosa, fiz que sim com a cabeça:

– A maior parte das pessoas não acreditou completamente em Regina. Pouca gente gosta ou confia nela aqui na vila, pois sempre teve um gênio difícil. As que acreditaram na história, o fizeram por observar seu amor pelo pequeno e por não acreditar que alguém seria difamado pela própria família de forma tão dura. Mas muita gente desconfia da verdade. Sua madrasta não tem boa fama, e está cavando sua própria sepultura ao fazer tantas maldades.

Olhei para ela com um pouco mais de esperança. Será mesmo? Alguém falaria em minha defesa? Lendo meu pensamento, como de costume, ela me respondeu:

– É bom que eu te dê uma noção mais verdadeira do que se fala na vila. Como sabe, nós espíritos temos alguns privilégios, entre eles o de ouvir e

ver sem ser vistos pelos vivos. É certo que te difamaram nessa casa, mas Ofélia exagerou na maldade dos fatos.

Olhei para ela com esperança. Ela continuou:

– Lembra do teu “acidente”? Nem mesmo seu pai acreditou nessa história. Pois o farmacêutico, que simpatiza muito com você, contou a alguns amigos da surra com ferro que quebrou sua perna. Nenhum tombo causaria aquilo.

Abaixei a cabeça envergonhada. Lembrava-me da cena e da selvageria, mas para preservar meu pai e Enrico, tinha me calado.

– Não se envergonhe disso! Como já disse, é tolice ter vergonha da maldade alheia!

Ergui os olhos, contendo as lágrimas. Ela continuou:

– Padre Elvídio, quando soube dos comentários, defendeu-a com fúria, assim como dona Otília. Mas quando os bilhetes de seu filho voltaram sem ser respondidos, e Regina informou que você não queria mais ver o filho dela por vergonha, acabou acreditando. Ainda assim lamenta muito o fato da separação sua e de Justino, à qual se conformou a custo. Muita gente também aqui vê a verdade.

Ela me enchia de esperança, e eu sentia sinceridade nela. Sempre tinha sido boa e educada com todos, ninguém tinha queixa minha. Ajudava minha nona com as obras de caridade de padre Elvídio, tratava a todos bem na venda. Na verdade, não era um povo ruim, e eu continuar presa em casa só traria alimento ao falatório.

– Não pense que seu pai vai desistir de levá-la à missa. Padre Elvídio o fez prometer isso, embora o deixasse meio desconfiado. Logo, arrume-se logo, ponha-se bem bela, e não se preocupe com a muleta, que não precisará dela.

Não precisar da muleta? Como assim? Ela me olhou piscando um olho:

– Confie em mim.

E assim se foi, o perfume costumeiro no ar. Enrico, já acostumado a essas idas e vindas, abanou a mãozinha direita dizendo:

– “Chau, chau, Liva”.

Olhei para o relógio da sala com alguma preocupação. Eram quatro e meia da tarde e a missa era às seis, se eu ia, devia me arrumar logo. Pensei nas palavras de minha doce amiga, e ela estava certa: vergonha da maldade alheia? Que tolice! Comecei por olhar Enrico, ver se não precisava de uma troca de roupa ou algo parecido. Não podia levá-lo dessa vez, pois não conseguiria carregá-lo, então tratei também de alimentá-lo com leite de cabra que caramelizei com açúcar mascavo: ele adorava.

Daí pra frente me olhei no espelho com objetividade, vesti a roupa, ajeitei os cabelos num laço de fita verde que tinha sobrado, e coloquei minha água de cheiro. Olhando-me no espelho de alfaiate admirei a perícia de Gertrude, que tinha moldado o vestido ao meu corpo com perfeição e sem nenhuma vulgaridade. Sorri, imaginando o que diria a minha nona ao me ver vestida de “moça fina”, como ela mesma dizia. Mas andar sem a muleta? Como?

Terminei com tudo às cinco e meia e meu pai veio ao meu encontro em meu quarto: estava elegante em sua roupa de domingo (a melhor que ele tinha), e ao me ver, disse:

– “Come mia figlia é bella!! Se presenta come una principessa!” (Como é bela a minha filha! Parece uma princesa!)

Enrubesci agradecendo o elogio. Ele sempre tivera orgulho de mim, e nunca escondeu a “filha índia”. Acostumada que estava a mancar e precisar de ajuda, coloquei a muleta debaixo de meu braço para apoiar-me nela, ao que meu pai me disse:

– Mas, nem pensar em estragar a roupa com essa muleta! Ande, apoie-se em mim e no meu braço.

Ainda acordado, Enrico olhava-me erguendo os braços, como que a pedir que também o levasse. Senti um aperto no coração, mas antes que eu falasse algo, meu pai gritou para Regina:

– Regina, preguiçosa, venha olhar seu filho que vou levar Cora à igreja para a missa!

Ela veio esbarrando nos móveis, mal-humorada, e pegou Enrico no colo com agressividade. Deteve-se para me olhar no vestido novo.

– Onde conseguiu esse vestido, Cora? É novo, não é?

– Gertrude reformou um antigo para mim. Ficou bom, não é?

Seu mau-humor chegava a ser engraçado:

– Logo vi. Se olhado de perto, vê-se logo que o tecido é de roupa reformada!

Meu pai já não vivia bem com Regina há muitos anos, mas agora parecia irritar-se apenas com a presença dela. Embora comigo fosse sempre bom e até gentil, com a mulher ele chegava quase a ser agressivo, e assim sendo, ela tinha bastante receio dele. Imaginei o que faria se soubesse da verdade, e um frio me percorreu a espinha, pois mulheres que traíam os maridos tinham a vida terminada, naquela época, ou por meio do assassinato, ou socialmente, sendo expulsas de casa e tendo de ir viver em zonas de meretrício. A punição era bem severa, e o jugo marital não era fácil.

Dei um beijo estalado em Enrico e fui, apoiando-me no braço de meu pai, a caminho da igreja. Nos pés meus chinelos bordados, pois não conseguira colocar meus sapatos. É verdade que praticamente ninguém os veria, pois a saia do vestido os cobriria com folga, mas mesmo assim me sentia insegura. Íamos lentamente, ele pacientemente me amparando e cumprimentando alguns amigos no caminho. Quando meu nono era vivo, meu pai era bem mais tímido do que agora, mas devido ao exercício do comércio ele tinha desabrochado socialmente.

Notei nos olhares das pessoas a admiração por me verem novamente, em pé, ainda que caminhando lentamente. Muitos me sorriam e falavam com meu pai, alguns me perguntavam sobre a minha saúde, ao que eu respondia que estava melhorando. Sabiam ser amáveis esses nossos vizinhos, e eu concordei com Olívia que muitos deles poderiam não ter acreditado na calúnia que se espalhou.

Entramos na igreja ouvindo o badalar do sino das seis horas, e senti por trás de mim um “burburinho” de comentários, mas não pude entender o que diziam. Acomodamo-nos perto da porta, e eu olhei em volta tentando ver quem estava presente, quando me deparei com um rapaz a me olhar muito sério, compenetrado e bem vestido, sentado alguns bancos à frente, ao lado da mãe: Justino! Senti o sangue vir-me às faces, pois lembrei de tudo que tinham falado de mim. O que pensaria ele a meu respeito? Teria acreditado?

Observei seu semblante sem conseguir desviar o olhar, tanto tempo sem vê-lo, que saudades eu tinha dele: estava mais magro e tinha na testa e em

volta dos olhos algumas marcas que antes não existiam. Sua mãe me sorria levemente, e com a cabeça cumprimentou meu pai, que sorriu amistosamente, intrigado com o olhar fixo que eu e Justino tínhamos um no outro.

– Não é o rapaz que queria se casar com você, Cora? Vocês ainda estão se falando?

A pergunta foi feita em tom de curiosidade, pois ele gostava muito de Justino. Sentei-me finalmente já que a perna me doía muito, e disse-lhe em voz baixa:

– Não tenho nenhum rancor dele, pai. Sempre foi bom e respeitador comigo.

Ele me olhou segurando a minha mão enluvada, ajeitou-se no banco, e disse:

– Sei... sei... como bem dizia a sua nona: mistérios!

Coloquei meu olhar no altar, esperando a missa. Mil pensamentos povoavam a minha mente e eu rezei por serenidade. Lembrei-me novamente das palavras de Olívia, e eu não devia mesmo me envergonhar de coisas que nunca tinha feito. Ao nosso lado, uma conhecida me olhava curiosa, era uma mulher de seus cinquenta anos, matrona, bem amiga de Regina. Perguntou-me:

– Não trouxe hoje o menino, Corinha?

Olhei para ela tentando entender quais seriam as intenções da pergunta, mas meu pai respondeu:

– O menino está com a mãe, que é onde devia estar. Cora sofreu um acidente e não pode mais ficar levando peso, e como sabe, Enrico já está bem crescidinho.

Com alívio observei padre Elvídio subir ao altar, em silêncio, e começar sua missa como sempre, de costas para a paróquia, em latim. Acredito que ninguém na vila soubesse essa língua, mas todos nos calávamos encantados, ouvindo a voz grave, de frente para o crucifixo de madeira entalhada, cercado pelas estátuas de santos. Justino finalmente tinha se sentado, mas ainda voltava o olhar sobre mim continuamente. Criada por minha nona, não achei adequado prestar atenção em outra coisa se não na missa. Ela

sempre me dizia que padre Elvídio dizia “palavras sagradas” quando falava em latim, e eu realmente gostava de escutá-lo, desde a minha tenra infância.

Por fim, ele se virou para a congregação, parecendo procurar algo. E vendo-me ao lado de meu pai, sorriu e disse:

– Vamos dar as boas-vindas a nossa querida Cora, que finalmente volta à nossa missa depois de grande período de luto e um infelizmente acidente.

Isso nenhum bem fez a minha timidez, e eu baixei os olhos imediatamente. Meu pai, ao contrário, sorria para todos bastante satisfeito, orgulhoso da filha bonita e bem vestida. Baixinho, me pediu:

– Levante esses olhos, indiazinha! Cumprimente aos outros que estão olhando para nós.

Sempre que me via intimidada ele me chamava de “indiazinha”, de modo carinhoso. A custo levantei os olhos e cumprimentei com um sorriso tímido os sorrisos que me davam. Justino continuava a me olhar fixamente, e quanta coisa me dizia aquele olhar: saudade, dúvida, admiração e amor. Era verdade, ainda me amava! Padre Elvídio olhou satisfeito para as pessoas, e continuou o seu sermão:

– Hoje começaremos a discutir um tema bastante difundido pela nossa Santa Igreja: os sete pecados capitais. É papel do pastor guiar as ovelhas, e orientá-las sempre a um bom caminho. Os sete pecados capitais, são os pecados que mais afastam os homens de Deus, por isso, devem ser sempre combatidos e lembrados, a fim de que nos aproximemos d’Ele.

Ouvi tudo muito interessada, pois quase nada sabia desses “pecados”. O padre disse que eram: luxúria, inveja, preguiça, vaidade, gula, ira e avareza. A congregação ouvia encantada, pois geralmente ele falava da vida de nosso senhor Jesus Cristo, contando as lindas histórias do Novo Testamento. Após enumerar os sete pecados, ele disse:

– Hoje falaremos de um pecado que temos que combater, nos outros e em nós mesmos, se quisermos levar uma vida próxima ao Criador. De todos os pecados, é o que parece talvez menor, mas é o mais perigoso: o da inveja. Pois esse pecado costuma punir o inocente, e exaltar o ímpio.

Interessada, tentei esquecer a dor na perna esquerda e prestar atenção ao que ele dizia. Da sua forma, nosso querido padre sempre tentava incluir nos

seus sermões coisas que a comunidade precisava ouvir. Observei todos encantados e curiosos perante as suas palavras, e fiquei feliz por nossa paróquia ter um pastor tão inteligente e bom. Ele continuou:

– Pela inveja, muitos crimes já foram cometidos, muitas reputações foram abaladas moralmente. Companheira fiel da inveja, a maledicência costuma ser eficaz, e costuma vir vestida de ouro e púrpura, disfarçada de “sérios valores morais”. Todos temos nossas imperfeições, mas com a inveja nos esquecemos de olhar para nós mesmos e fixamos nossa atenção aos possíveis defeitos alheios e, quando esses defeitos não existem aos nossos olhos, caluniamos da forma mais torpe, para finalmente transformar o objeto da nossa inveja em nada mais que uma sombra do que realmente era.

Olhavam para ele de forma assustada. Lembrei-me do mal que a calúnia tinha me feito, e aplaudi intimamente o sermão do bom padre Elvídio. Ele continuou:

– É a maldade feita de forma covarde, pois à vítima não se dá sequer a chance de defesa. Muito cuidado, irmãos, com comentários que podem parecer “adequados”, principalmente sobre a moral alheia, pois essa, quando atingida, custa a se levantar novamente. E lembrem-se que qualquer um de nós pode ser vítima desse infortúnio, pois se acreditarmos em todas as maledicências sem nenhuma prova, corremos o risco de um dia tê-las contra nós.

Meu pai, muito reto ao meu lado, ouvia tudo aquilo admirando a eloquência do amigo, no púlpito. Por fim, me disse baixo:

– Não sabia que os sermões eram tão interessantes. Ele está falando das conversas das comadres, não é? São faladeiras mesmo, bem feito!

E olhava com curiosidade para as senhoras que tinham esse tipo de comportamento, algumas meio vermelhas, outras de olhar baixo.

– Regina é que devia estar aqui ouvindo isso. Se diz tão religiosa, mas nunca a vi elogiar ninguém, apenas falar mal.

Mesmo achando muito engraçada a reação dele (como me lembrava meu nono!), fiz um gesto para que fizessemos silêncio, pois padre Elvídio não permitia interrupções. Estava feliz de estar ali, meu coração finalmente se livrava de um peso que não me pertencia, pois não me lembrava nunca de ter difamado alguém. Minha nona sempre tinha me ensinado que não se

deve falar das pessoas coisas negativas, pois isso nunca leva a nada que valha a pena. Estava certa, como sempre. Padre Elvídio continuava animado pelo que ele dizia ser “o fogo do Espírito Santo”:

– E vale lembrar sempre das palavras do Cristo: “Não julgai para não serdes julgados”, “Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”...

Pensei comigo mesma que de pecados ele entendia, afinal as confissões eram diárias na igreja. Um tanto vermelho, depois de mais algumas explanações, ele finalmente concluiu:

– Minha fé no Criador é imensa, mas sei que os infelizes irmãos que permanecerem no pecado da inveja e da maledicência devem estar preparados, pois a verdade sempre acaba aparecendo, e nesse dia, eles sim serão os julgados por Deus.

Meu pai ouviu essas últimas palavras com entusiasmo, e me disse ao pé do ouvido:

– Se eu soubesse que os sermões eram assim, teria vindo antes. Teu nono teria adorado ouvir tudo isso! Era agnóstico, é certo, mas adorava um bom sermão!

Já eu, dava graças ao céus por ele nem desconfiar do que falavam de mim pela vila. Entendi o empenho de padre Elvídio de me trazer à igreja, e o agradei intimamente.

Padre Elvídio terminou o sermão dizendo:

– E lembrem-se sempre: quem muito espalha a maledicência, um dia poderá também colocá-los em situação enganosa, afinal, ninguém está livre do julgamento alheio. Logo, quando ouvirem uma pessoa falar mal de outra, lembrem-se de que amanhã essa mesma pessoa poderá estar falando mal de vocês mesmos.

Com isso, fez-se um silêncio na igreja de pedra. Refleti nas palavras de sabedoria do bom padre, mas duvidei que isso fosse dar frutos a longo prazo. Era quase que um costume na vila esse interesse demasiado na vida uns dos outros. De qualquer forma, pelo menos algumas pessoas ficariam mais comportadas.

As pessoas começaram a sair, mais em silêncio do que de costume, algumas não se furtando de elogiar o sermão ao nosso amigo. Sentindo a

perna doer um pouco, pedi a meu pai que esperássemos todos saírem da igreja, assim não correria o risco de atrasar alguém ou de algum encontro. Justino passou por nós a me olhar demasiadamente, o que me fez baixar os olhos com o sangue a subir-me às faces. E então, depois da igreja já quase completamente vazia, dirigimo-nos para a porta, meu pai a apoiar-me os passos, com paciência.

Na porta da igreja padre Elvídio já nos esperava, comentando com meu pai que gostaria muito de uma boa polenta frita com vinho, o que muito o agradou, respondendo-lhe:

– Pena Cora não estar cozinhando ainda. Regina é um desastre na cozinha, e Gertrude, por mais que tente, não consegue preparar uma boa iguaria italiana! Mas, enfim, acho uma excelente ideia.

Ouvindo o comentário, falei:

– Não se preocupe, pai. Não é uma boa polenta que irá me cansar na cozinha! E depois, o senhor trouxe um queijo que desmancha na boca. O padre vai apreciar muito!

Descendo as escadas, um degrau de cada vez com muito cuidado, dei com Justino a nos esperar de pé, aparência cansada e olhos brilhando. Fiquei a me perguntar, agora que sabia dos bilhetes extraviados por Regina, o que ele não teria pensado. Logo, forcei um sorriso apesar da dor que sentia, física e espiritualmente. Pensei comigo mesmo que o amor, quando verdadeiro, nos tira um pouco a noção do próprio tempo: parecia que não o via há décadas, e no entanto, nas suas primeiras palavras ditas senti tal familiaridade como se tivéssemos conversado apenas no dia anterior. A mesma voz grave e modulada, tímido como era no início.

– Como vai, Cora? Melhor da perna? Soube de seu acidente...

Apoiando-me no braço de meu pai, senti tamanho frio no estômago que a voz quase me faltou. Só consegui responder, a custo:

– Estou melhor, senhor Justino. E sua mãe, como está?

– Já foi para casa cuidar dos menores, mas está bem. Sente muito a sua falta, pois a tem como uma filha. Quem sabe agora, melhorando, não poderá nos fazer uma visita?

Meu pai nos olhava, cenho fechado, sem saber se me levava logo para

casa, ou se ficava ali ouvindo a conversa. Pigarreou alto, para chamar a atenção e disse a ele:

– Não sei se poderá visitar dona Otília tão cedo, pois os passos ainda a cansam muito, mas considere-se convidado para frequentar novamente nossa casa quando quiser. Sei que Cora gosta muito da companhia de sua mãe, que era tão próxima da minha “mama”. Leve-a consigo quando for.

E já ia me “arrastando” em direção à nossa casa, quando Justino pediu:

– Senhor Adamo, sei que isso não é o usual, mas se incomodaria se eu falasse um pouco com Cora? Depois eu mesmo a levo para casa, em minha charrete.

Meu pai parou, olhando-me em dúvida:

– Quer ficar um pouco mais com ele?

Claro que queria! Aliás, não fosse a dor na perna, eu estaria pulando. Porém, a educação da minha nona falou mais alto, e eu respondi contidamente:

– Se o senhor permitir, pai. Não demoraremos muito, não é?

Justino assentiu. Coçando a cabeça por baixo do chapéu de couro, meu pai segurou meu braço, como se me passasse a ele:

– Pois está muito bem. Podem se sentar ali na praça, enquanto tem movimento. Depois a leve para casa sem demora. Temos visitas esta noite, padre Elvídio vai estar por lá.

Dizendo isso, entregou-me a ele, de quem senti o braço forte por baixo do tecido do paletó. Ele continuava com o mesmo cheiro de sabão perfumado que usava sempre, e nos encaminhamos para um banco de encosto de madeira. As primeiras estrelas já brilhavam no céu, e o vento era apenas uma suave brisa. Não sabia o que dizer, apenas estar ali com ele já me bastava.

Reencontro

AO MEU LADO, COM um tremor leve nas mãos, Justino ia me levando com cuidado até um banco de madeira na praça. Íamos lentamente, nós que antes caminhávamos céleres, de braço dado, pelas ruas da vila.

– Que acidente foi esse que te deixou nesse estado? Ainda sente muita dor?

Olhei para ele com firmeza: de forma nenhuma contaria a verdade, pois estava farta de confusões. Deus cuidaria de Regina e de suas maldades, não queria saber de vingança ou justiça pelas minhas próprias palavras: não por ela, mas por Enrico!

– O farmacêutico me disse que a dor irá melhorando com o tempo, mas infelizmente, não andarei mais da mesma forma de antes. A fratura foi feia, e tive muita sorte de não perder a perna. Mas, não quero falar disso. Há tanto que não o vejo, como está?

Sentamo-nos finalmente, e ele olhou no fundo de meus olhos, preocupado e magoado:

– Tentei falar com você inúmeras vezes, mandei dezenas de bilhetes por Regina e por Gertrude, mas você nunca me respondia! Num dia em que minha mãe foi à venda tentar falar com você, Regina foi clara e disse que você não queria mais compromisso comigo, pois ainda estava apaixonada por um antigo amor. Minha mãe ficou muito triste e me contou. Cansado de insistir, resolvi esperar que você saísse à rua, para assim poder esclarecer melhor a nossa situação. Mas então vieram os falatórios, e seu acidente!

Calei-me, pensando nos meses de angústia e saudade que tinha dele. Os falatórios... impossível avaliar minha vergonha, de moça honesta, sendo assim difamada sem defesa. Baixei a cabeça e os meus olhos se encheram de lágrimas. Teria ele acreditado em tudo aquilo? Ele encarou meu silêncio

de outra forma, continuando:

– Não sei se Enrico de fato é seu filho, Cora. Realmente, nunca acreditei nisso, mas mesmo que seja, quero que saiba que isso não faz para mim a menor diferença. O menino morará conosco, caso ainda queira se casar comigo, assim como você queria antes. Quantas moças são enganadas por sujeitos de má índole, não a julgarei mal, caso isso seja verdade. Conheço bem seu caráter e sua bondade, os outros que falem se quiserem. Meu amor por você sempre foi maior que isso.

Não consegui conter as lágrimas, que rolaram pelo meu rosto sem remédio. Justino, que nunca tinha me visto chorar antes, ficou extremamente incomodado, querendo me consolar de qualquer forma, e dizendo:

– Por que chora, Cora? Ainda sente falta do antigo namorado? Fale comigo, querida!

Aceitei o lenço que ele me oferecia e o olhei de forma irritada:

– Deus me perdoe! Nunca tive um outro homem, nem namorado, nem noivo! Amo Enrico porque é a pessoa mais doce que conheço, e a mais abandonada! Ele não é nem meu irmão, nem meu filho, mas se eu pudesse escolher, teria sido o filho do meu coração!

Ele me olhava de olhos arregalados, tentando entender as informações:

– Como? Não é teu filho? Bem que eu sabia... minha mãe tinha me dito que uma moça como você não mentiria assim. Mas não é teu irmão? Como assim? De quem ele é filho, então?

Senti que tinha falado demais, mas estava farta de mentiras. Contei a ele a história da doença de meu pai e de sua dificuldade para gerar filhos. Falei da dissimulação de Regina, da desconfiança de minha nona, e de meu amor pelo menino, de quem tinha sido incumbida de tomar conta para a minha alegria. E revelei:

– Não recebo seus bilhetes há muito tempo. Inclusive um que lhe mandei, ficou sem resposta. Achei que tinha se desinteressado de mim, afinal, o que não falta nessa vila são moças que gostariam de ficar com você. Um moço jovem, solteiro e já estabelecido financeiramente. Achei que tinha conhecido outra pessoa.

Olhando para mim, ele começou a rir de pura alegria:

– Quer dizer então que nunca houve outro? Que ainda quer casar comigo?

Já zangada com tanta confusão, e pasma com o riso dele, respondi:

– Claro que quero! Nunca quis outra coisa.

Ele tentou abraçar-me, mas a perna doeu e eu me retraí. Beijou muito as minhas mãos, cobertas por luvas, feliz como um menino. Olhei-o e pensei na sorte que tinha de ter um noivo tão apaixonado e tão bom. Nunca mais duvidaria de seu amor, ele que tinha acreditado que eu já tinha um filho, e que ainda assim me queria por esposa! Lembrei de Regina e das minhas indiscrições, e assim sendo, pedi a ele:

– Justino, por Deus, não conte a ninguém sobre a infidelidade de Regina! Apesar de tudo, não quero prejudicá-la, pois atingiria a Enrico, que nada tem de culpa de toda essa história.

Ele me olhou, perguntando:

– Tem certeza disso, Cora? Acha que teu pai merece esse tipo de traição?

Pensei em meu pai, feliz como um passarinho ao sol nesses últimos dias, e entendi que ele não devia ser atingido por uma história tão sórdida. Algo me dizia que ele tinha achado o amor tardiamente, em outra vila, e que estava feliz. Detestava tanto Regina, que isso poderia causar uma tragédia dentro de nossa casa, sem contar com o menino, que sofreria também. Disse isso a ele, e finalmente Justino concordou. Era engraçado pensar em como alguém que tinha me prejudicado tanto poderia, de fato, estar em minhas mãos para uma vingança agora. “Vendetta”, diriam os meus parentes italianos, mas meu coração não tinha essas necessidades. Estava feliz finalmente, e me vingar não tinha o menor sentido.

Esclarecimentos

ANDÁVAMOS AGORA A PASSOS lentos, eu ainda caminhando com dificuldade. De vez em quando sentia o olhar dele em mim, como que não acreditando que estava novamente junto de mim. Preocupado, perguntou-me:

– Se estivermos indo muito depressa, me fale. A charrete está logo ali à frente.

Chegando lá, ele me pegou pela cintura, e me elevou até o assento de madeira, coberto por pequenas almofadas. Vendo-me acomodada, ajeitando minha saia, ele se deu por satisfeito:

– Como você é leve, Cora! E que bonita está com esse vestido verde. Parecia uma princesa entrando na igreja, quase perdi o chão quando a vi.

Corei um pouco dado o elogio, mas contente dele me achar bonita novamente.

– Por uns tempos achei que nunca mais a veria. Era você quem fazia os doces e bolos da venda?

Assenti com a cabeça. Teria ele provado alguns?

– Todos os dias meu irmão menor, o Ricardo, passava lá para comprar biscoitos. Bem que minha mãe me disse que isso era obra sua, e não de Regina. Sabe que ela dizia a todos que era ela quem fazia os quitutes à noite? O gozado é que depois de um tempo, ninguém mais acreditou nisso. Não parecia possível que pessoa tão comum fizesse doces tão divinos. Pretende cozinhar mais quando estiver melhor?

– Sim. Adoro entrar na cozinha de minha nona e explorar seu livro de receitas da família. E depois, assim como sua mãe, não sei ficar sem fazer

nada. Enrico não dá trabalho quase nenhum, mas como sofre de dores, o coitadinho!

Chegávamos à venda, meu pai e o padre já sentados, bebericando um bom vinho tinto, à nossa espera.

– Pois quando nos casarmos, pode continuar cozinhando, se quiser. Gostaria que fizesse seus doces, pães e biscoitos apenas para nós de casa, mas se quiser, pode continuar fazendo para venda. Não sei o que colocou neles, mas o povo daqui já anda falando de “magia indígena” em forma de culinária italiana!

Fiquei muito alegre ao saber que ele já pensava em casamento para breve. Meu pai, ao me ver na charrete, pegou-me pela cintura e colocou-me no chão, poupando-me assim da dor de descer sozinha. Vendo Justino com ar feliz, disse a ele:

– Com que então, fizeram as pazes? Não quer tomar aqui um vinho conosco?

Ele assentiu satisfeito, puxando uma cadeira e sentando-se à mesa da varanda. De dentro da casa Gertrude me olhava com uns olhos muito “acesos”, curiosa pela novidade. Notei que na mesa só havia, além do vinho, pedaços de um queijo provolone bastante curado, e me dirigi para a cozinha, pegando minha muleta e dizendo:

–Aguardem por aí que vou preparar uma polenta com linguiça de pernil. Gosta disso, Justino?

Os três pareceram bem animados com a notícia de uma boa comida fresca. Ouvi quando meu pai, pela primeira vez na vida, teceu grandes elogios ao padre Elvídio, falando de “sermão espetacular”, e “bem feito para essas faladeiras...”. Animado pelo vinho, o bom pároco começou a contar aos dois sobre novas ideias para os sermões. Justino, que antes estava um tanto tímido, já soltava um pouco a língua, para concordar ou perguntar sobre os assuntos.

Busquei na cozinha o material necessário para a polenta com pernil, Gertrude em tudo me ajudando para que eu não me movimentasse muito.

– Fizeram as pazes, “Corra”? Está feliz?

Respondi que mais feliz não poderia estar, e arregalando os olhos

castanhos, ela me perguntou:

– Não acha que o moço vai brigar comigo, por não ter entregue os bilhetes? Bem que eu queria, mas dona Regina não deixava de jeito nenhum!

Disse a ela que não se preocupasse, que todos entendíamos e ninguém a culpava de nada. Finalmente ela ficou mais tranquila, e então eu dei por falta de Regina e Enrico.

– Onde estão Regina e o menino? Achei que os veria na sala. Enrico ainda está dormindo?

Gertrude baixou a voz, como se fosse me confidenciar algo:

– Ah, “Corra”! Assim que você saiu o menino começou a chorar, atormentado por “aqueles dorres” que sempre sente. Regina ficou muito atormentada, gritando com ele sem paciência. Ela parecia muito nervosa por ver você saindo com seu pai. Ela veio aqui na cozinha e me pediu que fizesse um chá para o menino se acalmar.

Conhecia bem a falta de paciência de Regina com o menino. Ao contrário de muitas mães, que quando têm um filho doente se esmeram por tratá-lo melhor, ela não tinha nem o bom-senso nem a vontade de acalantar o pequeno. Gertrude continuou:

– Enrico não parava de chorar, e aos gritos chamava o seu nome: “Corra”, “Corra”! Isso fez com que a “ogra” ficasse mais zangada ainda. Ouvi ela batendo no menino, e então veio à cozinha, me perguntar onde você colocava o seu remédio para dores. Entreguei a ela, que me perguntou quanto devia dar...

Meu coração se apertou dentro do peito:

– Você disse que para Enrico bastavam duas gotas? Aquele remédio é muito forte, Gertrude...

Ela pareceu pensativa, depois me respondeu:

– Como não lembrava de quantas gotas eram, disse a ela que desse uma só, pois me lembrava que o remédio era forte. Ela o deu ao menino, que não parou o “berreiro” por bem mais uns cinco minutos, depois finalmente sossegou.

Dentro de mim algo agitou-se, como se uma sombra passasse por perto, e

saí da cozinha, deixando a polenta no forno de lenha, para ir ver o menino. Caminhei até a porta do quarto de meu pai, e pude ver, por uma fresta, Regina e Enrico dormindo juntos na mesma cama, num sono tranquilo. Queria ter entrado e visto o menino de perto, mas o medo de levar uma grande reprimenda me parou: não queria saber de brigas com ela, que não gostaria de me ver em seu quarto.

Depois de uns vinte minutos, levei, junto com Gertrude, os pratos e a comida. Ao me ver chegando, Justino se levantou, faces coradas pelo vinho, e disse aos presentes:

– Senhor Adamo, já que estou de volta a essa casa, preciso fazer-lhe um pedido...

Meu pai olhou curioso com toda aquela pompa, dizendo a ele:

– Pois peça, rapaz! Se puder, eu lhe atendo...

Ainda mais vermelho, ele disse em alto e bom som:

– Queria pedir a sua filha Cora em matrimônio. Como o senhor sabe, há muito que desejo isso, e já posso arcar com as despesas de um casamento. Posso lhe garantir que nada faltará a ela.

Sabedor da situação financeira de Justino, meu pai sentiu a importância da hora e, me olhando sério, perguntou:

– É de seu agrado, Cora?

Muito vermelha, pois não esperava nada daquilo, assenti com a cabeça, ao mesmo tempo que respondi:

– Sim...

Vi os olhos de Justino cheios de lágrimas, emocionado, e meu pai pediu a Gertrude que trouxesse mais uma garrafa de vinho, pois a situação pedia por isso. Observei que em pé, à porta de seu quarto, Regina, lábios trincados de raiva, olhava ora para mim, ora para Justino com uma expressão que me deixou preocupada. Depois de um bom tempo, ao se despedir, perguntei a Justino por que não tinha me avisado do pedido. Ele me respondeu:

– Acha mesmo que depois de meses de distância ia deixar você me “escapar” de novo? Essas coisas, quanto mais esclarecidas, melhor. E depois, com uma moça bonita como você está, é bom não deixar passar a

oportunidade.

Eu achei muita graça no comentário, ao que ele me sorriu, piscando um olho. No portão de nossa casa, já às dez da noite, permiti que ele me beijasse os lábios em despedida, à frente de todos. Não me importava nenhum falatório, pois aquele ali era o meu noivo!

Morte e renascimento

LEVANTEI NO DIA SEGUINTE com a cabeça “um tanto pesada”, por conta das duas taças de vinho que meu pai me fizera tomar em comemoração. Lavei o rosto com cuidado, olhando-me no espelho de meu quarto: sentia-me de fato bonita. Devia ser a felicidade!

Ouvi alguns barulhos na cozinha e me espantei ao ver as horas no relógio de pêndulo da parede: quase nove horas! Não me lembrava de ter dormido tanto. Olhei para a caminha vazia que Gertrude às vezes dividia com Enrico, e senti falta do pequeno. A despeito das dores que sentia nas pernas, ele geralmente era bem-humorado, e eu senti falta do sorriso puro de meu irmão de espírito. Regina e Gertrude estavam na cozinha, travando uma batalha com um grande tacho de alumínio para fazer o almoço. Ao me ver, Regina disse:

– Finalmente “a princesa” acordou! Seu pai disse-me que não a acordasse, pois ainda está preocupado com a sua recuperação. Mas eu sei que você já está curada. Deixe de fazer “corpo mole” e venha adiantar o almoço que eu e Gertrude vamos cuidar da limpeza da casa. Essa alemã anda preguiçosa como nunca!

Fiquei meio zangada com ela, pois se havia algo que Gertrude nunca tinha sido, era preguiçosa. Levantava-se todos os dias com o sol ainda escondido, e trabalhava até tarde da noite. Mas, como eu estava feliz por demais resolvi não falar nada com ela: não lhe daria o gosto de uma briga! Sabendo que Justino e o padre gostavam muito de bolo de milho com melado, comecei a ralar o milho verde para fazer a iguaria, e depois comecei a preparar a “pasta” do almoço; queria que meu pai ficasse feliz, e isso sempre acontecia quando eu cozinhava. Assim estava, quando dei por falta de Enrico, a quem não via desde o dia anterior, e meu peito apertou-se:

o menino devia estar faminto! Fui até o quarto de Regina, que estava na venda a supervisionar a limpeza das prateleiras com Gertrude.

Pé ante pé entrei no quarto escuro, que cheirava um pouco a mofo, tentando enxergar o menino apesar das cortinas fechadas. Identifiquei-o pelo som da respiração, que estava pesada e estranha, parecendo um ronco. Que estava acontecendo com o meu querido? Que som esquisito era aquele, vindo da cama?

Deixei cair a muleta ao lado da cama na pressa de escutar melhor, e finalmente coloquei a mão em sua pequena testa, coberta de um suor frio. Ah, Senhor! Ele respirava com dificuldade, a boquinha aberta e seca, fino fio de baba já seca em direção ao queixo. Abri as cortinas com barulho, deixando entrar o ar e o sol, e pude vê-lo, tão pálido como nunca antes tinha estado.

Segurei contra o meu colo a pequena cabeça morena, a chamá-lo baixo: “Enrico... Enrico...”, mas o sono parecia cruel e ele não despertava. A respiração se fazia mais fraca, e em alguns momentos parecia que ele tentava “buscar o ar” sem sucesso, as pálpebras já arroxeadas. O som que saiu de minha boca foi quase que um urro:

– Pai! Pai Adamo! Gertrude! Acudam aqui...

Vindo do quintal onde tinha plantado uma nova videira, meu pai chegou afobado ao quarto, a me olhar assustado com a criança em meus braços. Gertrude chegou logo atrás, olhar assustado, com um pano de limpeza na mão.

– Pai! Chame rápido o farmacêutico que Enrico não está nada bem! Gertrude, esquite um pouco de água e me traga aqui, o menino está gelado e não acorda de jeito nenhum!

Pude observar Regina da porta, cenho franzido, como se tentasse entender o que estava acontecendo. Em nenhum momento ela se aproximou para pegar o pequeno, limitando-se a olhar ressabiada o meu desespero. Ao lado dela, o vulto de Ofélia aparecia com um ar curioso, como que a esperar os próximos acontecimentos. Que fazia ela ali? Notando meu olhar zangado, ela se escondeu por trás do corpanzil de minha madrastra. Enfim, ao ver que meu pai chegava com o farmacêutico, disse:

– Ora, deixe de dengos, Cora! O menino só está dormindo, é só isso! Dei

o remédio a ele ontem à noite e ainda está sob o efeito!

Antes que eu pudesse responder, o farmacêutico, “seu” Evilásio, chegou até ele, tomando-lhe o pulso. Estranhou a temperatura muito baixa, e como não conseguisse sentir os batimentos de outra forma, abriu a camisa de Enrico e colou seu ouvido ao peito dele. Olhando-me preocupado, pois sabia que era eu quem sempre tomava conta dele, me disse:

– O batimento do coração quase não se escuta, e a respiração parece por um fio. Pediu compressas de água quente, Cora?

Senti as lágrimas me caírem do rosto, quando respondi:

– Sim... Gertrude já vai trazer... o que ele tem, senhor Evilásio? Parece um “sono de morte”...

Muitas vezes, por conta das visitas que eu fazia com a nona, tinha visto pessoas num sono assim, do qual elas não acordavam mais. Não podia acreditar que Enrico estivesse assim, de balde as dores que sentia, parecia são como sempre, sem febre ou outro sintoma grave. Ele dirigiu-se para Regina, que o olhava assustada:

– Quando cheguei aqui ouvi a senhora dizendo que tinha dado remédio a ele. Seria o remédio que passei para as dores de Cora, no “acidente”? Disse a ela que podia dar a Enrico caso as dores dele ficassem fortes, mas apenas duas gotas. Quantas gotas a senhora deu?

Eu a vi empalidecer e começar a suar frio, enquanto respondia com agressividade:

– Ora! Gertrude me disse que era para dar uma gota, eu dei e o menino não parava de chorar. Então dei mais duas, mas foi só.

Desconfiado, seu Evilásio me pediu que fosse buscar o vidro de remédio, que estava pela metade agora. Na noite anterior, estava quase cheio. Ele olhou o vidro me indagando quanto tinha nele na noite anterior, e eu respondi a verdade: estava quase cheio. Meu pai olhou para Regina com um ódio de que não o julgava capaz:

– Diga a verdade, mulher! Quantas gotas deu ao menino? Não vê que mentindo vai acabar por matá-lo?

Ela começou a gaguejar, o queixo tremia:

– Pois não me lembro bem... ele chorava muito... acho que devo ter dado

mais de dez, mas não achei que faria mal. Só queria que ele dormisse.

Olhei para o farmacêutico, horrorizada:

– Que fazemos agora, seu Evilásio? Acha que pode salvá-lo?

Ele perguntou quantas horas tinham se passado desde a ingestão das gotas e, ao saber que tinha sido há mais de dez horas, abaixou a cabeça e me disse:

– Passou muito tempo, menina Cora. Uma dose dessas pode causar uma parada no coração, não sei como ele resistiu. Mas os pulmões dele estão quase paralisados. Não vê a dificuldade que tem de respirar? Essa dose que ela diz que deu, é quase um veneno mortal.

Meu pai saiu da sala tomado de ódio, foi até o quarto de banhos e molhou o rosto e o pescoço, tentando se acalmar. Seu Evilásio me pediu que tentasse dar a ele água continuamente, mas não tinha grandes esperanças. O desespero que senti não me sedou: cerquei-o de compressas quentes, tentei em vão fazê-lo beber algum líquido na esperança que regurgitasse o remédio, mas já era tarde demais. O pequeno Enrico faleceu em meus braços apenas algumas horas depois.

A sensação que me veio foi de um vazio intenso, mesclado com remorso de não ter ficado com ele ao invés de ir à missa. Mas como podia imaginar que a própria mãe dele faria o que fez? Notei o espírito de minha nona, tão amada, no quarto, a me olhar com o carinho de sempre, calada, o semblante bonito a me perscrutar como se me vigiasse. Vesti-o para o enterro, sem mesmo notar os gritos de Regina a ecoar pela casa, numa tristeza que eu não sabia ao certo se ela sentia. Tantas vezes ela o tinha chamado de “traste”, não acreditei em seu sofrimento.

Branco como cera, meu amiguinho parecia dormir, as perninhas atrofiadas cobertas por um lençol. Nunca mais o ouviria dizer “Co’a”, nunca mais alguém veria comigo os amigos do mundo espiritual. Justino chegou logo que soube, e se colocou ao meu lado calado e solidário. Dona Otília chegou logo após, me dando apertado abraço, e um sonoro beijo nas faces.

– Pensei que ia vê-la hoje para felicitá-la do noivado! Que tristeza, filha minha! Sei como gostava de seu irmão...

Irmão que alguns tinham julgado que era meu filho, tamanho o amor que eu tinha por ele! Pessoas da vila foram chegando, cada uma trazendo algo para o lanche que fazíamos nos velórios: bolos, pedaços de presunto frio, queijos, sucos... nada me animava nem me tirava da apatia. Regina se quedou num canto, vestida de negro dos pés à cabeça, mas as pessoas, sabendo do ocorrido, não se dirigiam a ela. Observei meu pai, calado, como se estivesse a se conter, recebendo os pêsames de forma contida. Pensei em como gostaria de saber que sua mãe estava ali, em espírito, mais bonita do que tinha sido em vida. Me olhava carinhosamente, mas me pedia que eu mantivesse a compostura, como sempre.

Ao final da tarde do segundo dia, o enterro saiu: meu pai e Regina, fungando muito, na frente do cortejo. Não quis ir e Justino ficou em casa comigo. Não queria ver a feia ilusão de que enterrariam meu amiguinho debaixo de uma terra fria, sozinho e no escuro que ele tanto detestava.

Cansada, pedi licença a Justino e fui, amparada por ele, deitar-me na minha cama, pois a noite insone tinha me pesado muito. Deixou-me deitada e coberta com uma colcha que minha nona tinha feito para mim há quase uma década: ainda parecia conservar o cheiro dela, e adormeci. Num sono estranho vi Enrico bonito, cheio de vida, mas com cara de sono: para minha surpresa ele falava com perfeição e veio em minha direção com um sorriso bonito e claro:

– Cora! Estou bem, Cora! Nada senti, não se preocupe. Agradeço-te os anos de cuidado, irmã de minha alma! Tão difícil teria sido esse curto período de vida, não fosse por você! Não chore mais. Não sabe que a vida continua?

No sonho, senti minha alma num fluxo de alegria e paz. Que lindo estava o meu menino! Que ilusão torpe é a morte física!

– Não ache que não me verá mais! Nessa curta existência aprendi valores eternos como a paciência e a humildade. Deus lhe abençoará todos os dias por esse amor sem mácula que me dedicou, e ainda conversaremos várias vezes. Agora não há mais dor, nem limites, irmã querida! Deixe para os incrédulos o luto, vista-se das cores que tanto ama: estou livre, Cora, e em meu lar verdadeiro!

Acordei sorrindo entre as lágrimas que enxuguei com as costas das mãos,

e coloquei meu vestido amarelo, o que ele gostava mais. Parecia que ouvia Olívia ao meu ouvido, cheia de paz: “Deus não abandona, Cora! Conte seu sonho a Justino, ou ele não entenderá a sua alegria.”

Levantei-me com cuidado para não magoar a minha perna machucada, dei com Justino adormecido em uma dura cadeira de madeira, e passei a mão sobre seus cabelos cacheados. Ele me olhou surpreso ao me ver tão “colorida” e com um semblante feliz. Disse a ele, ao pé do ouvido:

– Querido, vamos tomar um café que eu tenho que lhe contar um sonho que tive!

Aparece a verdade

DURANTE ALGUMAS VEZES NA minha vida, ouvi as pessoas dizerem que índios são dissimulados. Não é verdade! Pelo menos comigo, isso não acontecia e não tive nenhuma vergonha de ficar feliz por meu querido Enrico estar bem e sem dores. O fardo de sua curta vida não foi leve, mas de mim não se ouviu sequer uma reprimenda à impaciência de Regina, que tinha feito com que ela desse ao pequeno uma dose mortal de remédio. O mesmo não aconteceu com meu pai...

Calado durante todo o enterro, ele não conseguia sequer olhar Regina, que ia de cabeça baixa durante todo o tempo. Segundo minha sogra, o comentário na vila era grande sobre o acontecido, e como muitos já antipatizavam com minha madrasta, não faltaram comentários maldosos, alguns revoltados com o ocorrido, outros simplesmente maledicentes. De minha parte, sou obrigada a dizer que Regina parecia ter sofrido muito, e agora olhava as pessoas de forma desconfiada, como se temesse ser atacada a qualquer momento. Que não temesse nada de mim, pois não seria eu a julgá-la.

Continuei tratando-a do mesmo jeito de sempre, apenas um pouco mais atenciosa, pois acreditava que seu arrependimento era verdadeiro. Pensei em lhe contar sobre o meu sonho, coisa que Justino desaprovou veementemente: não queria que eu tivesse intimidades com ela.

Coisa curiosa estava acontecendo comigo, por conta do remédio para dor que seu Evilásio me dava: já não via as entidades com a mesma clareza de antes. Num sonho bonito, a linda Olívia me disse que certos medicamentos, assim como o álcool, tinham às vezes esse efeito, de tirar-nos a percepção. Parei de tomar o remédio e preferi suportar a dor com um chá que Joana tinha me ensinado: não passava o incômodo de todo, mas melhorava.

Uma semana depois do enterro, meu pai bebeu um pouco além da conta, e sentado com Justino na nossa varanda da frente, confessou-se culpado por nunca ter realmente gostado do menino. Ele disse, em voz já embargada:

– É horrível dizer isso, mas nunca senti Enrico como se fosse meu filho! Com Cora o sentimento paternal surgiu de imediato. Eu gostava muito da mãe dela! Não tivesse fugido, teria me casado com ela. Era bela a silvícola. Não tanto quanto Cora, mas era muito bonita.

Justino o ouvia com um sorriso. Embora quase nunca bebesse, não eram estranhas a ele essas confissões estimuladas por um bom vinho. Padre Elvídio, que ia passando em direção à igreja de pedras, ao ver os dois amigos sentou-se, e perguntou a meu pai:

– Não tem por aí mais um pouco de vinho? Acabo de vir de uma extrema-
unção, e isso sempre me deixa com um pouco de “sede”!

Da cozinha, eu escutava a conversa dos dois e vigiava uma galinha que eu fritava para servir a eles. Gertrude, sentada a meu lado, costurava um pedaço de tecido que eu tinha dado a ela, feliz e satisfeita. Regina, por sua vez, tinha se trancado dentro do quarto como de costume. Já quase não falava conosco, e eu estranhei muito quando ela se levantou de sua cama, e foi em direção a meu pai:

– Nunca gostou de nosso Enrico, marido. E agora fica falando dessa índia que abandonou a cria com a avó! Será que não se envergonha?

Parei de observar a comida para olhar meu pai, pálido como cera! Sabia que aquilo não era um bom presságio, e tirei a galinha do fogo para poder prestar mais atenção. Ela continuava:

– As pessoas na vila me dão as costas como se eu quisesse ter matado o menino! Nunca o mataria! Bando de vermes, acham que sabem de tudo? Nunca mataria o filho do único homem que amei!

Fez-se um silêncio tão denso, que senti como se pudesse cortar o ar com uma faca. Padre Elvídio baixou os olhos, e disse a ela em voz baixa:

– Cale-se, filha. A ira não é uma boa conselheira!

Encaminhei-me rápido para a varanda, na esperança de poder conter algum infortúnio, pois meu pai olhava para a mulher como se finalmente um véu fosse retirado.

– Homem que amava? Nunca disse que me amava! Vangloriava-se de nunca ter sofrido por uma paixão! O menino realmente não tinha nada de mim, de quem era o seu filho, Regina?

Ela, que antes estava vermelha de raiva, agora empalidecia de medo. Os maridos italianos da vila eram conhecidos por serem amorosos com as esposas, mas alguns se tornavam violentos quando desafiados. A pena para a infidelidade feminina era ou a morte por meio violento, ou o prostíbulo. Temi por ela, pois sabia que com sua aparência não conseguiria nem mesmo uma casa de tolerância para ficar, e restaria então, apenas a rua, num local onde o inverno matava quem estivesse a descoberto.

– Pai, não pense coisas! – intervi. – Imagine se dona Regina teria outro homem, justo ela, que sempre foi tão religiosa!

Ao meu lado, Justino apertava o meu braço, como se pedisse silenciosamente que eu não entrasse na conversa. Me olhando, lívido de ódio, meu pai me respondeu:

– Conhece pouco da vida, Cora! Muitas vezes as mais faladeiras e “carolas” são justamente as mais pecadoras. E poucas vezes vi uma mulher tão dissimulada como Regina. Anda, “cagna! Puttana!” (desgraçada, prostituta).

Ela continuava pálida e em desespero, mas ao ouvi-lo chamá-la de coisas tão desagradáveis, a raiva falou em seu lugar:

– Pois não era mesmo teu filho! Eu queria engravidar, mas com o senhor as coisas não aconteciam. Apelei para um homem que me amava também, um caixeiro viajante que passava sempre por aqui.

Pálido, meu pai perguntou:

– E por que não foi embora com ele, “puttana” (prostituta)?

Ela perdeu um pouco o jeito, mas confessou:

– Ele já era casado. Confessou-me depois de um tempo, quando notei que estava grávida. Tua “mama” estava errada, marido! Não era eu quem era uma videira seca! Se fosse você, não acreditaria que esta mestiça é sua filha também.

Disse essa última frase num tolo ar de triunfo. Sentei-me, pois as pernas me doíam de estar tanto tempo em pé, foi quando meu pai, rápido como um

raio, se precipitou para cima dela, as duas mãos enormes envolvendo o gordo pescoço de minha madrastra. As pessoas que passavam na rua, correram a acudir, mas foi padre Elvídio, numa força que eu nem desconfiava que ele tinha, quem conseguiu tirá-lo de cima dela. Depois de acalmados os ânimos, os vizinhos se retiraram ainda sem saber o que tinha acontecido, e meu pai, contido à força pelo bom padre e por Justino, quando notou que estávamos novamente a sós, disse a ela:

– A mãe de Cora era virgem quando se deitou comigo, mulher tola! Assim como também você era. Acha que um homem não nota essas coisas?

Encolhida em um canto, Regina via-se sem saída. Ele continuou:

– Arrume seus trapos, que nessa casa você não fica mais. Se quer mesmo saber, também eu tenho sido infiel nesse último ano, por isso, não te matarei.

Ela desatou em choro incontido, as mãos sobre o rosto, ainda sem forças para responder. Meu pai então pediu a Justino:

– Você agora também pertence a esta família, que tirando esta louca, também é de gente honesta. Saia agora em viagem, antes que faça algo de que me arrependa, e quero lhe pedir um favor: leve essa adúltera daqui, pois volto em poucos dias com uma mulher que merece essa casa e a minha proteção. Querendo, deixe-a em outra vila, pois não quero mais encontrar com ela pela rua.

Dizendo isso, foi para dentro da casa e com a ajuda de Gertrude arrumou uns poucos pertences num embornal. Pedro atrelou rapidamente os cavalos na carroça, e meu pai, olhando-me com carinho, deu-me um beijo na testa, e se foi.

Ficamos todos olhando uns para os outros sem sequer saber o que falar. Gertrude estava com os olhos muito vivos, e jeito de quem tinha ouvido tudo. Regina levantou-se, e de cabeça baixa saiu da sala. Ao notar que ela tinha ido, minha boa amiga alemã comentou:

– Que coisa, não? Quem diria! Vivia ameaçando tirar-me dessa casa e agora quem sai é ela! Desculpe, padre, sei que não é cristão, mas bem feito!

E assim retirou-se, deixando-nos pensativos, indo ajudar Regina a recolher seus pertences.

De volta ao plano espiritual (Narrativa de Ariel)

SENTADA EM CONFORTÁVEL CADEIRA, na nossa amada Colônia, em meio a um círculo de inúmeros amigos que vinham ouvir a história de sua vida, nossa doce Cora terminou seu relato:

– Vivi na Terra até os meus cinquenta e três anos, quando finalmente desencarnei vítima de uma doença no coração. Tive uma morte tranquila e sem medo, acostumada que estava ao mundo espiritual, e avistei meus amados amigos antes da desencarnação. A dor foi intensa, mas breve, e tenho muito mais a agradecer do que se possa pensar.

Vendo os olhares curiosos, ela continuou:

– Casei-me com Justino apenas alguns meses depois que Regina deixou nossa casa. Padre Elvídio, bondoso como sempre, conseguiu para ela lugar em uma outra vila, onde sequer desconfiavam de sua história, e ela terminou a vida como criada de uma casa de descendentes portugueses, que a acolheram a pedido do pároco local. Está novamente reencarnada e eu oro a Deus que ilumine sempre a sua alma lembrando-a de que a humildade, junto com a caridade desinteressada, é o maior dos tesouros. Não lhe guardei mágoa, pois fui muito feliz em minha estada na Terra. Nossa boa Gertrude, tão magrinha na adolescência, casou-se com um senhor abastado e engordou bastante, ficando mais bonita. Desencarnou bem mais tarde, ainda falando com os “erres” acentuados, cercada de filhos e netos. Tirando algumas infidelidades do marido, foi muito feliz.

Ela parou um pouco, nos olhos verdes como o mato ao sol eu vi que algumas lembranças eram presentes demais, e após um instante de silêncio,

sentindo a curiosidade a seu redor, continuou:

– Justino e eu chegamos a fazer trinta anos de casados, e tínhamos uma harmonia perfeita. Desencarnou dez anos depois de mim, e nunca teve outra pessoa depois de minha morte física. Nos comunicamos por sonhos até que ele finalmente viesse me encontrar, e aqui moramos juntos, em morada simples. Não quis o Criador que tivéssemos filhos, mas se isso nos entristeceu de início, depois nos fortaleceu e ajudamos a encaminhar muitas crianças que padeciam a falta de amor e conforto. Algumas eram almas cheias de amor, outras ainda se achavam perdidas no materialismo terreno, mas nunca nos arrependemos de tê-las acolhido e amado. Aprendemos com elas tantas lições que seria impossível ter aprendido de outra forma.

Emotiva, nossa amiga Clara, também trabalhadora deste plano, perguntou a ela:

– E de sua mãe, Cora, não teve mais notícias? Não tem dela nenhum ressentimento?

Nossa bela Cora sorriu com tristeza:

– Ainda no plano físico, cheguei a perguntar à minha avó índia se minha mãe estava por perto, e o porquê dela ter me deixado. Não se deve nunca julgar ninguém, como diz Olívia. A história de minha mãe foi triste, mas ao contrário do que se pensa, sua atitude foi a de mais puro amor.

Intrigada, Clara perguntou:

– Como assim? Ela não a abandonou?

Cora cruzou as mãos bem desenhadas no colo, e explicou:

– Quando minha mãe conheceu meu pai, era uma bonita índia de dezesseis anos. Se fosse a nossa cultura apenas indígena, naquela idade já estaria casada e com filhos, mas os padres pensavam diferente, e já tinham disseminado alguma coisa de sua cultura portuguesa pelo meu povo. Assim, era ela ainda solteira, e bastante “disputada” pelos rapazes locais.

Nesse ponto ela sorriu:

– Mas no coração ninguém manda, e ela foi se encantar justo pelo senhor italiano, que aparecia, às vezes, em caravana com meu nono. Tiveram um relacionamento intenso, e apesar de meu pai querer levá-la com ele, tinha ela muito medo dos brancos e fugiu. Sequer imaginava já estar grávida, ou

talvez não tivesse ido. Meu nono mudou a rota de suas entregas, e assim sendo, meu pai não mais a viu. A atenção de todos estava agora com ela, já antipatizando com a índia que estava, conforme a época, em situação vexatória. A barriga foi crescendo, conforme me contou minha avó, e com isso as pessoas da aldeia, pela própria cultura e ainda influenciadas pelos padres, começaram a maltratá-la. Mães solteiras não eram bem vistas. E quando aconteceu a hora do parto, ela foi ao rio sozinha e me acolheu em seus braços. Conta minha avó que tinha ela apenas duas escolhas: ou me deixar na mata ao meu próprio destino, escondendo assim o fruto de seu pecado, ou entregar-me à minha avó, assim tendo eu abrigo e comida, mas ela não. Sabia que a aldeia não aceitaria as duas juntas, e assim sendo, colocou-me o nome de “Airequerê” (lua) pelo tom de minha pele, e em lágrimas, partiu para destino incerto longe de sua tribo, preferindo se expor sozinha aos riscos da mata e dos brancos. Preferiu proteger-me a proteger-se, e por isso, apenas por isso, eu sobrevivi.

Clara tinha os olhos cheios de lágrimas. Que pena sentiu da indiazinha só, na mata, ainda cheia de sangue do parto, e completamente desassistida. Intuindo perguntas, Cora continuou:

– Quando quis saber dela por minha avó, minha intenção foi de tentar ajudá-la de alguma forma, mas tal não foi possível. Ela desencarnou poucos anos depois de meu nascimento, vítima de doença da região, no meio de estranhos. Estava já com minha avó no mundo espiritual, e está bem. Agradeço muito a ela essa chance que tive de reencarnar.

Cora tomou fôlego, enxugando pequena lágrima que desceu pelo belo rosto.

– Justino e eu tínhamos gosto pelo trabalho e pelo comércio. Apesar da difícil infância dele, nunca se queixou de nada, e fomos prósperos, mas não ricos. De minha nona herdei, além de pequeno pecúlio que me serviu para meu enxoval, o gosto pelas “contas ao meu próprio modo”. Justino penou um pouco para entender a minha “matemática”, que conforme o freguês diminuía o preço da mercadoria. Mas, vendo que ainda assim tínhamos como viver folgadoamente, aceitou de bom grado esse meu “método”. Meus doces e quitutes vendiam muito bem, e nunca deixei de me divertir quando ia à minha cozinha ampla, arejada, com uma grande mesa de tampo de madeira.

A essa altura, um senhor de aparência distinta, grisalhos cabelos e expressão doce entrou no recinto. Pelo olhar de amor que ele deu a Cora, adivinhamos ser Justino, já mais encorpado pela meia-idade. Deu as mãos à Cora, como se a chamasse para ir com ele:

– Terminou?

Olhando para a atenta plateia, ela disse:

– Acredito que sim. Este é Justino, amor de muitas existências, companheiro amado e fiel.

Levantou-se e, dessa vez sem mancar, encaminhou-se para a porta:

– Desejo agradecer a atenção dispensada a história tão simples, como tantas de meu povo brasileiro, irmanado por tantas raças e credos. Voltarei para ouvir, da próxima vez. Luz e paz a todos.

E assim se retirou da sala. Continuava tímida a nossa pequena mestiça.

Faço então as últimas considerações sobre a existência de Cora, que desceu à Terra em missão e que foi feliz com ela, pois se alegrava quando praticava a caridade. Enrico atualmente está reencarnado, e nessa última experiência usa suas faculdades mentais com pleno êxito. Brilhante, é hoje um professor e dedica-se a ajudar os infelizes irmãos que padecem de alguma deficiência física. Amorosa alma feminina reencarnou com ele, e o ajuda em sua tarefa.

Nosso bom Adamo foi feliz nos poucos anos que viveu com sua amada Amália. Não tiveram filhos, mas como ela era viúva anteriormente, ajudou-a a criar os três meninos que vieram com ela. A comunidade italiana, que não simpatizava com a mulher anterior, a acolheu prazerosamente, e ela e Cora foram amigas e ainda o são, no plano da Colônia.

Enquanto em plano terreno, a nossa Cora ajudou centenas de espíritos a encontrar o caminho da luz. Apesar dos sustos iniciais, Justino amparou e ajudou a mulher em tudo o que podia, sempre atento às palavras dela. Depois de alguns anos de matrimônio, feliz, mas atento a novas surpresas, ele acordava e quase sempre perguntava a ela:

– Algum sonho hoje, querida?

Na linguagem da Colônia, nos despedimos.

Luz e Paz.

Ariel.